

Elvira Maria Leme

**O CORPO - SENTIDO NO PROCESSO EDUCATIVO:  
uma abordagem fenomenológica**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia,  
Universidade de São Paulo, como parte dos  
requisitos. Para obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra Yolanda Cintrão Forghieri.

São Paulo

1998

Elvira Maria Leme

**O CORPO - SENTIDO NO PROCESSO EDUCATIVO:  
uma abordagem fenomenológica**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia,  
Universidade de São Paulo, como parte dos  
requisitos. Para obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra Yolanda Cintrão Forghieri.

São Paulo

1998

*o Grande Construtor do Universo*  
*Aos meus pais, meus primeiros construtores*  
*A Isis Iris, minha criação primeira*  
*Ao Igor, companheiro de jornada*

*In memoriam*

*Ao mestre Pethö Sándor, meu primeiro autor, por tudo o que foi colocado em movimento através de seus toques e ainda vai continuar por um longo tempo, até que possamos estar reunidos todos “numa nuvenzinha num cantinho lá do céu para dar prosseguimento aos nossos estudos.”*

*A Anna Maria Sannino, a primeira incentivadora deste trabalho, pela lição de vida e de morte.*

# AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os co-autores deste trabalho, citando nominalmente todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente, com ciência ou sem ciência de sua colaboração, pois considero que também sejam parte das referências bibliográficas desta dissertação.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Yolanda Cintrão Forghieri, minha orientadora, por me abrir as portas da Academia e me mostrar o caminho da Fenomenologia. Encontrei na força dos seus ensinamentos o estímulo e o exemplo para a atividade de ensino.

Ao Dr. Gilberto Safra, pelos ensinamentos winnicottianos e pelo exemplo de modéstia e fraternidade. Por me despertar a capacidade de escrever e pela fé no processo de transformação. Sou eternamente agradecida por sua acolhida generosa.

A Dr<sup>a</sup> Hannelore Fuchs, psicóloga de gente e de bicho, que me acompanhou do início ao fim do meu processo expressivo, sem nunca me julgar, e sem nada esperar, por todo o apoio e ajuda amorosa.

A Dr<sup>a</sup> Eunice Vaz Yoshiura, que reconduziu-me para o meu autêntico caminho no campo da Psicologia com sua sensibilidade artística, propiciando-me as condições para a realização de meu processo expressivo.

Ao Dr. Carlos Amadeu B. Byington, pelo dinamismo da alteridade e pela pedagogia e psicologia simbólicas.

Ao João Augusto Pompéia (Guto), psicólogo artista, pelo olhar fenomenológico e sobretudo pelo “húmus” que fertilizou o meu pensar.

Aos meus alunos, co-participantes da construção de uma psicologia do corpo e da alma.

Aos meus pacientes, por tudo que me tem ensinado.

Aos integrantes do grupo de pintura, pelo testemunho.

Ao “grupo do Sedes”, que no silêncio de nossos toques e danças, tanto me estimulou.

Aos colegas do grupo de estudos junguianos (do Byington), que me deram a oportunidade de conhecer uma outra faceta do corpo junguiano.

Aos colegas do grupo de estudos de fenomenologia (do Guto), que me deram a oportunidade de estudar de forma leve e divertida.

Aos colegas do Laboratório de Estudos de Transicionalidade (LET), que me deram a oportunidade de ampliar os horizontes da minha prática profissional.

Aos colegas de grupo de estudos: Margarida Mamede, doce Margarida, pela amorosidade; Maria Luisa Trovato Gomes, pela fé no processo; Ricardo Martins, pelos diálogos esclarecedores (e por ter me lembrado que “se pode viver lucidamente a própria loucura”).

Aos colegas do “grupo do Sedes” que tiveram a coragem de divulgar o nosso trabalho, e assim abriram caminho para o meu trabalho, em especial a Rosa Maria Farah e Suzana Delmanto.

Aos estudantes de todas as classes, por sempre terem estado lá, a postos, enquanto eu ainda não chegava, em especial a classe do 8º andar de sábado.

À equipe de psicólogos do “Projeto de família do Centro Comunitário Nossa Senhora da Aparecida”, que me possibilitou o resgate de minhas raízes em trabalho comunitário.

À equipe multiprofissional do Ambulatório de Saúde Mental do Mandaqui, que me possibilitou o resgate de minhas raízes em trabalho institucional.

A Dr<sup>a</sup> Gohara Yvette Yehia, por me abrir as portas da UNIP.

A Dr<sup>a</sup> Yara Monachesi, por ter possibilitado a implantação da disciplina Integração Fisiopsíquica.

A Dr<sup>a</sup> Christina Cupertino, pela força inicial.

À professora e psicopedagoga Neuza Abbud, por ter compreendido e validado meu caos e ajudado na minha primeira tentativa de ordem deste trabalho.

A Sandra Tavares, com quem pude consolidar o método organísmico, pelo partilhar das lutas e conquistas.

Aos amigos Izildinha e Alcides Garcia, e ao Guilherme, pelo cuidado amoroso e por acreditarem em mim.

À amiga Kátia Rubio, lutadora incansável, pela ousadia e coragem em abrir caminhos e pela fé na causa da fraternidade: Um por todos, todos por um.

Ao amigo Fernando Fernandes Carvalho Neto, pela presença afetiva.

A Suely Laitano Nassif, alma antiga, irmã mais velha, companheira de muitas lembranças e descobertas.

A Beatriz da Rosa, pela manifestação de carinho em momentos cruciais.

A Maria Luiza Simões, pelo compartilhamento da dor da perda, despertando-me, através do depoimento do seu despertar, para a compreensão do mistério da vida e da morte.

A Vera Lúcia Gava, por ter estado sempre à frente, indicando o caminho. Obrigada por sua opção pela vida.

Ao Jorge Maalouf, pelos “rugidos” carinhosos.

A Débora T. Quaresma Rodrigues, pela crença na fraternização.

A Telma Tubert e família, pela alegria e solidariedade.

Ao casal Alberto e Sílvia Sentieri e à bela Mariana, pela ajuda na finalização do processo e pela assistência em informática.

Ao casal Hugo e Yatio Takamizawa e a Haline, pelos cuidados com a Isis.

A Lúcia de Fátima Chibante pelas palavras de incentivo.

Ao Paulo Souza e Maria Isabel Bittencourt, pelo olhar artístico.

A Monique Cerqueira, pelo interesse por meu trabalho e por ter me “colocado nos trilhos”.

Aos meus auxiliares em casa e na clínica, Marizete Castilho e Dona Diva Pavanelli Fevereiro, pela fidelidade, apoio e orações.

A Cristina Aubrey, pelos “remedinhos”.

Ao Alessandro Ezabella, pela força anexa.

Ao casal Beto e Letícia Giraldes, pela força final.

À instituição USP, por ter autenticado o ditado popular que afirma que “toda regra tem exceção”, possibilitando a conclusão deste trabalho.

A todos os grupos e pessoas não citados aqui, mas com os quais estou indiretamente ligada no serviço de construção de um mundo melhor.

E, finalmente, ao meu “pequeno” grupo familiar:

À minha filha, Isis Iris, meu tesouro, meu pequeno anjo, minha inspiração, pela tolerância da minha ausência em vários momentos.

Ao Igor, meu marido, por ter sido o primeiro a me testemunhar em meu processo expressivo e pelo cuidados diários comigo na fase final do trabalho, sendo meu médico, meu interlocutor e pai e mãe de nossa filha.

Aos meus pais e meus oito irmãos, pelo grande coração:

Ao meu pai, “seu Cláudio”, que teve que “recomeçar três vezes do zero”, ensinando-me a não desistir diante das adversidades; malabarista para equilibrar as finanças, mágico de todas as festas, dançarino de salão, desenhista de letras (calígrafo), Papai Noel de tantos Natais e Coelho de todas as Páscoas.

À minha mãe, “dona Jacy”, hábil nas artes culinárias e de criar filhos e netos, de tantos colos e ouvidos, “mais louca do que o velho” porque deu-lhe cordas em todas as artes.

Ao Fábio, amante de jardins e beija-flores; Cláudia, a arteira; Cíntia, ceramista, ikebanista e pintora; Érica, de todas as artes, principalmente a das crianças; Eliana, e sua obra prima: o Leandro; Luciano, versado em artes mercantis, Claudinho, músico e outro malabarista para levar a família; Juliana, a caçulinha, a queridinha dos pais e invejada por todos, pela arte de ser a caçula.

“O mestre aponta o caminho, o discípulo segue sozinho até encontrar o mestre,  
desta vez dentro de si mesmo.”

J.H.S.

*“O próprio carvalho afirmava: só este crescer pode fundar o que dura e frutifica. Crescer significa abrir-se à amplidão dos céus. Mas também deitar raízes na escuridão da terra. Tudo o que é maduro, só chega à maturidade, se o homem for, ao mesmo tempo, ambas as coisas: disponível para o apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra, que tudo sustenta. É o que o carvalho diz sempre ao caminho do campo, que lhe passa ao lado seguro de sua via.”*

(M. Heidegger)

*“Devemos deixar as coisas acontecerem psicicamente.”*

(C. G. Jung)

# SUMÁRIO

Resumo

Abstract

I. ARQUITETURA DE UMA TESE	1
II. ARQUITETURA DE UM CORPO	7
1. <i>A Trajetória De Meu Corpo 1: corpo pessoal</i>	7
2. <i>A Trajetória De Meu Corpo 2: corpo profissional</i>	12
3. <i>A Trajetória De Meu Corpo 3: corpo teórico</i>	18
3.1. Meu primeiro autor: a base	21
3.2. O pilar junguiano	23
3.3. A cobertura fenomenológica	26
3.4. O espaço potencial winnicottiano	27
III. O CORPO METODOLÓGICO	30
1. <i>O Olhar Fenomenológico: a analítica do sentido</i>	31
2. <i>A Fala Autêntica: a experiência do sentido</i>	51
IV. A VISÃO DA INTEGRAÇÃO FISIOPSÍQUICA	59

V. O CORPO-SENTIDO	68
1. <i>O Processo Expressivo Da Autora: Retratos de um viver</i>	69
2. <i>O Processo Expressivo Dos Alunos: O X da cisão</i>	71
3. <i>Analítica do sentido</i>	82
3.1. Versão de sentido	82
3.2. Versão final	83
3.2.1. dos momentos constitutivos do processo dos alunos	83
a) o desvelamento do corpo grupal	83
b) o desvelamento e a revelação das marcas individuais	93
3.2.2. dos momentos constitutivos do processo da autora	126
a) o desvelamento do corpo individual e grupal	128
VI. REFLEXÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
ANEXOS	VOL. II

LEME, E. M. *O corpo-sentido no processo educativo: uma abordagem fenomenológica*. São Paulo, 1998. 169 p. Dissertação (Mestrado). IP-USP

## RESUMO:

Investiga o processo de construção do terapeuta corporal, mediante o estudo da constituição do corpo no processo expressivo da autora e de seus alunos quintanistas do curso de Psicologia na cadeira de Integração Fisiopsíquica.

A autora expressa a fala autêntica do corpo através de uma série de pinturas e do relato de sentido sobre elas, restaurando o ato criador nos alunos que passam a expressar suas experiências com o corpo estimuladas pelo curso, através de *versões de sentido*.

O corpo é apresentado em seu movimento de vir-a-ser, revelando o modo como cada um está cuidando de ser no corpo. Emergem imagens, sentimentos e sensações reveladores do sentido de ser. Instaure-se um processo significativo de se habitar o corpo de modo próprio, que se dá no mundo com os outros.

Em ambos os processos é apreendido o peculiar movimento em busca da constituição de um corpo que é visto à luz do movimento da analítica do sentido.

Os momentos constitutivos do corpo da autora e dos alunos seguiram um caminho comum. A apropriação do corpo se revela singular e plural ao mesmo tempo e se dá pela sua historização. O corpo é apreendido como sendo plural, o qual constituímos e do qual somos parte constituinte. A construção de um corpo teórico aparece como co-participante da constituição do ser-no-corpo e do sentido de ser neste corpo.

O modo de empreender conhecimento fundado na existência corporificada mostrou ser um autêntico ato criador, justificando uma pedagogia dos sentidos, que promova o pensar não dissociado do corpo. O terapeuta corporal é aquele que cuida de ser num *corpo-sentido*, e de ser si mesmo sendo plural. O falar da intersubjetividade inerente ao corpo, seu ser singular e plural, é também enunciar o corpo como uma metáfora para a interdisciplinaridade.

LEME, E.M. *The body-meaning in the educational process: a phenomenological approach*, São Paulo, 1998. 169 p. Master Thesis, IP-SP

## ABSTRACT

It searches the corporal analyst's construction process, in view of the study of the body constitution in the author's expressive process and of her students of the fifth year of the Psychology course in the Physiopsychic Integration subject.

The author expresses the authentic body speech through a series of paintings and through a report of their meaning, reinstating the creativeness act in the students who start to express their experiences with the body stirred up by the course, by means of meaning versions.

The body is presented in its movement of coming to be, revealing the way each one is taking care of being in the body. Images, feelings and sensations rise out of, which are revealers of the meaning of being. A significant process of inhabiting the body in an adequate way, which happens in the world with the others, is established.

In both processes, it is apprehended the peculiar movement searching the constitution of a body, which is seen in view of the analytical of meaning.

The author's and the students' body constitutive moments followed a common way. The body appropriation reveals itself singular and plural at the same time and happens by means of its history. The body is apprehended as being plural, which we constitute and from which we are a component part. The construction of a theoretical body appears as a co-participant of the constitution of the being-in-the-body and of the meaning of being in this body.

The way of undertaking knowledge based in the embodied existence showed to be an authentic creative act, justifying a pedagogy of the meanings, which shall promote the non dissociated thought from the body. The corporal analyst is the one who cares of being in a meaning body, and of being him as plural. The speech of the inter subjectivity inherent to the body, its singular and plural being, is also enunciate the body as a metaphor for the inter discipline form.

## I - ARQUITETURA DE UMA TESE

Na construção deste trabalho, percorri vias que não foram previamente escolhidas por obra da razão. Os atalhos se me apresentaram como uma alternativa viável às congestionadas vias tradicionais, que em determinados momentos somos obrigados a abandonar, sob pena de ficarmos paralisados: não temos saída para nenhum lado.

É sensato seguir outro caminho ou, em situações de emergência, ao nos vermos pressionados pelas necessidades, ou como um recurso que facilite a nossa livre movimentação. Pois a busca de caminhos alternativos pressupõe o conhecimento do tradicional, senão corremos o risco de nos perdermos. Possuir um bom senso de direção é um pré-requisito e isto creio que aperfeiçoei nos anos de andanças pelas ruas da cidade grande na época das “vacas magras” quando sobrevivia fazendo pesquisa de mercado: aprendi a buscar os melhores caminhos para atingir o meu objetivo, sempre consultando um guia (de ruas) que me orientasse.

Contudo, os atalhos nem sempre nos oferecem os caminhos mais curtos e, inegavelmente, não são seguros quando percorridos pela primeira vez. Ao contrário, são cheios de surpresas podendo acontecer de entrarmos em becos sem saída. Nestes casos, a melhor coisa que podemos fazer é desistir de avançar: voltamos à via tradicional, permanecendo pacientemente no aguardo da liberação do fluxo, ou simplesmente nos vemos forçados a “abandonar o barco” e a salvar a nossa pele, ou seja, temos que seguir adiante abandonando certos valores ou esquemas que nos orientaram até então.

Sou moradora de São Paulo, cidade castigada por enchentes nas épocas de chuvas fortes e inúmeras vezes tive que encontrar uma saída para conseguir chegar a certos lugares, o que exigiu de mim uma mudança completa de meus planos e um exercício de criatividade no sentido de buscar soluções imediatas.

Com toda esta fala falante, estou querendo justificar minha ousadia em seguir por caminhos inusitados na realização desta dissertação, caminhos estes não planejados porém os únicos viáveis para chegar ao ponto a que me propus: *minha casa*. Sim, este é o alvo deste trabalho: o retorno à casa, ao corpo, ao principal ponto de referência que se torna presente quando nos sentimos inseguros diante dos acontecimentos da nossa existência.

O corpo é o nosso veículo, é a nossa casa, é o nosso ponto de partida e de chegada, é a nossa primeira habitação, é o meio que dispomos para conhecer o mundo.

Meu enfoque é o processo de *construção de conhecimento* a partir dos sentidos, dos sentidos (físicos) do corpo e do sentido da vida.

Procuro trazer à tona um saber que durante muito tempo ficou confinado no porão da “Academia”, um modo de produzir conhecimento que não se mostra claramente nos trabalhos científicos - a partir do corpo.

Escrever uma tese, produzir conhecimento, implica em sacrifícios, em horas de dedicação, por muitos consideradas “roubadas” do convívio com a família, amigos, do lazer e descanso, do sono. Então, por que despojar este empreendimento de seu caráter sagrado (justamente porque se trata de um sacrifício)<sup>1</sup> não deixando aparecer tudo aquilo que está integrando o processo de sua construção, que se dá no seio dos acontecimentos? A sabedoria de vida funda toda forma de conhecimento.

Realizo este trabalho com os sentidos do corpo e con-sentido pelo corpo, com a sua deliberada e ativa participação. Ele não se *refere* ao corpo ou fala *sobre* o corpo, ele foi construído *com* o corpo e fala da *sabedoria do corpo*.

Começo por relatar a história do meu corpo desde o corpo pessoal até a constituição do meu corpo teórico. Sou assumidamente auto-referente e autobiográfica, subjetiva e intimista<sup>2</sup>, pois quero justamente ilustrar *a construção do conhecimento a partir da vivência*, de um ser encarnado, de um corpo que se faz, que se significa, que vai se realizando.

A apresentação da minha trajetória pessoal tem tão somente a finalidade de justificar e enunciar que na base de qualquer teoria existe a participação do corpo, pois organizamos o mundo a partir dele. À imagem e semelhança do meu corpo, assim é que constituo o meu corpo teórico.

---

<sup>1</sup> Sacrifício, do latim sacer (sagrado) facere (fazer) = ofício sagrado

<sup>2</sup> Boaventura de Souza Santos, Um discurso sobre as Ciências, 1995, discute a revolução científica na atualidade, apresentando o paradigma emergente através de quatro teses: 1. Todo o conhecimento científico é científico-social; 2. Todo conhecimento é local e total; 3. Todo conhecimento é auto-conhecimento; 4. Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Sobre a tese de que todo conhecimento é auto-conhecimento comenta: “Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e coletivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova do nosso conhecimento, sem o qual nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, no não ditos dos nossos trabalhos científicos. No paradigma emergente, o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido.” (p. 53)

Utilizo-me da imagem da edificação de uma casa para ilustrar a construção deste conhecimento fundado na existência corporificada.

Minha preocupação é com a formação do “terapeuta corporal”, cuja aprendizagem é eminentemente vivencial.

Minha questão básica é: como se dá o processo de construção do psicoterapeuta que se encaminha para este campo? Como iniciar os alunos de Psicologia em formação nesta peculiar forma de linguagem que não pode ser apreendida exclusivamente por modos conceituais? Como evitar reducionismos analíticos e psicológicos com relação ao fenômeno do corpo? Como assegurar o rigor científico num trabalho ancorado na condição existencial do profissional?

Através da expressão de meu próprio processo criativo me coloco em movimento num caminho que vai se delineando em seu decorrer como a busca da constituição de um corpo. O corpo é apreendido em seu dinamismo processual. Meu próprio corpo é colocado como objeto de pesquisa.

Para viabilizar e efetivar um projeto educativo, meus alunos foram estimulados, mediante as próprias experiências com o corpo no curso de “Integração Fisiopsíquica” a expressarem seus processos pessoais, o que se deu em paralelo ao meu processo expressivo.

A visão da *integração fisiopsíquica*, que vem tentando dar um encaminhamento à questão da formação de profissionais na área do corpo, de modo a atender suas peculiaridades, será apresentada em linhas gerais, como um subsídio ao entendimento do processo educativo em questão.

Para a sustentação epistemológica de meu estudo, adoto um caminho metodológico oriundo da fenomenologia: Analítica do Sentido (Critelli, 1996). De acordo com esta orientação, a dimensão da fala (não conceitual) merece um lugar de destaque pois é pela palavra que o *sentido de ser* se revela. Num segundo momento, apresento o recurso metodológico *Versão de Sentido*, concebido por Amatuzzi (1995), e sua reflexão do significado e sentido do falar no processo educativo (1992), que utilizo para a produção dos relatos da pesquisa do processo expressivo de meus alunos, bem como para a produção de relatos quanto as pinturas realizadas em meu processo expressivo.

Os momentos significativos de meu processo existencial, de alguém que está vivendo no cotidiano e dando sentido à sua vida são relatados em meu processo expressivo numa série de

pinturas realizadas entre a Páscoa de 1996 e a Páscoa de 1997. No gesto espontâneo de pintar emergiram imagens, sensações e sentimentos reveladores do sentido de ser num corpo.

Paralelamente, meus alunos quintanistas do curso de Psicologia supervisionados na cadeira de Integração Fisiopsíquicas produzem relatos significativos (versões de sentido) de suas próprias experiências com o corpo, estimuladas pelo curso. Escrevem com *palavras-sentidas* o movimento do *corpo-sentido* na vigência do curso.

É marcante a presença do cotidiano da autora e dos alunos nos relatos. O saber que se constitui no dia-a-dia, as ocorrências significativas, a criatividade relacionada ao estar vivo, em suma a “arte do viver”, são objeto de minha investigação.

Procurei compreender ambos os processos, o meu próprio e o dos meus alunos, à luz do movimento da analítica do sentido.

Tudo foi acontecendo sem esquemas prévios, antes que eu tivesse pensado em transformar meu processo expressivo em pesquisa. Mesmo o trabalho com os alunos.

No início eu supunha que a minha “produção artística” tinha que passar por um trabalho de depuração, ou seja, de descarte. Durante cinco meses tentei escrever a “tese” propriamente dita, mas sentia-me totalmente incapaz de produzir algo significativo, parecia estar muito distante dos parâmetros exigidos por uma “Academia”. Até o momento em que submeti todo este material *primário* à apreciação da orientação, como uma tentativa de encontrar uma saída para a situação paralisante em que me encontrava. A licença poética foi dada: pude seguir por caminhos novos, desconhecidos, sem a menor idéia de como este trabalho iria se articular enquanto uma tese (dissertação). Até cheguei a comentar: tenho a sensação que estou fazendo garatujas e não uma tese como quer Humberto Eco.<sup>3</sup>

Peço aos leitores que me perdoem pela linguagem nada acadêmica, pois a que utilizo é a mais próxima da experiência - a que incorporei nestes anos todos de convivência com o “corpo da vida”. Confesso que não saberia, a esta altura da vida, após muitos revirares, expressar-me de outro modo. Um certo espírito de aventura para se deixar surpreender, e uma boa dose de paciência serão requeridos daqueles que se propuserem a compartilhar de minhas experiências, sobretudo no relato de meu próprio processo.

---

<sup>3</sup> Humberto Eco escreveu uma espécie de guia *formal* para orientar na realização de uma tese, mas não deixou de propor que ela fosse vivida como um jogo, uma diversão. Cf. Humberto Eco, Como se faz uma tese, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1977.

Não foram poucas as tentativas que fiz para produzir um discurso “cientificamente correto”, como “manda o figurino”, ou melhor, as regras acadêmicas da tradição científica cartesiana. Mas toda vez que pretendi alcançar esta meta, me afastei daquilo que considero precioso: manter-me fiel ao originário, ao fundamento, à base.

E sem esta *fundamentação* não teria sido possível escrever este trabalho e meu coração teria se transformado numa máquina como disse o velho (sábio) na pequena estória que transcrevo a seguir:<sup>4</sup>

*“Viajando pelas regiões ao norte do rio Han, Tzu Gung avistou um ancião trabalhando em seu horto. Havia cavado um canal de irrigação. Descia a um poço, colhia um balde de água e o despejava no canal. Apesar do enorme esforço, os resultados pareciam bem pobres.*

*Tzu-Gung disse: ‘Há um modo de irrigar uma centena de canais num dia, assim você fará muito com pouco esforço. Não é algo que lhe interesse?’*

*O horticultor levantou-se, olhou para ele e disse: ‘E que modo é esse?’*

*Respondeu Tzu-Gung: ‘Você apanha uma alavanca de madeira, pesada numa ponta e leve na outra. Dessa forma você pode puxar água tão depressa que parecerá um riacho. É o que se chama um poço de monjolo.’*

*Então o sangue subiu ao rosto do velho, e ele disse:*

*‘Ouvi de meu mestre que quem quer que use máquinas, acabará por fazer tudo como uma máquina, e quem leva o coração como uma máquina em seu peito, perderá sua simplicidade. Quem perde sua simplicidade, se tornará inseguro nas lutas de sua alma. Incerteza nas lutas da alma é algo que não está de acordo com o senso das coisas honestas. Não é que eu não saiba fazer essas coisas. É que eu tenho vergonha de usá-las.’*

---

<sup>4</sup> Esta estória foi utilizada pelo célebre cientista nuclear Heisenberg, para questionar o perigo que ronda o homem que usa máquinas. Cf. Arcângelo R. Buzzi, *Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem*, p. 132.

Certamente este agricultor só cultivava frutos mágicos, que só podem ser consumidos pelos que lograram atingir a sabedoria. E nos faz lembrar que para alcançá-la são necessários supremos esforços - não há o caminho fácil.

Apesar dos imensos esforços empreendidos na realização deste trabalho, tenho a sensação de que os resultados são pequenos. Mas creio que não poderia ter sido de outra forma em se tratando de autênticos processos - *originais* - que se enraízam na existência de indivíduos singulares. Se o meu objetivo é o processo, como posso pretender alcançar resultados?

Isto não estaria de acordo com o senso das coisas honestas.

## II - ARQUITETURA DE UM CORPO

Este texto introdutório é o relato da história de meu corpo se fazendo; é a história da *construção* de um psicólogo (do seu corpo pessoal, profissional e teórico).

Ele apresenta meu interesse pelo tema do corpo, historicamente, com sua evolução até o momento da realização do presente trabalho.

Contém elementos fundamentais para a compreensão de que o corpo se constitui no vir-a-ser e de que a construção do conhecimento não pode ser dissociada do corpo.

Neste momento, conduzirei o leitor pelos meandros de minha história pessoal para mostrar especificamente a construção de um terapeuta corporal. Decidi expor meu corpo para colocá-lo a serviço da constituição de outros corpos. A apresentação de minha trajetória deve ser então considerada dentro desta perspectiva; não é um mero discurso auto-referente mas uma fala presentificadora de minha existência, que pretende abrir caminho para outras falas.

### 1. A trajetória de meu corpo 1: corpo pessoal

O meu interesse pelo corpo data do momento em que passei a perceber que tinha um corpo “encarnado”, que se movia desajeitadamente, sem elegância e que olhado no espelho não parecia corresponder àquilo que carregava “dentro” de mim. Lembro-me que nos idos de minha adolescência, fase em que estamos incubando como lagartas em seus casulos, era bastante desengonçada e feiosa, além de extremamente tímida, provocando nas pessoas um mesmo tipo de comentário, quando manifestava descontentamento com a minha aparência: o que importa é a “beleza interior”. Recordo-me vivamente como isto me provocava reações contraditórias pois se por um lado me sentia confortada e valorizada pelo caráter virtuoso, por outro sentia um mal estar indizível, pois ficava confirmada a falta de beleza na minha apresentação externa.

Eu queria ter beleza exterior! Ou seja, cabelos lisos (os meus eram crespíssimos), ser menos magra, e sobretudo, menos tímida. Como as pessoas poderiam se aproximar de mim para descobrir a minha suposta beleza interior se não tinha atrativos? Na verdade sentia-me isolada como a fera em seu castelo, prenhe de potencialidades mas completamente impossibilitada de entrar no mundo habitado (e portanto belo) dos mortais. Sentia-me confinada no castelo de ilusões

de uma alma sem corpo, ou de um corpo sem alma - não animado, não reconhecido, não humanizado - e isto era o horrível. Esta era a experiência da não conformidade com os padrões.

É claro que vivi experiências que me chamaram para a dimensão do *corpo concreto*, mas se iniciaram um tanto tardiamente, como se até a puberdade não tivesse percebido a existência de um corpo próprio, com materialidade, inserido no mundo mas separado dele. A partir daí ela me foi dada a ser conhecida pela dor do abismo que me separava das pessoas comuns... e mais bonitas do que eu. A imagem que construí do meu corpo era “do interior”, não do interior do corpo mas do invisível, do inefável, do não representado.

Tive uma infância sem doenças físicas, era saudável e brincava muito com meus irmãos; só não suportava muito sol na pele que sempre foi muito sensível.

De fato, até então não tinha uma existência individual, porque vivia em bando (a família era numerosa) e me lembro de bons momentos quando éramos um só corpo e de outros não tão bons assim quando tinha uma sensação de certo esfacelamento (quando brigávamos).

Minha mãe me contava que eu era “um bebê forte que quase não precisava ser nutrido - só tomava leite e, até um ano de idade, cerca de 400 gramas por dia (???) - dormia o tempo todo, não dava trabalho algum e era bastante corada”. Ela atribuía (e precisava fazê-lo) esta minha pouca necessidade de alimentação, ao sono profundo a que eu me entregava dia e noite e ao cheiro forte de carne que exalava de um açougue da vizinhança (meu pai era comerciante e residíamos nos fundos de seu estabelecimento comercial numa rua movimentada de nossa cidade, no interior do Estado de São Paulo).

Haveria alguma relação desta história (ou desta estória) com o fato de eu não gostar de ingerir carnes desde a infância e de ter sofrido por vários anos de intolerância à lactose?

Por que haveria de dormir tanto se não era prematura? (nasci de parto normal: o melhor dos nove partos segundo minha mãe). Que estranho corpo era este que precisaria de tão pouco leite? (cheguei a ser amamentada no seio por um mês quando minha mãe engravidou de minha irmã).

Este impressionante relato sobre meu primeiro ano de vida, ao ser retomado no meu trigésimo segundo ano de vida por ocasião do nascimento de minha filha, me fez compreender a (triste) metáfora - de uma criança sadia e... *solitária*.

É como se estivesse dormindo nas águas eternas do cosmos apenas cheirando a possibilidade humana, mas sem contato direto com ela. Era semi-nascida, semi-encarnada, semi-

humana e assim continuei por longos anos. Ganhei o apelido de “concha” na escola secundária numa referência clara a algo escondido “dentro”.

Ainda quando criança, lembro-me que ficava entretida com as formigas do jardim, observando-as e cuidando para que elas não fossem esmagadas enquanto faziam sua rota do formigueiro até o jardim. Eram seres tão pequeninos e frágeis, um exército de trabalhadores empenhados em sua tarefa de grupo, eram incansáveis e determinadas em seu objetivo. Não ousava tocá-las para não atrapalhar sua intensa atividade. Eram seres vivos e espalhados por toda a parte, assim como os homens.

Também as plantas chamavam minha atenção, por sua fragilidade e multiplicidade de cores e formas. Sentia-me tão pequena como as formigas e tão frágil quanto as plantinhas. Mas assim como elas, estava viva! E fazia parte de um todo maior, de um mundo onde as coisas se moviam, respiravam, estavam sujeitas às intempéries e... morriam. Algumas tinham uma sobrevivência maior, mas isto não dependia de sua vontade e sim de ambiência favorável, de cuidados, ou simplesmente de respeito à sua condição e ao seu crescimento.

Era inconcebível para mim a destruição de qualquer tipo de vida. Isto tornou problemática a minha alimentação em certas fases de minha vida. Rejeitava carnes desde cedo, pois tinha pena dos bichos que eram sacrificados. Considerava isto uma espécie de crime. Afinal, eles eram meus irmãozinhos também. Mais tarde, na vida adulta, sendo radical neste tipo de reflexão, sentia que não poderia ingerir nem mesmo os vegetais, pois eram seres animados - seriam arrancados de sua terra, de seu berço e morreriam para nos dar vida. Este pensamento aparentemente absurdo, tinha uma razão de ser. Estava na verdade preocupada com o modo como isto era feito. O processo de cultivo era inadequado, o uso de agrotóxicos para combater as pragas era excessivo e, o mais importante, muitas vezes era feita uma aceleração em seu crescimento - frutos maduros antes do tempo - para realizar a colheita o mais rápido possível - um desrespeito à natureza. É claro que não sustentei este pensamento, senão como teria sobrevivido?

De fato, houve períodos em que tinha a sensação de estar sendo alimentada apenas ao olhar para os alimentos e sentir seu cheiro. Além disto, não fazia a leitura da fome. Apenas quando estava sentindo uma certa fraqueza e resolvia ir comer, é que percebia que devia ter estado com fome. Não detectava este estado por dor no estômago, ou qualquer sensação local. Ele parecia não existir enquanto órgão, até que eu somatizasse uma gastrite aos 19 anos.

Com o tempo, compreendi que meus irmãozinhos estavam à disposição para serem transformados em energia vital e portanto eram dados em sacrifício em prol de nobre tarefa. Como fruto desta reflexão, ganhei mais conhecimento a respeito dos ciclos da natureza, sendo impelida a encontrar formas de me alimentar de forma mais natural.

Digamos que o primeiro órgão a ser conscientizado no meu corpo foi o estômago. A partir daí ocorreram consecutivas vivências de partes e órgãos do corpo que passaram a ser incorporados ou encarnados no suceder dos anos.

Atravessei a infância mais identificada com os bichos do que com as pessoas, e na adolescência era sonhadora e romântica, visualizando o encontro com o outro desta vez um outro do sexo oposto, o “príncipe”, muitas vezes imaginado como um extraterrestre, vindo de outra galáxia, bem de acordo com as necessidades de um ser que se sente deslocado em seu mundo. Via-me como um E.T., diferente dos demais, sem possibilidade de comunicação, sem resistência física às partículas da atmosfera, e o mais grave, assustador ou até monstruoso aos olhos de todos. Restava-me disfarçar-me e comportar-me como se fosse um “mortal comum” e atendendo às expectativas. Aplicação nos estudos, valorização das atividades intelectuais e de tudo que estivesse relacionado à cabeça pensante. Penoso sacrifício. E o corpo, a emoção e a natureza, os instintos e os bichos, ficariam abandonados à sua própria sorte, tal qual uma plantinha que não tendo sua terra tratada, não sendo podada e regada, não pode se fortalecer e crescer sadiamente. Não tardou o surgimento das doenças.

Parece que nunca tive doenças físicas na infância, mesmo porque se tive não foi diagnosticada como significativa, pois a irmã acima de mim sofria de reumatismo e coração e a abaixo sofria de uma miopia progressiva, o que exigia muita dedicação por parte de meus pais, não sobrando espaço para outra criança doente. A barriga ou o ventre era o meu ponto vulnerável: sofri vários anos de prisão de ventre, sintoma ilustrativo de meu enclausuramento (concha). Minha doença era a carência e a solidão.

Vim do interior do Estado para São Paulo para cursar o ensino superior e desde então passei a conviver com sintomas alérgicos (sinusite, rinite). Esta cidade me reforçava a sensação de ser alienígena ou mesmo um “bicho do mato” e me causava a impressão de estar vivendo em um formigueiro constantemente ameaçado pela desordem e destruição.

Com 21 anos meu relógio biológico ficou totalmente desregulado e coisa que nunca ocorrera anteriormente, engordei quase 15 quilos. Cursava o último ano da faculdade, estava em

processo de rompimento com o primeiro namorado e saindo da casa de meus pais para uma vida independente. A família vinha enfrentando sérias dificuldades econômicas, o que tinha me levado a acumular trabalho e estudo desde o início da faculdade, e tornado minha vida particularmente estressante nos dois anos anteriores pois alimentava-me sistematicamente fora de casa, dormia pouquíssimo, ingeria medicamento anticoncepcional e não tinha qualquer espécie de lazer. Novamente aparece uma dissociação entre o “de dentro” e o “de fora”. Olhava-me no espelho e não apreciava a feia figura que percebia, em contraste com a imensa fragilidade que sentia. Levou algum tempo para o meu corpo encontrar sua forma natural. Até então, aventurei-me pelo território do ventre durante vários anos de análise.

Passei por privações, desembarquei em ilhas desertas, enfrentei tempestades e frio, e deparei-me com selvagens pouco amigáveis nesta longa jornada em busca de uma ligação prazerosa com esta região tão carregada de emoções. Disfunções hormonais e problemas no útero também apareceram naquela época, fazendo com que, de igual maneira, eu me dirigisse até a matriz (útero) ou à “*mãe-do-corpo*”, na linguagem popular, para com ela me reconciliar e lá me aninhar na auto-gestação de mim mesma.

Hoje posso dizer que me encontro no aconchego de uma cabana com a lareira acesa, com uma simples refeição posta sobre a mesa bem arrumada e na companhia de uma boa senhora, para tratar de assuntos especificamente femininos (minha atual terapeuta com quem tive o prazer de compartilhar por algumas vezes, de uma suculenta e simples sopa preparada por ela própria, apelidada por mim de “sopão alquímico”).

Estas vivências lançaram-me ao encontro das medicinas não-convencionais e da abordagem corporal na psicologia, as quais me pareciam mais próximas de constituírem um porto seguro onde se pudesse elaborar outros sintomas psicofísicos que vieram a se manifestar ulteriormente. Destaco as crises de enxaqueca que me acompanharam durante anos a fio e que cessaram por ocasião da decisão de colocar em marcha uma outra forma de estar na vida, com uma tonalidade assumidamente afetiva.

## **2. A trajetória de meu corpo 2: corpo profissional**

Recordo-me de quando, pouco antes de prestar exame vestibular para a faculdade de Psicologia, dirigi-me à Universidade de São Paulo, para conversar com algum doutor, que pudesse me orientar quanto a minha escolha. Fui acompanhada de uma amiga, que estava em dúvida entre psicologia e odontologia. Fomos encaminhadas ao departamento de Psicologia Experimental, e recebidas por um senhor com ar respeitável que foi bastante categórico, emitindo-nos um único alerta: “para ser psicólogo não se pode ter personalidade esponja” (absorver os problemas dos outros). Minha amiga desistiu naquele momento e acabou se formando em odontologia e eu fiquei refletindo sobre o sentido de sua fala.

Concluí que faria psicologia justamente por causa da história da esponja, porque ela não é apenas absorvente; ela acaricia, conforta, limpa, perfuma. E anos mais tarde, já formada, percebi o quanto fazia parte de mim esta inclinação para o outro em termos do contato íntimo, da proximidade, do envolvimento (esponja-envolvente), permitindo-lhe o desenvolvimento de suas potencialidades (des-envolvendo todos os sentidos).

A empatia é qualidade fundamental no trabalho psicológico.

O trabalho corporal, a possibilidade de tocar atraía-me por permitir esta intimidade e compartilhamento.

Assim que me formei, fiz um curso de técnicas básicas de relaxamento. Numa das aulas, ofereci-me para uma massagem ondulante sobre a pele a ser feita pelo professor. Ao terminar, ele me pergunta se quando pequenina, minha mãe costumava após o banho, me colocar na toalha e deixar que eu me secasse sozinha. Sim, afirmei prontamente. Era exatamente isto o que ela fazia, pois ela mesma afirmara isto. Fiquei impressionada não apenas pela coincidência com o fato da infância, mas com o fato de a história de meu corpo estar se revelando naquele contato humano naquele momento, o fato de minha pele estar contando, revelando a minha carência de contato, da falta do envoltório humano.

Nos últimos 19 anos venho utilizando o trabalho corporal na minha prática, como um caminho para o desenvolvimento do ser.

Iniciei minha vida profissional atuando com a chamada população carente ou desfavorecida, a qual prefiro denominar de pobre. Foram vários anos dedicados ao trabalho

comunitário e institucional, quando experimentei o que era *o corpo sofrido, da miséria, da fome*, onde questões básicas de sobrevivência estavam em jogo.

No trabalho comunitário vivenciei literalmente a descida às profundezas do mundo material. Era uma verdadeira peregrinação vencer uma longa distância até o trabalho, viajando em ônibus e trens suburbanos lotados, com andanças dentro de favelas e sentindo o cheiro dos esgotos que corriam a céu aberto. A polaridade física, concreta, se manifestava com força. As pessoas que viviam nestas condições precárias, subumanas, abaixo da dignidade humana no que diz respeito a falta de recursos materiais se transformavam, quando encarnadas num *corpo grupal*. Este era o espaço da expressão das necessidades, da luta por seus interesses e da conquista de um lugar no mundo. Neste sentido, o trabalho em grupo era a pedra de toque do florescimento destes indivíduos.

No trabalho institucional, a dor era o elemento dominante na vivência das pessoas. As queixas psicofísicas eram o foco do meu trabalho. Continuava a trabalhar com grupos, porém revestidos de outras características - o tema comum era o *corpo doente*. Este corpo doente estava inter-relacionado com o corpo social; informava a condição humana destas pessoas, falava de seus sentimentos de privação e de exclusão.

Ainda nesta linha, fui trabalhar na Vara de Menores, onde uma nova faceta é apresentada - *o corpo familiar e o corpo da mãe*. A clientela era constituída basicamente por menores com desajustes sócio-familiares. Menores carentes e abandonados. O contato com esta problemática era tão intenso e mobilizador que algumas mulheres, funcionárias do setor, eram surpreendidas e agraciadas com uma gravidez, mesmo tendo dificuldades para engravidar. Foi o meu caso. Entrando em contato com tanta aridez, o ventre-terra se abria como terra fértil para acolher a semente. “A mãe-do-corpo” (útero) se manifestava contra todas as injustiças cometidas contra seus filhos.

A experiência na instituição hospitalar, junto à enfermaria de adultos da clínica médica e à pediatria foi uma das mais significativas na minha vida profissional. Aqui se confrontavam os dois opostos: *vida e morte*. Estava amamentando minha filha recém-nascida e pedira transferência para este local que ficava defronte à minha residência. Bastava atravessar a rua, a mais ou menos 200 metros de minha casa e já estava com os pés dentro das enfermarias. Era um hospital público, carente de recursos e sem serviço psicológico estruturado, exceto na enfermaria psiquiátrica. Eu era a única psicóloga no hospital geral: cabia-me fazer um pouco de tudo, desde atendimento ao

doente e orientação aos familiares até assessoria à equipe multiprofissional. Fazia parte de minha rotina ausentar-me do trabalho para amamentar meu bebê, forte e rosado, e voltar logo em seguida para assistir um paciente em estágio terminal, ou atender crianças politraumatizadas. Era jogada de uma polaridade à outra, da vida para a morte, da saúde para a doença... e para a compreensão do ritmo próprio da existência humana.

No quinto andar do hospital, a alternância entre um e outro pólo era sentida com mais intensidade: de um lado, a maternidade prenhe de vida e do outro a morte espreitando os leitos dos pacientes terminais. O movimento da vida é ondulatório, cíclico e como o respirar, manifesta-se por expansão e retração. E no espírito deste movimento, encerrei um ciclo em minha vida profissional, retirando-me do serviço público.

Venho exercendo a prática clínica no consultório há 19 anos, tendo começado a atuar tão logo me formei. Ela seguiu paralelamente às experiências relatadas acima.

Iniciei atendendo pacientes adultos e pouco depois crianças. Não demorou muito para que minha clientela se tornasse muito heterogênea, apresentando todos os matizes das práticas comunitárias e institucionais com a diferença de haver predominado a modalidade de atendimento individual.

A atividade na clínica particular foi sendo construída sem uma escolha (racional) prévia de casos ou tipo de casos e esteve intimamente ligada ao percurso profissional descrito até agora.

A experiência de trabalho na comunidade deu-me a coragem para iniciar a atividade clínica no consultório, pois havia aprendido a lidar com condições não ideais de atendimento e a trabalhar em equipe. Assim comecei como a maioria dos recém-formados, sublocando sala e horário para atendimento e “encarando” os meus primeiros casos difíceis (adultos psicóticos e fronteiriços) mas sob a mira de uma rigorosa supervisão.

Também estimulada pelo rico campo de estágio na instituição pública, iniciei o atendimento de crianças individualmente e em grupo e de pacientes com “queixas psicossomáticas” as mais diversas.

O árduo aprendizado na Vara de Menores me deu condições de aperfeiçoar o atendimento familiar e trouxe-me inúmeros casos de crianças adotadas.

A vivência no hospital, finalmente, lançou-me para o atendimento de doenças graves (câncer e problemas neurológicos, entre outros).

Não posso deixar de citar que nos dois últimos anos do curso de graduação, exercitei-me, na área organizacional, na realização de entrevistas e aplicação de todo tipo de testes psicológicos voltados para a seleção, embora sem muito apreço por este tipo de intervenção. O treinamento de distanciamento do outro, contrariando minha natural inclinação para a proximidade no contato, ensinou-me a discriminar entre o uso “legítimo” de determinados recursos técnicos e seu contexto de aplicação como, por exemplo, na área clínica para a realização de um diagnóstico diferencial e enriquecimento de nossa observação clínica, de seu uso “ilegítimo”, por falta de abertura do profissional em ser “tocado” pelas necessidades do outro (o outro carente de compreensão).

Nos primeiros anos da vida profissional, o contato aberto com o outro é extremamente difícil, pois ali está um universo desconhecido que desafia qualquer concepção teórica ou qualquer *à priori*. Daí a tendência ao “apego” aos recursos técnicos, que nos provoca uma sensação de segurança de que estamos realizando algo e alcançando resultados. Isto é bem diferente de estar na reciprocidade de uma relação que caminha segundo suas próprias leis e pede de nós despojamento para estar junto com o outro necessitado de nossos cuidados, sem nada esperar, apenas confiando no processo.

No suceder dos anos fui me abrindo para a criação e ocupação de novos espaços em minha prática clínica, por absoluta necessidade de atender à diversidade da demanda das pessoas que me procuravam. Aprendi a desenvolver recursos criativos nas condições desfavoráveis do trabalho comunitário e institucional e os fui incorporando à minha prática clínica no consultório particular. Minha postura clínica foi sendo urdida no entrelaçamento de todas estas experiências. É como se a pele das quatro paredes de meu consultório tivesse se alargado e a pele do meu corpo também à medida que atendia (recebia e dava atenção) aos corpos da miséria, da fome, da doença, da criança, da mãe, da família, enfim, ao movimento cíclico da vida. Hoje posso acolher, sem tantos aparatos técnicos o outro necessitado, tendo minha experiência como guia e meu corpo como principal instrumento.

Identifico na minha prática clínica cotidiana uma forma de apreender os fenômenos que se processa via *imagens* do inconsciente, para falar em terminologia junguiana, característica da tipologia intuitiva.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> C. G. Jung distingue quatro funções psicológicas básicas - percepção, pensamento, sentimento, intuição - que podem ser extrovertidas ou introvertidas. Sempre haveria predominância de uma destas funções no campo da consciência, e ela é que viria a caracterizar o tipo psicológico. Cf. C. G. Jung, Tipos Psicológicos, 1991. Em um

Segui trabalhando exclusivamente com a clínica nos últimos oito anos, até que voltei para a área institucional, só que desta vez num *corpo pedagógico*.

Cabe fazer aqui um breve histórico desta inserção, pois nunca havia pretendido seguir uma carreira acadêmica e nem sequer havia passado pela minha cabeça a idéia de ser professora.

A entrada na pós-graduação, neste sentido, foi um marco em minha vida profissional.

Minha entrada no curso de pós-graduação foi motivada por uma necessidade de organizar a experiência já adquirida que então me parecia plena de novas significações e não enquadrável em sistemas referenciais exclusivos. Sentia carência de outros pontos de vista que pudessem resignificar a minha prática clínica bem como de uma organização das idéias que naquele momento brotavam sob a forma de dúvidas e perguntas sobre os modelos tradicionais referentes ao exercício da clínica psicológica.

Estava insegura porque já há algum tempo percebia a enorme distância entre o meu fazer e o saber constituído e referendado cientificamente, e embora encontrasse alguns pontos de apoio em grupos isolados de profissionais, permanecia a sensação de solidão, e a premência de situar-me segundo meus próprios referenciais, dados pela singularidade de minhas vivências. Acreditava que o curso de pós-graduação seria um caminho adequado para colocar-me diante do desafio de andar com minhas próprias pernas, de apropriar-me das minhas mais recônditas idéias e sobretudo de expô-las de forma gradual, organizada e sistemática. Estava em busca de um estilo próprio, ou melhor, de sua caracterização.

Atraída pela proposta fenomenológica me filiei então como aluna ao Departamento de Psicologia Escolar da USP.

Mas tal como numa iniciação, passos tinham que ser dados conforme as regras, sobrando algum espaço para as inspirações.

O meu projeto de entrada no curso da pós-graduação se propunha a contemplar a fenomenologia do corpo na relação terapêutica, que conviria adaptar à relação educativa. Foi

---

interessante estudo sobre as formas de *pensamento clínico* em diagnóstico de personalidade, Walter Trinca, O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade, 1997, relaciona as *imagens intuitivas* como uma modalidade *sui generis* em relação a outras imagens mentais, cujo aparecimento “é fruto, entre outros fatores, da permissão que o profissional se concede de ter contato com o paciente e consigo próprio de modo aberto e desprevenido, ou seja, para a emergência do que existe segundo as leis próprias de sua existência.” (p. 123).

nesse período que comecei a atuar como supervisora clínica num curso de especialização em psicoterapia junguiana. Foi cogitada então a possibilidade de que eu trabalhasse sobre esta experiência.

Coletei algum material, usando o instrumento *Versão de Sentido*, de Mauro Martins AmatuZZi, reformulando o meu enfoque.<sup>6</sup> Pesquisaria a dinâmica da supervisão, uma vez que um dos meus interesses era a formação do profissional em Psicologia Clínica, e particularmente o desenvolvimento da postura clínica. Realizei tal pesquisa estimulada pelo curso de AmatuZZi<sup>7</sup> e como exigência do mesmo, na esperança de que pudesse se transformar em meu futuro projeto (na verdade já era o embrião do que se caracterizou mais tarde como meu projeto). Com meu afastamento da função de supervisora deste curso, não foi dado prosseguimento ao estudo.

Nesse período, mergulhei no que considerei ser a impotência de produzir algo que fosse realmente significativo. Sobreveio o vazio e a perda do sentido. Se eu não priorizava a obtenção do título, o que fazia ali? Se eu não pretendia seguir carreira acadêmica, por que continuar? Se eu era uma psicóloga clínica, o que pretendia junto à psicologia escolar? Estas questões foram levantadas em diversas ocasiões e começaram a incomodar. Afinal, o que eu pretendia? O meu objetivo ao entrar na pós-graduação se perdera.

Por que o que antes parecia fazer parte de meu projeto de vida, passou a ser um fardo que eu não podia carregar?

Algo forte se impunha: voltar-me para o essencial, desvencilhando-me de tudo aquilo que apresentava-se como rigidamente constituído e seguro. Era exatamente o que eu queria e necessitava fazer - *na minha vida*. E assim foi sendo feito.

A partir deste momento a idéia de fazer o mestrado passou a ser reconsiderada, não mais como a via principal de acesso ao vasto domínio do saber - próprio e coletivo - mas como uma via possível e útil, embora de margens estreitas e muitas vezes mal iluminada, facilitadora do encontro do meu próprio caminho.

Logo passo a fazer parte do corpo docente da UNIP, onde assumo a função de supervisora clínica (inicialmente em atendimento infantil interventivo em instituição e depois na cadeira de Integração Fisiopsíquica).

---

<sup>6</sup> Detalhes sobre este instrumento constam no capítulo III.

<sup>7</sup> “Implicações de uma fenomenologia da linguagem para uma relação educativa”, ministrado em 1993.

Este meu não tão breve histórico mostra minha crise de identidade (a crise dos 40 anos, da intensificação do processo de individuação). Descobri que na verdade eu era *uma simples psicóloga tentando subsídios para sua prática, e sentindo-se desamparada*.

Não foi por obra do acaso que passei a frequentar os bancos escolares desta instituição, justamente sendo acolhida no Departamento de Psicologia Escolar e acabei me transformando (quem diria!) numa professora universitária.

“Se o nosso destino é benevolente”<sup>8</sup> ... podemos chegar ao outro lado do mundo, em paragens inimagináveis e descobrir tesouros escondidos!

Minha área de interesse na verdade não mudou, mas ampliou-se com o passar dos anos, revelando novas facetas conforme as circunstâncias. O meu tema de pesquisa sofreu transformações concomitantes com o meu processo existencial. Continuou sendo a pesquisa do processo terapêutico, mas a partir do estudo do *processo transmutativo* do psicólogo em permanente construção mediante a visão corporal.

### **3. A trajetória de meu corpo 3: corpo teórico**

Entrei na Universidade quando tinha 17 anos. E para uma jovem com esta idade, vinda do interior, com sotaque caipira, o contato com o império do saber era, no mínimo, assustador.

Era necessário colocar-se numa postura acadêmica, que exigia um linguajar ou jargão acadêmico. A fala era extremamente valorizada. O aluno que tinha dificuldade em se expressar verbalmente ficava em desvantagem. Mas qual era o tipo de linguagem verbal aceita e reforçada? Não era com certeza a linguagem poética, fluída e permeável. É claro que havia espaço para certas manifestações neste sentido, mas restritas à algumas disciplinas, ou melhor, a brechas oferecidas por alguns professores, ou ainda quando esta linguagem pudesse servir para exemplificar um peculiar modo de pensar - não compatível com o acadêmico-formal. Não que eu fosse particularmente dotada neste tipo de expressão ou que amargasse a impossibilidade de frequentar uma faculdade de psicologia pela limitação da expressividade verbal. Adaptei-me, mas sofria com as exigências de enquadramento e não vislumbrava outros caminhos.

---

<sup>8</sup> Com estas palavras, Jung abre o relato de caso do primeiro livro dos “Seminários sobre Visões” (1960), Parte Um, 1960.

De minha vida acadêmica na verdade me recordo de pouquíssimos momentos de grata satisfação. Lembro-me da ansiedade pré-provas e seminários (dos tremores e suores), das noites acordadas estudando, dos fins-de-semana ensolarados perdidos na preparação dos trabalhos escolares, da dificuldade para pagar a faculdade e do crescente fosso que ia se abrindo entre meus sentimentos e a razão. A participação na atividade política estudantil cobria em parte a necessidade da expressão das emoções e sentimentos, e das carências, mas funcionava como uma faca de dois gumes, pois criava uma polarização que muitas vezes era impeditiva de qualquer acento afetivo.

No entanto, prossegui com minha formação, fui boa aluna, preparei seminários, realizei as provas, participei de atendimento de casos na clínica e cheguei ao fim do curso descobrindo um núcleo de estágios que oferecia um campo de atuação vasto - tratava-se de um trabalho educativo-preventivo cuja metodologia era a pesquisa-ação e que defendia a concepção de clínica na comunidade. Vinculei-me como estagiária e mais tarde como profissional de pesquisa atuando por alguns anos neste projeto junto a uma equipe multiprofissional.

Este trabalho parecia atender a todos os meus anseios em relação à prática profissional pois abrangia diversas áreas de atuação em psicologia e permitia a experimentação de algo instigante e novo: não requeria a filiação a nenhuma escola teórica, nem qualquer título de especialista. (Mais tarde me autodenominei especialista em pobre). E acima de tudo, prometia em seu bojo, o despojamento das teorias aprendidas (ou mais ou menos aprendidas) pelo contato com o inusitado de uma população desfavorecida socialmente e para a qual não tínhamos sido formados para trabalhar.

Como dialogar com uma realidade tão diferente? Não encarava isto como um desafio, mas como a oportunidade de desenvolver aquele modo de comunicação para o qual não havia sido treinada e que de certa forma fazia parte de meu repertório existencial. Um olhar para a realidade sem categorizá-la.

Está gravada em minha memória corporal a imagem daquele ambiente árido, com cheiro de terra misturado com o aroma de feijão cozido e de bolos quentes e dos corpos daquelas pessoas marcadas pela vida dura. Jamais me esquecerei do primeiro dia em que pisei numa favela e vi o rosto de uma menina, que estava sozinha no barraco enquanto os pais tinham ido trabalhar: um par de olhos verdes-oliva absolutamente expressivos realçados pelos cabelos loiros encardidos

que emolduravam seu rosto queimado de sol. Era um corpo vivo, gritantemente vivo, coberto pela sujeira e pelo pó.

E assim se sucederam casos e casos de adultos e crianças que nos comunicavam seu sofrimento, seu alijamento e acobertamento social. Muitas vezes bastava soprar o pó para descobrir o diamante bruto.

Eu mesma era uma pedra bruta, encoberta pelo pó da poeira acadêmica mas passível de lapidação.

Estava vestida com o modelo de representação da realidade, contudo sentindo-me desconfortável como quando usamos uma roupa ou sapato apertado - compactada na vida do corpo e... em minhas idéias. O padrão de pensamento vigente e compartilhado provocava uma efêmera sensação de segurança pois fazia crer que a realidade era o mundo representado e portanto apreensível por sistemas de decodificação e por esquemas racionais. Esta forma de pensar separada do mundo era surpreendente para mim, pois retirava o homem da materialidade ou melhor dito, da *concretude* de seu mundo deixando-o inconsistente, amorfo, desvitalizado, sem corporeidade. A forma multifacetada do corpo (diamante) não podia aparecer, nem ser iluminada pelo sol da existência. E pensar assim, adquiriu a conotação de algo impalpável e fugidio, não imbuído daquela inefabilidade característica das formulações abstratas que nos remetem para o campo do mistério, mas da inconsistência própria de um abstrair-se, alhear-se da dimensão da experiência vivida.

Não se pode reduzir a realidade vivente a modos conceituais. A experiência do corpo vivente é própria do empírico, considerado sem identidade (conceptual) pois não se utiliza previamente de esquemas teóricos nem discursa a favor de qualquer escola ou movimento teórico. Seu olhar é para a manifestação, para o que se apresenta sendo-no-mundo; sua identidade é conquistada na sua constante relação de construção, desconstrução e reconstrução da realidade.

A descoberta de uma realidade interna camuflada por uma aparência externa não se coloca em questão, mas o estar em fluxo, o se deixar tocar e transformar por uma realidade multifacetada, constituída de imagens e símbolos em constante movimentação; o se deixar conduzir pelo sentido de ser que se revela no existir, num ato de reverência ao poderoso fluxo da vida.

A construção do meu corpo teórico se deu como a edificação de uma casa. Primeiro é preciso encontrar o terreno e cercá-lo para se iniciar a obra - um temenos - (em grego: um pedaço

de terra delimitado, consagrado à Deus), depois se monta o alicerce, erguem-se as colunas e paredes, coloca-se o telhado, portas e janelas, e por fim realiza-se o acabamento fino, quando toda a obra é submetida à última demão.

O terreno desta construção foi o solo sagrado da existência, tendo como “temenos” a psicologia, como base de sustentação o trabalho corporal, como pilares a psicologia junguiana, seus espaços foram compartimentalizados com a contribuição de autores coadjuvantes, a cobertura foi colocada pela fenomenologia, as portas e janelas foram introduzidas com a visão winnicottiana e o acabamento fino está sendo dado com a realização mesma desta “tese-obra”.

### **3.1. Meu primeiro autor: A base**

Minha primeira incursão no universo simbólico do corpo aconteceu com Pethö Sándor.<sup>9</sup> Era recém-formada e considerava-me despreparada “tecnicamente” para o exercício profissional, sobretudo na clínica. Fui atraída para o trabalho corporal pois tinha sido paciente de uma terapeuta corporal e, além disto, obtido informações de que este recurso seria útil em qualquer área do trabalho psicológico, significando que eu poderia aplicá-lo também na área comunitária. Iniciei aprendendo as técnicas básicas de relaxamento e prossegui numa especialização em *Cinesiologia Psicológica*<sup>10</sup>, da qual participo até hoje, em obediência ao caráter eminentemente inovador deste tipo de formação.

Explico melhor: fui à procura de um instrumento, não de qualquer instrumento, mas o que me parecia enigmático, em função de minha experiência em psicoterapia. E de fato encontrei muito mais do que um recurso: um modo de ver psicológico totalmente inédito em termos de visão integrada do homem, que me fazia sentir em casa depois de tantos anos.

---

<sup>9</sup> Pethö Sándor et al, Técnicas de Relaxamento, 1974. Iniciei minha formação no método de Pethö Sándor em 1979 no Curso sobre Técnicas Básicas de Relaxamento. Sob sua coordenação, freqüentei por dois anos um grupo de estudos sobre Jung e por 11 anos o Curso de Cinesiologia Psicológica no Instituto Sedes Sapientiae. Este curso se manteve mesmo depois da morte de seu idealizador ocorrida em 1992, e eu permaneço vinculada a ele como (eterna) aprendiz.

<sup>10</sup> Curso ministrado por mais de 15 anos no Instituto Sedes Sapientiae, até a sua morte ocorrida em 28/01/92. Cinesiologia quer dizer “ciência do movimento humano”. A *Cinesiologia Psicológica* aborda as “reciprocidades entre o movimento e seu sentido, a imagem corpórea, a expressão estética, comunicação cultural, personalidade, motivações individuais e sociais.” Cf. Pethö Sándor, “Cinesiologia para psicólogos: uma breve introdução”, 1979, (texto introdutório ao curso).

Encontrara o espaço onde era concedida a licença poética para exercitar um novo modo de pensar, que incluía os sentimentos e as sensações. O pensamento enrijecido pelos excessos de racionalidade revigorava-se mediante a flexibilidade e a fecundidade da experiência.

O corpo até então estava adormecido em águas profundas, prisioneiro de condições adversas, esquecido e visto como algo de menor valor, à espera de uma condição favorável para a sua brotação. Sándor surgiu para desvestir-me, para libertar o “espírito da garrafa”, libertar o “espírito do corpo”<sup>11</sup>, num paciente trabalho alquímico (de transformação). Tocou suavemente minha pele, mostrou-me a importância do aparentemente pouco valioso, propiciou-me o contato com os pés-raízes (através de seu sofisticada técnica Calatonia)<sup>12</sup>; enfim, ensinou-me a tomar nas mãos - a tocar - a “pedra bruta” para laboriosamente empreender seu refinamento.

O toque na pele (o maior órgão do nosso corpo), em pontos específicos do corpo, através de estímulos táteis sutis<sup>13</sup>, desenvolve como que um outro corpo dotado de uma substância nova, mais fluida e conectada com o mundo sensível.<sup>14</sup>

Considerando-se a pele como intermediadora entre o mundo interno (realidade psíquica) e o mundo externo (realidade compartilhada)<sup>15</sup>, ela veicularia diversas qualidades de experiência

<sup>11</sup> O “Espírito da garrafa” é uma referência ao conto dos Grimm, amplamente examinado por Arnold Mindell, O corpo onírico, p. 54-68, em termos psicofísicos. O espírito da garrafa é Mercúrio, substância alquímica básica, considerado por ele como o “deus do corpo”, o símbolo da experiência corporal. A captação do “Espírito Mercúrio” pela purificação da natureza instintiva, tem como meta colocar o homem em contato com a sua natureza imortal ou self. “A nível psicológico, Mercúrio aparece como o espírito de sonhos, visões, e criatividade espontânea. A nível fisiológico, encontra-se no corpo sob a forma de impulsos sexuais, compulsões e movimentos corporais espontâneos como tiques, coceiras, dores, movimentos de dedos, dores de cabeça e doenças.” Idem, ibidem, p. 54-57.

<sup>12</sup> Cf. Pethö Sándor et al, Técnicas de Relaxamento, p. 92-100.

<sup>13</sup> Os toques sutis que compõem o método calatônico, se utilizam da “sensibilidade cutânea, pela qual a mesma área pode servir para a percepção e condução das mais diversas qualidades (pressão, calor, frio, dor e suas gradações múltiplas) proporcionando uma vivência multisensorial ao mesmo tempo; o estímulo tátil possibilita além disso, uma síntese de várias particularidades perceptivas e aperceptivas, sintonizadas e sincronizadas numa configuração singular em cada indivíduo. É também conhecido o fato de que a sensibilidade cutânea apresenta aspectos entrelaçados de categorias protopáticas (componentes com ação vital-afetiva) e epicríticas (representações lógico-conceituais), numa intensidade que ultrapassa aquela manifestada em outras áreas de percepção sensorial.” Cf. Pethö Sándor et al, Técnicas de Relaxamento, p. 99. Cf. também Suzana Delmanto, Toques sutis, p. 20.

<sup>14</sup> Este corpo pode ser definido como “corpo onírico”, cuja natureza é rítmica, gasosa e fluida, constituindo uma experiência de “campo” formado por partículas elementares de alta intensidade no tempo e no espaço. O corpo onírico pode se manifestar como esta intensidade de campo (quântico); como duplo ou o si-mesmo imortal (experiência xamanista); como “corpo etérico” ou “corpo de matéria fina sutil” (pelos ocultistas ocidentais); como sistema de chakras (de acordo com a filosofia oriental). Os processos do corpo onírico oscilam entre a psique e a matéria. À medida em que se trabalha com o corpo, a diferenciação entre o corpo real (resultado das medidas fisiológicas objetivas) e o corpo onírico (criado pela experiência individual do corpo) se torna indefinida. “O corpo real começa a incandescer, à medida que o corpo onírico assume a aparência do indivíduo real e vivo.” Cf. Arnold Mindell, O Corpo onírico, cap. 1, p. 11-51.

<sup>15</sup> Cf. D.W. Winnicott, Natureza Humana, Parte III, cap. 2 e Parte IV, cap. 1., sobre a fronteira da pele e a constituição do mundo interno e relação com mundo externo.

(integradoras) que podem, pela vivência de intimidade dada pelo toque, ser despertadas, trazidas à luz dando ao corpo um novo alento, aquele estado de volta à sua condição natural, isto é, de uma realidade viva e misteriosa, participante da dimensão do ser. Pele, em hebraico, é “ainda-não-luz”, o que corresponde ao estado de cegueira (não-luz) do homem para a consciência da unidade. Na “túnica de pele” há a promessa do vir-a-ser do homem (iluminação de sua consciência).<sup>16</sup>

O pensar mítico, a visão simbólica e a função imaginativa presentes na psicologia junguiana, são fundamentais para o conhecimento do corpo em sua totalidade.

### 3.2. O pilar junguiano

Através de Sándor, entrei em contato com o “corpo” da psicologia junguiana. Toda a obra junguiana aponta para a questão da integração mente-corpo, pois está voltada para o desenvolvimento da inteireza da personalidade, do ser indivisível, para o chamado processo de individuação.<sup>17</sup> Vários princípios junguianos são norteadores de nosso caminho para o corpo e estruturam nossa relação com ele.<sup>18</sup>

Minha iniciação na arte de observar as imagens e estabelecer uma conexão entre elas e a realidade da alma ou psique se deu com Jung.

“A imaginação abre as asas da psique para a elaboração simbólica do que o símbolo significa desde sua aparência imediata e literal até sua realidade mais remota e misteriosa, que situa suas raízes arquetípicas nos confins da eternidade e do infinito. É a imaginação que nos permite visitar a imensidão do Cosmos e, ao fazê-lo, vivenciar a raiz da psiquê na inteligência do Universo.”<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Cf. Annick de Souzenelle, *O Simbolismo do Corpo Humano*, 1991, cap. 3.

<sup>17</sup> “A individuação é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É portanto um processo de *diferenciação* que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural; e uma coibição dela por meio de regulamentos, preponderante ou até exclusivamente de ordem coletiva, traria prejuízos para a atividade vital do indivíduo (...) Uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao *isolamento*, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente.” Cf. C. G. Jung, *Tipos psicológicos*, 1971, p. 426.

<sup>18</sup> Estes princípios são descritos em Deldon Anne Mcneely, *Tocar*, 1987, p. 53-58. Ver também um interessante estudo sobre as referências de Jung ao tema do paralelismo psicofísico em Rosa M. Farah, *Integração Psicofísica*, cap. 10.

<sup>19</sup> Carlos A. B. Byington, *Pedagogia Simbólica*, 1995, p. 276.

O mundo simbólico da Alquimia é uma das fontes alimentadoras dos processos imaginativos.<sup>20</sup>

Jung resgatou a Alquimia<sup>21</sup> introduzindo-a na Psicologia. No simbolismo alquímico via a expressão do processo de desenvolvimento da personalidade, do processo de individuação. Através da imaginação<sup>22</sup> o alquimista esperava transformar a matéria, libertando o espírito que nela estava escondido. A alquimia medieval procurava produzir um corpo sutil, encontrar a “pedra da invisibilidade” ou “pedra etérea”<sup>23</sup> assim como a alquimia chinesa buscava o “corpo diamantino”. O diamante, por sua transparência, fogo e dureza, é um símbolo da imortalidade que se alcança através da transformação do corpo.<sup>24</sup> Na psicologia junguiana, a conquista da imortalidade está relacionada com a realização do si-mesmo.<sup>25</sup>

A obra junguiana vem me guiando neste processo, funcionando como a espinha dorsal que sustenta a busca de integração entre o que está “em cima” e o que está “embaixo”<sup>26</sup>, entre as distintas mas inseparáveis dimensões da matéria e do espírito.<sup>27</sup> Esta busca já começara cedo, ainda no colégio secundário quando me apaixonei pela psicologia e pela química, tendo prestado vestibular em ambas as disciplinas.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, cap. XII, p. 271-327, é apresentado o contexto histórico do surgimento da Alquimia no Ocidente, o seu papel criativo na imaginação cultural, sua relação com o Cristianismo e seu ocultamento juntamente com a supressão da imaginação pelo positivismo científico.

<sup>21</sup> “A alquimia é uma ciência natural que representa uma tentativa de entendimento de fenômenos materiais na natureza; é um misto da física e da química desses tempos remotos e corresponde à atitude mental consciente daqueles que a estudaram e se concentraram no mistério da natureza, em especial dos fenômenos materiais. Também é o princípio de uma ciência empírica.” Cf. Marie-Louise Von Franz, *Alquimia*, p. 15.

<sup>22</sup> Para o alquimista a “imaginação” é “um extrato concentrado das forças vivas do corpo e da alma.” Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 290.

<sup>23</sup> Veremos mais adiante, na análise do processo da autora, referências a diversos símbolos alquímicos. O símbolo do “lapis” ou pedra dos filósofos designa tanto o início como o fim do processo alquímico, e é associada analogicamente à imagem de Cristo. O trabalho alquímico era o “opus” ou obra e tinha como meta atingir, através da fórmula alquímica “solve et coagula” - dissolva o corpo e coagule o espírito - a pedra filosofal. Cf. Arnold Mindell, *O caminho do Rio*, p. 125, onde encontra-se a descrição do opus alquímico em linguagem acessível e C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, 1991.

<sup>24</sup> C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 446.

<sup>25</sup> O si-mesmo ou self expressa a unidade e a totalidade da personalidade. Cf. C. G. Jung, *O eu e o inconsciente*, 1971, Parte II “Individuação”, p. 47-115. “O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou este centro de self (si mesmo). Quando inconsciente e inconsciente vem ordenar-se em torno do self, a personalidade completa-se.” Cf. Nise da Silveira, *Jung: vida e obra*, 1981.

<sup>26</sup> Esta polaridade é expressa de modo peculiar pelo antigo texto *Tábua de Esmeralda ou Tabula Smaragdina*, onde se acham inscrições atribuídas a Hermes Trismegisto, “o três vezes grande”: “O que está embaixo é igual ao que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar o milagre de uma só coisa.” Cf. Anick de Souza, *O simbolismo do corpo humano*, p. 15.

<sup>27</sup> Espírito aqui refere-se ao mundo da unidade primordial que encontrará sua manifestação na matéria. Idem, ibidem, cap. I., p.15-18. O “em cima” é o mundo “espiritual” e o “embaixo” é o mundo material.

Penso que a alquimia como é resgatada por Jung<sup>28</sup> me reinsere no cerne da questão de minha procura da unidade corpo-mente. É no reino intermediário entre matéria e espírito que podemos realizar esta transformação, isto é, na dimensão simbólica<sup>29</sup>, através da expressão criativa da imaginação, dos sentimentos e sensações. Esta caminhada em direção à inteireza da personalidade não se faz seguindo um programa predefinido, mas sim de acordo com um modo de ver fenomenológico, tal como os alquimistas, que perguntavam pelo fenômeno desconhecido da matéria deixando que ela se manifestasse.<sup>30</sup>

Com certeza, o teor desta busca manifestou-se mais remotamente, na puberdade, quando participava do ritual da Missa na Igreja Católica de minha cidade natal. A vivência de contemplação das imagens sacras e das palavras proferidas sobretudo no ofertório (o sacrifício do pão e do vinho) - o mistério da transubstanciação - causava-me fascínio, pressagiando e preparando o contato que se daria no futuro com a mesma questão no âmbito da psicologia.

Como se daria esse processo transmutativo onde o corpo simbolizado pelo pão e o sangue (alma) simbolizado pelo vinho, reúnem-se formando um novo corpo, um corpo que também é alma e espírito?

Como redimir a matéria divina do corpo?<sup>31</sup> Nenhuma transformação é possível sem o estar no mundo, existindo e dando sentido à própria vida.

---

<sup>28</sup> Contudo uma ressalva há que ser feita: “Jung foi o grande resgatador da Alquimia européia, no que concerne à riqueza dos significados psicológicos no imaginário alquímico. No entanto, no que concerne à sua interpretação da inter-relação da Alquimia com o Cristianismo, discordo do mestre em um aspecto importante. Para Jung, o Cristianismo é uma religião masculina, patriarcal e espiritual que foi compensada pela Alquimia com sua simbologia terrena, matriarcal e feminina. Já, na minha maneira de ver, foi a Inquisição que reduziu o Cristianismo institucional a uma religião masculina, patriarcal e espiritual desencarnada da sensualidade, da terra e do feminino. A partir dessa perspectiva, percebo a Alquimia como resgatadora da simbologia terrena, matriarcal e feminina que sempre existiu no Mito Cristão, para relacioná-la diretamente com o dinamismo espiritual, patriarcal, masculino, dentro do dinamismo de alteridade que caracteriza o mito. Ao meu ver, nem sempre Jung diferencia devidamente o Cristianismo do Mito e da deformação institucional.” Cf. Carlos A. B. Byington, *Pedagogia simbólica*, p. 297.

<sup>29</sup> “O símbolo não é nem abstrato nem concreto, nem racional nem irracional, nem real nem irreal. É sempre as duas coisas...” Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 295.

<sup>30</sup> “A meta do alquimista era o seu método! (...) Ele não estava primariamente interessado na criação de uma panacéia como os atuais psicoterapeutas. O verdadeiro alquimista era alguém que se constituía por assim dizer em seu próprio ponto de chegada. Ele tentava seguir processos e percebeu que, quando conseguia acompanhar a natureza, nada mais era preciso. Seu opus era seu método, a postura de seguir religiosamente a natureza (...) Sua meta era o incessante processo de desdobraimento.” Cf. Arnold Mindell, *O Caminho do Rio*, p. 128.

<sup>31</sup> Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 324.

### 3.3. A cobertura fenomenológica

Fui apresentada ao “admirável mundo novo” da fenomenologia no curso de pós-graduação, pelas mãos bondosas de minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Yolanda Cintrão Forghieri.

Encontrei na sua construção de uma *psicologia fenomenológica*<sup>32</sup> algo que vinha procurando há muito tempo: uma forma de investigar o fenômeno humano que levasse em conta a vivência. Esta proposta parecia-me capaz de abrigar e dar condições de viabilidade para o meu projeto que pretendia abordar o fenômeno do corpo na existência.

*Nosso corpo não é uma estrutura existindo por si mesma; e estende-se muito além de nossas sensações do momento, pois não encontramos-nos, apenas, fisicamente localizados num determinado lugar, mas expandimo-nos em nosso existir-no-mundo; um mundo que é constituído não apenas de sensações, mas de significações. Os limites de minha capacidade coincidem com os limites de minha abertura ao mundo; eles são idênticos em cada momento, mas, estão sempre mudando de acordo com minhas novas experiências e a amplitude ou restrição com as quais eu as vivencio.*<sup>33</sup>

Em sua proposta metodológica para a investigação da vivência identifica dois momentos paradoxalmente inter-relacionados e reversíveis constituintes da redução fenomenológica (a retomada da experiência vivida para refletir sobre ela): o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo. Um e outro são integrantes de um único movimento compreensivo.

Considero suas contribuições como a estrutura de meu telhado: sem ela não teria sido possível sustentar outros pontos de vista - fenomenológicos - que se me apresentaram posteriormente. Pude perceber que todos eles estão amarrados numa mesma perspectiva, a de um conhecimento inseparável da experiência e que busca o sentido da experiência vivida.

Em minha incursão pelos campos da fenomenologia, encontrei novos olhares que contribuíram para a reflexão de minha prática profissional. Fui iniciada nos princípios básicos do pensamento heideggeriano, que discute a questão do Ser.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Yolanda C. Forghieri, *Psicologia Fenomenológica*, 1993.

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*, p. 30.

<sup>34</sup> Meu contato com as idéias heideggerianas se deu num grupo de estudos sobre fenomenologia existencial, do qual venho participando há 4 anos sob a coordenação do psicólogo e psicoterapeuta João Augusto Pompéia, um dos membros fundadores e associados da Associação Brasileira de Daseinsanalyse de São Paulo (fundada em 1973 como

Nesta perspectiva, o homem está fundado no não-ser. Ser humano é ser falta. A falta é constituinte. A partir da perspectiva do não-ser é que se apreende a possibilidade de ser; é a condição do não-ser que promove a busca do ser, do movimento essencial de vir-a-ser.

Portanto, o fundamento do propriamente humano está no futuro, no seu destinar-se.

Ser ou não-ser não se coloca como questão. Estar sendo, vindo-a-ser, construindo uma identidade, realizando uma história e fazendo da vida uma história: eis a questão.

Esta historização se configura no modo de ser inerente ao humano que é sendo-no-mundo.

### **3.4. O espaço potencial winnicottiano**

Na visão de homem winnicottiana apresentada por Safra<sup>35</sup>, é aberto um campo epistemológico para se pensar a experiência humana. Encontrei nele espaço para o desenvolvimento de novas possibilidades reflexivas acerca de meus referenciais teóricos e metodológicos. Pude encontrar inspirações para o meu trabalho clínico e recebi um novo alento na utilização de minha capacidade imaginativa e na criação de novos significados para questões antigas pelo conjunto de suas contribuições e em especial pelo *método artístico na psicanálise*.<sup>36</sup>

Admito que eu possa não ter uma apreciação justa do modo de ver winnicottiano, por uma tendência a tomar com sofreguidão aqueles aspectos que falam diretamente a questão do corpo; no entanto posso afirmar em minha defesa que a dimensão da sensorialidade é fundamental nesta visão e ela não admite existência autêntica ao que não transite por esta dimensão.

Eis algumas concepções de Safra, recolhidas de seus ensinamentos e incorporadas em meu repertório existencial (permeando inclusive a construção do trabalho desta dissertação):

A organização orgânica e sensorial está sustentada sobre o universo simbólico.

A capacidade simbólica é entendida como inerente ao ser humano.

A realidade se constitui na construção do símbolo. A realidade não preexiste ao sujeito; a realidade é *apercebida* pois ao mesmo tempo que a constituo, ela me constitui.

---

Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial-Daseinsanalyse). A proposta deste grupo não se restringe a leitura de Heidegger na fonte ; busca a amplificação de suas idéias, através de temas escolhidos pelos integrantes do grupo. (A temática da morte foi a primeira a ser explorada).

<sup>35</sup> Gilberto Safra, *Momentos mutativos em Psicanálise: uma visão winnicottiana*, 1995.

<sup>36</sup> Nome da disciplina oferecida por Gilberto Safra, no curso de pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP (1995 e 1996).

O indivíduo constitui sua subjetividade num campo cultural e simbólico. Toda criação humana é simbólica, no sentido de que articula subjetividades.

Os símbolos se *apresentam* de forma articulada na experiência de existir. O sujeito tem participação ativa na construção da vida imaginativa, construindo diversos níveis de experiência no mundo. Cada movimento psíquico é uma construção do sujeito.

O campo do imaginário se constrói ao nível das sensações físicas (táteis, visuais, auditivas, olfativas). A vida imaginativa está alojada no corpo.

O corpo se apresenta na experiência de existir, no movimento existencial. Ele se organiza dentro de um espaço e tempo e de acordo com o código semântico da cultura sendo constantemente humanizado, personificado e habitado. O corpo se transforma de acordo com a experiência - está em constante metamorfose.

A perspectiva winnicottiana tem contribuído sobremaneira para a reflexão sobre uma nova forma de pensar a clínica, uma clínica “humanizada” que trata o outro que sofre e necessita de nossos cuidados não como uma entidade nosológica ou como sujeito de nossas formulações psicologizantes que só servem para substancializar a psique humana. Propõe como tarefa analítica, o mergulho no universo semântico (não apenas discursivo) do paciente para acompanhar todos os movimentos de construção de seu self<sup>37</sup> que está em contínuo vir-a-ser. Na relação analítica cria-se uma terceira área de experiência - a dos fenômenos transicionais - espaço da descoberta, do jogo, do brincar. O espaço transicional é o espaço onde o indivíduo cria cultura própria, constrói um idioma, é o espaço de busca de significados, onde são potencializados aspectos não desenvolvidos na sua história de vida para colocá-los em evolução.

Até o presente momento, posso afirmar que meu corpo se constituiu com a contribuição destes autores (autores do próprio corpo) que continuarão presentes no decorrer desta dissertação, implícita ou explicitamente. Eles foram meus construtores.

No espaço possibilitante deste meu trabalho, deixarei que todos eles se expressem através de mim e simultaneamente me expressarei através deles. Além de terem sido meus construtores, serão meus intercessores.<sup>38</sup> Eles estarão trabalhando a favor do movimento criativo da

---

<sup>37</sup> Winnicott trata da busca da constituição de ser como a busca do self, alcançado através do processo criativo do brincar. Cf. D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*, 1971, cap. IV, p. 69-94.

<sup>38</sup> O uso que faço aqui da noção de *intercessor* foi inspirado pela leitura da dissertação de mestrado de: Rubini, Rosana, *O indizível na clínica: uma experiência com Martin Heidegger e Gilles Deleuze*, Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997, p. 31-34. A autora escolhe abordar conceitualmente a

constituição do meu corpo, do corpo dos alunos e conseqüentemente do corpo do trabalho.

A partir de agora, prossigo nesta minha jornada construtiva, contando com o corpo de dois autores que tiveram a função específica de me guiar na realização de minha pesquisa prática, ajudando-me na constituição de meu corpo metodológico e que só vieram a ser plenamente “incorporados” como participantes da estrutura de minha “casa-corpo” na finalização deste trabalho.

Tudo o que eu venha a dizer *sobre* o corpo não terá valor se não for fruto de um movimento original, de um pensamento original (e portanto de uma fala original), pois estou justamente interessada no *como se processa a constituição de um corpo*. Para responder a esta questão, a visão filosófica é essencial. Ela iluminará nosso percurso na nossa investigação do fenômeno do corpo.

---

questão da clínica do indizível na clínica psicológica se utilizando de autores da filosofia e não da psicologia, e encontra respaldo para esta escolha justamente em Gilles Deleuze, “Os intercessores”, In: Conversações, R.J., Editora 34, 1992, pp. 151-158.

### III - O CORPO METODOLÓGICO

Como já dito, encontrei na Fenomenologia um abrigo para a reflexão do fenômeno do corpo na existência. Trato de apresentar na seqüência as contribuições de dois pensadores da filosofia da educação: Dulce Mara Critelli e Mauro Martins AmatuZZi.

Em Critelli encontro um caminho metodológico possível para a realização da minha pesquisa. Tomo o texto da autora sob meus cuidados, emprestando dela o seu olhar filosófico para depois me apropriar efetiva e afetivamente dele na minha pesquisa, dando-lhe *consistência ou autenticando-o* através do relato de meu processo expressivo através da pintura acrescido do relato do processo vivido por meus alunos - pesquisa “sentida” do corpo - no decorrer do curso de Integração Fisiopsíquica.<sup>39</sup>

A dimensão da fala é prioritária para o olhar da Analítica do Sentido. As reflexões de AmatuZZi sobre o ato de dizer (fala autêntica) no contexto educativo, trazem preciosas orientações para minha caminhada fenomenológica, que foi instrumentada pelo recurso da *Versão de Sentido*<sup>40</sup>, também de sua lavra.

Tanto o olhar fenomenológico como a fala autêntica, atravessam todo o percurso desta dissertação. É de extrema importância que nos detenhamos mais acuradamente nestes dois autores, segundo o olhar e a fala deles mesmos, expondo suas propostas metodológicas, para que possamos compreender o tratamento ou cuidado dado para minha pesquisa.

Encarrego-me também de apresentar as idéias dos dois autores para que o leitor possa se aproximar de meu processo de pesquisa com um sentido de olhar e de fala renovados (com os sentidos mais apurados).

O pensamento destes autores trabalha a favor de meu esforço de compreensão do fenômeno do corpo, tendo influenciado fortemente o modo como eu conduzi este trabalho.

Uma pequena digressão do modo como fui tocada pelo olhar de Critelli introduzirá a apresentação da sua proposta metodológica.

---

<sup>39</sup> Disciplina ministrada no 5º ano da Faculdade de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP-SP).

<sup>40</sup> Versaremos sobre a *Versão de Sentido* na parte 2 deste capítulo.

## 1. O OLHAR FENOMENOLÓGICO: A analítica do sentido

No segundo semestre de 1995, fiz um curso com Critelli, com o sugestivo nome de *Metodologia fenomenológica de investigação e análise do real: Analítica do Sentido*. Esboçava um caminho metodológico possível a partir da fenomenologia. Este curso nos convidava a nos aventurarmos em busca do sentido de Ser, para voltar nosso olhar para “as coisas mesmas” (Husserl), suspendendo, colocando entre parênteses o nosso olhar habitual.

A primeira pergunta colocada foi: como podemos nos aproximar e interpretar o real com a retirada da lente da metafísica?

A metafísica (na concepção heideggeriana) é a estrutura básica na qual o homem ocidental constituiu sua maneira de ser, é através dela que o pensar e o ser do homem se desenvolveu. O pensamento ocidental é marcado pela busca de um conhecimento definitivo, a verdade absoluta, una e imutável. A fenomenologia põe em questão a relatividade da perspectiva deste modo de pensar, que retirou o pensar do mundo e da existência e propõe o voltar às coisas mesmas para olhar o que pode aparecer para além daquilo que pode aparecer pela ótica da metafísica.

Neste curso (o último que faltava para completar os créditos) encontrei eco para algumas questões que permaneciam sem resposta satisfatória até então em toda a minha trajetória no mestrado. Perguntava-me:

Para que fazer ciência se esta parece se contrapor sistematicamente à *vida como ela é*, alijando do processo de conhecimento as incertezas, as dúvidas, as emoções? Qual o método de investigação adequado ao fenômeno humano? Como resgatar para o discurso e prática científicas a dimensão do ser e da existência?

Em 1996, comecei a escrever a minha pesquisa de mestrado que foi se configurando justamente como de orientação fenomenológica e especificamente a da Analítica do Sentido, que é considerada pela autora, como *uma* das articulações metodológicas possíveis da aproximação e interpretação do real, coincidindo com a publicação de seu livro sobre este tema - “*Analítica do Sentido, uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*”-, cujo texto minucioso, didático e conciso, solicita uma observação atenta e cuidadosa, para que não se perca o fio da meada.

Difícil é falar sobre suas idéias, por ser sua linguagem muito rigorosa - como é próprio do filósofo (e do poeta) - e mais do que isto, por tratar da desconstrução das bases do saber metafísico que ao ser confrontado vai propiciando o desvelamento de uma nova orientação ou uma nova ontologia, nas palavras da autora. É uma verdadeira viagem na dimensão do ser, uma incursão pela história do pensamento ocidental, partindo dos principais filósofos construtores do saber metafísico e indo aportar nos existencialistas Martin Heidegger e Hanna Arendt, em cujas obras a autora se fundamenta. Sua proposta metodológica vai se descortinando de um modo fenomenológico, ora se mostra, ora se oculta, provocativa de um efetivo pensar: o pensar o sentido de se ser.

A Analítica de Sentido coloca-se como uma orientação quanto aos paradigmas que constituem o olhar que vê e a manifestação do que se busca, visando uma reformulação da postura epistemológica do pesquisador.

Como estamos frente a um texto filosófico, com linguagem filosófica, escolhi apresentar o caminho trilhado pela autora, através de um relato<sup>41</sup> que procura organizar sucintamente suas idéias. Isto se faz necessário para acompanhar todas as sutilezas de um pensar que se propõe como um pensar diferente da tradição (metafísica).

Descortino a panorâmica da Analítica do Sentido, o seu movimento característico, dando destaque aos pontos principais que, suponho, foram norteadores na orientação do meu olhar-de-espanto na aventura de minha investigação (de minha pesquisa). Eles serão apresentados em tópicos, que receberam títulos inspirados naquele agrupamento de idéias. Eles assinalam como que as estações do meu percurso.

Nas palavras da autora, “pensar fenomenologicamente não é o privilégio nem o estilo de alguns filósofos, mas é um modo essencial de pensar que está dado como condição ontológica a todo homem, indistintamente.”<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> “Escrevendo o que faz sentido escrever”, Cf. Mauro M. Amatzuzi: O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico, em *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 7 (1), pp. 1-12, 1991. Fui envolvida no ato da leitura pela necessidade de deixar registrado minuciosamente o caminho metodológico esboçado e sugerido pela autora, um caminho original, que parecia dar sentido para o meu próprio caminho.

<sup>42</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 23.

### **1.1. A relatividade da perspectiva e a relatividade da verdade:**

Para o pensamento metafísico, a verdade é una, estável e absoluta, e só há uma perspectiva para a compreensão da verdade do real. O conhecimento é visto como produto da superação da insegurança do existir. Descartes procura um ponto de segurança para o pensar (Cógito), fora da insegurança da existência. A busca da segurança baseou-se na dúvida sobre si mesmo, lançando para fora do mundo qualquer possibilidade do domínio sobre o real e sobre suas idéias.

Para a fenomenologia, “a relatividade da perspectiva do saber e da verdade do ser, abre-se como ponto inseguro, mas próprio do existir (ser).”<sup>43</sup> A aceitação da insegurança permite o conhecimento. A possibilidade de conhecimento está subordinada às possibilidades existenciais.

### **1. 2. Sobre o pensar:**

O pensar fenomenológico é o pensar o sentido da existência, da experiência de vida tal como ela está se dando, de modo fluido, mutável, sem a ilusão de uma fixidez. O mundo é inóspito por natureza, não posso controlá-lo mesmo que eu possa controlar os fenômenos da natureza.

O pensamento ocidental positivista utiliza dos procedimentos de observação, classificação, generalização e controle para fazer uma identificação precisa da realidade - atitude racionalista. O pensamento metafísico transmite a noção de que o mundo é objetivo e controlável fazendo o homem habitar o mundo controlando-o representativamente. A representação do real é o único lugar onde o real se torna seguro.

Descartes reconhece a insegurança e crê que ela é fruto do engano (produzidos pelos sentimentos e sensações) e a quer transformar pela segurança do saber. O Cógito é o lugar seguro onde o mundo é representado por meio de idéias claras e distintas.

Para a fenomenologia, a perspectiva da insegurança faz parte do modo de ser do próprio ser.

Nas condições em que a vida é dada ao homem, o mundo que ele habita é inóspito. Ele não se apresenta como um lugar seguro, um abrigo onde nossa fixação é garantida. Viver no mundo é habitá-lo em sua condição ontológica de inospitalidade. Daí, sermos “hóspedes da Terra”, e não

---

<sup>43</sup> Idem, ibidem, p. 13.

seus habitantes, no dizer de Critelli.<sup>44</sup> A inospitalidade do viver não pode ser suplantada uma vez que o homem está em contínuo processo de vir-a-ser, em incessante transmutação dos sentidos de se ser. Esta é a condição de *liberdade* do próprio homem.

Para a metafísica o lugar do ser é o ente indivíduo enquanto para a fenomenologia o lugar do ser é o mundo. “É o sentido de se ser no mundo, como homens, cuidando concreta e expressamente de habitar o mundo e interagindo com os outros homens, o que provoca o pensar fenomenológico”.<sup>45</sup>

Enquanto que para a metafísica, o exercício do pensar é feito na segurança da representação, para a fenomenologia, só na experiência da angústia é que o homem pode se lançar na aventura de pensar, quando ele é colocado perante o vazio da perda do sentido de ser.

Se a trama significativa do mundo se rompe, fica-se sem rumo, sem sentido. Perde-se o entrelaçamento significativo (não o significado) e o mundo aparece na sua inospitalidade e a ontológica liberdade humana se apresenta. Diante dela, eu sou levada a pensar. “O pensar é um poder, um vigor, uma força que emerge do próprio ser-no-mundo e instaura o homem na sua humanidade, na sua fundamental provocação para ser.”<sup>46</sup>

O pensamento faz parte da estrutura ontológica do homem. Pensar é articulação de sentido no âmbito da existência; raciocinar (Cógito) se articula no âmbito da conceituação.

### 1. 3. Sobre o método:

O que é um método? Método é caminho, modo de se buscar, interrogar, investigar pelo ser de algo (saber *o que é, e como é*).

A identidade do método é determinada por esta pergunta e pelo que se compreende que ser é, de modo que “a caracterização de uma metodologia de investigação e análise passa necessariamente pelo esclarecimento de o que se compreende por ‘ser’ ”<sup>47</sup>, ou seja, de uma prévia interpretação de ser que se desdobra em três dimensões:

---

<sup>44</sup> Cf. Dulce M. Critelli, anotações de aula do curso: *Metodologia fenomenológica de investigação e análise do real: Analítica do Sentido, ministrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no 2º semestre de 1995.*

<sup>45</sup> Idem, *Analítica do Sentido*, p. 23.

<sup>46</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

<sup>47</sup> Idem, *ibidem*, p. 27.

Prévia compreensão de ser:

Para a metafísica ser é essência, é identidade do ente. A essência se torna aparente, patente, na idéia ou conceito do ente. A essência aparente tem que ser estável, permanente. Ser e idéia coincidem.

Para a fenomenologia o ser coincide com a aparência do ente (a manifestação). O ser é aparente não na idéia, mas na própria aparência, no como algo nos aparece. A aparência (o ser) é impermanente. Ser e aparência coincidem.

Lugar de acontecimento (do ser):

Para a metafísica o ser reside atrás do ente pois aparência não tem confiabilidade, é enganosa. O lugar de manifestação do ser dos entes é a zona escura por trás das aparências.

Para a fenomenologia a aparência é legítima, o ser está no ente, naquilo que se mostra e o seu lugar de acontecimento é o mundo, o ser-no-mundo.

Horizonte de explicitação (do ser): Na metafísica está na precisão metodológica do conceito (representação), enquanto que para a fenomenologia está no existir.

***1.3.1. O método na tradição metafísica:***

Para Platão, o mundo da manifestação é o mundo sensível, não é real, é feito de sombras e reflexos onde a verdadeira realidade se reflete; o mundo real é o que preexiste, é estável e não se degenera. Para ele, o ser dos entes é a idéia dos entes. A verdade fica fora do ente porque o ente é falso. A encarnação provoca o obscurecimento do saber. O exercício do conhecimento que implicaria no domínio das paixões e no desapego do corpo é um caminho de recordação. A verdade preexiste, é ideal.

Para Aristóteles, o ser de um ente é a idéia de um ente. A idéia está neste mundo, no mundo da presença é um dos princípios originários do ente, sendo que o segundo é a própria matéria. Para se apreender a forma do ente, empreende-se um processo lógico-racional. A idéia é pois a noção através da qual se informa a matéria.

No Ocidente esta foi a primeira vez que o pensar surgiu como um processo de produção de idéias, sustentado pela pré-compreensão do ser como a substância dos entes. O ente, sendo em si mesmo, pede uma consciência em si, independente dele. Esta é a pedra do fundamento dos

conceitos de sujeito e objeto.

Com Aristóteles, a patência (permanência) da substância dos entes, a patência do conceito é o lugar de expressão da substância. Já com Descartes, esta patência conceptual se torna objetivação. A realidade é tomada como um objeto a ser medido, manipulado e controlado. Os procedimentos de observação, classificação, generalização e controle são usados para se conhecer a realidade. O ente objetivado é resultado do procedimento da razão que representa o ente como objeto empírico, o qual se impõe como realidade.

A objetividade proposta pela metafísica, como analisa a fenomenologia, não é possível no ente. Em verdade, ela está na representação que se faz do ente. A objetividade é, portanto, um atributo da representação e não da coisa em si. A objetividade é conceptual e não da coisa mesma.

A consciência na perspectiva da tradição metafísica torna-se sinônimo de razão e a verdade é tida como absoluta: una, estável, imutável e com qualidade conceptual. Através da história metafísica no Ocidente, o conceito de identidade do ente ganha perenidade, ocorrendo uma entificação ou *esquecimento do ser* (Heidegger). Houve um descarte do ser e

sobre o descarte que Descartes realiza do ser como tarefa para o pensar, nossa civilização ocidental conquistou a chance de seu desenvolvimento técnico, científico, industrial, comercial, ideológico. Todo modelo de produção material/econômica do mundo apoia-se na noção de ser e, portanto, de todas as noções dela derivadas, como as questões do tempo, do espaço, do homem, do mundo, da história.<sup>48</sup>

### ***1.3.2. O método para a Fenomenologia (a busca do sentido de ser que se mostra na aparência):***

O ser do ente não é essência e ela está no aparente. A aparência é legítima, está no modo de manifestação do próprio ser. O ser não está na idéia que se faz do ente, está no próprio ente e o que aparece é impermanente. Ser e aparência coincidem. O ser se manifesta no existir.

A realidade é fenomênica - as coisas não são coisas em si ou objetos pois as coisas aparecem para um olhar. O jogo do aparecer também é o jogo do esconder-se, pois “o mostrar-se é fenomênico porque ao mesmo tempo que algo se mostra, está também ocultando algo de si

---

<sup>48</sup> Idem, ibidem, p. 35.

mesmo.”<sup>49</sup>

Além disto, a condição de aparecer tem a pluralidade: o múltiplo é constitutivo. *A pluralidade é a lei da terra.* (Arendt).

A coisa tem várias possibilidades de aparecer, a revelação não é pura, o significado não está na coisa mas na trama na qual ela pode aparecer.

O ser se faz aparente no ser-no-mundo; é aí que ele se expõe em sua plenitude, e é aí mesmo que ele desaparece. Como expressa Arendt, o aparecer, essa qualidade ou poder que as coisas têm de ser/aparecer, não pode ser compreendido como mera manifestação, mas como uma epifania: o momento temporal em que alguma coisa permanece no ápice de sua aparência. Mas tal temporalidade pode ser compreendida neste aparecer das coisas porque ela é a experiência mesma dos homens, o intervalo entre o seu nascer e o seu morrer.<sup>50</sup>

O lugar da epifania é o ser-no-mundo com o outro.

A trama de significados está no mundo humano, na trama que é o próprio mundo “e é à existência que a significação pertence. Nunca às coisas nelas mesmas. Em si mesmas, as coisas não passam de meros troços.”<sup>51</sup>

Ser é tarefa para o homem que compreende ser como uma das possibilidades que realiza. O modo pelo qual os entes realizam seu ser é uma das formas de compreender ser. Ser é uma possibilidade que entre todos os entes só o homem percebe, é como um movimento que ele realiza - o homem está sendo.

O homem pergunta sobre ser porque ser é algo que se apresenta a ele. Ser não é um problema do mundo objetivo, mas é para o homem porque ele pode perceber ser. O ser é uma questão para o homem, o homem tem que dar conta de ser, encarregar-se de ser. O modo mais fundamental de ser para o homem é *cuidar de ser* (Heidegger).

O homem reconhece ser como sua propriedade: o ser lhe pertence e ele tem que dar conta do ser; como facticidade: o homem é entregue a ser, não pode se recusar a ser; como horizonte:

---

<sup>49</sup> Idem, ibidem, p. 40.

<sup>50</sup> Idem, ibidem p. 40.

<sup>51</sup> Idem, ibidem, p. 45.

ser é uma possibilidade que está determinada pelo horizonte do morrer. Ser é vir-a-ser, é projetivo.

O destinar-se a ser é o sentido de ser. “Sentido é, para nós, o mesmo que destino, rumo, a direção do existir.”<sup>52</sup>

#### **1.4. A dança circular do ser no jogo de mostrar-se ou o movimento circular do aparecer:**

“Fenômeno é o ente mostrando-se”<sup>53</sup>, é o que se traz à luz de um olhar. Tudo o que aparece, aparece à luz de um olhar (intencionalidade de consciência). Há um entrelaçamento entre o olhar e o que se mostra.

Este jogo do mostrar-se ocorre num movimento de mostrar-se e esconder-se, pois o esconder-se faz parte de um dos modos de mostrar-se do ente. O esconder-se é um mostrar-se *como o que é como ele não é*. Este movimento só pode ser fixado na sua representação, por meio do conceito.

No horizonte existencial, os entes são trazidos à luz no jogo do ser-no-mundo. “O jogo do ser-no-mundo, em que a coisa e o olhar se encontram, é um movimento primordial, origem do próprio aparecer da coisa e do acontecimento do olhar.”<sup>54</sup>

O olhar está entrelaçado com o referencial do mundo em que se habita.

Há três possibilidades do ente mostrar-se no seu ocultamento (Heidegger):

O parecer ser: é o que se chama de visão de ótica de alguma coisa que ao ser aproximada mostra-se outra coisa; é um modo do ente mostrar-se até um outro parecer ser. O parecer ser de algo faz parte de sua realidade. Do ponto de vista da metafísica, este parecer ser das coisas é considerado um engano que se tenta eliminar.

A aparência: “entes que se mostram a si mesmos, mas, através de si mesmos, mostram outros entes que, por si mesmos, não podem se mostrar.”<sup>55</sup> Por exemplo, a bandeira que mostra a pátria. Os signos, sintomas, ícones, símbolos, fetiches, e as emoções são exemplos deste aparecer como aparência (no seu ocultamento).

---

<sup>52</sup> Idem, ibidem, p. 53.

<sup>53</sup> Idem, ibidem, p. 55.

<sup>54</sup> Idem, ibidem, p. 61.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 59.

A mera aparência: quando algo é uma simulação, uma aparência para algo que não vai aparecer. Por exemplo, fofocas, boatos, anúncios, objetos de plástico, etc.

Estes três níveis de ocultamento são normalmente intercambiáveis, no mostrar-se de um ente. E aquilo que a coisa já não é mais (o que pareceu ser, a aparência e a mera aparência) continua fazendo parte do universo de aparências em que ela se mostrou (exibir é mostrar-se e ocultar-se).

O mostrar-se das coisas que são se dá de modo ininterrupto; o seu ser se modifica quotidianamente no seu aparecer constante para alguém.

Deste modo, o que é considerado metafisicamente como engano não é algo que para a fenomenologia deva ser extirpado do processo de conhecimento. Todas as aparências são legítimas. O sentido se mostra numa diversidade de aparências. A metafísica busca uma aparência entre outras para legitimar. Para a fenomenologia há um movimento constante de aparecimento e ocultamento do sentido de ser e maneiras diversas de poder aparecer.

#### ***1.4.1. A coexistência como modo fundamental do aparecer ou o jogo do mostrar-se no jogo do ser-no-mundo-com-os-outros:***

O eu é coexistente, é plural e é singular. Não sou ente individual. pois a coisa só aparece para mim via outros.

A coexistência (ou a pluralidade) é a condição ontológica do homem e não uma característica sua ou atributo resultante da relação do homem com outros homens. É condição ontológica fundante de toda possibilidade de ser, de toda possibilidade de existência.<sup>56</sup>

A coexistência é a condição originária de todo movimento de conhecer (o método).

O existir é o lugar da apresentação de tudo aquilo que existe. O mundo e o homem não são distintos. O mundo não está fora como coisa em si (objeto empírico, por exemplo); o mundo é aquilo que se abre para o homem a partir de sua própria existência. O homem na referência ao ser é capaz de ser abertura iluminante para tudo que existe. O ente é percebido como ente a partir dessa dimensão de iluminação que pode incidir sobre ele.

---

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p. 67.

Ser-no-mundo-com-os-outros é ser o lugar da manifestação (clareira) para um olhar e ao mesmo tempo, ser a iluminação (o olhar) que permite a manifestação.

### **1.5. O movimento de realização (ou o processo propriamente dito de algo tornar-se real):**

Para que as coisas apareçam fenomenicamente, elas precisam ganhar condição de realidade. O processo de realização, é o modo pelo qual o que se mostra ganha sua condição de realidade. Na conquista do estatuto de realidade entram como elementos determinantes, o tempo e a existência.

Este movimento se estrutura em cinco momentos ou passos que se desdobram de modo simultâneo:

#### **1º) Desvelamento:**

É sair do encobrimento. O reino do nada, do velado, do oculto, é um modo de desaparecer ou não-aparecer dos entes ou seja, um modo de mostrar-se dos entes. Desvelar, trazer algo à luz, não é instituir sua presença concreta, mas é um apanhar como possibilidade, e a objetividade da coisa é apenas uma de suas possibilidades. A pretensão da metafísica é que o desvelamento seja perene, tomando o lado objético da coisa como o único ser da coisa e como o único desvendável (e real).

O movimento de realização é simultaneamente um movimento de desrealização, isto é, de velamento, de volta para o escuro, para o reino do nada. O ignorado, o esquecido, o desentendimento, a distração, a atenção desviada ou deslocada, a recusa determinada, a insignificância, o reservar na memória, as formas fenomênicas de mostrar-se - parecer ser, a aparência e a mera aparência, e a própria palavra - são formas do ocultamento.

O desvelamento significa a saída de algo de seu ocultamento - em uma das suas facetas (possibilidades) e por uma época. O desocultamento não se refere a indefinida e indelével patência dos entes em sua exposição à luz. Inclusive porque a coisa sai do ocultamento não no total de suas possibilidades, mas totalmente em uma de suas possibilidades.<sup>57</sup>

## **2º) Revelação:**

Para Merleau-Ponty “a palavra é o duplo do ser” e para Heidegger, “a linguagem é a casa do ser”. O Logos é a capacidade de recolher e expressar o que se mostra tal como se mostra. Esta é a condição ontológica da Fala. “A fenomenologia é a forma de compreender que se empreende como modo do Logos.”<sup>58</sup>

O que aparece é conservado pela linguagem e passível de ser cuidado. O sentido do ser é guardado através das palavras. O registro pela palavra torna tangível o que é desvelado.

A palavra não é sinônimo de conceito. Na linguagem mítica e poética, “a palavra genuinamente acolhe e mostra o sentido de ser. Sentido que a linguagem e o pensamento metafísico, científico não podem revelar, mesmo porque não é sua preocupação buscá-lo.”<sup>59</sup>

Mas a condição de conservação da linguagem só se efetiva com a sua função de comunicação. A condição comunicativa é da condição humana. Comunicar é tornar comum (tornar os homens comuns em sua humanidade).

## **3º) Testemunho:**

O desvelado/revelado ganha consolidação, pela presença e testemunho de outros. A condição de possibilidade do testemunho é condição ontológica da existência. O ser para o homem é um ser plural, co-existencial. A nossa condição de viver é falar com o outro. O homem não é isolado, individual, mas plural. “Os outros, plurais do eu, plurais no eu, são constituintes da realidade do real”.<sup>60</sup>

Não há desvelamento e revelação para fora do coexistir. Coexistir não é o resultado de um agrupar de indivíduos. A *pluralidade* (Arendt) é uma característica estruturante da humanidade

---

<sup>57</sup> Idem, ibidem, p. 74.

<sup>58</sup> Idem, ibidem, p. 76.

<sup>59</sup> Idem, ibidem, p. 77.

<sup>60</sup> Idem, ibidem, p. 78.

dos homens. As coisas existem, os homens co-existem. As coisas aparecem e os homens co-aparecem. “Quando alguém desvela/revela/testemunha algo, é esse mesmo alguém que se torna manifesto com o que aparece.”<sup>61</sup> Este alguém nasce junto com aquilo que foi trazido à luz, sua existência ganha iluminação. E o outro que testemunha também é renascido. “ Sempre somos outros através do desvelamento. A existência sempre se reinaugura.”<sup>62</sup>

Porém nada garante que o desvelado/revelado num testemunho coletivo, seja compreendido do mesmo modo por todos. Somos plurais, constituídos pelos outros em nosso próprio ser, mas somos também singulares.

Os outros homens são constituintes do olhar do eu. A minha possibilidade efetiva de ver depende do outro. O eu não vê o que através do outro não foi instaurado como realidade. Os indivíduos se revelam plurais e singulares pelo jogo de olhares implicados na dimensão do testemunho.. A consciência é plural: “O olhar de cada um é sempre, prévia, ontológica e ônticamente um olhar plural.”<sup>63</sup>

#### **4º) Veracização:**

O que ganha a condição de existente, precisa aparecer, ser testemunhado como existente e também ser considerado verdadeiro. O testemunho pode ser afirmativo ou negativo, mas há necessidade de consenso da verdade. O testemunhado ganha status de verdadeiro através de um critério externo, o da relevância pública. Algo testemunhado como publicamente relevante é considerado verdadeiro. A medida da relevância pública é o fato dela se tornar lícita, permitida, possível. O lícito está no *sensu comum*, na opinião pública.

O jogo incessante de convencimento sobre as verdades que se atribuem às coisas, faz parte do movimento de veracização. O que é considerado publicamente irrelevante através da articulação dos jogos de poder, fica à margem da vida pública e é desrealizado.

A verdade, na concepção ocidental, é o conceito da identidade substancial do ente. Para a metafísica a veracidade das coisas depende da definição conceptual, mas cabe procurar um critério de ponderação de origem existencial.

“A relevância pública de algo é, ônticamente o critério de determinação da verdade, mas

---

<sup>61</sup> Idem, ibidem, p. 79.

<sup>62</sup> Idem, ibidem, p. 80.

<sup>63</sup> Idem, ibidem, p. 84.

seu suporte ontológico é a coexistência (ou pluralidade).”<sup>64</sup>

O horizonte de explicitação do critério da verdade está no tempo das vivências e não na precisão metodológica do conceito.

A concessão de relevância pública a algo, veracizando-o, abre o *sentido de ser*, não mais como um conceito dos entes em relação à sua identidade substancial, mas como o rumo, o norte, o alvo e o princípio, ao mesmo tempo, em relação aos quais se deve *dar conta de ser, de existir*.<sup>65</sup>

### **5º) Autenticação:**

A autenticação não se dá na presença de outros homens, ela se dá na solidão da alma e passa pelo crivo da emoção.

Para a metafísica este movimento de realização do que aparece na experiência individual é considerada empirismo; o verdadeiro conhecimento pressupõe a impessoalidade e a superação do indivíduo, da subjetividade. Descartes submete as sensações e os sentimentos ao crivo do Cógito (Razão), expulsando o singular do processo do conhecimento.

A autenticação dá às coisas sua consistência pela urdidura feita na experiência individual. Tal experiência depende das emoções, dos *estados de ânimo*, segundo Heidegger.

#### ***1.5.1. Sobre as emoções (estados de ânimo) e as escolhas:***

Os afetos dizem respeito a como as coisas e/ou outros nos tocam, pelo modo como as coisas e /ou outros nos tocam em nosso ser-no-mundo.

Na tradição metafísica as coisas são compreendidas fora do mundo da vida e transformadas em coisa em si. O crivo da razão é o que submete as emoções à depuração para corrigir a deformação da realidade. A razão tem função de ponderação, que corrige impressões da informação da realidade.

Para a fenomenologia, a volta às coisas mesmas é necessária para o processo de conhecimento. Nossa compreensão é sempre emocionada. Os sentimentos e sensações são

---

<sup>64</sup> Idem, ibidem, p. 86.

<sup>65</sup> Idem, ibidem, p. 90.

elementos que capacitam a informação do real. Real é real quando tem consistência (e não concretude), dada pela presença das emoções.

Nossa disposição em relação às coisas se dá nos modos de versão e/ou aversão. As emoções estão na base de nossas escolhas. As emoções são o lugar onde a escolha se dá. As nossas escolhas exibem nossa singularidade pois não se fazem por meio da ponderação do pensamento, dos arrazoados (impessoais) do pensamento.

“Os estados de ânimo têm seu próprio *modo de ver*, sua própria racionalidade, seu próprio e peculiar saber.”<sup>66</sup> Os estados de ânimo estão no reino do sentido: “através das nossas emoções é que nosso *ser* e o *ser em geral fazem ou ganham sentido*.”<sup>67</sup> Através deles, o indivíduo é desvelado para si mesmo ganhando identidade e realidade (situa-se como si-mesmo no mundo). Mas não apenas as coisas e o eu alcançam realidade, mas o entrelaçamento de ambos numa trama significativa.

Quando as coisas são abertas em seu significado genuíno, via emoção, podemos perceber a mutabilidade incessante do ser que não está na coisa mas no seu entrelaçamento com as coisas do mundo. E é aí, “na trama de relações significativas em que vamos tecendo e estruturando nossa vida cotidiana”,<sup>68</sup> que o sentido de ser aparece.

### ***1.5.2. O movimento circular de realização do real (a História em construção):***

O real é produto da relação homem-mundo, da inexorável junção homem-mundo.

O real é um modo do homem viver (realizando possibilidades) e ao mesmo tempo é o mundo. Habitar o mundo é habitar um mundo realizado. O real é o resultado de um movimento de realização e ao mesmo tempo sua origem.

Movimento que *dá o mundo*, movimento que *dá ao mundo*, a tudo que nele comparece e ao próprio homem, sua chance de manifestação (ou aparência), seus significados e sentidos.

Uma trama pública coletivamente construída e tornada consistente através de cada homem.<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> Idem, ibidem, p. 100.

<sup>67</sup> Idem, ibidem, p. 94.

<sup>68</sup> Idem, ibidem, p. 99.

<sup>69</sup> Idem, ibidem, p. 101.

O testemunho daquilo que é/aparece (aquilo que se manifesta) em sua relevância pública, confere-lhe estatuto de veracidade, tornando-o digno de registro e duração no tempo, digno de se tornar histórico.

A História é o trânsito do movimento de realização do real, diferente de historiografia que se preocupa com a objetividade do fato. Ela é também registro e conservação do que se realizou e do movimento de construção do real. Não só registro documental ou monumental, mas das inúmeras formas de organização do cotidiano.

O homem é engendrador da história, portando e realizando a história de todos os homens:

Ao nascer cada homem recebe a tarefa de ser *si mesmo*, através das heranças que também recebe: a *humanidade*, uma *historicidade*, uma *saga familiar*, entre outras. Destas heranças, em cada gesto de sua própria e peculiar existência, cada indivíduo tem que dar conta, conjuntamente.<sup>70</sup>

Em cada gesto individual se empreende a possibilidade do gesto da humanidade como um todo. O homem é ontologicamente um *iniciador* (Arendt) que continuamente está recriando o mundo, a si mesmo e aos outros. O movimento de realização é simultaneamente plural e singular.

O movimento de realização depende do movimento de objetivação para que o que se tornou real se mantenha real, e seja conservado na História.

## 1.6. Sobre a Objetividade e o Movimento de Objetivação:

Metafisicamente, a noção de objetividade é a noção de materialidade, da pura concretude, da idéia (conceito) sobre a coisa, da objetividade do conceito (representação), e não das coisas em si mesmas.

Desta perspectiva, objeto empírico não é a coisa em si, mas a representação da coisa. Real é resultante da conversão da coisa em objeto empírico e se pronuncia através da representação. O que é objetivo, é resultado de um procedimento lógico, pertence ao método e não à realidade daquilo que está se apresentando. A pretensão é de se realizar o conhecimento sem a subjetividade e sem o erro. A objetividade é objetividade da representação que está “na patência, na

---

<sup>70</sup> Idem, ibidem, p. 103.

durabilidade e na imutabilidade do conceito formulado e, portanto entificado.” *A objetividade é conceitual.*

Para a fenomenologia, o objetivo se funda na *presença* da coisa, depende do mostrar-se, do aparecer. *A objetividade é existencial*, está no mundo, fundada na presença do que é/aparece e não no conceito ou idéia do mundo. O real é uma trama significativa que comparece fenomenicamente através das coisas que temos contato e que dão garantia de manifestação do próprio homem que vive nesta trama.

O real não é uniformemente objetivo, como pretende a perspectiva metafísica. A objetividade do real necessita de um corpo de aparências (tangibilidade) que sustente sua manifestação. Ela é caracterizada pela solidez e durabilidade das coisas através das quais elas nos oferecem resistência (obstam).

A objetividade *presentifica-se* através dos objetos de consumo, dos objetos de uso, das obras de arte e dos *gestos e discursos* (Arendt). Estes modos de objetivação do real são derivados das atividades de Labor, Trabalho (e arte) e Ação, que se constituem como movimentos de objetivação do real:

a) A vida é dada ao homem sob a condição de vida biológica do corpo (o homem nasce, cresce, degenera e morre). As atividades de *Labor (empreendimento do corpo)* tem a função de cuidar da vida biológica, do atendimento das necessidades vitais e da preservação da espécie. Tem como produtos seu *objetos de consumo*. A solidez é precária e a durabilidade restrita. O tempo está determinado pelo próprio consumo, seu prazo e validade.

b) A vida é dada ao homem na condição de mundanidade. Para habitar o mundo, o homem constrói artefatos, cria um mundo artificial sobre o natural, através da atividade *do Trabalho (emprendimentos das mãos)* que tem a função de instalação do homem e lhe dá a garantia de sua imortalidade, no sentido de comunicar a existência para além dela, preservar a vida humana para além da vida biológica. Isto é feito através dos *objetos de uso* que tem durabilidade, que atendem à dimensão da utilidade e mediam nossas relações interpessoais. A obra de arte, embora objeto de uso, tem uma temporalidade peculiar que é a sua duração na História, tem permanência (solidez e durabilidade).

c) A vida é dada ao homem na condição de co-existência. O homem procura transcender à pura solidez e materialidade através da permanência de si mesmo. *Através da Ação, o homem busca sua singularização.* A ação de se tornar singular é realizada pelos feitos, gestos e discursos. A *Ação* tem como seu produto a *História* que lhe garante a permanência. A singularidade do humano está em fazer a história.

Os gestos e discursos se preservados, tem uma duração menor, circunscrita e determinada pelo seu tempo sob testemunho. Na dimensão do testemunho quem alguém é/foi, é sempre uma biografia (história) que é tecida na trama coletiva. Porém, quem um homem é só pode ser fixado pelos outros após a sua morte, devido à condição ontológica da natalidade do homem. Ele está sempre nascendo, dando reinício a si mesmo e provocando com seu gesto, os gestos dos outros.

Os gestos e discursos de um homem podem ser preservados num registro que exiba sua singularidade. O que se pretende pois objetivar através da *Ação* é o homem em sua condição humana plural e singular.

A singularidade preserva-se na temporalidade da projeção de uma *história*, através da qual e na qual se engendra o destino peculiar de alguém, que se entrecruza com a temporalidade da projeção na *História*, na qual se objetiva o destino coletivo, através do qual o indivíduo se entende a si mesmo em sua pluralidade e se conduz para sua singularização. Os feitos de um homem necessitam ser preservados através de um registro testemunhado que garanta a sua permanência na História coletiva.<sup>71</sup>

Além de ser corpo de aparência para o real, a objetividade tem também a função de *comunicá-lo*. Os bens de consumo, os objetos de uso, as obras de arte e discursos pertencem a uma trama significativa que dá sentido à existência dos homens de uma certa época e ao mesmo tempo comunicam, revelam e conservam estes significados e sentidos.

---

<sup>71</sup> Idem, ibidem, p. 116.

### 1.7. Cuidar de ser e Sentido de ser:

Na montagem do mundo (através dos objetos de consumo, dos objetos de uso, das obras de arte) se abre e se ilumina a trama de significação. Cada coisa é signo de uma rede significativa, que exhibe um modo de se habitar o mundo, de se cuidar de ser. Neste cuidar de ser é que se exhibe o sentido que ser tem. O cuidar de ser é seletivo, estruturando-se sobre uma *escolha* com três aspectos: do que se vai cuidar/do que não se vai cuidar (o que se aproxima e distancia para os cuidados); de como se vai cuidar e/ou não cuidar (hábitos, formas culturais, sociais, individuais, etc.); de como se vai cuidar do cuidar mesmo (própria ou impropriamente).

As duas primeiras escolhas estão no âmbito da significação (trama significativa ou mundo) e a terceira no âmbito do sentido. É através das emoções que o sentido de ser se manifesta. As emoções são modos de se cuidar da existência e nos indicam o modo como nos encarregamos dela, se *própria* ou *impropriamente* (Heidegger).

A impessoalidade é um modo de se cuidar da vida inautenticamente (ou impropriamente). Ela é composta do que se cuida e do como se cuida.

A pessoalidade necessita ser aprendida a partir da compreensão de que fomos impróprios, isto é, de que fomos qualquer um. Dar conta de ser propriamente implica em não ser mais como um qualquer dentre outros e poder vir-a-ser o que ainda não somos. Isto acontece quando há um rompimento da rede de relações significativas, quando o mundo nos falta e ficamos sem rumo. Decorre a experiência do vazio, da ausência do sentido de ser, da angústia. E é diante do vazio que se apresenta a possibilidade de vir-a-ser.

O eu se apropria da decisão por um poder ser (si mesmo), da decisão pela liberdade. Poder propriamente ser é uma projeção. A propriedade é sempre uma possibilidade projetada adiante, um mistério a ir se desvelando e se constituindo, enquanto que a improriedade tem realização. “O ser faz sentido antes ao coração que ao intelecto. Por isso mesmo aparece como algo sempre pleno de misteriosidade, e não como algo perfeitamente definível em conceitos ou idéias.”<sup>72</sup>

A possibilidade de poder ser quem propriamente pode ser se efetiva quando o eu religa-se ao mundo, na trama das relações significativas do cotidiano, que o põe em comunicação com os outros. Singularidade, portanto, não é sinônimo de subjetividade.

---

<sup>72</sup> Idem, *ibidem*, p. 127.

O homem não é apenas um *sujeito epistêmico*, mas um sujeito existencial, *realizador de cuidados*. “A trama do mundo (significação) é uma tessitura dos modos de se cuidar, singular e pluralmente, própria e impropriamente de se ser.”<sup>73</sup> Nela se exhibe o sentido de ser.

### 1.8. O movimento da Analítica do Sentido:

A autora indica este movimento em 15 tópicos recopilados abaixo:

- 1) Busca e manifestação do sentido de ser.
- 2) Sentido é rumo, apelo, fundo silencioso. Destinação em que se abre a possibilidade de cuidar de ser.
- 3) Cuidando de ser, os homens vão realizando e objetivando os sentidos de ser e tecendo a trama do mundo (plural e singular). A trama faz aparecer tudo o que é e permite o desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação do que aparece.
- 4) Compõem a tessitura da trama do mundo: a arquitetura e o artefato da terra (do planeta); os feitos, gestos e discursos; a assuntagem do existir (o falar dele).  
A assuntagem do existir é prioritário para o olhar da Analítica do Sentido.
- 5) O real objetivado aparece nesta trama através do cuidar de ser pelo Labor, Trabalho (e arte) e Ação. É signo do sentido de ser, conservando-o e comunicando-o.
- 6) O movimento circular de realização do real é necessária e simultaneamente um movimento de desrealização do real.
- 7) A História humana vai se construindo nesta circularidade.
- 8) A História construída forja-se sobre a *teia de relações humanas* (Arendt). Um lugar privilegiado para a conservação do sentido de ser.
- 9) A Analítica do Sentido para dar visibilidade ao sentido de ser, sendo-no-mundo e cuidando de se ser, atenta para aquilo de que se cuida, o modo em que se cuida dele e o modo como se cuida desse cuidar.
- 10) O cuidar de ser se estrutura sobre escolhas.
- 11) A escolha não é produto da ponderação do pensamento.
- 12) Os estados de ânimo fundamentam as escolhas do modo de cuidar dos modos de

---

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*, p. 128.

cuidar.

13) As montagens do mundo (ambientes, cenários, estruturas, organizações, etc.), e das falas concretizam e objetivam o que se cuida e os modos de cuidar.

14) Nas montagens objetivadas do mundo e das falas, o sentido de ser está sujeito ao movimento de fenomenização (aparece fenomenicamente), ao movimento de realização (realiza-se) e ao movimento de objetivação (aparece através da objetividade do mundo e da singularização dos indivíduos).

15) Prioriza a orientação do olhar do pesquisador, colocando-o como elemento da interrogação, fazendo parte do que ele “*quer saber e do que ele pode ver.*”

Porque o interrogador faz parte daquilo que é interrogado e porque o que é em manifestação se manifesta de diversas maneiras, tudo o que toca o interrogador, o que aparece a ele, mesmo que sejam lembranças, sensações, e que *pareça* ser irrelevante deve ser levado em conta. Através de qualquer coisa, do que quer que seja, o sentido procurado pode se revelar.<sup>74</sup>

### **Advertências sobre o registro (ou onde o “visto” se conserva):**

- Não acreditar que o registro em si revele a totalidade do que se busca, nem que tome o lugar do buscado.

- Não ceder à tentação de aprisionar o sentido de ser nas diversas formas de registro.

- Não tornar o cuidar do registro mais importante do que ir em busca do que há para ser registrado.

- Uma vez utilizados, os registros devem ser mantidos em sua precariedade e provisoriedade.

- “Tudo o que se sabe e se vem a saber depende do tempo de manifestação e do ocultamento. Tudo o que se sabe e o que se vem a saber inclui o que não se sabe e não se vem a saber.”<sup>75</sup>

- O registro não consegue conter, jamais a exibição do sentido de ser. Primeiro porque o

---

<sup>74</sup> Idem, ibidem, p. 135.

<sup>75</sup> Idem, ibidem, p. 136.

sentido de ser precisa de uma diversidade de aparências para poder manifestar-se, além do que é no jogo do ser-no-mundo que os registros ganham sentido e significado. Segundo, porque todas as aparências são véus que, ao mesmo tempo que mostram, tem a função de esconder, de desfigurar e de proteger.

A dinâmica primordial da Analítica de Sentido é o empreendimento do desvelamento. Se é do desvelamento, posso também dizer que é da verdade (*alethéia*). E é pela linguagem que o que foi desvelado pode ser expresso. Na seqüência, apresento *o modo escolhido para comunicar a experiência do sentido no processo educativo pesquisado neste trabalho: a fala autêntica veiculada mediante os relatos de sentido*.

## 2. A FALA AUTÊNTICA: a experiência do sentido

### 2.1. O procedimento *Versão de sentido*

“Educar-se é dizer-se a si mesmo.” Esta é a principal dimensão do processo educativo que AmatuZZi (1989) toma como objeto de reflexão filosófica em seu livro: “*O resgate da fala autêntica - filosofia da psicoterapia e da educação*”. Em busca do processo da produção da fala a partir do sujeito, desenvolve uma reflexão sobre o ato de dizer.

Entrei em contato pela primeira vez com a obra deste autor na disciplina cursada na pós-graduação (1993): “*Implicações de uma fenomenologia da linguagem para uma relação educativa*”. Este curso exerceu uma forte influência no modo como comecei a conduzir uma prática educativa - de supervisão de psicólogos - em andamento justamente neste período. Foi-me dado conhecer um inusitado recurso metodológico - **Versão de Sentido** - que venho até hoje utilizando junto aos meus supervisionandos do curso de graduação em psicologia na disciplina de Integração fisiopsíquica.

**Versão de Sentido** significa relato de experiência de sentido.<sup>76</sup> Foi concebida originalmente como um relato da experiência do terapeuta imediatamente após o atendimento, da experiência

---

<sup>76</sup> Cf. Mauro M. AmatuZZi em apostila do curso “*Implicações de uma fenomenologia da linguagem para uma relação educativa*”: Etapas do Processo Terapêutico: Um estudo exploratório, USP/ PUCAMP, 1992 . Cf. também O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico, em *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 7 (1), pp. 1-12,1991. Estes artigos trazem pormenores sobre sua formulação e aplicação prática no campo da psicoterapia.

presente do terapeuta ainda no clima da sessão<sup>77</sup>, e posteriormente teve sua utilização ampliada e adaptada às práticas educativas.

Tive a oportunidade de empregá-la pela primeira vez nesta segunda situação, como uma tarefa proposta pelo curso de AmatuZZi. Sua aplicação prática se deu no espaço de supervisão de psicólogos num curso sobre psicoterapia e corpo. Passei a utilizar a versão de sentido como um instrumento a serviço da reflexão conjunta, incluindo os alunos-supervisionandos na sua prática. Além das versões da supervisão (produzidas no final do encontro por supervisor e supervisionando em separado e lidos sempre que possível no início do encontro seguinte), foram realizadas versões das leituras e das sessões com os pacientes.

Esta nova forma de relatar mais próxima da experiência, onde era possível “se dizer”, era geradora de múltiplos e novos significados, constituindo-se uma forma de comunicação rigorosa, provocativa de um pensar, o pensar o sentido da experiência tal como ela estava se dando.

O sentido não era apenas captado, mas apropriado no próprio ato expressivo, no momento presente no ato de escrever.

A Versão de Sentido não se esgota em si mesma, permite uma criação e recriação constantes, permite uma *fala autêntica, original*.<sup>78</sup> Ela sintetiza um momento único ao construir uma fala autêntica que jamais será reproduzível e, na medida que surge, é transfigurante do sujeito que fala e de seu mundo compartilhado. Ela abre caminho, sempre e de novo, para novas falas articuladas na dimensão existencial.<sup>79</sup>

O processo educativo é um processo no qual os alunos são levados a um posicionamento diante do que é apresentado, provocados “a descobrir um sentido para a presença daquilo que é

---

<sup>77</sup> “Os relatos de sentido (...) são dados tipicamente qualitativos, que não podem ser tratados por crivos ou tabelas. Não são comparáveis face a um critério lingüístico estatístico. Não podem ser trabalhados como respostas a um questionário padronizado. É muito provável, entretanto que eles tenham uma fecundidade muito grande em relação a nos mostrar o processo terapêutico em seu movimento, e exatamente por ser o que são.” Idem, Etapas do processo terapêutico, p. 6.

<sup>78</sup> A fala autêntica é uma fala idêntica ao pensamento. Ela é o pensamento em ato; um pensar que inclui o sentir e se cumpre na fala. Ela é precedida pela gestação de uma intenção significativa, por um determinado silêncio, por um vazio que quer ser preenchido e não por um pensamento. Esta é a fala primeira, original que decide e cria. Já a fala segunda é uma fala sem novidade, que repete significações já existentes. Cf. Mauro M. AmatuZZi, O resgate da fala autêntica, cap. 1.

<sup>79</sup> Mauro M. AmatuZZi, Etapas do processo terapêutico, p. 6, e O sentido que faz sentido, p. 12, descreve as características da experiência do sentido: “ele é tanto *objetivo como subjetivo*, uma vez que se trata da experiência do terapeuta enquanto intencional; é ao mesmo tempo um *sentido captado e um sentido produzido*: só o percebo quando o produzo como participante da relação; ele é *uno e múltiplo*, isto é, pode se desdobrar em outros sentidos expressos (em atos sucessivos de expressão), assim como pode não ser percebido no primeiro momento da VS, ou numa primeira VS; e ele *só aparece quando o próprio ato de o expressar o fizer, ele também, sentido*.” (grifo meu).

apresentado, criar um sentido para a própria presença face ao apresentado ou para a própria presença na relação.”<sup>80</sup>

Educar-se é aprender a expressividade da palavra que fala (e não é apenas falada). É aprender a falar, no sentido forte do termo (...) Para o ser humano existir é dizer-se. Existir é sempre ser com sentido. A existência é presença significativa.<sup>81</sup>

Dizer-se é presença ativa no mundo. Dizer-se a si mesmo é uma resposta da pessoa face ao diálogo com o mundo. Não são meros estados subjetivos, mas significados que brotam desta relação com o mundo. O dizer-se é pronunciar o mundo na teia de relações humanas.

O processo educativo deveria ser um facilitador da emergência do poder dizer-se, o que implica em algumas condições, segundo o autor: uma escuta aberta, uma resposta expressiva da sua experiência presente enquanto educador e uma resposta que tome a forma de um questionamento da própria situação existencial do educando.

Na visão do autor, o processo educativo nada tem a ver com adestramento, mas sim com criatividade:

Uma pessoa educada improvisa, inventa, entra num processo que envolve outras pessoas também e onde coisas novas acontecem, como agente, co-autor, e não meramente como ator. Entra num processo histórico, enfim. O treinado repete. O educado tira de dentro de si coisas que são colocadas a serviço de uma relação criativa com o mundo. (educa é igual a conduzir para fora).; e só pode fazer isso exatamente na medida em que entra nessa relação. A educação não pode ter objetivos específicos que digam o que a pessoa deve ser capaz de fazer. Ela só pode ter o objetivo geral de desencadear a capacidade de se posicionar diante daquilo que é recebido na tradição cultural (para dar continuidade ao desdobramento de sentidos em que se constitui a cultura como processo). Os objetivos específicos de uma disciplina, nesse sentido, deveriam ser apenas uma delimitação da área dentro da qual ela se propõe a desencadear esse processo criativo.<sup>82</sup>

<sup>80</sup> Idem, O sentido que faz sentido, p. 23.

<sup>81</sup> Cf. Rezende, A. M. (1978; 1984), tese de livre-docência, 1978, e Fenomenologia e Psicologia, 1984, citado por AmatuZZi, em “Para redizer a educação”, Boletim de Psicologia, 40(92/93):21-27-1990, p. 23.

<sup>82</sup> Cf. Mauro M. AmatuZZi, Para redizer a educação, p. 22.

Propõe que se abra uma discussão do significado da prática educativa para uma possível mudança do sentido do que se está fazendo. Esta discussão se realiza em seu livro “O resgate da fala autêntica”, a partir da dimensão do significado e sentido do falar.

A fala, para o autor, é o ato concreto de falar como totalidade globalizante e não língua enquanto sistema lingüístico. O ato de falar é uma comunicação. A fala veicula uma intenção através dos significados. A fala significa algo (dimensão semântica), sinaliza algo diferente daquilo que ela significa (dimensão semiológica) e estrutura as relações de poder (dimensão política). A dimensão simbólica da fala está em seu poder de se transformar conjuntamente, em cada uma destas dimensões, com o sujeito falante e com o grupo ao qual ele pertence.<sup>83</sup>

Quando falo, falo algo, a alguém, digo a mim mesma e também recrio um mundo.

A tarefa do educador é acompanhar o movimento do irromper da palavra que traz a fala autêntica, estando atento ao contexto da relação onde ocorre a fala. É neste contexto de interação, que novos e múltiplos sentidos irão se desdobrar. O educador “é a sentinela das possibilidades de falas autênticas, que são no fundo as únicas que cumprem um processo educativo.”<sup>84</sup>

A relação educativa teria como objetivo ajudar a realizar as possibilidades existenciais do aluno nas condições de um diálogo autêntico. O aluno é compreendido na sua presença total e concreta, quando confirmado como parceiro e quando há um envolvimento da parte do educador para uma mobilização criativa do centro da pessoa.

Uma relação educativa, embora limitada na sua mutualidade, só será plenamente educativa se puder ir se desenvolvendo como uma relação plena o que coloca o educador na sua condição de humanidade.

A fala autêntica é “uma fala de *síntese* que *efetua* o estar sendo da pessoa. E é por isso que se revela no fundo de suas possibilidades. Ela não apenas declara: ela realiza., opera”.<sup>85</sup> Esta capacidade de síntese é necessária no educador que se proponha a ajudar o educando na busca de ser autêntico.

A fala autêntica ocorre *processualmente*, mas não de modo racional. Cada passo é um evento novo, é uma criação. A fala original é um gesto de iniciação, que inclui decisão, interpretação e reciprocidade.

---

<sup>83</sup> Idem, O resgate da fala autêntica, introdução, p. 16-23.

<sup>84</sup> Idem, ibidem, p. 30.

<sup>85</sup> Idem, ibidem, p. 123.

## 2.2. O processo de expressão da fala autêntica

### a) Expressão como decisão:

No processo educativo e no processo terapêutico, além da busca do significado implícito, é importante que se esclareça a decisão implícita. São ambos “processos decisórios, envolvem a pessoa como totalidade atuante, supõem um rever posições e um tomar posições”.<sup>86</sup>

Posso decidir ou não expressar, e esta decisão equivale à decisão de assumir, dar forma (e uma determinada forma), definir o sentimento ou a experiência, propor uma definição da relação. A própria expressão aqui é que é a explicitação do implícito, a fala é o pensamento, a comunicação é a concepção (e esta, relacional).<sup>87</sup> A expressão é da fala original e tem a ver com o conteúdo expresso.

Ao decidir me expressar, estou decidindo caminhar por um determinado caminho, que embora se apresente incerto no começo, tende a se definir conforme vou dando outros passos. É a decisão de estar em processo.

Posso decidir sobre o modo de expressar. Numa expressão original, “a escolha do modo de expressão, não é reflexiva, mas espontânea, confunde-se com a própria expressão e lhe determina o sentido”.<sup>88</sup> E não só o modo de expressão mas o conteúdo do que expresso, ou o que crio ao expressar, também corresponde a uma decisão.

A expressão não esgota o vivido, apenas aponta para ele, criando um significado, atribuindo um sentido. Existe uma orientação de sentido e não um sentido previamente definido. O trânsito de uma orientação de sentido para um sentido definido é a criação. Na expressão, o implícito é indiferenciado, indeterminado e sua explicitação não é um simples desvelamento mas *um levar adiante*, uma determinação (...), o implícito é um *potencial* (e nesse sentido, indeterminado), embora seja *um determinado potencial* (e só nesse sentido determinado).<sup>89</sup>

Além do potencial do vivido, há outras determinações na decisão de expressar. As do coletivo (padrões herdados de conduta, sentimento, pensamento, padrão lingüístico), as pessoais (como me defino a partir de minha história de vida) e a determinação do ato. A determinação

---

<sup>86</sup> Idem, ibidem, p. 126.

<sup>87</sup> Idem, ibidem, p. 127.

<sup>88</sup> Idem, ibidem, p. 128.

<sup>89</sup> Idem, ibidem, p. 129.

última, do ato, é a que caracteriza a expressão como uma decisão: “*aquilo que expressamos só existe plenamente no próprio ato expressivo*”.<sup>90</sup>

A expressão é uma decisão pois é um posicionar mútuo de sujeito e mundo. O sujeito em relação ao mundo que lhe fala, e o mundo falado em relação ao posicionamento do sujeito.

A decisão de expressar é uma decisão no sentido de agir sobre: a intenção significativa (o vivido ainda não explicitado, a orientação de sentido), aparece como uma intenção de influenciar, um desejo de que o que for expresso, continue existindo entre os que se falam.

No ato expressivo original, o meu processo pessoal de vida e o processo coletivo no qual estou inserido avançam conjuntamente. Esses três níveis fazem parte de um mesmo processo decisório.

#### **b) Expressão como interpretação:**

A interpretação é uma explicitação de sentido (trazer para o explícito o que está implicitamente contido na experiência). Ela não esgota a experiência original (a orientação de sentido), mas permite sucessivas interpretações na seqüência da relação.

A interpretação aqui é entendida como interpretação de si mesmo, da sua própria experiência. Mesmo a interpretação do outro é uma interpretação de nós mesmos em nossa relação com o outro, é uma resposta a interpelação do outro, cujo sentido será definido no contexto da relação. No outro, podem emergir sentidos sucessivos provocados pelas nossas respostas, solicitantes de uma definição.

“O que existe é, na realidade, uma *interação geradora de sentidos*, ou, se quisermos, *uma interação de sentidos, geradora de mais sentido*.”<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Idem, ibidem, p. 130.

<sup>91</sup> Idem, ibidem, p. 138.

c) Expressão como reciprocidade:

A verdadeira interpretação se dá num clima de reciprocidade.

“A *reciprocidade* é condição de surgimento do sentido, mesmo quando estou na solidão. É a reciprocidade que encarna o sentido e o faz existente. Sem ela, o sentido é apenas uma possibilidade. É ela que acrescenta à dimensão significativa do sentido sua dimensão *existencial*.”<sup>92</sup>

Na relação educativa, a palavra se torna *nossa*, o significado se torna comum (o mundo se torna comum), à medida que a relação progride. A plena verdade de uma fala não existe no momento de sua pronúncia. Ela aguarda uma resposta na reciprocidade de uma relação, quando então surgirá em seu significado pleno.

Cabe uma pergunta: a expressão numa linguagem secundária, por exemplo a de um discurso científico é inautêntica? Não, se ocorrer a *presentificação da experiência e for uma expressão da relação sujeito-mundo*.

A fala original, expressiva-constitutiva-presentificadora-desencadeadora da vivência

é eficaz em tornar presente o que pretende, mesmo que o que se faz assim presente vá mais longe do que o simplesmente semântico e, nesse sentido, seja também, de certa forma intraduzível. Mesmo sem ser traduzível, é respondível, ou seja, na trama da interação direta, posso me posicionar como um todo face ao todo que se me apresenta.<sup>93</sup>

Toda palavra original é simbólica. A palavra simbólica lança junto a experiência original, a significação que lhe é dada e o interlocutor. A força da palavra como símbolo se revela na relação que é produtora de sentidos e suscitadora de novos sentidos. Mas estes novos sentidos (novas percepções, escolhas, afetos, atos) só serão gerados na entrega à vivência da fala pelo terapeuta e educador, no estar “dentro” da relação, se posicionando frente às falas dos pacientes e alunos.

O autor considera que o objetivo da educação é a promoção da fala autêntica face aos

---

<sup>92</sup> Idem, ibidem, p. 139.

<sup>93</sup> Idem, ibidem, p. 162 e 167.

apelos concretos do mundo, enquanto que a psicoterapia, num plano diverso, busca o resgate da fala autêntica.

Em meu trabalho clínico e pedagógico adoto o ponto de vista da *Integração fisiopsíquica*, que vem tentando dar um encaminhamento próprio ao campo de formação e atuação de profissionais na área de corpo. Posso afirmar que a *integração fisiopsíquica* busca a promoção e o resgate da fala autêntica do corpo e pelo corpo.

A *integração fisiopsíquica* tem como proposta a abordagem do corpo com o uso do toque no trabalho terapêutico e enfatiza a importância da aprendizagem pela vivência no processo educativo. A apresentação da visão da *integração fisiopsíquica* servirá para fundamentar o encaminhamento que lhe foi dado no Curso de Integração fisiopsíquica do 5º ano da Faculdade de Psicologia da UNIP. No processo educativo em questão, pretendeu-se promover a expressão de falas originais, constitutivas das vivências dos alunos.

Também no meu processo expressivo ela se fará presente porém de um outro modo, ou melhor, configurar-se-á de modo direto, nos gestos corporais que o ato de pintar solicitou.

## IV - A VISÃO DA INTEGRAÇÃO FISIOPSÍQUICA

A visão da integração fisiopsíquica necessita, para ser compreendida em sua multidimensionalidade, de uma fala que nasça da vivência e a partir do corpo. É mais adiante, quando da apresentação dos processos expressivos da autora e dos alunos que ela poderá se tornar mais clara.

Por ora, limitar-me-ei em expressá-la numa linguagem secundária, porém presentificadora e mobilizadora de nossas experiências com o corpo.

Considero que o fenômeno corporal no âmbito da psicologia ainda vem sendo discutido e abordado de modo reducionista, mantendo viva, a despeito de inúmeras propostas integradoras, a polaridade corpo-psique.

Mesmo no campo das denominadas psicoterapias corporais continuam sendo utilizados conceitos que, por terem raízes na cisão cartesiana, não dão conta da totalidade do fenômeno do corpo. Por outro lado, vemos o surgimento de uma visão integradora-holista<sup>94</sup>, que peca pela indiscriminação das polaridades, ao relativizar a psique e o biológico, retirando-lhes as especificidades.

Nem mesmo a proposta de um corpo como dialética do biológico, do social, do psicológico, que focaliza a interação das diferenças entre as polaridades parece ser suficiente para a superação do dualismo mente-corpo, pois tende a permanecer referenciada na oposição entre polaridades que se confrontam.

Na visão do filósofo Gusdorf (1960), a magia da palavra “dialética” não garante a saída do círculo vicioso do dualismo; o que se realiza é uma epistemologia de complementariedade, sem que seja assumida a tarefa antropológica de tomar a condição humana em seu conjunto.<sup>95</sup>

Para nos libertarmos da visão reducionista da ciência positivista, cujo paradigma encontra-se em crise, mas é ainda largamente vigente em âmbito psicobiológico, faz-se necessário buscar novos caminhos para a compreensão do fenômeno do corpo.

---

<sup>94</sup> “Holismo/visão holística: vem do grego holos que significa totalidade. O termo foi criado pelo filósofo sul-africano Jan Smuts, em 1926, para designar o esforço da mente para captar o todo nas partes e as partes vistas dentro do todo.” Cf. Leonardo Boff, *O despertar da águia*, p. 171.

<sup>95</sup> Cf. Georges Gusdorf, *Tratado da metafísica*, 1960, cap. II, A encarnação, p. 277-278.

Como já explicitado, no caminho de conhecimento oferecido pela fenomenologia pude colocar-me em outra perspectiva, sendo possível visualizar o corpo sob o prisma existencial.

No presente trabalho, mediante o olhar fenomenológico e a fala autêntica, procuro abordar *o corpo em processo* e como meio de conhecimento.

Mas que corpo é este e como venho até então tentando apreendê-lo? Por que falar de **integração fisiopsíquica**?

*Integração fisiopsíquica* é uma expressão que passou a representar uma particular visão do corpo e do tocar, a partir das idéias de Sándor (1974) que há vários anos vem sendo ampliada e compartilhada por um expressivo número de profissionais, predominantemente da Psicologia, em vários de seus campos de desenvolvimento.

Cabe esclarecer que a denominação *integração fisiopsíquica* não é a melhor expressão para o enfoque de trabalho que vimos adotando, pois só revela parcialmente a dimensão totalizadora de nossas experiências. De fato, ela não foi formulada com a pretensão de ser definitiva e definidora; necessitávamos de um termo para designar o nosso trabalho, que transmitisse uma noção de nossos objetivos, de nossos esforços em busca da integralidade (de completar o todo através da inter-relação de suas partes). Não estamos preocupados pois com a mera reparação de uma cisão; nosso objetivo vem sendo nos endereçar à totalidade mesmo que limitados pelos conceitos disponibilizados pelo modo de pensar característico da nossa cultura ocidental. Temos a expectativa de que com este movimento e a contribuição de outros olhares, como é a proposta deste trabalho, possamos “dar ao corpo o que lhe é devido”<sup>96</sup>, ou seja, contemplá-lo e apresentá-lo em sua multiplicidade de significados.

A *integração fisiopsíquica* possui uma vigorosa versão no âmbito pedagógico, que vem sendo implantada em vários cursos de graduação em Psicologia.<sup>97</sup> Em Farah (1995), encontra-se uma exposição clara e completa de sua experiência em contexto pedagógico com a apresentação da perspectiva junguiana na apreensão do fenômeno corporal.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> Referência ao título de uma palestra proferida por Anita Greene, Conferência Nacional de Analistas Junguianos, New York City, maio 3-6, 1984, Quadrant-outono, 1984, vl.17, n° 2, apresentada sob forma de apostila no curso Cinesiologia Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo

<sup>97</sup> Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Faculdades Metropolitanas Unidas, Faculdades Paulistana e Universidade Paulista (UNIP). Nesta última me foi dada a oportunidade de implantar a disciplina.

<sup>98</sup> Rosa M. Farah, *Integração Psicofísica*, 1995.

A meta da *integração fisiopsíquica* é o indivíduo unificado, integrado, em relaxação; é a conquista da plasticidade, da flexibilidade que permite afrouxamentos (integração que permite estados não-integrados). Conceitos tais como consciência corporal, linguagem corporal, esquema corporal, não traduzem esta plasticidade pois falam *do* e *sobre* o corpo. O corpo é referido, apanhado pela cognição, entificado e não um *corpo vivente*.<sup>99</sup>

Gusdorf critica a atitude intelectualista que é incapaz de realizar a revolução franciscana reabilitadora do corpo - o corpo meu irmão - e ao invés disso o toma como o *irmão*, o *próximo*, o *semelhante* do pensamento.<sup>100</sup>

Meu corpo não é somente sistema bem arquitetado de inteligibilidade vivida, é também meu ser material e vulnerável, gozador e sofredor. A influência decisiva das funções orgânicas assinala-se, a cada instante, no estado de saúde ou de enfermidade, do qual o sujeito não pode, via de regra, ser tido como responsável.(.....) Meu corpo é para mim a possibilidade de ser esborrachado por um automóvel, de ser encerrado num sanatório por causa da tuberculose, ou mais simplesmente de apanhar uma gripe que me deixa derreado por uma semana. Sendo assim, o corpo expõe o espírito às misérias da fisiologia, motivando o ressentimento e por vezes o ódio do filósofo, que quereria reduzir sua existência à concatenação de pensamentos logicamente conduzidos. Mas semelhante atitude interpreta mal no corpo o sustentáculo e o instrumento de nossas energias, *a condição dos valores concretos, ou seja, de toda coloração afetiva e de toda alegria em estar presente no mundo.* (grifo meu)<sup>101</sup>

Considero o *corpo vivente* como o cadinho, o locus onde se estabelece relações entre todas as polaridades que o compõem (corpo sujeito versus corpo objeto; corpo físico versus corpo psíquico; corpo vivido versus corpo natureza física; alma versus corpo; corpo versus mente); é onde convivem causas e significados. Ele é produzido pelas relações entre mundo interno e mundo externo e é nele (no corpo) que se operam as relações do interno-externo e as suas alterações.

---

<sup>99</sup> Faço uso desta expressão para que não seja confundido com o corpo vivido da fenomenologia. O *corpo vivente* além de ser um corpo vivido, também é um corpo orgânico, de “carne e osso”.

<sup>100</sup> Georges Gusdorf, Tratado da metafísica, cap.II, p. 258.

<sup>101</sup> Idem, ibidem, p. 275-276.

O corpo não é síntese nem resultante de um processo dialético. É o mediador entre o biológico e o psíquico. Ele é simultaneamente mundo interno e mundo externo; é onde ambos os mundos se encontram e se distinguem a um só tempo.

É necessário humanizar a matéria do corpo, pois este é o lugar da transformação.

A perspectiva da *Integração fisiopsíquica* é uma perspectiva finalista, prospectiva, pois trabalha com o desenvolvimento de possibilidades criativas. Não trabalha com o corpo psicossomático da tradição médica do ocidente, de cunho semiológico, onde o sinal ou sintoma denuncia a ocorrência de um outro fenômeno oculto. Sua visão é do *corpo criativo*, do corpo que se apresenta em sua totalidade mesmo na vivência da dor, ou no estado de cisão.

*Integração fisiopsíquica* deveria ser não uma disciplina curricular mas uma meta presente em todo o percurso de formação do psicólogo, na formação da identidade e postura profissional. A experiência do corpo “é uma unidade em constante construção”<sup>102</sup>; seu conhecimento como o conhecimento do mundo guardam inextrincável sincronia.

O corpo pensa e se expressa na dimensão do imaginário e do mítico. Este tipo de pensar só pode ser experimentado no corpo e pela vivência.

Byington (1996) considera o corpo, a natureza, a sociedade e a dimensão ideativa-emocional-imagética como dimensões expressivas de símbolos que compõem a totalidade do self. Vê o símbolo como a célula do Universo; o símbolo engloba o dentro e o fora.

Sua proposta de uma *pedagogia simbólica* pretende resgatar a inteligência sensório-motora e o corpo que costumam ficar de fora do processo de aprendizagem, pois os métodos de ensino tradicional cultivam apenas a inteligência conceitual:

A sensibilidade profunda, a inteligência, a integridade e a criatividade freqüentemente emergem do indiferenciado, através da dimensão arcaica do corpo. Ao invés de reprimi-la ou ignorá-la, a sabedoria está em ouvi-la, percebê-la, conviver com ela e elaborá-la simbolicamente.<sup>103</sup>

Se o corpo é resgatado no processo de conhecimento, pode-se instaurar um modo de acessar o universo pela vivência; é possível se construir um corpo teórico - *sentido*.

---

<sup>102</sup> Cf. Paul Schilder, *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*, p. 255.

<sup>103</sup> Cf. Carlos A.B Byington, *Pedagogia Simbólica*, 1996, p. 151.

Todo conhecimento doutrinário é conhecimento cristalizado que forma legiões de discípulos que assumem um determinado corpo. E isto nada mais é do que viver num corpo emprestado ou impróprio. São corporações (*sprit du corps*) que seguem um padrão ou modelo de corpo ideal, o modelo clássico das formas perfeitas.

Podemos afirmar, a *grosso modo*, que o padrão de beleza do clássico corpo freudiano é o do corpo na horizontal, do sujeito no divã, sujeito da análise (verbal).<sup>104</sup> É um corpo de pulsões que se torna presente pelas fantasias.

O corpo reichiano clássico é o corpo prisioneiro das couraças, das resistências que têm que ser quebradas para o “desbloqueio das emoções” e o conseqüente expurgo do passado.

O clássico corpo junguiano, por sua vez, é um corpo imaginativo e simbólico, a ser trabalhado em sua expressão criativa<sup>105</sup> na relação eu-outro, e que almeja a transcendência, mas que em seu afã cognoscente, corre o risco de converter símbolos em signos, de tomar metáforas por conceitos, perdendo assim a dimensão mítica da sua teoria (e de seu corpo).<sup>106</sup>

O meu corpo é *organísmico*. Oriente-me pela visão da Psicologia Organísmica de Pethö Sándor (integrada ao pensamento junguiano), que propõe o recondicionamento psicofísico do indivíduo a partir da “mobilização multidimensional espontânea de seu dinamismo psicofísico.”<sup>107</sup> A orientação organísmica tem como ponto de partida as reações do organismo vivente com suas respostas totais, e como manifestações básicas a memória do vivente e o ritmo vital. O relaxamento descrito como um método de recondicionamento psicofisiológico, ocupa um lugar central dentro desta orientação, que também se utiliza de outras técnicas corporais integradas e de técnicas de outras disciplinas.<sup>108</sup>

<sup>104</sup> “O método psicanalítico manteve o corpo fixo no divã e baseou a elaboração simbólica exclusivamente na expressão verbal”, *idem*, *ibidem*, p. 63.

<sup>105</sup> Através do método sintético-constructivo, de orientação finalista. Este é um método de elaboração das expressões simbólicas do inconsciente, que procura estabelecer um sentido para elas. Cf. C. G. Jung, *Tipos psicológicos*, 1971, p. 402. Função transcendente é o símbolo da união dos opostos e do desenvolvimento da personalidade. Cf. C. G. Jung, no ensaio *A função transcendente*, 1916.

<sup>106</sup> A teoria junguiana tem um caráter poético, imaginativo, mítico. Ao se tomar metáforas por conceitos, corre-se o risco de mistificação e de inflação psicológica do terapeuta. Cf. Walter José Martins Migliorini, *Função transcendente - definição e papel na interpretação. Junguiana*, *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, São Paulo, no.15, p. 82-101, 1998.

<sup>107</sup> Cf. Pethö Sándor et al, *Técnicas de Relaxamento*, p. 5.

<sup>108</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 5-6

Este corpo é abordado multidimensionalmente, através da utilização do método corporal ou organísmico<sup>109</sup>, cujo princípio norteador é a regulação do tônus psicofísico<sup>110</sup>. Na compreensão

de Sándor esta regulação não se dá unilinearmente; é construída em estruturas circulares como o próprio processo existencial:

há sempre comutações recíprocas, retroativações e um proceder em círculos que se expandem ou contraem. Assim, tensão e distensão representam polaridades que se estendem desde a categoria biológica até a anímica-espiritual. Manifestam-se na contração muscular, na vontade, mas igualmente também na cosmovisão ideológica. Aquilo, que como intercâmbio rítmico, na escala fisiológica produz homeostase, na escala psíquica aparece já como uma tarefa ou incumbência de síntese que servirá como ponto de partida para uma nova fase de esforço integrador.<sup>111</sup>

Tecerei algumas considerações a respeito do Método Calatônico de Sándor no contexto psicoterapêutico, sem me deter na descrição de suas técnicas, pois este extenso e minucioso trabalho já foi realizado pelo próprio Sándor, (1974), no livro *Técnicas de Relaxamento*, o qual considero a “bíblia” do trabalho com a corporeidade e por outros: Farah (1995) no contexto pedagógico; e Delmanto (1996)<sup>112</sup> através de ricas ilustrações para o público em geral.

A postura corporal do psicoterapeuta que aborda o corpo é ilustrativa da própria postura a ser cultivada no contexto da psicoterapia. Durante a realização dos toques calatônicos (Calatonia de Pethö Sándor)<sup>113</sup>, o terapeuta se coloca aos pés do paciente que permanece deitado em decúbito dorsal e toca com os dedos de suas mãos cada dedo de ambos os pés do paciente, numa atitude de espera, escuta e silêncio (cada toque calatônico dura três minutos). Continua a tocar a sola dos pés em mais dois pontos até chegar nos calcanhares que são sustentados com delicadeza

<sup>109</sup> Cf. Annamaria Sannino, *Métodos do trabalho corporal na psicoterapia junguiana*, 1992, “Teoria e técnica são inseparáveis, embora independentes (...) Para que a teoria seja útil necessita acoplar-se a uma ou mais técnicas. Deste acoplamento deriva o método, porque método = teoria + técnicas. O método (ou arte) é sempre subjetivo, porque peculiar a cada pessoa. (...) No caso específico, o trabalho corporal funciona como técnica, combinada com as informações teóricas, sejam elas quais forem (freudianas, junguianas, kleinianas, etc.) p. 124 e 127.

<sup>110</sup> Cf. Sandra M. G. Tavares Duran, *O atendimento psicoterapêutico em grupo aos usuários de uma unidade básica de saúde pelo método corporal de Pethö Sándor: uma interpretação na perspectiva da Psicologia Analítica de Jung*, 1997, Dissertação (mestrado), reconhece nos fundamentos da Psicologia Organísmica e da Psicologia Junguiana os princípios teóricos que regem o Método Corporal de Sándor e nas técnicas de regulação de tônus sua aplicação prática.

<sup>111</sup> Cf. Pethö Sándor et al, *Técnicas de Relaxamento*, p. 10.

<sup>112</sup> Suzana Delmanto, *Toques Sutis*, 1997

<sup>113</sup> Cf. Pethö Sándor, op. cit., p. 92-100.

num gesto de acolhimento. Progressivamente seu corpo se aproxima do corpo do paciente, de modo a ficar quase que totalmente inclinado no toque nas panturrilhas, momento em que está com todo o peso das pernas do paciente sobre seus braços. Por último coloca-se à cabeça do paciente, e a recebe na concavidade de suas mãos em concha. Creio que este é um belo retrato de um terapeuta que se coloca à serviço numa atitude de entrega ao processo de transformação implicado no trabalho terapêutico (e mostra que só podemos nos elevar à partir da descida às origens arcaicas).

Nesse tipo de trabalho, é criado como que um espaço ritual para que aconteça o processo de transformação.<sup>114</sup>

Imagina-se um “terceiro ponto”<sup>115</sup> que faria a ponte entre o terapeuta e o paciente, num espaço de silêncio onde a comunicação ocorre pelo toque. O espaço vazio é como um vaso (receptáculo) aberto. A relação terapêutica cria um terceiro elemento, um terceiro ponto - um espaço de possibilidades - que capta o que está sendo configurado.

A intervenção corporal direta através do toque muitas vezes é mal compreendida ou mal usada por não se perceber a dimensão simbólica do corpo e da pele.

O corpo dá-se e não apenas nos é dado como um fato biológico. Não fomos convidados a participar do planejamento de sua estrutura anatomo-fisiológica, porém cabe a nós realizá-lo em suas possibilidades. O corpo é criado a partir de sua condição orgânica (dada).

E o toque é criação. O toque modela o barro-corpo e sopra-lhe a vida. Tocar é fazer a cartografia do corpo, revelando um microcosmo desconhecido: mapa perfeito de nosso macrocosmo. Os toques sutis abrem as portas do mundo imaginativo, das imagens guardadas a sete chaves, revelando o código oculto ou velado de si mesmo. E o sol da consciência pode entrar e iluminar cada parte e revelar novas possibilidades, como um pulmão que adquire existência e passa a ocupar o seu lugar-espaço, arejando o indivíduo e sua vida; o coração que bate diferente, anunciando o mundo do sentir; o pé que é tornado próprio, anunciando a capacidade de andar em terra firme, desfazendo a ilusão de um caminhar nas nuvens.

---

<sup>114</sup> Paulo T. Machado F., em seus estudos antropológicos sobre os gestos de cura e seu simbolismo faz considerações sobre o “Ritual calatônico”. Ver dissertação (mestrado): “Gestos de cura e seu simbolismo”, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994

<sup>115</sup> De acordo com comunicação oral de Sándor. Cf. Paulo Machado, op. cit. p. 128, “A emoção do “terceiro ponto”, atuando sobre o campo de força e homologando o espaço assim constituído, completa o belo e arquetípico quadro dessa relação terapêutica [ da Calatonia].” p. 128. Cf também Rosa Farah, Integração Psicofísica, p. 355-356.

Quando toco no corpo, toco no todo pois cada elemento do corpo é o corpo inteiro. “Quando se toca numa célula, toca-se no corpo inteiro, e, (...) quando se toca num homem, toca-se na humanidade inteira.”<sup>116</sup>

A utilização de técnicas organísmicas corporais (regulação de tônus)<sup>117</sup> no contexto da psicoterapia exige sensibilidade, cuidado e rigor que só podem ser conquistados com uma extensa formação nesta área.

Não é um mero aprendizado de técnicas, mas um trabalho que só pode ser conhecido pelo próprio corpo em elaboração simbólica permanente.

Requer muitos estudos teóricos vivenciados (ou sentidos) de anatomia e fisiologia humanas e do psiquismo humano, e sobretudo disposição para se colocar num processo permanente de pessoalização da experiência e de abertura para o outro no compartilhar destas experiências (de intimidade).

O conhecimento desta área é ampliado de acordo com estas experiências. É um trabalho transformador e em transformação.

O trabalho de auto-conhecimento é fundamental pois o profissional será o parâmetro de sua atuação. O corpo será tomado aos cuidados e seus sentidos afinados para servir como um instrumento para o cuidado de outros. Mesmo que o profissional não intervenha diretamente no corpo, estará realizando a proposta de integração fisiopsíquica, se estiver “realizando” seu próprio corpo. Porque nosso objetivo é o processo de individuação, de singularização, em constante fazimento, elaboração.

No decorrer do curso de *Integração Fisiopsíquica* costumo fazer certos pedidos ou dar certas instruções, algumas delas repetidas vezes ouvidas nos anos de convívio com professor Sándor, (as quais reproduzo em itálico) para ilustrar as condições para a realização de um trabalho com estas características:

---

<sup>116</sup> Cf. Anick de Souza, *O simbolismo do corpo humano*, p. 159.

<sup>117</sup> As técnicas organísmicas se subdividem em: técnicas corporais (de regulação de tônus); técnicas expressivas/imaginativas; vivência e interpretação de sonhos. De acordo com apostila elaborada para o Curso de Extensão Universitária “Psicologia Organísmica: uma abordagem multidimensional do corpo”, 1998, por Elvira Leme e Sandra Tavares. Elaboramos em conjunto a organização formal da perspectiva organísmica do Método de Sándor e consideramos que o Método Organísmico, como passamos a denominá-lo, é um método em construção. Cf. também Sandra Tavares, *Estratégias terapêuticas corporais e grupais na perspectiva do método organísmico de Pethö Sándor*, Boletim clínico, Faculdade de Psicologia da PUC - SP, vol. IV, agosto de 1998, p. 78-94.

Não é proibido falar, mas o silêncio será exercitado; falaremos por meios inusitados; *atitude demasiado crítica impede o fluxo; deixar acontecer; faça, desde que você saiba o que está fazendo; por que não se deixar surpreender?*; estar disposto a olhar, sentir, escutar e tocar e cheirar: usar os cinco sentidos para desenvolver o sexto; aceitar o comando de deitar e de levantar, de ficar de cócoras e de joelhos e de estar em grupo fazendo tudo isto e muito mais; experimentar, refletir, colocar o corpo em discussão.

Pode parecer que estou deixando de dizer o que afinal esta *Integração fisiopsíquica* é.

Não estou me esquivando dos devidos esclarecimentos. A questão é que o enfoque fenomenológico deste trabalho não condiz com uma precisão conceptual própria da visão metafísica. Espero e apelo para que os leitores sejam suficientemente pacientes para acompanhar o seu movimento característico, que demanda uma disposição em aceitar algumas das advertências que faço para os meus alunos:

*Falaremos por meios inusitados;*

*Atitude demasiado crítica impede o fluxo;*

*Deixar acontecer;*

*Por que não se deixar surpreender?*

*Estar disposto a olhar, sentir, escutar, tocar e cheirar: usar os cinco sentidos para desenvolver o sexto sentido.*

Em suma, é necessário entrar no processo para compreender o processo.

Convido o leitor agora para percorrer os caminhos do meu processo expressivo e do processo expressivo dos meus alunos.

## V - O CORPO-SENTIDO:

Este é o coração de meu trabalho. Vou falar do processo ou de processos que se articulam - o meu próprio e o de meus alunos.

Não é meu objetivo meramente denunciar a cisão corpo-mente, nem discutir o corpo como uma entidade psicofísica, mas indicar um caminho para uma efetiva integração.

É importante compreender o que tratamos de englobar sob a denominação de **corpo sentido**. *É o movimento de apropriação do corpo, de poder ser quem propriamente se pode ser, a partir do empreendimento de um novo modo de conhecê-lo, que nasce de um pensar existencial, sendo-no-mundo encarnado e sendo no mundo-com-os-outros, pensar este provocado pela busca de um sentido de ser-neste-corpo.*

Através de meu processo expressivo pela pintura, desencadeia-se um movimento criativo processual de apropriação de meu corpo vivente. Eu me digo, digo a mim mesma, falo a fala autêntica do corpo. Esta fala tem uma força transformadora, abrindo caminho sempre e de novo para novas falas articuladas na dimensão existencial.

Ao me expressar autenticamente, restauro o ato criador nos alunos que também colocam sua fala em movimento relatando suas vivências no curso de Integração Fisiopsíquica (processo expressivo dos alunos).

O corpo se apresenta em seu movimento existencial, revelando o modo como cada um está cuidando de existir, ou em que sentido cada um está existindo: o modo como cada um está dando conta de ser-neste-corpo.

Instaura-se um processo de aprendizagem significativa de se habitar o corpo de modo próprio, de promover a fala autêntica do corpo, o que se desvela no processo grupal e se revela como o que denomino de marcas individuais.

As falas de ambos os processos são falas expressivas-constitutivas da vivência, falas que presentificam o corpo e como que o reintegram no processo do conhecimento.

O movimento processual da autora e dos alunos será visto à luz do movimento da analítica do sentido.

## 1. O PROCESSO EXPRESSIVO DA AUTORA: *Retratos de um viver*

Apresento<sup>118</sup> o relato de meu processo expressivo estimulado por minha participação num grupo que se constituiu para vivenciar o processo espontâneo da auto-expressão através da pintura, do qual faziam parte Ester (artista plástica), Lilian e Amarilys (psicólogas).

A proposta inicial deste trabalho, formulada por Ester, foi a seguinte: fazer fluir a expressão. Procurar a expressão espontânea, deixando de lado qualquer racionalização ou juízo crítico. Expressar, não importa o quê, buscando formas adequadas para expressar o que se sente, sem preocupação com “regras”, ou “modos corretos” de pintar. Isto é, se tiver vontade, utilizar como instrumental as próprias mãos (dedos) e outros objetos para expressar as idéias, imagens ou sensações que vierem à mente, vivenciando plenamente o instante único que se apresenta. (“Eu do momento”, no dizer de Bergson; “primeiridade” para Peirce).

Utilizar como base cartolina em tamanho padrão (70 x 50 cm), para assegurar um campo plástico suficientemente extenso, capaz de dar conta dos símbolos emergentes. Empregar tinta guache e pincéis suficientemente largos, para que o pensar e o agir não se detenham no pequeno, mas se estendam ao amplo, ao global. Não deixar nenhum espaço do papel sem cobrir com tinta, para não ceder às armadilhas do inconsciente que bloqueiam a expressão.

### Como as pinturas foram sendo produzidas e trabalhadas:

Realizei a maior parte das pinturas no porão do meu consultório, sozinha ou em companhia de minha filha.

No espaço grupal eram realizadas pinturas individuais e/ou em grupo. Os encontros grupais tinham como objetivo o acompanhamento do processo de expressão, estimulando sua continuidade e em alguns momentos instrumentalizando-o com vivências e dicas técnicas.

Não se tratava de um “curso de pintura”, nem de formação artística no sentido acadêmico-formal. Tinha como foco principal o favorecer a livre expressão através de um material básico, que poderia vir a ser acrescido de outros recursos conforme a necessidade individual.

Antes disto eu nunca havia pintado um quadro. Nada sabia sobre pincéis ou tintas. Meu conhecimento sobre esta arte se restringia ao gosto por exposições e quadros de vários pintores,

---

<sup>118</sup> No anexo B2, vol. II deste trabalho.

dos quais guardava mais a experiência estética do que estilos e nomes.

Há muito tempo andava à procura de um curso de pintura que fosse diferente dos demais, ou seja, que desse a possibilidade de pintar, “sem compromisso” com o produto final. Isto aconteceu exatamente quando dava início à minha dissertação acadêmica, contudo sem qualquer preocupação em vinculá-la com este trabalho.

Algumas pinturas foram feitas com as mãos, sem o uso de pincéis, ou com o auxílio de outros objetos (como barbante, copinhos de plástico, gravetos de madeira). Nos desenhos empreguei giz de cera e lápis aquarela.

“Descia” ao porão<sup>119</sup> sem uma idéia pré-formulada do que iria fazer; simplesmente deixava as coisas acontecerem. Mas a descida só acontecia em momentos determinados, inicialmente porque havia o compromisso em apresentá-las no grupo e depois mobilizada pela necessidade vital de me expressar *corporalmente* através deste instrumento e dar voz à vida imaginativa através do registro do processo.

Nos anexos deste trabalho<sup>120</sup>, constam 20 pinturas e 4 desenhos meus, 10 pinturas de minha filha e 2 pinturas e 2 desenhos do grupo, totalizando 38 quadros (cópias fotográficas xerocopiadas). Atribuí títulos aos trabalhos individuais, ao término do relato sobre seu processo de realização.

### Como os relatos foram sendo produzidos:

Imediatamente após a conclusão dos trabalhos, pedia ao meu marido que apreciasse a obra e dissesse a primeira coisa que lhe vinha à mente, ou seja, que fizesse uma versão de sentido.

Em seguida punha-me a escrever sobre o seu processo de realização. Na descrição do processo emergia o sentido daquela experiência, ou daquele momento. Portanto, escrever sobre o processo se caracterizou como uma versão de sentido.

É importante lembrar que a versão de sentido foi originalmente concebida como relato da experiência presente do terapeuta no clima da sessão, do que ele apreende como sendo o sentido

---

<sup>119</sup> Para falar da atitude do ser consciente para com os conteúdos do inconsciente, C. G. Jung vale-se da imagem do sótão (andar elevado) e do porão (lugar subterrâneo e obscuro): “A consciência comporta-se então como um homem que, ouvindo um ruído suspeito no porão, precipita-se para o sótão para constatar que lá não há ladrões e que, por conseguinte, o ruído era pura imaginação. Na realidade, esse homem prudente não ousou aventurar-se no porão”. Cf. C. G. Jung, *L’homme à la découverte de son âme* (tradução francesa, p. 203), citado por Bachelard, *A poética do espaço*, p. 37., 1988.

<sup>120</sup> Anexo B2, vol. II.

daquela sessão.<sup>121</sup> Em minha pesquisa, realizo versões de sentido da minha própria experiência presente nas expressões pela pintura, individualmente e em grupo.

## **2. O PROCESSO EXPRESSIVO DOS ALUNOS: *O X da cisão***

Minha penúltima experiência com a pintura (pinturas n° 24 e 25 - Anexo B2, item IV) trouxe alguns momentos importantes vivenciados através das pinturas nos últimos meses e apresentou o X do problema ou o X da cisão, no que diz respeito ao nosso contato com o corpo.

Ela precedeu e introduziu o meu relato sobre o processo expressivo do corpo de meus alunos-supervisionandos, do 5° ano da Faculdade de Psicologia (UNIP).<sup>122</sup>

Como posso abordar o corpo, sem estar no corpo, sem me apropriar do corpo transmutativo, sem acompanhar os momentos de mutação deste corpo? Como transmitir esta vivência? Como posso falar do corpo, se tudo o que eu posso dizer é que ele é concreto e abstrato ao mesmo tempo, psíquico e físico, objetivo e subjetivo, é o mundo de dentro (psique) e o mundo de fora (físico) simultaneamente, é aonde os dois mundos se encontram e se diferenciam a um só tempo.

Não posso lidar com a cisão, se não estiver conectada com a estrutura significativa do mundo, em contato com a vida do corpo, participando ativamente de sua construção. Como posso transmitir para os alunos a “significatividade” deste corpo tramado na própria existência?

Com a cabeça cheia de ranços deterministas e referenciais teóricos fui pintar e buscar o corpo esquecido no porão, porque não dizer o meu corpo, a minha alma, a minha essência. Lá vivenciei a passagem por vários estilos, até poder deixar a minha marca nas marcas do mundo. Percebo que a angústia que vivo e venho vivendo não é só minha, é dos alunos, da escola, da cultura. Não nos damos conta de todo o processo da metamorfose, do vir-a-ser, do movimento cíclico da existência; somos imediatistas.

As borboletas buscam o colorido das flores e preferem lugares com ar mais puro. Nossas cidades áridas e poluídas (como nossas mentes) parecem não combinar com estes seres tão sutis e

---

<sup>121</sup> Cf. Mauro M. AmatuZZi, *Etapas do Processo Terapêutico*, USP/PUC-CAMP, 1992.

<sup>122</sup> A disciplina Integração Fisiopsíquica foi implantada na Clínica Psicológica da UNIP - Cantareira no 2° semestre de 1996 como área de estágio, porém sem a obrigatoriedade de atendimento de pacientes.

delicados. Assim vivemos como se fossemos lagartas, lentos e pesados, enfiados na materialidade. Ficamos sem saber como lidar com esta coisa que vem não sei de onde e vai não sei para onde. Enquanto isto a alma está a vagar mundo afora, “borboleteando”, sem ter penetrado no mistério da transformação da nossa existência corporificada.

E no curso de Psicologia então, onde a psique está catalogada, cheirando a século XIX, como disse meu marido. Pobres alunos. Aprender a incubar como lagartas, desgarrar do invólucro e nascer como borboletas não é tarefa para um curso - é tarefa sem fim.

O mundo organizado das formas, das estruturas de pensamento, das doutrinas é transitório e útil somente enquanto à serviço do nosso processo de transformação, caso contrário é imobilizante e esterilizante.

Os alunos quando se inscrevem no curso de Integração psicofísica, chegam com o corpo para um lado e a cabeça para o outro. A Academia (Universidade) favorece e muitas vezes até incentiva a constituição de um indivíduo borboleteante, feito alma penada, com a cabeça cheia de conceitos que mal sabem reproduzir, deixando o corpo desvitalizado, como uma casa vazia, que após longo tempo sem alma viva, fica empoeirada e sujeita a ser ocupada por moradores indesejáveis.

No ensino orientado pela dimensão racional, o conhecimento intelectual é supervalorizado. O corpo dos alunos passa a ser habitado pelo corpo dos teóricos, sendo as teorias tomadas como “artigos de fé e não como instrumentos auxiliares”.<sup>123</sup> Acrescento: instrumentos auxiliares no desenvolvimento do Ser de cada aluno.

Enquanto isto, o corpo em sua verdadeira condição, de algo vivo e na vida, jaz esquecido à espera de ser despertado, animado (Corpo animado = corpo com alma). Talvez seja visto como uma larva - repugnante - que deva ser desprezada.

Como poderá ocorrer a transformação sem a inclusão de todos os elementos participantes

---

<sup>123</sup> Cf. C. G. Jung, A prática da psicoterapia, p. 85. A crítica que Jung tece sobre a função da teoria no campo da psicoterapia, creio que pode ser estendida aos diversos campos de conhecimento: “As teorias são inevitáveis, mas não passam de meios auxiliares. Assim que se transformam em dogmas, isso significa que uma dúvida interna está sendo abafada. É necessário um grande número de pontos de vista teóricos para produzir, ainda que aproximadamente, uma imagem da multiplicidade da alma. Por isso é que se comete um grande erro quando se acusa a psicoterapia de não ser capaz de unificar as suas próprias teorias. A unificação poderia significar apenas unilateralidade e esvaziamento. A psique não pode ser apreendida numa teoria; tampouco o mundo. As teorias não são artigos de fé; quando muito, são instrumentos a serviço do conhecimento e da terapia; ou então não servem para coisa alguma.”

do processo? Sem a apropriação da vivência, dos sentimentos, das emoções? Como podemos ser autores de nossa própria vida, de nossa obra, de nosso retrato, de nossa pintura sem nos entregarmos à experiência profunda da descoberta do que estava escondido porque era tido como feio - e isto passa a ser um ponto pacífico porque existe um padrão quanto ao que é aceitável ou não - e considerado não passível de transformação? Como podemos criar sem a expressão da vida imaginativa que está no corpo, nos gestos, no olhar, no andar, nos pés, nas nossas raízes familiares e culturais, no movimento cíclico da vida? Até quando podemos continuar copiando o que os outros fizeram, muitas vezes sem questionar, outras vezes questionando mas sem a coragem de mudar?

Eu precisava dar para o aluno a chance, a possibilidade de experimentar, vivenciar e acompanhar o seu próprio processo, registrando-o passo a passo para ir tomando consciência dos significados, aprendendo a observar-se, a dialogar consigo mesmo.

Acredito que este é o trabalho educativo: colocar em contato com o que sempre esteve lá, favorecer a reunião daquilo que só aparentemente esteve separado, “tirando de dentro”, fazendo emergir o ser inteiro, indivisível. Reza um ditado alquimista: só se pode separar o que estava unido.

Ao assumir a supervisão na cadeira de integração fisiopsíquica tinha a preocupação de manter vivo este princípio que considero o verdadeiro espírito da integração fisiopsíquica.

Eu era uma única supervisora para dar conta de 12 alunos que não tinham tido embasamento suficiente no meu referencial teórico e dispunha de três horas-aula para esta missão. Como em tão pouco tempo trabalhar com o corpo sendo coerente com minha concepção? Recusava-me a transmitir técnicas sem a vivência e a promover a experiência sem a reflexão. Estava pisando num campo minado: se eu escapasse por um lado, seria pega pelo outro. Precisava abrir espaço para a subjetividade, permitindo a expressão de vivências afetivas e intuitivas, sem contudo abandonar o racional e objetivo inerentes ao sistema acadêmico. A qual procedimento recorrer, de modo a permitir o entrelaçamento de ambas as dimensões numa rede de significados?

Quando assumi o curso encontrava-me completamente envolvida com o relato do meu processo expressivo na pintura já há 4 meses. Então por que não sugerir ao aluno o mesmo tipo de experiência? O acompanhamento do próprio processo vivido em aula, utilizando-se do instrumento *Versão de Sentido* para expressar suas impressões primeiras após a realização dos trabalhos corporais.

Seguindo a trilha do autor, que pretendeu captar o movimento do processo terapêutico, para compreendê-lo e aprimorar o atendimento, e distinguiu no relato etapas do processo, perguntei-me se não poderia fazer o mesmo num processo de supervisão mas a partir do relato de sentido realizado pelos próprios alunos. O aluno deveria relatar em casa, de preferência no mesmo dia, o que ficou daquela experiência em classe (os trabalhos corporais realizados individualmente, em duplas ou em grupo) e, se quisesse poderia acrescentar outras observações que surgissem durante a semana. O ideal é que pudessem relatar suas vivências verbalmente no espaço da aula, mas como nem sempre dispúnhamos de tempo, a prática do relato escrito após a aula se tornou fundamental. Além do que funcionaria como um estímulo para se produzir uma fala não conceptual já que tais vivências costumam evocar imagens inexprimíveis por meio da lógica da linguagem falada e/ou escrita, especialmente a acadêmica-formal.

Denominei este relato semanal de **Pesquisa do Corpo**, que teria como objetivo compor a história do corpo de cada indivíduo-aluno, ou melhor, sua peculiar trajetória durante aquele semestre letivo.

#### Como os relatos foram sendo produzidos e trabalhados:

De agosto a dezembro de 1996, foram produzidas cerca de 16 **pesquisas do corpo** ou versões de sentido do corpo por cada aluno, num total geral aproximado de 200 relatos.<sup>124</sup> Eram entregues semanalmente em minhas mãos e devolvidos com alguma observação. As pesquisas do corpo eram lidas sistematicamente e mereciam um comentário mais elaborado - uma simbolização no sentido original de “syn-bolein”, lançar junto - em momentos significativos, quando se abria a possibilidade de articulação do vivido com o curso e a teoria. Isto costumava ocorrer nas seguintes situações: se o elemento dor se destacava; quando se apresentava uma seqüência clara de sintomas correlacionados; quando o aluno tomava consciência de seu corpo em aspectos fundamentais; quando determinados conceitos eram entendidos à luz da vivência corporal. Tinha como prática, indicar a exercitação de determinada técnica (exercício) e/ou a releitura de algum texto, numa tentativa de organizar a experiência.

Desde o início, na produção das *pesquisas do corpo*, os alunos se colocaram pessoalmente, uns em maior outros em menor grau de abertura. (evidentemente de acordo com as características

---

<sup>124</sup> Para ilustrar o processo de realização das pesquisas do corpo, mostro as versões da aluna Marysa, escolhida principalmente por apresentar um conjunto completo de relatos escritos em forma bem legível. No Anexo A1, vol. II.

individuais e momentos existenciais). Mas não houve recusas ou resistências a não ser aquelas inerentes ao processo que estava sendo experimentado no corpo. Realizavam a tarefa com entusiasmo e sempre estavam com ela em dia, o que nem sempre ocorria com os outros registros. A fala integradora, compartilhada, construída dentro do processo é própria deste tipo de registro.

As leituras de textos teóricos e sobre as técnicas de integração psicofísicas (de um a dois textos por semana) foram dadas à posteriori, solicitadas apenas quando o tema referido já tivesse sido abordado “vivencialmente” em classe. Para tais textos, pedia fichamentos, resumos ou *Versões de Sentido*; intercalava resumos e fichamentos com as VS. Não possuía um critério único e fixo para definir o tipo de trabalho a ser realizado pelo aluno. A temática do texto e os próprios relatos e trabalhos anteriores dos alunos me indicavam o que pedir. Por exemplo, para textos de maior densidade teórica, pedia resumos e/ou fichamentos ou só VS, e para textos que ilustravam os exercícios, pedia exclusivamente VS. Alguns até tomaram a iniciativa de fazer os dois tipos de registros, pois se sentiam perdidos frente a tarefa inusitada que os liberava de um trabalho extenso (e repetitivo). Limitavam-se a copiar algum trecho, sem tê-lo significado pessoalmente. Quanto aos resumos e fichamentos, como era de se esperar por minha experiência anterior em outra disciplina<sup>125</sup> eram, com raras exceções, reproduções encurtadas das palavras do autor - causando-nos a impressão de que aquilo foi lido apressada e automaticamente. Quando solicitava resumo como tarefa de casa, pedia em classe, a título de complementação e lançando um desafio, a *versão de sentido* oral (de modo democrático e informal - “O que ficou do resumo? O que tocou você?”). Via de regra havia dificuldade em expressá-la.<sup>126</sup>

Também houve versões por iniciativa própria, como a do aluno que relata sua experiência no trem a caminho da aula, seu conflito em se dirigir para a aula ou ir para casa e por fim, sua “sábia” decisão de respeitar o seu corpo e se dirigir para casa para descansar. “*Penso que meu corpo foi sábio em se entregar ao caminho de casa, pois chegando nela pude me refrescar e relaxar em meu colchão, no quarto e me preparar para os próximos dias vindouros.*” (José).

---

<sup>125</sup> Atendimento psicodiagnóstico infantil interventivo em instituição (API), ministrada no 4º ano da Universidade Paulista (UNIP-Cantareira).

<sup>126</sup> No Anexo A3, vol. II, consta um conjunto de versões de sentido das leituras dos textos de um aluno (José) e outras significativas dos demais. Meu critério de escolha foi norteado pelo tipo de reação frente ao texto, ou seja, selecionei os textos que puderam melhor expressar as dúvidas, sentimentos e idéias, trazer os questionamentos da forma de se relacionar com a teoria, e fazer a tentativa de articulação teoria-prática enfim, os que apresentaram um exercício reflexivo. As versões de sentido de José pretendem ilustrar este processo de reflexão e caracterizar a presença de um estilo pessoal.

Para este dia, tinha prometido uma aula especial e solicitado que não faltassem pois demonstraria a *Calatonia*, uma técnica fundamental no escopo do curso. O metrô entrou em greve, gerando um caos no trânsito de São Paulo; quase a totalidade do corpo docente e discente não compareceu. Eu fui, pois além de residir perto da Faculdade, tinha um compromisso selado com os alunos e *sabia* que eles fariam de tudo para comparecer. De fato, foi o que ocorreu. Foi a única turma com somente dois alunos faltantes. Concluo que estavam realmente motivados, pois em situações como esta existe o abono automático da falta. Os alunos também prosseguiram com a pesquisa do corpo mesmo quando faltavam à aula.

Terminamos o 2º bimestre letivo com aproximadamente 300 relatos produzidos pelos alunos, entre versões de sentido do corpo (pesquisas do corpo) e versões de sentido dos textos. Nos 3º e 4º bimestres o processo continuou com a produção de um montante equivalente de relatos de pesquisa do próprio corpo acrescido dos relatos (ainda em forma de VSs) dos atendimentos de pacientes individualmente por uma parcela dos alunos e dos relatos dos atendimentos à equipe multiprofissional de uma instituição de saúde pública pela parcela restante.

No final do curso os alunos tinham lido quase que na sua totalidade dois livros que abordavam o nosso tema em termos práticos e teóricos (no primeiro, mais didático, foram percorridas 450 páginas e, no segundo, de leitura densa, cerca de 100 páginas), e uma média de 10 textos complementares (de 4 até 10 páginas). Ao término do ano comentaram que nem tinham se dado conta do volume de leituras e relatos produzidos. Eu mesma não o havia notado de modo explícito, ou seja, numa versão numérica, mas com certeza o meu corpo o sabia, pois a cada semana meus braços sentiam o volume das pastas a serem carregadas escada acima em direção à sala de aula. Isto foi testemunhado por funcionários e colegas de trabalho, que brincavam com o fato.

No final do 1º semestre letivo, como trabalho final, foi solicitado ao aluno a pesquisa do processo vivido<sup>127</sup>, a partir de uma leitura de todas as *Pesquisas do Corpo* realizadas até aquele momento. Este trabalho final, em alguns casos, não fez jus ao processo rico vivenciado durante o semestre, pois estavam cansados e sobrecarregados com muitas atividades. De qualquer forma, eles traduziram, expressaram o movimento básico dos alunos: a força física (que se traduz como

---

<sup>127</sup> As pesquisas do processo vivido de todos os alunos juntamente com a auto-avaliação e a avaliação que realizaram do curso encontram-se no Anexo A2, vol. II.

energia) unida ao calor dos sentimentos (que se traduz como amor), produz uma consciência clara, “pensamentos luminosos”.<sup>128</sup>

### Como o curso foi sendo conduzido:

“O corpo está mais leve no dia-a-dia” VS 20/11/96 de Maria Lúcia.

Todo curso foi permeado por vivências que favoreceram esta sensação. *Muitos foram os recursos utilizados.*

Antes de qualquer intervenção, os alunos informaram através de uma anamnese corporal, as condições de seus corpos e realizaram o desenho de seu próprio corpo.

Logo na primeira aula, foi proposta a exploração da sala de aula (fria e formal), com olhos fechados (se conseguissem mantê-los) usando diversas partes do corpo e percebendo detalhes deste espaço. Neste momento se revelam todas as ansiedades e expectativas em relação a este novo espaço (medo de cair, de esbarrar nos outros) e ao mesmo tempo, o vislumbre de um novo horizonte: “depois de explorar este novo ambiente, passei a fazer parte dele...meus olhos ficaram mais acesos e atentos” (Valéria).

Também acenou-se com o que seria o retorno ao estado natural em nossas vidas se não estivéssemos tão dissociados dos gestos mais simples, sem considerar as obviedades da vida. Reproduzimos ludicamente os automatismos do cotidiano (andar, sentar, levantar da posição deitada para a sentada e a de pé, tomar banho, colocação da língua dentro da boca), realizando-os de forma consciente, passo a passo e propondo algumas mudanças que pudessem trazer benefício. A postura ideal não é a impossível de se alcançar mas seria a postura possível, real, no entanto obscurecida pelos fardos do dia-a-dia.

Para favorecer a entrada neste estado natural do ser-em-relaxamento, a concentração mental é uma condição que o *Treinamento Autógeno de Schultz* (fórmulas verbais que são repetidas em voz alta)<sup>129</sup> pode realizar com seus passos definidos convidando para este estado de tranqüilização, de novas sensações (peso, calor), de novas escutas (coração), de ritmo (respiração, coração). A meta é bem definida: alcançar, com o treinamento, um estado de relaxamento em

---

<sup>128</sup> No dizer de Peter Deunov, também conhecido como Beinsa Dunó (1864-1944), criador da Paneuritmia, série de exercícios que combinam harmoniosamente música, palavra, movimento e pensamento. PAN significa o cósmico, a totalidade; EU significa o superior do qual tudo procede; RITMIA significa fluir. Cf. Aida Kurteff, PANEURITMIA, manifestação rítmica do divino princípio cósmico da criação, 1988.

<sup>129</sup> Cf Pethő Sándor et al, Técnicas de Relaxamento, 1974, p. 69, para maiores detalhes sobre esta técnica.

poucos instantes, sem esforço. Por isto, neste treinamento, a disciplina é fator essencial; os alunos são introduzidos no espírito da nossa abordagem que pede observação constante e prática diária.

São iniciados no longo processo de intimização com o próprio ritmo e com as dificuldades que surgem em se manter em um estado de relaxamento (psicofísico). As dores em determinadas regiões do corpo pedem atenção e impedem a concentração. O contato com o novo é assustador, desafiante e surpreendente. Provoca insegurança, mal-estar, tontura, dor de cabeça (não produzidos pelo trabalhos, mas apenas despertados por eles, pois tinham relação com sintomas antigos) e principalmente espanto, como por exemplo: “*descobri que não sei respirar direito*”; “*não escuto meu coração*”.

Uma vez criado o ambiente propício para os nossos encontros e feito o convite para a entrada numa condição de experimentação ativa, observa-se que o novo vai sendo assimilado progressivamente: “*a cada dia de supervisão e com o aumento de um novo passo, cada vez mais estou conseguindo perceber meu corpo (...)*” (José).

Para o contato com a dimensão tônica da experiência, outra sistemática é adotada: *Jacobson*<sup>130</sup> entra em campo. Conversas sobre tónus, regulação tônica, hipo e hipertonia. O exercício propõe a vivência dos extremos (tensão e distensão muscular).

Os músculos repousam sobre o esqueleto e a consciência dele se faz necessária. Exploramos articulações com a ajuda do nosso amigo *Michaux*<sup>131</sup> que criou um método de relaxamento para crianças, perfeitamente aplicável nos adultos e muito apreciado por eles! As inúmeras possibilidades de movimento começam a ser descobertas.

A tomada de consciência do sistema ósseo é trabalhada também, de um outro modo, com a colaboração de *Gerda Alexander*<sup>132</sup> que nos introduz nos princípios de seu método: *Eutonia*.

Simultaneamente à consciência dos ossos, da musculatura, dos espaços internos e externos, dos movimentos das articulações, dos ritmos vitais, os alunos aprenderam praticando os *Exercícios Psicocalistênicos*<sup>133</sup> (cuja instrução básica é que os movimentos sejam realizados de acordo com a respiração), a associar o movimento com a respiração, a observar o movimento da respiração (expirar e inspirar) e a trabalhar em grupo, de modo integrado e dinâmico, com todas as

---

<sup>130</sup> Relaxação progressiva de Jacobson, idem, ibidem, p. 56.

<sup>131</sup> idem, ibidem, p. 36

<sup>132</sup> Cf. Gerda Alexander, *Eutonia*, 1983.

<sup>133</sup> Arica -Psicocalistênicos - Série de movimentos para a harmonização psicofísica. Cf. Oscar Ichazo, *Arica Psychocalisthenics*, 1976.

partes do corpo que estavam sendo enfocadas por segmentos em outros exercícios. Relatou um aluno, a respeito de um exercício desta série de movimentos, o “Moinho de Vento”: “*São círculos feitos com os braços e mãos, respirando. Cada um possui um tamanho de círculo que se realizará conforme a sua capacidade de respiração*”. Este aluno, José, apresentava como queixa principal dificuldade respiratória.

Diversos segmentos corporais (rosto, cabeça, pescoço, tórax, braços e mãos, abdômen, pélvis, pernas e pés), foram explorados simultaneamente à introdução nos princípios destes métodos básicos de relaxamento. Através de exercícios de sensibilização (toques e massagens), ora realizados individualmente, ora em duplas, ora em grupo.

Após tantas explorações, a normalmente tão dolorida e tão desconhecida coluna vertebral passa a merecer nossa especial atenção e começa a se manifestar, através dos toques, em movimentos ondulantes e serpenteantes; apurando a todos em torno de seu próprio eixo (auto-centração).

Por fim, surge a pele como última camada a ser contatada e penetrada através da *Calatonia*<sup>134</sup>. Até este momento os alunos estavam sendo iniciados nos fundamentos do método corporal, sendo “amaciados”. A partir de agora, o princípio norteador de todo o trabalho realizado anteriormente, o fio condutor de todo o processo se apresenta, se desvela como sendo o *Método Calatônico*. A orientação orgânica de todo o processo é revelada por este método. Considero que no *Método Calatônico* estão urdidos os princípios dos métodos básicos de relaxamento (Schultz, Michaux, Jacobson, Eutonia, Exercícios Psicocalistênicos e Calatonia básica) e suas ampliações (destas seqüências básicas originais).

O *Método Calatônico* vem iluminar todo o trajeto já realizado. Funciona como uma síntese, como se todo o restante tivesse sido um preparo (amaciamento) para entrar nesta esfera (esfera mesmo, circular, pois se trata de uma experiência de totalidade, onde se rompe com as divisões, os limites, onde ocorre a indiferenciação ou o caos e a possibilidade do aparecimento de uma nova ordem).

---

<sup>134</sup> Exposição completa sobre a Calatonia e o Método Calatônico encontra-se em Pethö Sándor et al, Técnicas de Relaxamento, p. 92; Rosa M. Farah, Integração psicofísica, 1995, cap. 9; Suzana Delmanto, Toques Sutis, 1997, p. 60.

O universo dos *toques sutis*<sup>135</sup> que vinha se desvelando no processo do curso, abre suas portas para ser explorado. Diz uma aluna (Renata): “*Pensei que com o toque sutil (pele) não sentiria absolutamente nada. Percebi contudo como ele envolve todo o ser*”.

Este é um momento importante do curso. A partir daqui percorre-se um caminho suave da periferia (da pele que envolve o corpo), para “dentro” do corpo. Esta sensação é inúmeras vezes relatada por pacientes quando da aplicação da *Calatonia* e de fato evocada pela maneira com que aplicamos os suaves toques. Tocam-se os dedos dos pés - começa-se a tocar o dedo do meio (correspondente ao mediano das mãos), depois o 2º dedo (correspondente ao indicador) e o 4º dedo (correspondente ao anular), o dedo mínimo e volta-se para o hálux (dedão), reunindo tudo (integrando) com todos os dedos em volta (fazendo uma “cestinha”). A seguir toca-se na sola dos pés em dois pontos, no início e no meio do arco longitudinal. Por fim toca-se o calcanhar e a barriga das pernas.

Primeiro as extremidades, depois a aproximação gradual de outras partes do corpo. Primeiro o pé, depois o corpo todo (embora o pé contenha o corpo todo)<sup>136</sup>.

Na *Calatonia*, parece que o dedo do meio funciona como um marco de referência para os toques. Ele estabelece uma linha mediana (linha do meio ou central) que será a orientadora do sentido dos toques. Ao tocar os dedos dos pés, partimos do dedo do meio que divide o pé na porção direita e na porção esquerda. Fazemos então uma seqüência de toques que sugere um movimento de vai e vem - tocamos à direita, tocamos à esquerda e novamente à direita para integrar tudo. A sola dos pés é tocada longitudinalmente de modo que o dedo do meio permanece como referência. Mais uma vez integramos tudo no tornozelo (“cestinha”) e continuamos no eixo longitudinal (para tocar o meio da barriga da perna).

O ponto de partida é o centro e a meta é o centro.

A partir de agora (com a experiência dos toques sutis), o corpo será revisitado para que

<sup>135</sup> Os toques sutis são toda gama de toques que se desenvolveram a partir da *Calatonia* básica. Quando falamos de Método Calatônico estamos nos referindo a todas estas ampliações.

<sup>136</sup> De acordo com a Medicina Tradicional Chinesa, diversos segmentos do corpo, inclusive o pé contém o corpo todo tal como um fragmento de um moderno holograma (laser) contém uma reprodução do que está no holograma completo do qual ele é parte. Cf. Richard Gerber, *Medicina Vibracional*, 1997, cap. I, p.33-54. “Num plano físico, os pés potencializam o corpo do Homem inteiro. É por isso que a arte da Acupuntura, numa das suas abordagens do corpo, é praticada no nível dos pés, cujas emergências energéticas, pontuadas com exatidão, retinham sobre os meridianos correspondentes no nível da totalidade do corpo. Nessa óptica, os dedos dos pés correspondem à parte cefálica do corpo; o calcanhar ao ânus. Detalhando ainda mais essa óptica, o polegar do pé sozinho pode ser visto como um pequeno pé. Cf. Anick de Souzenelle, *O simbolismo do corpo humano*, p. 72.

ocorra uma gradativa reconstrução (a partir de novas bases) em direção a ser si mesmo (construção interminável). Os alunos ficam cada vez mais *con-centrados* no centro.

Seguem-se outras formas de estimulação sutis: os toques de reajustamento dos pontos de apoio, a descompressão fracionada, a movimentação suave das falanges, a respiração pelas articulações, terapia das polaridades, e toques em várias partes do corpo.<sup>137</sup>

O caminho de auto-conhecimento (conhecimento do próprio corpo) é suave e gradual como o da cartilha do curso primário. Deste ponto em diante os alunos pareciam prontos ou maduros para começar a juntar as letras e iniciar a formação de frases. O verbal havia assumido um novo caráter.

Finalmente posso apresentar Jung (a teoria!)<sup>138</sup> de forma renovada. Os alunos não vão precisar de longas explicações (nem as querem mais). Uso imagens colhidas das suas vivências e dos trabalhos realizados até então. Posso brincar com os conceitos, transduzi-los, significá-los, dentro daquele ambiente, daquele grupo e sobretudo a partir daquela experiência. Que bom que eles quase nada conheciam sobre Jung! Assim é possível assimilar a essência de sua obra: o processo de individuação ou o processo de transmutação.

Sempre trabalhei com a *ordem do dia*, ou seja, o momento era o fator determinante da sistemática a ser adotada. A programação do curso estava sendo cumprida, mas construída a partir do que emergia daquele corpo grupal e do corpo institucional. Se havia barulho na sala ao lado, aproveitava para observar os sons do ambiente externo e interno, integrando isto no trabalho. Por exemplo, num dia quente (horário de verão), os colchonetes cheirando a mofo, os alunos oprimidos pela sala (e pelo retorno ao 2º semestre letivo) saímos para o lado externo da clínica, pisamos sobre o chão de terra e fizemos exercícios mantendo o olhar na altura da linha do horizonte e olhando para as quatro direções (visão panorâmica).

---

<sup>137</sup> Cf. Rosa Farah, *Integração Psicofísica*, cap. 9, p.312, e Suzana Delmanto, *Toques Sutis*, parte III, p. 60-292.

<sup>138</sup> O referencial teórico deste curso é o da Psicologia Analítica de Jung, como exposto no cap. IV.

## 3. ANALÍTICA DO SENTIDO

### 3.1. VERSÃO DE SENTIDO

Em busca de uma compreensão do processo vivido, realizei versões de sentido de ambos os processos em separado. Para poder falar dos processos de modo próximo e preservando a sua originalidade, a versão de sentido me pareceu um instrumento adequado.<sup>139</sup> Então me deixei recolocar no clima do encontro e me abri para que o todo se tornasse presente sendo tocada pela experiência de modo a revelar-lhe o sentido. Este sentido se apresentou como sendo a busca da constituição e da singularização de um corpo no mundo com os outros.

A fala que pretende captar o sentido das vivências deve ser ela também uma fala com sentido, viva, original, autêntica. A versão de sentido autentica o que foi desvelado, revelado, testemunhado, ela coloca a experiência dentro da perspectiva da autenticidade, da apropriação, do envolvimento, da pessoalização, do cuidado. Cuidei então dos relatos de modo a trazer em minha versão de ambos, o movimento do processo.

A versão de sentido dos alunos se desdobrou em cinco momentos seqüenciais. Os dois primeiros momentos foram chamados de versão primeira e versão segunda que desencadearam a *super-versão de sentido*. Esta *superversão* pretendeu, num esforço de presentificação do sentido, dar conta da experiência na sua totalidade, apresentando o processo grupal dos alunos nos quatro meses do curso. Desta *superversão* surgiu uma versão final, a qual denominei de *marcas individuais*. Ela será apresentada na íntegra pois desenha a constituição das singularidades. As demais podem ser consultadas nos anexos.<sup>140</sup>

A versão de sentido do meu processo também se desenvolveu em cinco etapas: versão primeira, versão segunda, versão terceira, quarta versão e versão final.

Na primeira dei início a uma *pintura-síntese* do processo. A segunda versão é um aquecimento para a conclusão da pintura que se dará na terceira.<sup>141</sup>

---

<sup>139</sup> “O sentido que buscávamos só podia ser expresso quando o próprio ato de expressá-lo fizesse sentido, fosse novo. É no presente que capto o passado. É criando que entro em contato com o que já existia, e isso porque o que já existia é algo em movimento.” Cf. Mauro M. Amatuzy, O sentido-que-faz-sentido, artigo citado na nota 76.

<sup>140</sup> Anexo A4, vol. II.

<sup>141</sup> A primeira, segunda e terceira versões estão no Anexo B1, vol. II.

A quarta versão é, na verdade, uma não-versão de sentido (ou uma aversão), que fundamentou a escolha do caminho de análise de meu processo. Ela será mostrada na parte introdutória da versão final do processo da autora.

A última versão ou versão final, em ambos os processos, é a versão compreensiva, que pontua os momentos significativos do processo. Estes momentos serão compreendidos à luz do movimento da analítica do sentido.

## **3.2.VERSÃO FINAL:**

### **3.2.1. dos momentos constitutivos do processo dos alunos**

*Busco compreender o processo de construção e apropriação do corpo, em seu movimento circular de fenomenização, de realização e objetivação mediante o desvelamento e revelação do corpo individual e o desvelamento do corpo grupal.*

É importante lembrar que simultaneamente ao desvelamento, ocorre o movimento de desrealização, de velamento, ocultamento. Assim, muitos aspectos podem ter sido ocultados seja por esquecimento, por falta de compreensão, por falta de atenção, por não terem ganhado significado, por terem ficado apenas na memória corporal e principalmente por não ter sido possível apanhá-los pelo discurso verbal analítico que se mostra insuficiente para dar conta da vivência.

#### **a) o desvelamento do corpo grupal:**

Apresento minha tentativa de fazer uma leitura do movimento da analítica do sentido de modo a contemplar os momentos significativos do percurso empreendido pelos alunos, desvelados na **super-versão de sentido**<sup>142</sup>. Cada um destes momentos será comentado em separado e na seqüência em que apareceu. Os pontos que assinalam os momentos significativos do processo são: observação atenta e cuidadosa; as palavras não sabem explicar; descobrem partes esquecidas; expressões variadas emergem da vastidão do céu estrelado de cada um; as marcas individuais começam a ser imprimidas no papel, a marca do estilo pessoal aparece; começam os cuidados com o corpo; imagens e sonhos brotam das raízes do corpo; há repercussão na vida prática dos alunos;

---

<sup>142</sup> Ver Anexo A4, vol. II.

um ritmo novo se instaura; desenvolvem a criatividade e vivenciam os paradoxos do existir; acontece a percepção do corpo grupal.

Tais pontos assinalados abaixo não seguem uma linha reta, mas indicam um caminho cíclico ou em espiral: no processo de construção do corpo, a cada ciclo que se completa, se é solicitado a retornar novamente ao caminho que será então trilhado a partir de uma nova perspectiva. Podemos dizer, que sempre e de novo somos convocados a ir nos aproximando do centro (do si-mesmo), a ir nos apropriando do corpo, a ir habitando o mundo (realizando o mundo, os outros, a si mesmo), cuidando do sentido da existência. Somos chamados a ser iniciadores.<sup>143</sup>

### ***1) O olhar fenomenológico***

#### *Observação atenta e cuidadosa:*

Os alunos começam a observar o corpo com um novo olhar. É a observação que se realiza segundo o *olhar fenomenológico*. Esta observação não é a observação cartesiana que pretende classificar, generalizar, controlar os sujeitos para se chegar a um conceito do corpo. O corpo é observado como algo que se mostra em sua aparência, que é impermanente, fluido e portanto surpreendente. É observado na vida, no mundo, existindo, no seu entrelaçamento com outros corpos.

O pensamento para a fenomenologia é a escuta cuidadosa e atenta do que o acontecer das coisas conta: ver o que se mostra naquilo que aparece.

O corpo fala através de sentimentos e sensações, de imagens, de dores, do outro. Os alunos se aventuram por este novo caminho e tudo o que emerge é bem-vindo e acolhido. O pensar sobre o corpo torna-se um pensar com o corpo, um pensar que se faz no movimento existencial.

*O corpo é acompanhado atentamente e cuidadosamente em seu processo de vir-a-ser, em seu destinar-se (a ser). É um corpo que vai se constituindo junto com os outros (corpos), que*

---

<sup>143</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 102. É ontológico do homem ser um iniciador, faz parte da sua constituição ontológica nascer e morrer (Arendt). A imagem do reaparecimento cíclico da fênix mítica (a que renasce das próprias cinzas), reaviva-se em nossa lembrança a partir das palavras de Dulce M. Critelli: “Cada homem está sempre nascendo e se reiniciando em cada instante. É este gesto que está sempre provocando a ação iniciadora, como uma cadência, dos outros com quem se é no mundo. E isto mesmo que um gesto em questão, seja um gesto habitual, portanto repetido, pois a repetição, no caso dos gestos humanos, nunca é o fazer o mesmo tal qual já efetuado, mas fazer *novamente* algo já feito em oportunidades anteriores; dar oportunidade para que o mesmo modo de agir (gestuar/falar) compareça e se atualize mais uma vez.” (p. 115)

*vai construindo sua história, que vai deixando sua marca no mundo, e deste modo vai revelando o seu destino (o sentido de ser neste corpo).*

A observação atenta e cuidadosa do corpo o faz ser re-ligado à vida. Dele se pode encarregar como se cuida da vida; como um fardo pesado ou como um bem a ser cultivado.

O modo como ele é cuidado revela se estamos próximos ou distantes da vida, revela o nosso grau de cisão entre o sentido e o pensado (em termos representacionais), mostra se estamos ou não nos apropriando dos nossos corpos (e de nossa existência).

A partir deste outro ponto de vista, de um pensar fenomenológico, os alunos passam a se relacionar de forma diferente até com o ambiente acadêmico-formal, que é visto com um novo olhar, um olhar até mesmo romântico.

O sentido de ser em um dado corpo aparece numa multiplicidade de formas consideradas todas legítimas.

## **2) A busca do sentido de ser**

*As palavras não sabem como explicar (as sensações e sentimentos)*

O corpo que esteve fragmentado, dissociado da existência, apresenta uma fala surda, incompreensível, desconhecida.

Surge o apelo para se habitar o mundo, para se habitar o próprio corpo de um outro modo. Inicia-se a busca de um novo sentido de ser que será empreendida através de uma nova forma de expressão, a partir do corpo. Ele necessita de uma fala nova, que coloque sua história em movimento.<sup>144</sup> As palavras não sabem como explicar as sensações e sentimentos, porque não são lógico-rationais.

A vivência corporal não pode ser explicada pois o corpo não é uma idéia, uma coisa, um objeto a ser estudado. O corpo é um ser vivo e vivente cuja linguagem é *existencial*.

Ele não é uma realidade que possa ser pesquisada e enquadrada em esquemas lógico-rationais; ele só se torna real quando é visto sob uma nova ótica, apreendido em sua manifestação,

---

<sup>144</sup> A fala nova é a fala original, primeira, na qual a intenção significativa se encontra em estado nascente. A intenção significativa é “um certo vazio, um desejo, um silêncio determinado, que por sua vez emerge da natureza ou do passado como um salto qualitativo pressupondo uma abertura na própria natureza.” É uma mobilização para falar, uma intenção de captar e comunicar um sentido em direção a um sentido novo. Este movimento não é cognitivo, mas existencial. Cf. Mauro M. Amatuizi, *O silêncio e a palavra*, USP E PUCCAMP, 1992. A “fala nova” é uma “fala falante”, expressiva que trabalha sobre significações disponíveis fornecidas pela cultura, colocando-a em movimento. O produto cultural que instrumentaliza outras falas promovendo novos atos culturais é a “fala falada”. Ambas as falas são interdependentes. Cf. idem, *O resgate da fala autêntica*, cap. 1, p. 33-35.

*sendo*, e não na sua representação (idéias). O sentido de ser só pode ser acolhido e expresso por uma linguagem não conceptual.<sup>145</sup> As *versões de sentido* possibilitam esta nova forma de expressão pois nelas há lugar para a linguagem metafórica e poética.

### **3) O movimento de realização do sentido de ser: ser no corpo**

#### **3.1. O desvelamento:**

*Partes esquecidas são descobertas:*

A fala do corpo ainda é uma fala sobre o corpo, uma fala que pergunta à mente racional: onde está o sentir?<sup>146</sup> Devido ao afastamento do sentir, os alunos têm dificuldade de entrar em contato principalmente com o coração, cuja escuta não conseguem realizar.

No decorrer do curso, o corpo vai sendo desvelado. A descoberta ou *desvelamento* do corpo como capaz de sentir, de se emocionar, de chorar e de rir, de ter um coração que pulsa no peito vai se dando simultaneamente à descoberta de sua condição de *velamento* presente nas memórias (olfativas, gustativas, táteis, visuais e cinestésicas) armazenadas no corpo, na indiferença e falta de cuidados para com ele, e até mesmo nas manifestações dolorosas.

No início do curso o que fala mais alto é a dor do afastamento e descuido para com o corpo, dor que também permite que ele venha a se tornar presente e vivo.

Várias facetas do corpo desvelam-se à luz do tempo existencial e não por um esforço racional e cognitivo. Este corpo, ao sair do encobrimento (que também é um modo dele se mostrar), é apanhado em suas inúmeras possibilidades, apresentando-se como um corpo multifacetado, que tornar-se-á tangível mediante a fala que fale a sua linguagem e não outra.

---

<sup>145</sup> “Lembremos que para Aristóteles, o conceito (juízo, idéia) depende sempre de um método de observação (indução e dedução) como base e da comprovação lógica dos mesmos (os princípios de identidade, da não-contradição, do terceiro excluído). Já os relatos míticos não são, em nenhum momento, o emprego de um sistema lógico-metodológico. Estes relatos, assim como a poesia, não se servem de conceitos, mas revelam e tocam o sentido mesmo do existir, em todos os seus aspectos.” Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 77.

<sup>146</sup> “Falar é pensar, mesmo quando falo de sentimentos. Falar é decidir, é criar. Mas isso só se aplica plenamente ao falar primário. É possível uma fala *sobre* pensamentos ou *sobre* sentimentos. Mas então ela não se identificará com *esses* pensamentos ou *esses* sentimentos, e sob esse aspecto não os estará decidindo ou criando. Na fala original, se chamarmos de sentimento à intenção significativa que a anima, então não só a fala é o pensamento mas também o pensamento é o sentimento.” Cf. Mauro M. Amatzuzi, *O resgate da fala autêntica*, cap. 1, p. 29.

### 3.2. A revelação do corpo e o testemunho

*Expressões variadas emergem da vastidão do céu estrelado de cada um:*

Há um movimento de romper o silêncio do corpo que dorme, encoberto. A palavra irrompe desde o nível pré-verbal, colocando o pensamento em ato (pensamento que inclui o sentir).<sup>147</sup>

O corpo sai de seu ocultamento e pode ser revelado em sua imensidão. Ele revela o mundo e é revelado por ele. O corpo não apenas fala na linguagem secundária,<sup>148</sup> mas se comunica, começa a se dizer a si mesmo na relação com os colegas, com o supervisor, com os familiares, no trabalho, no mundo. *O corpo é desvelado e revelado na coexistência.*

Nos relatos, as *metáforas* passam a ser a linguagem corrente, a possibilidade de se expressar mais próxima da experiência.<sup>149</sup>

A integração fisiopsíquica não é vista apenas como uma disciplina ou estratégia terapêutica. Ela é uma visão estruturante de mundo que solicita o pensamento mítico, analógico e poético.

As falas do corpo faladas nos relatos são acompanhadas pelo supervisor que as lê sistematicamente e as interpreta para o aluno, dando seu testemunho. Também na prática compartilhada dos exercícios dados em aulas todos juntos testemunham as descobertas individuais. Estabelece-se um diálogo genuíno que promove a participação criativa dos alunos no

---

<sup>147</sup>Idem, ibidem, p. 27-32.

<sup>148</sup> A fala secundária ou expressão segunda é a designação genérica feita por Merleau-Ponty (1967) para a fala da “linguagem empírica ordinária”, a qual se diferencia da fala nova ou primeira (fala autêntica, fala original, fala falante). Idem, ibidem, cap. 1, p. 25-26. A predominância da fala secundária “mantém não rompidos os silêncios que buscam romper-se e leva a uma estagnação do viver, contrariamente à fala autêntica que rompe o silêncio original.” Idem, ibidem, p. 38.

<sup>149</sup> A autenticidade é caracterizada por Rogers (1980) com a expressão: “*proximidade ao que se passa dentro da pessoa.*” O que se passa com a pessoa é a experiência e portanto, a autenticidade é uma proximidade à experiência. Cf. Mauro M. Amatuzzi, O resgate da fala autêntica, cap. 4, p. 100. O conceito de “experienciação” é apresentado por Gendlin (1962) no lugar do conceito de “experiência” de Rogers, correspondendo ao *modo de vivência*. Este modo varia desde um distanciamento da experiência até um modo de abertura e aproximação. Há diversos modos de integração do indivíduo, a depender de seu modo de experienciação: apego a esquemas fixos e imutáveis ou vivência da provisoriamente da experiência. Grendlin (1970) situa a experiência como algo interativo: “Conheço-me a mim mesmo secundariamente, a partir das relações, a partir do meu estar-sendo-em e estar-sendo-com”. “Seguir a própria experiência” ou tornar-se a própria experiência (ela é algo que nos acontece e algo que fazemos acontecer) é entrar num processo interativo com o meio e é nele unicamente que nossos afetos e escolhas adquirem sentido. Idem, ibidem, p. 104-105.

contexto educativo com a geração de novos sentidos para as experiências com o corpo.<sup>150</sup>

### 3.3. Autenticação

*As marcas individuais começam a ser imprimidas no papel:*

Há uma *decisão em se expressar*, um compromisso com a tarefa, que não pode estar sujeita aos esquemas pré-determinados. Essa decisão não é obra de uma ponderação racional e impessoal. Ela é fruto da própria experiência “emocionada” que o trabalho com o corpo propicia.<sup>151</sup> É colocado em marcha o processo de transformação do corpo.

A fala do/sobre o corpo surge como uma *fala original*. A fala do corpo é emocionada, evidenciando como são tocados ou afetados pelas experiências (com o toque no corpo, nas vivências das aulas, nas situações do cotidiano). Através dos estados de ânimo ou emoções vários aspectos do sentido do existir são tocados e revelados. Na dimensão da emoções, as coisas se abrem em seus significados e se transformam continuamente.<sup>152</sup>

A fala original tem uma força transformadora que reconduz os alunos para uma reorientação do sentido de ser.<sup>153</sup>

O corpo ganha consistência através do registro da experiência (versões de sentido); o corpo realiza-se através da autenticação da experiência. Na avaliação final, mesmo aqueles alunos que apresentaram limitações quanto ao registro e acompanhamento do próprio processo, por ficarem presos aos moldes acadêmicos, indicaram a ocorrência de mudanças significativas em seu corpo e na sua forma de relacionar-se com ele.

---

<sup>150</sup> Para Buber (1982), o diálogo genuíno acontece na mutualidade da relação, no falar - para e não só diante de alguém, como é o caso do palavreado. A fecundidade é uma das características do diálogo genuíno. A polissemia (engendramento de novas significações) da fala apenas se realiza na seqüência de um diálogo fecundo. Idem, ibidem, cap. 2.

<sup>151</sup> A expressão é uma decisão determinada pelo próprio ato expressivo. “O ato expressivo, de alguma forma afeta aquilo mesmo que ele expressa ou ainda a experiência original é em parte constituída pelo ato através do qual eu a expresse.” Neste sentido os sentimentos quando ainda não-expressos são pré-sentimentos. A expressão do sentimento implica em “determiná-lo, identificá-lo, pronunciá-lo, trazendo-o à existência como algo concreto na trama do mundo.” Cf. Mauro M. Amatuzzi, O resgate da fala autêntica, cap. 6, p. 133

<sup>152</sup> Significado não é sinônimo de sentido. Sentido é *direção, norte, destinação*. O sentido da existência se expressa junto com o significado em que as coisas são manifestas. Cf. Dulce M. Critelli, Analítica do Sentido, p. 98

<sup>153</sup> A força da palavra original está na sua ação transformadora. Cf. Mauro M. Amatuzzi, op. cit., cap. 3. p. 73.

#### **4) A singularização do corpo:**

##### **4.1. cuidando de ser através da construção do corpo no mundo com os outros (a construção da história do corpo através da “pesquisa do corpo”):**

*A marca do estilo pessoal aparece:*

Surge a palavra própria, pessoal, e com ela, a possibilidade de construção de um modo de ser próprio.<sup>154</sup> O condicionamento psicofísico começa a se processar individual e grupalmente através da desconstrução de todos os esquemas (inclusive os da escrita). O corpo pode ser recriado em novas bases. Ele se expressa, fala, de um modo peculiar.

Os relatos assumem um estilo característico, embora apresentem inúmeras experiências comuns, quanto às vivências corporais (reações psicovegetativas, sensações de agradabilidade e desagradabilidade, surgimento de imagens, vontade de cuidar mais do corpo, etc.).

As versões de sentido passam a fazer cada vez mais sentido e a gerar novos sentidos. Exibe-se um sentido de ser através do movimento de torná-lo real. O corpo pode ser habitado, o mundo pode ser habitado (o real pode ser habitado). *A história do corpo vai sendo construída e registrada em conjunto e entrelaçada com as histórias de outros corpos.*

A fala do corpo cria e objetiva ao criar<sup>155</sup>. Objetiva um modo de ser singular, um modo de ser humano, um modo de se habitar o mundo.

O humano é objetivado através da fala do corpo e dos cuidados com o corpo que fala.

##### **4.2. cuidando de ser num corpo próprio, sendo plural**

*a) Cuidados com o corpo se iniciam:*

Estes cuidados mostram um modo de se habitar o mundo, de cuidar da existência. Cuidar do corpo (atividade de labor) é signo (real objetivado) que compõe a rede de significação existencial (a trama do mundo).

Decide-se cuidar do corpo de um outro modo. O corpo é atendido em suas necessidades de modo autêntico, ou seja, procura-se tratamentos que dêem conta de sua beleza e harmonia, mas não de acordo com a imagem de corpo saudável vendida no mercado, conquistada às custas de técnicas que prometem milagres.

---

<sup>154</sup> “A palavra própria (Freire, 1974), sua, corresponde pois à palavra que transforma o mundo e a si mesmo face ao mundo, a partir de algo que é próprio, seu, isto é a experiência que pertence a cada um e ao povo e que é formulada no ato de apropriar dela, o qual é o ato de transformar o mundo. Idem, ibidem, p. 70.

<sup>155</sup> Idem, ibidem, p. 22.

O modo de se cuidar do corpo se apresenta como uma escolha por tratamentos para velhos problemas físicos que eram deixados de lado (restaurar os dentes, auxílio médico para um problema crônico), e por atividades terapêuticas, pedagógicas ou reeducativas.

O corpo passa a fazer sentido como algo *próprio* que precisa de constantes cuidados utilizando-se de recursos disponíveis no mundo, porém não passível de ser modelado segundo padrões externos. O padrão de beleza almejado é o estado de inteireza, de estar vivo e participante do fluxo da vida. Esta é uma condição projetiva, uma possibilidade em constante realização.

Inicia-se a apropriação de uma decisão em poder ser si mesmo, dando conta de ser de acordo com suas possibilidades.<sup>156</sup>

*b) Das raízes do corpo surgem imagens e sonhos*

Brotam imagens com grande frequência durante a realização dos trabalhos com o corpo e sonhos no dia seguinte à aula e/ou durante a semana associados com as vivências no curso. Entra-se na dimensão simbólica do corpo. O símbolo existencializa, apresenta a experiência através de imagens que dão o sentido de ser. As imagens que brotam do corpo são presentificadas nos relatos do corpo.

O corpo fala sua língua, o que quer dizer que sua fala é a fala do imaginário que se revela na singularidade das vivências. Os alunos dialogam com seus sonhos, imagens e sintomas, que são elaborados no decorrer do processo grupal. Mas a fala do corpo é simbólica, o que quer dizer que o ato de falar reúne, lança junto o indivíduo e o mundo. Revela o homem como um ser co-existente.

A pronúncia da palavra autêntica do corpo recria o mundo com novas significações. O mundo pode ser interpretado bem como é possível se interpretar a si mesmo diante do mundo. É no clima da reciprocidade que surgem novos sentidos.<sup>157</sup>

A linguagem do corpo é existencial e sua fala é construída na coexistência.

---

<sup>156</sup> A busca da autenticidade é processual. Idem, *ibidem*, cap. 6, p. 150. Ele fala sobre a natureza não racional do processo da fala autêntica. Cada passo do processo é criado, é imprevisível e portanto traz a novidade (que se articula com a decisão em se expressar e o testemunho do outro), e se prende a um elo anterior, a uma origem (o silêncio primordial que será conhecido a partir da experiência).

<sup>157</sup> Idem, *ibidem*, cap. 6.

*c) Repercussão na vida prática:*

*O corpo é apropriado na vida cotidiana, estando no mundo com os outros.* Ele co-existe no mundo. Ele é observado no cotidiano, na rua, no trânsito, trabalhando e realizando todas as atividades rotineiras do dia-a-dia. Os alunos treinam os exercícios em casa e nos locais de trabalho.

É o corpo concreto, objetivo, que participa da trama de relações significativas (do mundo). É o corpo vivente inserido na trama do mundo, sendo objetivado pelo testemunho dos outros.

*d) Um ritmo novo se instaura:*

O padrão impessoal do corpo é gradativamente abandonado. O corpo dinamismo biológico - um corpo que se tem, um entre os demais - passa a ser tomado aos cuidados de um modo novo. Não mais se *tem* um corpo que é cuidado mecanicamente, mas se *é* um corpo<sup>158</sup>, um corpo com sentido, con-sentido (de acordo com o que ele é), com sentidos físicos (os cinco sentidos) e com o sentido maior que é o sentido de se ser (nele e com ele). A alegria, o prazer, a leveza surgem como modos de se cuidar de ser. O sentido de ser se manifesta através destes estados (de ânimo).

Há uma mudança na relação com o espaço e com o tempo. Relatam sensações da ampliação do espaço, da visão, da escuta. O espaço acadêmico é considerado como um presente, um lugar de renovação de forças. A relação com o tempo objetivo e determinado, o tempo do relógio, é mudada. Percebem o corpo sendo, acontecendo, na existência. O corpo é sentido e faz sentido. Ele é regulado pelo acontecer existencial. O corpo participa da dimensão do ser. O corpo é.

### ***4.3. Cuidando de ser num corpo plural, sendo singular***

*a) Criatividade e paradoxos:*

Instaura-se um movimento criativo de inserção no cotidiano, tornando-se o que se é, e sendo o que se é, por inteiro, estando no mundo com os outros, se comunicando com os outros. Os alunos tornaram-se mais autônomos, mais “donos” do próprio corpo, apropriando-se das técnicas e adaptando-as às suas necessidades e as recriaram em diferentes contextos, dando início a um

---

<sup>158</sup> “Ser um corpo” ou “ter um corpo” é uma expressão do professor K. von Dürckheim (Le Hara, Le Courrier du Livre, Paris). O corpo pode ser vivido como a “imagem do corpo divino” ou entretido como uma máquina. No primeiro caso ele participa da terceira dimensão do ser, da trilogia corpo-alma-espírito e no segundo, ele é um corpo sozinho, esmagado pelas determinações exteriores. Cf. Anick de Souzenelle, O simbolismo do corpo humano, p. 39.

movimento de troca de experiências. Levaram o que aprenderam para fora do espaço acadêmico e trouxeram para as aulas suas colaborações. Também a teoria foi recriada através do posicionamento afetivo diante dela.

Durante o curso, os alunos tiveram a experiência de ser desalojados do próprio corpo, da estrutura fixa com a qual estavam acostumados. A representação, a idéia que tinham a respeito do corpo e a imagem que construíram dele foi se desfazendo, juntamente com o sentido de ser neste corpo e deste modo. A consciência de não estar habitando o corpo e o próprio mundo (inospitalidade do mundo), foi despertada pela vivência da dor e também da doença. A dor indica uma falta, um vazio e abre caminho para o auto-conhecimento.

Os alunos foram lançados para o conhecimento do corpo de um modo novo, a partir dos sentidos e norteado pelo sentido de ser. É como se o sentido novo fosse dado pelo “corpo-sentido” que reúne o (sentido) sentir, os (cinco) sentidos corporais, e a intuição (o sexto sentido). É este corpo de sentidos que escolhe o caminho. A consciência disto abriu a possibilidade de se estar no mundo com um corpo novo, ressignificado, um *corpo que pensa* com todos os seus sentidos, um corpo singular que pede para ser cuidado, habitado e relacionado.

O mundo se reapresenta como o lugar da realização de seu modo próprio de ser que foi conquistado durante o curso. É possível estar no mundo de um jeito próprio, mas sem apego ao padrão coletivo. O corpo próprio é criado no encontro/confronto com o corpo do outro, sem nunca prescindir dele.<sup>159</sup> Pelo contrário, ele está continuamente sendo construído, realizado e desrealizado (desvelado, revelado, testemunhado, veracizado, autenticado), em interação com o mundo dos homens e na história coletiva (ou na tessitura da trama coletiva).

Quando o corpo é tornado próprio, surge uma sensação de completude, mesmo quando não se está em perfeitas condições. Alguns alunos relataram uma sensação de inteireza mesmo quando o corpo estava cansado ou triste; de leveza ou soltura mesmo quando ele estava pesado. Tornou-se possível conviver com a dor e com os conflitos, estando no mundo com os outros, sem

---

<sup>159</sup> “O *posicionamento conflitivo que o falar autêntico implica* (em relação ao opressor dentro e fora de nós) que é a outra face da mesma moeda cuja primeira face é o posicionamento dialógico (em relação aos que partilham a mesma busca, seja dentro, seja fora de nós), *é algo que pertence ao esforço da libertação em si mesmo*, à medida que é histórico, isto é, à medida que ocorre em nossa condição atual de humanidade, independentemente de características particulares que possa assumir numa conjuntura específica de tempo e lugar. Parece que é da condição humana que a fuga indiscriminada do conflito acabe impedindo o cumprimento do amor.” Cf. Mauro M. AmatuZZi, *O resgate da fala autêntica*, cap. 3, p. 89.

que isto fosse vivido como desintegrador, ou produzisse uma estagnação do fluir existencial.

A sensação de inteireza também se fez presente em relação ao outro. Perceberam-se como integrantes de um corpo grupal, um corpo que não separa o eu do outro.

*b) O corpo grupal:*

Todo conhecimento de si é o conhecimento do mundo. Conhecer o próprio corpo é conhecer o mundo que o constitui. O corpo fala (desvela-se e expressa-se) na condição ontológica plural do homem. Os alunos percebem que o conhecimento de si é o conhecimento do outro e que seu corpo co-existe num corpo plural.

O corpo de cada aluno, ao ser iluminado, compreendido, trazido à luz, permitiu o renascimento dele próprio que o compreendeu e do grupo que o testemunhou. Tanto os alunos individualmente como o grupo ganharam identidade (ou realidade). Todos eram integrantes de um mesmo corpo que foi construído coletivamente. As vivências de trabalhos em duplas e de exercícios grupais propiciaram esta condição. A interação grupal foi valorizada por eles, que se sentiram fazendo parte de um mesmo círculo, constituídos por um mesmo corpo: o corpo é com-os-outros.

**b) o desvelamento e a revelação das marcas individuais:**

A seguir, revelo a forma de expressão de cada aluno captada por mim na versão de sentido. As expressões sublinhadas brotaram no momento da leitura do relato do aluno, não tendo sido pois formuladas pelo aluno. Elas ressaltam aspectos fundamentais na compreensão do que o corpo é.

Na versão de sentido dos processos individuais, com a apreensão das marcas individuais, o que se apresenta é a dimensão do *testemunho* do que foi desvelado e revelado (comunicado) pelos alunos. A versão de sentido por si só cumpre a função do testemunho, tornando-se condição suficiente para a compreensão do processo, sendo dispensável recorrer a outros elementos.

O que foi testemunhado foi algo vivido no entretencimento do meu processo e o dos alunos, formando uma trama significativa comum.

Minhas marcas foram impressas nas pinturas e nos relatos sobre elas (desvelo e revelo

meu corpo e a mim mesma) e, simultaneamente, os alunos deixaram gravadas as suas marcas individuais nos seus relatos (pesquisas do corpo). Testemunhei estas impressões através de minhas leituras de seus registros bem como das versões de sentido sobre eles. À medida que fazia as leituras, era tocada pela vivência dos alunos, de modo que meu corpo era sempre e de novo nascido no contato com aquela multiplicidade de corpos, assim como foi sendo consolidada a minha existência individual junto com a compreensão da singularidade dos alunos.

Vou ressaltar os aspectos que me chamaram a atenção na constituição da individualidades, lembrando que elas formam um único e mesmo corpo, o *corpo grupal*. “Singularidade e pluralidade são dimensões correlativas, porque o eu é, simultaneamente, exatamente igual a todos os outros homens e carrega em si tudo o que está presente nos outros homens.”<sup>160</sup>

Cada uma das marcas individuais revelam momentos constitutivos do processo grupal, confirmando a existência de um só *corpo multifacetado*. As facetas que se apresentaram foram: a palavra poética; a palavra metafórica, para descrever experiências de ordem não racional; a atividade reflexiva (o pensar fenomenológico); a presença da afetividade com a vivência paradoxal; a pertença ao grupo; a vivência da dor junto com a perspectiva de mudanças; o poder surpreender-se, indicando o rompimento com o antigo padrão e a abertura para o novo; o pragmatismo, revelando o corpo no mundo, no cotidiano; a escuta do corpo, para tomá-lo aos cuidados; curando os ferimentos, cuidando do corpo de um modo mais próprio, autêntico; os olhos que enxergam sem verem, a percepção de imagens e a visão do todo (da pertença ao corpo grupal e ao corpo da humanidade).

Os nomes verdadeiros dos alunos foram mantidos, em atendimento a manifestação deles próprios que, ao serem solicitados a sugerirem pseudônimos, consideraram isso totalmente desnecessário. Para eles, a preservação do nome próprio era coerente com a experiência de identidade conquistada no decurso do processo vivido.

Eis as marcas individuais, apresentadas na ordem de abertura para o meu olhar:

---

<sup>160</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 65.

***1) na dimensão do testemunho:***

**1.1. José, o poeta:** percebe que o corpo tem sua própria linguagem e é como uma casa que necessita ser ocupada em toda a sua extensão. Desenvolve um novo olhar, até romântico, para o ambiente antes acadêmico. Revela sensibilidade nos olhos e ao som. Vivencia o corpo como uma criança que dorme tranqüila. Entra em contato com a sabedoria do corpo e descobre que ele é um todo articulado. Percebe que estar no corpo é estar no aqui e agora encarnado.

Seu relato é descritivo, conta “as tarefas “dadas na supervisão, comenta-as como também os acontecimentos da aula.

Transcrevo, na íntegra, sua primeira versão de sentido (de um texto sobre algumas idéias de Reich):

“É interessante entrar em contato com algo novo, que o corpo possui também emoções, memória e que promove a conscientização e elaboração. E, mais, me chama a atenção o ouvir-se em contato com o outro.

Talvez eu esteja sendo um neófito ao ler tal texto, pois o que eu pude perceber foi uma grande vontade de experimentar, e, logo, o exercício de ouvir-se na relação com o outro.

Tenho a impressão de que esta é uma tarefa difícil, a de se perceber através do outro. Já é árduo o trabalho de se ouvir em si mesmo: aquele que possui esse privilégio traz em si uma grande honra, e, então, é proposto algo (quicá uma tarefa simples) a de ouvir o seu eu “self” através do outro. Por isto penso que ser psicólogo é muito mais do que ser “louco” como imagem popular, é também ser o ‘louco de si’, o ‘louco do outro’, aquele que busca o que foi perdido no mais remoto tempo, a sensibilidade de nossos antepassados; a sensibilidade mais primitiva que advém da centelha, da primeira luz, origem do ser.

Na verdade, sentimos dificuldades tremendas em sentir uma emoção na sua pureza, qual adulto que não sabe o quanto é difícil chorar quando se tem vontade: sorrir quando as forças o pulsionam: enfim emocionar-se em um momento que o próprio corpo pede, tudo isto em função de uma socialização que nos é passada tanto para o nosso ‘bem’ quanto para o nosso ‘mal’... Enquanto que a criança o vive no seu mais completo estado de pureza, e assim também o seu corpo, a sua fala...

‘Meu bem, meu bem, meu mal...’ (Caetano Veloso)

Resgatar a consciência do corpo traz em si um percurso ainda mais tortuoso, e, então, no que tange revolver o passado da própria emoção corporal, ele pode ser trazido em evocar os demônios que se encontram no subterrâneo mais profundo do ser, pois este contato parece se dar com a emoção de algo que nem sequer encontramos, com o olhar que jamais tocamos e a expressão que não queremos dar. Mas, a partir do momento que descubro as minhas partes em um só ser, percebo que sou eu, sou muitos, sou um.”

Linguagem do corpo: “De tudo, sei que possuo o meu ritmo e não adianta me exceder, pois o meu corpo fala a sua linguagem e não a do outro.”

Corpo-casa (sobre sua dificuldade para respirar): “posso respirar bem mais do que faço... senti que não procuro explorar a minha potencialidade... é como morar em uma grande casa e não conhecer que nela há quartos que podem ser adentrados e ficar somente nos cômodos limitados; daí então perceber que há outros que podem ser explorados traz uma grande satisfação em se descobrir enquanto *ser no espaço* (grifo meu).”

Olhar romântico (para que desculpas, José?) - Apresentação do novo olhar para o ambiente antes acadêmico:

“Andando pela sala, percebi que curiosamente não a conhecia sob aquele prisma, pois trabalhei nela no ano letivo anterior e descobri que não a tinha explorado suficientemente para conhecê-la. As suas várias partes, a textura de sua parede, as suas formas e locais diferentes, até então eu ignorava e eu descobri que próximo à janela do lado oposto da porta há um lugar bem agradável de se ficar, pois temos noção de todo o espaço e de brinde a janela dá para uma grande mata escura cheia de grilos (foi o que eu imaginei pelo barulho que ouvia), além de uma luz que vem não se sabe de onde mas ali permanece como a suspirar um pequeno grito na escuridão (escusas pelo olhar romântico).”

Revela muita sensibilidade nos olhos e ao som (ele próprio percebe que privilegia o sentido da visão). Sobre os olhos: “O fechamento dos olhos favorece a interiorização(...), os olhos abertos conotam conscientização”; sente paz no olhar, mansidão no olhar.

O corpo lúdico (clima de diversão): “Fui para casa rindo sozinho no carro e quando lá cheguei estava bem disposto para conversar e realizar as tarefas para outro dia... Não sei se foi somente o exercício do “oito”, penso que também o Jacobson contribui para isto, juntamente com a integração fisiopsíquica, como também da interação em que o grupo está se inserindo

atualmente.”

O corpo é uma criança que dorme: “O exercício trata-se de práticas com crianças. Parece que eles freiam a nossa ansiedade a ponto de até esquecer de ir embora. Traz uma calma sentida na sua significante pureza, talvez a calma que não conseguimos sentir nas crianças, calma esta até mesmo esquecida, o que me remete ao sono infantil, igual a um cartaz que eu vi hoje em um banco, uma criança dormindo e uma linda lua cheia no topo de um quadro e falava-se de seguros e a criança plenamente segura em seu sono. Acho que fiquei bem calmo e leve.”

O corpo sabe: (Constatação, na prática, da teoria):

“A despeito da execução do exercício ter sido rápido o bastante, senti que meu corpo já reage de forma mais pronta, como se já soubesse das instruções.”

“O corpo se entrega ao chão, a lei de atração à terra, que tanto defendem os físicos, se fazia ali provada...”.

“Quando se aplica, percebe-se que também o corpo do aplicador se contagia pelas articulações, o que me faz lembrar da teoria de Jung em que também o terapeuta se beneficia de sua prática, em movimento mútuo de crescimento tanto ao paciente quanto ao terapeuta.”

“...gostei de me desprender das rígidas observações, procurei respeitar o meu momento” (ao pedir desculpas pela falta de conteúdo do relatório, por não ter feito todas as anotações)

“...penso que o meu corpo foi sábio em se entregar ao caminho de casa, pois chegando nela pude me refrescar em um banho e relaxar em meu colchão, no quarto e me preparar para os próximos dias vindouros.” (Estava em conflito se chegava mesmo que atrasado à supervisão ou partia para casa).

O corpo é um todo articulado (exercício de Michaux, com as articulações): “Quando recebi a aplicação, senti que meu corpo se expandia, abriam-se mais os canais do movimento, sentia enfim o meu corpo se movendo, participando daquele ato, sem se mover, pois o movimento é de uma entrega passiva e, no entanto, uma consolidação ativa de partes que envolvem um todo, isto porque nos toques dos membros inferiores, sentia também que os superiores participavam, embora sem ser tocados.”

Percepção do corpo como o aqui e agora encarnado: “...imagens oníricas ainda surgem com grande ênfase. Preocupe-me em voltar à realidade e ter contato com o meu próprio corpo”. “No momento que foi ordenado para levantar o braço, o fiz com prazer para ter a certeza e que o

“aqui e agora” era objetivo, concreto e que eu poderia respirar da minha forma”.

**1.2. Vera Lúcia, a perceptiva:** descreve fenomenologicamente suas percepções corporais, que oscilam entre a dor e o prazer, utilizando-se de muitas metáforas para dar voz à linguagem do corpo. Conquista uma visão ampla e abrangente simultaneamente à sensação de ampliação de movimentos. Percebe o movimento interno dos ossos e os espaços intervertebrais. Vivencia a soltura e leveza musculares. Vivencia o calor e o aconchego em seu corpo.

Utiliza-se de inúmeras expressões metafóricas para dar voz às múltiplas falas do corpo:

“...fica muito difícil de explicar tudo o que observei junto a meu corpo”:

Recorre à linguagem descritiva de suas sensações corporais movendo-se entre os pólos da dor e do prazer: *Corpo inchado e pesado; cabeça tonta; olhos presos; sorriso solto; barriga que ronca; garganta que queima; olhar aberto; respiração sufocada.*

Tem muitas vivências de contraste no corpo (percepção das polaridades):

músculos rígidos X flácidos; peso X fraqueza nos braços; repuxamento X estiramento da coluna.

Conquista uma visão ampla e abrangente simultaneamente à sensação de ampliação de movimentos. Percebe os espaços intervertebrais:

“...ossos se afastavam uns dos outros, como se tivesse energia que os afastava.”

“Senti o corpo todo muito próximo ao chão, a coluna estava bem reta e ao mesmo tempo parecia estar dissociada em pedaços, ou seja, sentia um espaço entre uma vértebra e outra.”

Percebe o movimento interno dos ossos: “Senti o movimento interno dos ossos, não sei bem como explicar, mas conforme encaixava a pélvis, tinha a sensação de imaginar as trompas de Falópio bem próximas à pele do corpo, é como se elas estivessem aparecendo no corpo.”

Sensação de soltura, leveza e alegria:

No início: “Percebi certa dificuldade para soltar as pernas como se tivesse um controle automático de forma que eu não conseguia quebrar esta regra.” Depois: “...desatamento dos nervos, parece que as pernas cresceram”.

“...desliguei do corpo, parecia que estava dando um tempo para meu corpo; é bom ressaltar que não dormi, apenas tive essa sensação”.

“O corpo estava colado no chão”

“O corpo todo balançava...como se estivesse flutuando no ar”

“Corpo estava leve como se extraísse uma carga de cansaço”

“O corpo se identificou com a alegria, disposição e calor”

Sensação de calor e aconchego:

“*Energia de calor*”; “*vibração de calor*”; “*calor no rosto*”

“...inicialmente senti frio no coração, depois ficou aconchegante.”

**1.3. Ana Paula: a reflexiva:** percebe várias qualidades no toque; é integrador, é grupal, atinge o interior, une, produz disposição e atividade e mudança de tónus psicofísico, o toque de um lado é sentido do outro lado, o toque na parte atinge o todo, o toque sutil é suave mas intenso. Percebe a necessidade de se trabalhar o corpo primeiro no plano concreto, e depois no plano sutil. Adquire consciência dos ossos, e de estar integrando (habitando) o próprio corpo e do ritmo vital. Percebe que a “fala sobre o corpo” é um toque, que o corpo fala, que a fala do corpo é simbólica, que os movimentos corporais manifestam sentimentos e sensações e evocam imagens e recordações, que o corpo é simbólico e tem memória, que ele sonha e é sonhado e que ele pede o que necessita. Percebe que para observar o corpo não é importante a visão lógica-racional; que o relaxamento sensibiliza, promove a concentração, a diferenciação, a integração das respostas corporais e a abertura para o novo.

O toque integra: “Embora estivesse longe da sala, mas estava perto de mim mesma, me sentindo integrada, leve e flutuando... Ao terminar então os exercícios, observei que todo o corpo estava muito presente, quente e respirando.”

“A observação do corpo deitado foi mais tranqüilo, pois podia senti-lo em cada parte como se fosse o todo e no final integrá-las no sentido de percebê-lo como único e não como partes específicas. Essa viagem foi feita não só no lado externo, mas é como se este lado sentisse falta do interno, no qual fiz um grande percurso rápido mas integrando-o ao externo.”

O toque é grupal: “Eu percebi muita paz, energia positiva, calor, amizade e inúmeros desejos pertinentes a cada elemento, mas que acabou ‘contaminando’ todo o grupo, ou seja, o corpo grupal.”

“No método de Michaux, quando a colega estava servindo de exemplo, tinha a impressão de que também estava sendo tocada, porque comecei a imaginar as reações advindas deste exercício e ao vê-la relaxada, também estava entrando no clima”.

O toque atinge o interior: “Ao ser tocada nos dedos, observei que este contato não

permanecia apenas na pele, mas também nos espaços internos, como se algo fluísse do local tocado para dentro da pele e percorrendo os braços.”

O toque une: “Senti braços e mãos quentes e às vezes um pouco trêmulas, que na verdade não sei dizer se eram os meus ou os da colega.”

O toque produz disposição e atividade (efeitos pós-relaxamento): “A reação após o levantar (do exercício) é involuntariamente dar continuidade aos exercícios aplicados.”

“O relaxamento provocou leveza, contato e sono que eu diria que é muito mais tranquilidade e vontade de ficar na posição proposta de olhos fechados e concentrando-me no meu corpo. Acredito nisso porque saí da supervisão disposta, sem sono, ativa, e no caminho para casa senti vontade de cantar, dançar, mas não ficou só na vontade, eu os realizei.”

“Acordei no dia seguinte bem-humorada, alegre, leve, descontraída e muito bem comigo mesma.”

O toque produz mudança de tônus psicofísico: “Após o término da supervisão observei que os exercícios mudaram a minha expressão... fornece um semblante de alegria, vivacidade, disposição e iniciativa. Durante sua realização percebi determinada moleza corporal, mas após o término aconteceu um processo de aceleração, atividade e muita energia disponível ‘eletricidade’, e encontrei até dificuldades para conseguir dormir, pois não tinha sono.”

Primeiro o concreto, depois o sutil: “Acredito que só sabemos a intensidade de uma experiência quando podemos passar pela vivência (porque senão torna-se imaginação), mas após concretizá-la posso me remeter à intenção porque já tive acesso às observações no plano concreto.” (num trabalho com a *intenção* de movimento: estiramento sutil da pelve).

Consciência dos ossos: “Observei também o quanto é bom percebermos que não somos somente pele, isso porque temos uma grande dificuldade de entrarmos em contato conosco e nos limitamos ao conteúdo externo... ter a consciência dos ossos que tocavam o chão quando estava deitada de lado provocou uma sensação de bem-estar, de naquele momento ter sido os ossos (não somente os que tocavam o chão, mas também os demais), ou, seja, tomei consciência deles.”

Consciência de habitar o próprio corpo (associação corpo-mente): “Quando começamos a discutir o texto de Gerda bem como os exemplos que foram surgindo, fui percebendo algumas modificações no meu corpo, ou seja, ele começou a despertar e ao mesmo tempo comecei a me sentir e a me observar não só como participante do grupo, mas acima de tudo como integrante de

meu próprio corpo.”

O toque da “fala sobre o corpo”: “Cada vez mais venho percebendo que o trabalho com o corpo é importante e sensibiliza muito. E também venho experienciando que mesmo sem estarmos fazendo os exercícios, estamos sendo tocados, porque isso ocorre através do “falar sobre o corpo... Portanto, estou entendendo o que é tocar sem o toque concreto.”

“Nesta supervisão observei que não somente através dos exercícios realizados que posso chegar ao propósito dos mesmos, mas também consigo alcançar tal estado falando e ouvindo sobre os mesmos.”

O corpo fala: “...observei que a forma como foi feito comigo, havia algo de errado, o que acabou sendo revelado por uma falta não só de comunicação verbal mas também de comunicação corporal (entre o toque da supervisora e o meu corpo).”

A fala do corpo é simbólica: “A região diafragmática torna-se pesada justamente por não ‘respirar’, por conter sentimentos, emoções, choro e muitas outras coisas que não consigo nomear.”

Movimentos corporais manifestam sentimentos e sensações e evocam imagens e recordações: “Esse trabalho (fazendo oitos com o corpo) evoca uma sensação de bem-estar no sentido de exteriorização de sentimentos tais como vontade de rir incontrolável, e também associações a diversas imagens (Carmem Miranda, utilização do bambolê, estar pintando ou desenhando, etc.).”

“O balançar dá uma sensação de controle ao segurar as pernas próximas do restante do corpo, mas também de liberdade e contato consigo mesmo, até mesmo o retorno da vida intra-uterina”

O corpo é simbólico: “Ao escutar sobre o trabalho corporal reproduzo algumas imagens associadas aos movimentos que realizamos, e isso achei muito interessante (relaxar comparado ao mergulhar na água - descer a um nível profundo e até certo ponto desconhecido, entregando-se aos movimentos e subindo para buscar o ar e dar continuidade aos exercícios, pode também ser comparado ao processo psicoterápico). Isso ocorre porque os movimentos estão se dando a um nível abstrato e mais sofisticado e não somente no concreto.”

O corpo tem memória: “...tive dificuldade de escrever, pois não conseguia lembrar das observações, ou seja, a minha memória corporal estava desativada, era como se o corpo estivesse

revestido de uma camada impenetrável, o que dificultava o estabelecimento de um contato mais profundo.”

“Ao escrever este relato fui mentalmente fazendo a respiração integrativa e o eixo 1 e 2, e a redação fluiu muito bem.”

O corpo pede o que necessita:

“Na descontração dos músculos da boca e do maxilar o toque (sutil, da colega) foi incômodo, a musculatura ficou tensa. Após a supervisão, refiz este exercício e a sensação foi completamente diferente, suave e quase não senti os dedos.”

”Os exercícios desta supervisão foram muito significativos, pois foram de encontro com as minhas necessidades, ou seja, com o que o meu corpo precisava.”

“...no início do curso eu disse que tinha optado pela integração, mas não sabia o motivo, hoje percebo que foi um chamado do corpo, que quer e está disposto a se conhecer e se revelar.”

“Esse pedido de participar (como candidata à demonstração do toque) veio do meu corpo e foi incontrolável.”

Para observar o corpo não é importante a visão lógica-racional:

“Grande parte das vezes ao escrever o relato, não consigo me recordar muito bem da seqüência, mas acredito que fundamental não seja esse fator e sim as observações feitas por mim do meu corpo.”

“...como se eu estivesse observando todo o corpo através da visão, mas de uma visão que não consigo explicar porque os olhos estavam fechados”.

O corpo sonha e é sonhado: “No sábado posterior a esses exercícios, lembro-me que sonhei e no próprio conteúdo onírico eu dizia: isso faz ponte com minha observação do relaxamento, devo anotá-la e acrescentar em meu relato...”

Relaxamento como auto-concentração: “O exercício de estiramento sutil da coluna, no início reforçou o sono, e aos poucos observei que não era ‘sono de dormir’, mas uma necessidade de concentrar-me em mim.”

O toque em um lado é sentido no outro lado (princípio da propagação do impulso):

“...apesar de um lado estar sendo puxado (estiramento dos braços), acabei sentindo como se todo o peso do corpo fosse transferido para o lado oposto, e este relaxa no momento que o braço que foi esticado estava estendido ao longo do corpo... Essa observação foi feita dos dois

lados.”

O toque na parte atinge o todo: “A massagem realizada no rosto e cabeça possibilitou a relaxação do corpo e não somente da área tocada.”

A sutileza do toque sutil: “O toque sutil nos pés observei que mesmo antes da pessoa tocá-lo, eu já estava sentindo tal toque, eu percebi que ela estava um pouco distante, mas já conseguia sentir suas mãos antes de ocorrer o ato. O toque foi sutil, porém intenso...”

O relaxamento sensibiliza, promove a diferenciação e integração das respostas corporais e abertura para o novo:

(Na massagem dos pés com a bolinha) - “Comparando os pés, o trabalhado e o que ainda não foi tocado, ocorre uma diferença clara, pois o pé tocado parece estar muito mais vivo, presente, quente, enquanto o outro não deixa de existir mas não o sinto tão intenso quanto o anterior”.

“No relaxamento de Schultz, percebo que a cada retrocesso o corpo diferencia a sua resposta no sentido de aos poucos ir aperfeiçoando os exercícios, as sensações e o ‘estar disponível’.

“Em relação aos exercícios psicocalistênicos..., o meu corpo estava muito mais disponível para fazê-los, e a sensação conseqüentemente foi muito boa, saudável e realmente integrada.”

“...observei uma disponibilidade de conexão entre o que era falado (afirmação indutora do Schultz) e a ação no corpo, e também a tranqüilidade em que o mesmo estava entrando”.

“A sensação do relaxamento psicossomático foi muito boa, pois me fez relaxar e estar disponível para os toques e contato com outra pessoa... é como se entrasse em um mundo desconhecido no contato com o próprio corpo.”

Percepção do ritmo vital: “O coração batia forte como um tambor.”

“A vivência cardíaca e respiratória nos permite observar o estar viva, ou melhor, sentir-se viva com os batimentos que se sobrepõem ao resto do corpo, bem como a respiração que movimenta outros órgãos”.

“Na vivência cardíaca observei uma gostosa sensação de bem-estar, percebendo o corpo pulsando forte e vivo, é como se tomasse conta de todo o corpo, sendo único e intenso.”

**1.4. Maria Lúcia: a afetiva (onde está meu coração?):** brotam emoções e sentimentos de medo, angústia, dor, tristeza, mas também de alegria. Sente tensão e rigidez em algumas partes do corpo e também prazer, relaxamento e leveza. A vivência simultânea dos opostos no corpo é a própria experiência da integração se processando, pois percebe que há espaço para a alegria e a tristeza, para ajudar e ser ajudada, que a vitalidade não se opõe à tristeza e nem o cansaço à sensação de estar inteira.

Emergem emoções e sentimentos - o medo, a angústia, a dor, a tristeza, muita tristeza:

“No momento de colocar a mão no coração veio a imagem de um workshop, onde passei o final de semana me perguntando: ‘Onde está meu coração?’”

“Ah! de novo a história do coração! Ainda me pego, me perguntando: onde está meu coração? Enquanto escrevo, a emoção vem... o choro, a tristeza...”

Mas também há espaço para a alegria:

“...o fato de rir muito me relaxou, aliviou as tensões.”

“No dia 9/10, cheguei com muita dor nas costas, na região lateral, saí sem dor e alegre!”

Sensação de rigidez e tensão:

“percebo duas áreas de grande tensão: região dos quadris e ombros (sensação de estar pendurada). O pescoço percebo também que há rigidez.”

“...a respiração é curta, parece que respiro ‘à prestação’.”

“Quarta-feira, 18:45 horas. Um saco de batatas. É assim que senti o meu corpo”.

Sensação de prazer e leveza:

“A frase estou tranqüilo...tranqüilo...tranqüilo...ficou instalada na minha mente e o tempo todo, cheguei tranqüila em casa, dormi bem e sonhei (no momento não me lembro), aliás como tenho sonhado! São sonhos que envolvem erotismo, sexualidade e afetividade. Uma delícia! O reprimido está vindo à tona...”

“Durante a semana procurei trabalhar e ficar atenta à minha respiração. À noite principalmente me concentrava e observava como respirava, procurando ampliar e aprofundar. Parece que o “peso do corpo diminuiu.”

Benefícios da supervisão: “À medida que o corpo começou a ser trabalhado, principalmente a “conversa das costas” o corpo recomeçou a sentir vida, energia, ânimo, até a voz

saiu mais forte”.

“A tristeza continua, dá para conviver com ela pois não fiquei paralisada e estou aqui escrevendo a experiência vivida hoje e sei que aqui dentro (desenha um coração) há espaço para sentir alegria, descontração. Que bom! Que ótimo!”

Pesquisa do corpo do dia 23/10/96, quase na íntegra e mostrando a integração se processando e a vivência paradoxal: “Chegou um corpo cansado e com vontade de estar, de escutar, sentir e aprender. Um corpo cansado e inteiro. Nos exercícios de Jacobson foi possível perceber outra tensão, além de ombros, pescoço e pélvis; também nas pernas. Bem...acredito que até no final do curso vou ganhar o título de ‘Miss Tensa’. Há algo estranho acontecendo pois algumas pessoas comentam a minha expressão: de cansaço, tristeza, enfim, que pareço não estar bem. Entretanto, com estes sentimentos presentes (realmente) o corpo não está tão pesado ou ausente. Isto é dicotomia? ou seja, muitas vezes me apresentei com um rosto ‘descansado’, alegre, etc, porém o meu corpo... minha mente, meu emocional estava ‘pedindo socorro’. Neste momento, parece que há um movimento contrário: um corpo não tão pesado/deprimido, mais inteiro e um rosto denunciando como estou (me lembrei do meu desenho). Parece-me que neste momento, apesar deste paradoxo, estou sendo mais verdadeira, menos camuflada.”

“...através dos exercícios havia uma quebra de rigidez, E quebra mesmo! Acabei por não entregar as atividades escritas. Só no dia seguinte ‘caiu a ficha’. Me ‘dei conta’ também que há muito prazer nas 4as feiras e que me pego querendo ficar só no prazer (algo tão difícil de eu me proporcionar!) daí a confusão com nomes, teorias, etc. Bem... pé no chão... dá prá sentir prazer também.”

“Após os exercícios dados senti os meus quadris soltos e meu corpo mais ‘largado’. Não um ‘largado’ de abandonado e sim de descontraído”.

“Bem... a pesquisa não se dá uma vez por semana... ela está presente no cotidiano.”

“O corpo está mais leve no dia-a-dia”.

“...o quanto é difícil me entregar (confiar) no outro... Parece que é mais fácil ajudar do que ser ajudada. E isto não é tão bom assim...”

“(Isto é uma pesquisa ou um desabafo?)”

**1.5. Rosaura: acertando os passos (ritmo) no compasso grupal:** aos poucos descobre novos ângulos de si mesma e se beneficia do contato com seu corpo sobretudo na interação com o outro. No contato com o outro tudo passa a fluir bem, ganhando ritmo. No final, se sente fazendo parte integrante do grupo.

Pegou o “bonde andando” pois iniciou o curso dois meses depois. Sua área de opção inicial não se efetivou por falta de interessados (deficiência mental), então optou por Recursos Humanos, “*pensando no lado financeiro e esqueci o lado do coração*”.

“*Percebi que eu era um peixinho fora d’água, quase me afogando...*”. Não foi portanto “amaciada” por toda a série de exercícios que praticamos desde o início e continuou por mais algum tempo como um “peixinho fora d’água”.

Foi aos poucos descobrindo novos ângulos de si mesma e se beneficiando do contato com o seu corpo sobretudo na interação com o outro.

Auto-percepção: “...como se eu não me conhecesse e não tivesse como mandar a mensagem para essa parte fazer o oito (por exemplo, orelhas)”

“...corpo leve como se eu fosse transparente, e visse o sangue correr pelas veias”

Invariavelmente no dia seguinte à aula tinha dificuldade para levantar e sentia sono durante o dia: “Dormi bem e no dia seguinte tive dificuldade para acordar, queria dormir mais” “Talvez os exercícios mexeram um pouco com minha energia: fiquei com sono o dia inteiro.”

O contato com o outro: “O meu corpo esquentou, talvez pelo toque do outro...”

“Massageando outra pessoa (massagem com os pés nas mãos de outra pessoa), pude sentir o calor das mãos nos meus pés, e de como ele é leve ao tocar outra pessoa. Ao ser massageada tive uma sensação diferente, não sei ao certo, mas foi diferente”

“...tocar o outro é interessante, porque eu me preocupei no sentido de não ser muito dura nos toques, isso no início, depois tudo começou a fluir, a ter ritmo; então os movimentos, os toques começaram a ser mais representativos para mim e para o outro também pois eu perguntei se tinha sido bom e significativo e ela disse que sim.”

“Durante o exercício, eu percebi que estávamos em sintonia, o exercício fluía bem, apesar da má posição minha e da pessoa que estava recebendo a calatonia, os movimentos e toques eram perfeitos”

“...durante o exercício tive uma sensação muito gostosa, um calor nas costas, e consegui captar todas as emoções da outra pessoa. Quando nos separamos, havia uma energia passando no meio de nós duas. Após o exercício senti minhas costas quente e leve.”

O espaço grupal: “...consegui achar o meu espaço no grupo. É como se o ‘círculo de fumaça’ se abrisse e eu entrasse e começasse a fazer parte, eu era mais um pedaço do círculo.”

**1.6. Viviane: com o tempo novas mudanças irão surgir...:** no dia-a-dia experimenta momentos de leveza e tranquilidade, mesmo que por alguns instantes. Procura observar o corpo e diagnosticar suas dores. Algumas mudanças foram sentidas: mais paciência, sono tranquilo, sensação do corpo inteiro estar respirando, períodos de melhora das dores-de-cabeça e lembrança de sonhos.

Seus relatos trazem o peso do grande esforço empreendido para suportar o cotidiano e as dores (psicofísicas) que a acompanham dia e noite. Principalmente após as aulas, tinha a sensação de estar livre do “stress” mesmo que por pouco tempo: “...tive uma sensação que todo o stress daquele dia tivesse acabado por alguns instantes”, “senti que a dor foi amenizada por alguns instantes”. O espaço da aula, de atenção ao corpo parecia interromper este condicionamento diário vivido como stressante e propiciar alguns momentos de leveza e tranquilidade, que mesmo que por alguns instantes eram experienciados no dia-a-dia: “*pratiquei duas vezes os exercícios durante esta semana, percebi que após estes exercícios não fiquei com muita tontura e sim, fiquei mais leve, mais tranquila.*”

Procurava observar o corpo e diagnosticar suas dores:

“Verifiquei o quanto tenho dificuldade de engolir os alimentos”

“Mais uma vez (com a aplicação do Michaux) verifiquei a notável diferença entre o lado direito e esquerdo do meu corpo.”

“Gostaria de observar que ultimamente tenho tido uma incomodação muito grande na região do peito, é como se fosse uma dor muito grande e às vezes com falta de ar”

“...acredito que estes sintomas (dor de cabeça e dor de estômago) tenham ocorrido devido ao acúmulo de trabalho nestes dias e também ao fato de estar passando por alguns problemas emocionais, ocasionando muita ansiedade e preocupação”.

“Acredito que esta dor de cabeça muito forte (na aula) seja pelo motivo de tensão, correria e agitação.”

Algumas mudanças significativas:

“Sinto que ultimamente estou tendo mais paciência, apesar que estou muito estressada profissionalmente”

“Após os exercícios, ou seja, na primeira noite, observei que tive um sono mais tranquilo”

“...consegui perceber uma sensação muito forte como se o meu corpo inteiro estivesse respirando, era como se a corrente sanguínea estivesse muito veloz, e o corpo inteiro respirasse.”

Relato integral da pesquisa do corpo de 04/09/96:

“Após ter feito os exercícios de relaxamento do dia 04/09, observei algumas mudanças, principalmente logo nas primeiras horas. Observei que consegui dormir melhor, ou seja, mais tranquila, mais leve, tive dificuldades para acordar no dia seguinte. No momento estou mais tensa, podendo ser pelo motivo de não ter repetido os exercícios na ordem correta. Observei também que logo após os exercícios, tinha mais facilidade para respirar e pensar. *Acredito que com o tempo novas mudanças irão surgir.* Na primeira noite (após a aula), sonhei mais, uns sonhos um pouco agitados mas que não me incomodaram. Gostaria de lembrar que tenho muita dificuldade de lembrar dos sonhos, achei interessante que neste dia, quando acordei, lembrava dos sonhos ocorridos. Um dado interessante é que tenho muita enxaqueca e nesta semana, não tive nenhuma dor de cabeça, acredito que a minha enxaqueca seja decorrente de muita tensão, pois já fiz vários exames neurológicos e nada constou e automaticamente fiz um ligação com tensão nervosa.”

**1.7. Simone: poder surpreender-se;** no início tem a preocupação em fazer a “coisa certa” e em atingir determinados resultados. Aos poucos vai se surpreendendo com suas descobertas sobre o seu corpo, sobretudo a partir do modo como ele se apresenta para ela (imagem corporal) e do contato que estabelece com o outro.

Descreve suas sensações atentando para as suas restrições em realizar determinados movimentos. Seus relatos foram permeados desde o princípio pela idéia do sucesso em realização à atividade proposta, apresentando o que conseguia ou não conseguia fazer:

“consegui ficar imóvel sem dificuldade”; “consegui imaginar perfeitamente, no lado esquerdo conseguia fazer perfeitamente, mas do lado direito não conseguia explorar tanto”; “fiz na Renata e consegui fazer com maior leveza, na hora de cobrir os olhos com as palmas das mãos fiquei preocupada em fazer o melhor possível, porque tremo muito”; “não consegui

concentração”; “não consegui me perceber”.

“...quanto aos sons internos, eu ouvia somente a respiração, o coração eu me esforcei para ouvi-lo mas não consegui. “No momento de colocar a mão direita no peito, percebi algumas batidas mas logo não conseguia mais sentir.” “Fiquei tentando entender sobre a dificuldade de sentir o coração já que na outra vivência não o ouvi.”

#### Surpresas:

Abertura para o sentir: “Senti perfeitamente as batidas do coração pela primeira vez e achei bárbaro porque até então me preocupava com o sentido de não conseguir senti-lo”

“...durante o trabalho nas mãos esta podia ser trabalhada com muita facilidade, deixava-as soltas...ocorreu o contrário com os pés, que eram duros e dificultavam os movimentos... enfim levei isso para a terapia e lá trabalhamos. Foi sensacional! Tudo isto ligado ao excessivo controle para me manter em contato com a realidade...”

O contato com o corpo: Fez os comentários dos desenhos de seu corpo afirmando: “hoje elaborei algumas coisas e sinto-me disponível para perceber-me”

“Círculo com os ombros (dos exercícios psicocalistênicos): tive a impressão que meus círculos eram curtos e pequenos, no entanto enquanto fiz em casa percebi que o movimento era bastante largo.”

“Com os ombros dá-se três giros inspirando e na metade do terceiro círculo expira-se. Este movimento que havíamos feito antes dava-me a impressão que meus ombros não giravam direito. Em casa diante do espelho observei-me e verifiquei que giram bem, neste dia pude observar que mesmo sem espelho eles continuavam girando normalmente”

O contato com o outro: “No momento que eu aplicava na colega, tive receio de aplicar na região dos olhos porque minhas mãos tremem muito. No entanto durante a observação, a colega não se incomodou, nem tampouco percebeu o tremor.”

#### Reprodução parcial da pesquisa do corpo em 4/12/96:

“A Elvira aplicou calatonia. No primeiro momento que ela tocou nos meus dedos tive a imagem de flutuar ao vento e suas mãos me seguravam ao alto. Depois quando tocou a palma das mãos, parecia que entrava pelas mãos, tomando parte de todo o braço e tórax, foi uma sensação muito nova. Depois quando começou a tocar nos pés senti muito calor. Quando fui aplicar na Renata, me incomodou porque eu tremo muito minhas mãos, no entanto eu me senti tão leve que

pude concentrar e tocar como se fosse uma bolinha de sabão. Foi bárbaro!”

**1.8. Valéria: a pragmática (e apaixonada pelo Schultz):** observa o corpo no dia-a-dia, na aula, no trabalho. Beneficia-se com a prática diária dos relaxamentos (principalmente o Schultz). Mais tranquilidade e paciência, diminuição da necessidade de sono, melhora da respiração são observados como conquistas do cotidiano. Imagens de sonhos e do passado lhe acodem.

Seus relatos são concisos e objetivos. Praticava tudo em casa e nas situações diárias. Desenvolveu cuidado e amor pelo corpo.

Observa o corpo no dia-a-dia, na aula, no trabalho: “No início achei um pouco difícil estar representando o meu cotidiano, talvez por nunca ter prestado atenção a isso. Mas com o decorrer do exercício, consegui me imaginar no banho, lavando o rosto. Pude perceber com esse exercício que na hora do banho não dou muita importância para minhas costas e ombros”

“...depois de explorar este novo ambiente (exploração da sala de aula com o uso do corpo), passei a fazer parte dele”

“Pude observar neste exercício que eu não sei respirar direito”

“Observei que agora estou mais preocupada em estar observando minha respiração. Isso ocorre de repente, quando estou no trânsito, na aula, em casa, vendo T.V. e no banho.”

Benefícios da prática diária dos relaxamentos (principalmente o Schultz):

“Observei que no relaxamento de hoje, meu corpo estava mais tranquilo. Talvez por eu ter feito esse exercício umas três vezes durante a semana”

“...observei que estive mais calma durante a semana, conseguindo “relaxar mais” na hora do trânsito, por exemplo. Usei uma parte do relaxamento do Schultz, falando: Estou completamente tranqüila... e parece que o resultado foi positivo nas situações mais estressantes”.

“Estou tendo mais paciência nas situações que exigem mais de mim”

“Fiz o aquecimento do Jacobson durante a semana, uma vez por dia, e a cada dia observei que consegui relaxar mais”

“Continuo aplicando o relaxamento de Schultz todos os dias...”

“...dediquei um tempinho a cada noite para tocar os meus pés e observei uma maior leveza ao andar depois dos toques”

“Meu horário biológico de sono diminuiu, ou seja, antigamente eu tinha que dormir no

mínimo nove horas por dia, agora consigo ficar na cama após sete horas de sono, aproximadamente.”

Surgem imagens (sonhos e lembranças): “Freqüentemente sonho com pessoas e situações conhecidas. Normalmente vejo meu namorado e um apartamento muito amplo e antigo, onde tudo me é muito familiar. Com o início dos relaxamentos esse sonho com esse apartamento ficou muito freqüente. É nele que se passam a maior parte dos meus sonhos”

“No relaxamento de Schultz, observei que consegui relaxar mais rápido do que de costume e só ouvi o som de um sapo lá fora. Com o decorrer do relaxamento, foi me surgindo à mente, cenas de minha adolescência, do meu primeiro namorado... e também algumas cenas confusas, com pessoas, ou melhor, rostos estranhos, com vários formatos...; com isso me distanciei da voz da supervisora e só consegui ‘voltar’ quando a luz da sala foi acesa.”

**1.9. Renata: a escuta do corpo, a escuta da respiração:** a maior parte de seus relatos tratam da percepção do ritmo respiratório. Revela muita sensibilidade ao som. Na sua escuta do corpo, percebeu muitas coisas: a musculatura da boca, o apoio do chão e do grupo, o ritmo respiratório, a importância do estado de concentração e imobilidade para a relaxação e de estar respirando de acordo com o próprio ritmo. Surpreende-se com o efeito integrador do toque sutil sobre a pele.

Em sua primeira pesquisa do corpo (21/08/96) já apresenta o cerne de sua questão com o corpo:

“...pude perceber o quanto nos limitamos num espaço em que estamos acostumados a explorar”

“...pude observar o quanto podemos ouvir o externo (com todos os ruídos, crianças, cantos de animais, etc.) e também o interno (como o barulho da respiração) (...) Na vivência observei o quanto é importante a questão do ritmo nos toques e como isto repercute no corpo. Com os toques, a observação do corpo, o levantar, o relaxar de forma consciente, pude ver o quanto esqueci de acariciar o meu próprio corpo, e sendo assim ele era meio que esquecido.”

A maior parte de seus relatos tratam da percepção do ritmo respiratório:

“Percebo o quanto é difícil de respirar e como respiro de maneira errada.”

Revela também sensibilidade ao som principalmente das palavras pronunciadas no Schultz.

(As afirmações devem ser apresentadas com sonoridade convincente, sem exageros, de forma

pausada e dentro de um adequado ritmo respiratório):

“Pude perceber no relaxamento (Schultz) que as palavras que eram transmitidas pela supervisora para serem ouvidas e meditadas, fez com que realmente eu sentisse cada palavra mencionada. Sentia o quente, aquecer; o pesado, pesar; senti tanto que dava a impressão do braço querer subir e tive vontade até de segurá-lo, chegando a dar certa dor.”

“Algo que mais me chamou a atenção foi perceber que ao estar neste processo ao ouvir a voz que ordenava o que fazer, este tom de voz, muitas vezes me causava certos incômodos parecia que me dava arrepios, ou melhor, parecia que ia me dando uns choques bem leves envolvendo todo o corpo. Uma sensação meio estranha que não sei bem como acontecia, só sei que era a única coisa que despertava este estado de relaxamento”

“A sensação que tinha ao ouvir a voz direcionando o exercício, é que o meu corpo vibrava com a mesma intensidade que o tom da voz emergia na sala. Parecendo que a voz entrava no meu corpo e fazia que todo o meu ser vibrasse.”

Muitas outras coisas importantes pode perceber:

“Pude perceber toda a musculatura de minha boca”

“Pude perceber como realmente precisava de chão. Do sustento do pescoço que parecia estar solto e do aconchego que pude receber do grupo.”

“Já com exercícios que envolviam a respiração senti que a minha mão acompanhava os círculos feitos com os braços, ou seja, círculos grandes. Quando diminuí o tamanho dos círculos e fiz os movimentos de acordo com a minha respiração, mais rapidamente consegui fazê-lo normalmente. Fazendo círculos menores e mais rápido, consegui inspirar adequadamente. E quando fazia-os com movimentos grandes, parecia que ia ficar sufocada, e ao invés de fazer 6 círculos, apenas atingia 3 ou 4 círculos.”

“Pude observar que a concentração num ponto e imaginar o oito no espaço do corpo em que a gente está se movimentando é fundamental, pois percebo que quando desviava minha atenção, os movimentos ameaçavam de se perderem no espaço.”

“Percebi que certos exercícios que envolvia a respiração onde giramos a cabeça de um lado para o outro me relaxou muito, diminuindo a tensão que estava em meu pescoço e nuca”

“Quanto aos exercícios psicocalistênicos, percebo que a cada dia estamos mais próximos (o grupo), e neste último trabalho, consegui realizar os exercícios com maior flexibilidade, não me

faltou ar enquanto respirava, ou melhor, não me senti sufocada como antes, pois fiz os exercícios no meu próprio ritmo com mais facilidade e sei que me sinto bem ao fazê-lo. Me anima muito”

“Penso que se ficarmos em posição errada (para trabalhar o colega), sem respirarmos devidamente com certeza sentiremos muitas dores nas costas”

“Para mim, está sendo (o relaxamento de Jacobson) uma das poucas horas que tenho que parar, ficar imóvel, e tentar relaxar, coisa que não posso fazer constantemente no meu dia-a-dia.”

“Sinto que a cada dia de supervisão, e com o aumento de um novo passo, cada vez mais estou conseguindo perceber meu corpo e o quanto estou mais relaxada naquele momento, a nível de conseguir perceber e sentir que o corpo respirava e entrar realmente no processo de relaxar.”

E não só Simone se surpreende, mas Renata também:

Com o efeito integrador do toque sutil (na pele): “No trabalho da calatonia, pensava que com um toque tão sutil e quase sem tocar no músculo, somente na pele, a pessoa não sentisse absolutamente nada. Mas quando a Simone realizou a calatonia em minhas mãos, pude perceber como esta envolve todo o ser. Digo isso, porque a Simone treme e quando ela tocava em minha pele tremendo, parecia que todo o meu ser tremia com ela. Tive a sensação de um tremor completo que eu balançava junto com as mãos dela. Então me surpreendi. Outro ponto é como este trabalho relaxa. a ponto de apenas com alguns toques nas mãos, todo o corpo estar envolvido por uma tranqüilidade e paz.”

**1.10. Marysa: curando os ferimentos:** após um grande fechamento por inúmeros problemas físicos, advém uma progressiva abertura. Desenvolve atenção e cuidado para com o corpo, melhora da sua expressão no mundo, alterando sua postura física e seu contato com o outro. A consciência corporal vai se desenvolvendo gradativamente, primeiro em relação à dor e aos sintomas. O seu corpo fala inicialmente pela dor, depois começa a se movimentar, transitando entre o passado e o futuro. A sensação de alegria e tristeza, prazer e felicidade é freqüentemente relatada. Os braços começam a ganhar vida, a boca e a narina se abrem, os pés são conquistados e o corpo vai se tornando consciente no cotidiano.

*“Ao ser realizado o trabalho ocular, senti uma agradável sensação ao abrir os olhos após tê-lo fechado com grande intensidade, em minha mente veio a imagem de uma flor desabrochando.”*

Esta frase presente logo no primeiro relato mostra o que estava em germe em Marysa.

Após um grande fechamento, vem a progressiva abertura.

“Pude perceber o quanto é difícil para mim me entregar, ou seja, deixar meu corpo solto, não exercendo controle sobre ele”

“A idéia de tomar banho (reprodução dos movimentos), num primeiro momento, ocasionou-me uma certa vergonha. Porém com o decorrer do exercício fui ficando mais à vontade”

Marysa apresenta LER (Lesão por esforços repetitivos) afetando os ombros, braços e pescoço. Na vigência do curso começa a cuidar de seus problemas crônicos (sinusite e tendinite). Realizou uma cirurgia de correção do septo e iniciou tratamento em RPG (recondicionamento postural global).

Sua pesquisa do corpo de 06/11/96 que transcrevo a seguir mostra sua atenção e cuidado com o corpo, a melhora de sua expressão, postura e relacionamentos:

“Por estar ausente na aula do dia 30/10/96 e por conseqüência disso não ter participado de nenhum trabalho corporal, pensei que seria difícil efetuar uma pesquisa do próprio corpo estando ausente. Porém me surpreendi com a realização desta pois os fatos fluem e mudanças percebidas por mim, vêm à mente como se fosse um “insight”.

Ultimamente percebo que minha aliança de prata vive preta ou seja bem mais escura do que antes da prática dos exercícios, além disso notei que meu hábito de roer unhas e até as laterais desta, por vezes até o sangrar se faz presente novamente.

Por outro lado, meu cuidado com o corpo aumentou, tanto a nível de cremes usados quanto à alimentação. Até minha voz que antes era em um tom mais baixo e para dentro, agora se torna mais forte e para fora. Outro dia pela manhã ao atravessar a rua, encontrei com um senhor o qual eu sempre cumprimento, e para minha surpresa e a dele ao repetir este mesmo ato ocorreu uma mudança notada por ambos, o que antes saía como um bom dia fraco e baixo, desta vez se manifestou em um tom de voz mais elevado e forte. O engraçado é que o senhor me olhou diferente, podia dizer que até mesmo meio assustado. É válido ressaltar que essa mudanças na tonalidade da voz, foi percebida por mim e por alguns colegas de sala. Mesmo a minha postura que antes era de andar com a cabeça baixa, agora já melhora porém tem muito a evoluir.

Ao pensar sobre minha operação, questiono se o fato de estar em trabalho corporal, ter colaborado em minha busca de tratamento. Pois antes deste já havia iniciado este tratamento em 94 e por diversas vezes parava e retomava, largando-o mais tarde, o que só se concretizou agora.”

A consciência corporal vai se desenvolvendo gradativamente, primeiro em relação a dor e aos sintomas:

“No relaxamento da observação do corpo, até as cicatrizes presentes em meu corpo faziam parte do quadro”

“...de todo o meu corpo a parte mais sensível e sintomática são os braços”

O seu corpo fala pela dor. A vivência da dor é relatada em 16/10/96. Eis alguns trechos:

“Sei que esta pesquisa é super importante para o curso, porém a inicio pedindo desculpas e expressando a minha dificuldade em realizá-la. Por um motivo que desconheço mais uma vez é difícil executar tal tarefa pois o único fato que me recordo é o exercício de respiração...”

“...tomo a liberdade de relatar como o meu corpo passou a semana. Estou com sinusite super-atacada e sinto dores constantes na boca e como se ela não parasse de latejar. Entretanto o médico já confirmou que esta dor é decorrente da sinusite e já me encontro medicada. Além disso, hoje sinto dor nos dois antebraços. Ah! antes de passar com o alergista passei com a dentista a qual não detectou nada na parte odontológica.”

“Notei que não há respiração sem movimento”

“...pude notar o quanto é tensa esta região (pescoço) no meu corpo.”

“...durante todo o trabalho realizado no dia 04/09/96 houve dificuldade de concentração, pois a minha maior preocupação estava voltada para o pescoço”

“Devido ao meu pescoço (imobilizado por uma coleira) o exercício de apanhar laranja e o estiramento não foram feitos por mim. Porém ao ver o exercício de apanhar laranjas ser efetuado pelos demais integrantes do grupo, me despertou uma imensa vontade de realizá-lo lamentando assim o fato de não poder realizá-lo.”

O corpo começa a se movimentar transitando entre o passado e o futuro:

“... ao deitar e atentar para os sons, só consegui ouvir minha respiração como som interno. Como som externo, ouvi falas, porém não sei expor o que foi dito; acredito que da fala em si ficou registrado somente sua melodia: música e grilos também foram percebidos. Entretanto, houve uma oscilação entre os sons, ora predominava o grilo, ora a fala, ora a música. Em determinado momento, sai dali, viajando ao passado. Veio em minha mente uma imagem do passado, porém não me recordo do som que me remeteu a este.”

“No relaxamento de Schultz fui embora novamente viajando entre sons e transitando entre passado e futuro. Entretanto devo ressaltar que ao praticar tal exercício em casa, por várias vezes senti minha respiração fluir como nunca havia sentido e, além de estar sentindo e ouvindo o batimento cardíaco mais nitidamente.”

“Com as caretas realizadas no trabalho oral, recordei-me de minha infância além de ser tomada por uma sensação de felicidade e por diversas vezes sorrir sem motivo.”

A sensação de alegria, prazer e “felicidade” é usada com frequência em vários relatos.

Os braços começam a ganhar vida:

“... pude sentir um peso enorme em meus braços; além do peso, a sensação percebida por mim, era de que meus braços se faziam “mais presentes” após a realização do trabalho. É como se eu tomasse consciência deles novamente.”

“... senti um enorme peso no braço e quando foi mencionado o calor, senti a parte superior do braço expandir para o lado, como se estivesse dilatando.”

“Ao se realizar o exercício de Michaux nos membros superiores, notei o quanto é difícil para mim deixar de controlar tais membros (dedos, mãos, antebraço, braço e ombro). Com o término do trabalho senti uma sensação de leveza no corpo todo acompanhada de uma sensação de felicidade.”

A boca e as narinas se abrem:

“Na exploração da boca, com a língua, houve bastante salivagem e através deste exercício pude perceber que a dimensão desta é maior do que eu pensava.”

“Após a cirurgia a respiração se tornou mais fácil, posso perceber os movimentos de expansão das narinas, fato que passava ignorado.”

Os pés são conquistados:

“Pude perceber que maiores cuidados foram dispensados aos meus pés, é como se eu tivesse esquecido a existência deles e tomasse consciência através do exercício realizado. Agora eles não são simples pés; eles são os meus pés.”

E o corpo vai se tornando consciente no cotidiano:

“As aulas de IFP estão trazendo uma consciência corporal que antes eu não possuía; além de que os exercícios realizados em aula, por várias vezes já foram aplicados em situações fora de aula, tipo: antes de um exame médico no qual me sentia nervosa (Schultz); antes de um

atendimento (respiração integrativa), em seminários da Universidade, etc. Sendo assim, maiores cuidados tem sido dispensados ao meu corpo.”

**1.11. Dulcília: que olhos são esses que enxergam sem verem?:** seus relatos são ricos em percepções e significados. Percebe as polaridades e a coexistência dos opostos no corpo, e a reorganização psicofísica. Percebe a dança sincronizada da língua ao falar e a presença da “voz interna”. Com a prática dos exercícios, aumenta sua disposição e vitalidade.

Faz vários relatos oníricos a partir da vivência do próprio corpo: de faíscas saindo da mão (no toque do coração), de levitação, de encontro com o senhor velhinho que ilumina seu cóccix, do movimento serpentino da coluna, do encontro com os mestres que a guiam na descoberta do corpo. Sente amor e respeito por si própria e vivencia o corpo fraterno sentindo também amor por toda a humanidade. Percebe que a vivência paradoxal faz parte do processo e promove crescimento.

Dulcília é uma das mais velhas do grupo de alunos (48 anos) e possui formação em cursos de massagem. Reage com intensidade ao nosso método. Suas versões de sentido são extensas e ricas em percepções.

Percepção das polaridades (no movimento respiratório): “...ampliação das costelas ao inspirar, sensação de plenitude, ao expirar, sensação de esvaziamento.”

Percepção da coexistência dos opostos: o peso tão pesado que é leve, o leve tão leve que some e é grande: “no exercício de Schultz, o braço ficou tão pesado, tão pesado, que se tornou leve e aumentado, como se não o sentisse, mas ao mesmo tempo ficasse enorme”.

Percepção da reorganização psicofísica: “Exercício de anel cervical: ao fazer a ‘britadeira’ sensação de estar sendo ‘mexida por dentro’, principalmente no pescoço, ombros e tórax. O esternocleidomastóideo esquentou, era como se estivesse sendo encaixado.”

Percepção da dança sincronizada da língua ao falar:

Observação em 16/10/96: “Ao contar os números em voz alta (6º passo do Jacobson: contar até 10 em voz alta, baixa e depois sussurrando), tive a percepção do grupo de músculos envolvidos. Achei isso bárbaro, porque nunca havia parado para pensar, a cada número que falava movimentava um número de músculos diferentes, entre eles, lábios, maxilar, queixo, mandíbula, enquanto que a língua, dependendo do número quase não se movimentava, em outros era como se fosse uma dança bem sincronizada, indo até o ‘céu da boca’, arcada dentária superior e inferior...”

senti uma vibração nas cordas vocais, tórax e abdômen indo até a ponta dos dedos da mão, e que também variava de acordo com o número, além da contração dos mesmos. Quando fiz a mentalização dos números, apesar de estar “imóvel”, senti como se o grupo de músculos envolvidos estivesse sendo movimentado como quando falei em voz alta”. Achei isto fantástico, um corpo com memória! Mente e corpo interligados numa mesma sintonia. No final do exercício, uma sensação muito forte e agradável, me senti integrada, inteira. A respiração ficou mais solta e tranqüila.”

A escuta da voz (voz interna): Observação em 30/10/96: “Com a prática destes exercícios diariamente percebo que os movimentos acima ficam mais espontâneos e sutis, o som parece sair como um ‘mantra’ e o quanto é agradável ouvir a própria voz, o que normalmente não faço, ao mesmo tempo que este som percorre todo o meu corpo energizando-o. Penso que é a própria ‘voz interna’.”

Observação de aumento da disposição e da vitalidade com a prática dos exercícios:

Numa determinada seqüência de exercícios (que associam respiração e movimento):

“À medida que fui praticando os exercícios psicocalistênicos, pude perceber melhor as áreas do meu corpo que estavam mais congestionadas; meu tórax estava tenso, logo minha respiração era curta. A exemplo disto eu diria: um veículo que num determinado ponto tem um bloqueio impedindo que o combustível chegue ao seu destino, impedindo seu funcionamento natural. Com a ‘respiração integrativa’ senti meu corpo expandir-se e ganhando nova vida. Ao ‘apanhar laranjas’, conscientização de novas possibilidades. No ‘estiramento lateral’, sensação de descompressão das costelas (alongamento de todo tórax) facilitando assim a respiração profunda, provocando um bem-estar geral. ‘Flamingo’: sensação de domínio do próprio corpo.

“Eixo 1’: sensação de expansão no corpo todo (ampliação). Ao término dos exercícios, maior disposição sensação de que meu corpo inteiro ‘vibrava’. Dormi bem e acordei disposta no dia seguinte.”

“De um modo geral, saio da sala mais disposta do que ao iniciar a supervisão. Ao chegar em casa maior disposição para realizar atividade.”

“Com a prática dos exercícios diários do Schultz, eu venho sentindo maior disposição para realizar atividades e maior concentração para estudar. Noto também uma conscientização do meu corpo e de minha respiração, que antes passava despercebida. Durmo melhor, acordando

revitalizada.”

“De um modo geral, ao praticar os exercícios sinto meu corpo todo vibrando. Sensação de vida!”

Selecionei algumas falas e algumas pesquisas do corpo que considero significativas do ponto de vista das imagens que surgiram da experiência.

O corpo onírico:

O toque no coração: “Quando coloquei a mão sobre o coração, senti um calor confortante como se faíscas saíssem de minha mão e penetrassem toda a musculatura.”

“Ao colocar a mão sobre o coração, pude sentir o ritmo cardíaco bem compassado, e, a energia que saía de minha mão, em ondas em direção ao coração, provocando um bem-estar, em seguida tosse como se algo que incomodava se desprendesse.”

“Ao final do exercício (relaxação progressiva de Jacobson), senti meu corpo “levitando” e uma sensação de bem-estar geral ao abrir os olhos.”

Observação de 4/12/96:

“Na quarta-feira quando praticava esse exercício (Eutonia - estiramento sutil da coluna, respirando e observando os espaços intervertebrais a partir do cóccix), de repente me vi flutuando como se estivesse fora do corpo. Depois vieram várias imagens de paisagens e de repente vejo um senhor (velhinho) sentado meio curvo e segurava uma peça de metal igual ao desenho ( ) e quando encostou seu dedo nesse ponto, tudo se iluminou, irradiando uma luz transparente. Tudo isto foi muito rápido, era como se quando eu me dei conta de que o que estava vendo era real, ele desapareceu, mas foi uma sensação muito gostosa.”

Observação de 13/11/96:

“Fiquei impressionada e encantada ao perceber o movimento de meu corpo quando em repouso aparente. Conforme ia respirando, comecei a prestar atenção no movimento de inspirar e expirar, que normalmente passa despercebido e vi que nesse momento meus órgãos internos ganhavam vida. Minha coluna estava em contato com o chão e à medida que inspirava e expirava, podia vê-la com seus espaços e vértebras, e em movimentos de subir e de descer como se fosse uma purpurina (pelo desenho, ela quis dizer serpentina).

Minha bacia parecia aumentar, dando espaço aos órgãos que ali se encontram. Minha pélvis também se ampliou e o osso púbico se afastava do cóccix formando um espaço entre os

dois. Eu me pergunto: *que olhos são esses que enxergam sem verem?*

Ao término do exercício senti minhas pernas enormes, mas leves, parecia que flutuavam.

A impressão mais forte que ficou desse exercício foi um amor e respeito por mim mesma, que ao mesmo tempo se estendia às outras pessoas. Que sensação deliciosa! É interessante também que quando toco nos objetos externos, percebo melhor seu contorno, seu tamanho e o espaço entre eles.”

A sabedoria do corpo: Observação de 20/11/96: “Sinto que estou mais sensível e mais perceptiva com o que acontece ao meu redor. Esta semana tive dois sonhos muito interessantes. No primeiro encontrava com meus mestres, não me lembro de que eles falaram, nem de seus rostos, mas acordei com muita saudade, de que eles me lembravam de algo que eu já sabia. Acordei muito emotiva e com vontade de realizar grandes coisas que eu não sei o que é. No segundo eu estava dentro do corpo humano e outra pessoa que não sei quem era me mostrava com uma varinha os meridianos. Foi fantástico!”

O corpo fraterno e os paradoxos do existir: (Observação em 27/11/96):

“No caminho de volta da clínica, quando percebi, estava cantando, alegre como uma criança, sentindo um amor enorme por toda a humanidade. Que sensação deliciosa! Gostei muito de ter aplicado o Michaux na colega, foi um trabalho de troca muito gratificante penso se quem recebeu teve a mesma sensação que eu tive. Me sinto gratificada por poder proporcionar esse bem-estar, e grata por ter recebido. Só vivenciando podemos imaginar o que muitas vezes alguns pacientes podem também sentir, apesar que se deve levar em conta que nem sempre é alegria, mas que muitas vezes também vem a dor, a frustração, a angústia, mas tudo isso faz parte do crescimento de cada um.”

## **2) na dimensão da autenticação:**

Os alunos realizaram, a título de trabalho de conclusão do primeiro semestre letivo, três relatos: uma avaliação do curso, uma auto-avaliação (de aproveitamento) e a *pesquisa do processo vivido*.<sup>161</sup> Quanto a este último, a orientação era para que fosse feita a leitura de todos os relatos, em ordem cronológica, para a apreensão do próprio processo, observando os pontos de bloqueio, os sintomas mais presentes, falar das impressões, sensações e imagens marcantes, das possíveis mudanças, enfim, relatar livremente, de modo espontâneo, o movimento do seu próprio processo.

---

<sup>161</sup> Ver Anexo A2, vol. II.

Tomo aqui como objeto de reflexão esta pesquisa final do processo vivido pelos alunos, ou seja, a versão de sentido final que os próprios alunos fizeram de seus processos.

Considerarei importante dar destaque e comentar de modo breve, os pontos mais significativos do relato que cada aluno realizou de seu próprio processo vivido de aprendizagem no corpo, pelo corpo e com o corpo, ao que acrescento os comentários que foram escritos nos relatórios e que serviram como devolutiva ao trabalho dos alunos.

Mostrando o modo como cada um apreendeu seu processo a partir de seu próprio relato, acredito estar indicando o movimento singular de apropriação do corpo na dimensão individual, ou seja, da *autenticação* da própria experiência (um dos momentos do movimento de realização do corpo).

Em seqüência, são relatados os momentos de manifestação ou apresentação do corpo em cada aluno, revelados (registrados e comunicados) através da pesquisa final do processo vivido feita pelo próprio aluno:

### **2.1. Ana Paula:**

Considerarei seu relato profundo e envolvente, fruto de sua entrega ao processo.

Em sua “reflexão pessoal” coloca que está desenvolvendo uma forma de pensar não tradicional, através das atividades propostas: a observação (registrada) do corpo e a análise de textos.

Na “pesquisa do processo vivido”, mostra ter adquirido a noção de um corpo funcional e vivo: “é gratificante estar viva”, do corpo como um organismo vivente, contextualizado: “passei a observar-me como um todo”, “esses cinco meses proporcionaram muitos insights, respostas, acompanhamento de todo o meu progresso, da minha transformação e do conhecimento de mim mesma.”

A fala torna-se expressiva e clara para si e para o outro. O registro do processo permite o re-acontecer do processo. A observação do corpo se faz com o “sentir as coisas à minha volta e não simplesmente olhá-las”.

O sentir refere-se à vivência de integração (interno e externo). A estrutura corporal “sentida” (experienciada) é diferente da “conhecida” (intelectualmente).

O corpo apresenta um novo ânimo e ritmo.

O corpo é construído na experiência. O corpo é apercebido, tornando-se uma presença ao ser tocado, ao escutar, ao falar, através da percepção dos espaços internos, ao se fazer os exercícios mentalmente, ao se perceber fazendo parte do corpo grupal.

O corpo é experimentado em termos de polaridades: é observado no contato consigo mesmo e com o outro, e são experimentados contrastes em termos de sensações corpóreas.

O corpo traz imagens e é imaginado, sendo tomado como uma metáfora de alguns movimentos existenciais. Faz analogias entre o mergulho de seu corpo na piscina, com o “mergulho” no processo terapêutico; no desenrolar suave da coluna, acodem imagens de notas musicais e cantos de pássaros; percebe-se como uma viajante que percorre os caminhos da natureza interna e externa.

O trabalho deu estímulo à criatividade, o corpo pode ser apreendido de modo singular. O corpo se desvela e revela: as dificuldades e resistências são percebidas através da realização de um auto-diagnóstico corporal e ocorre melhora das dores e percepção e conhecimento da estrutura corporal e mental.

O corpo relaxa.

O processo de transformação é vivido intensamente e encontrado um espaço para se cuidar do SER.

## **2.2. Dulcília:**

No seu relato fica evidente sua entrada com toda força no processo, e a vivência do espírito do nosso trabalho: re-integrar corpo e psique.

Ela reconstitui minuciosa e claramente todas as etapas de seu processo, desde sentir-se desintegrada (desorganizada, desconjuntada, desengonçada) e amarrada, com uma sensação de perda de energia e de paralisia, até a “virada ao avesso”. Adquire consciência das tensões, da respiração, do “bloqueio do tórax. Ganha flexibilidade muscular e articular, a respiração é liberada e percebe todo o seu ser respirando. Toma consciência de seu ritmo cardíaco, e dos espaços dos órgãos. Passa a respeitar as suas necessidades fisiológicas.

Percebe a alternância de estados de desorganização e organização, vivências de plenitude e do vazio: um trabalho de reconstrução que envolve momentos de “desorganização” e de nova “organização”, que acarreta uma mudança do tônus psicofísico.

Considera que o trabalho provoca mudanças sutis, mas profundas e uma entrada no mundo

do imaginário. Aponto-lhe que a vivência desorganizadora é fundamental para se “ir a fundo”. O “toque sutil” promove uma espécie de entrada no caos, que é intenso e mobilizador de resistências, mas não no sentido de derrubá-las de forma dolorosa. Nosso objetivo é favorecer a construção de um corpo novo, cheio de vitalidade, simultaneamente ao processo de ir desconstruindo o velho, sendo que muito da condição antiga é reaproveitada.

Percebe que o trabalho provocou uma abertura para si e para o outro, e o “soltar das amarras” (dos condicionamentos). Manifesta o desejo de compartilhar com os outros o seu processo e ao mesmo tempo sente-se solitária neste caminho.

Pergunta-se: como suportar este incômodo? Sabe que tem um caminho longo a percorrer que demanda um continuidade no processo de aprendizagem, o que reforcei com um lembrete: “você está vivendo um momento de aceleração - intensificação - no seu processo de individuação: tornar-se você mesma e ser útil ao outro. Individuação quer dizer tornar-se uno, não dividido.”

**2.3. José** inicia seu relato-síntese com sua tentativa de resgatar a expressão do corpo e do que ele sentia.

Percebe a necessidade de concretude (a partir da própria dificuldade em ordenar os relatórios) e como seu corpo “continua dançando este balé, a dança abstrata, imaginativa, contemplativa e reflexiva. Contudo seu corpo “tem se tornado mais presente”, no contato com o outro, no espaço, no contato com a água e com a toalha.

Termina o relato com a advertência de que não quer torná-lo “rigidamente concreto”.

Replico que nem eu. Torná-lo mais presente ou mais consciente é o nosso objetivo.

**2.4. Maria Lúcia** fala do processo de descoberta: de *“forma sutil, gradual e progressiva é possível entrar em contato com o corpo e fazer emergir os sentimentos”*. Sente que é necessário vencer o medo e a insegurança e respeitar os seus limites pois muita coisa não cabe mais na sua vida e no seu corpo. Vislumbra a possibilidade de mudança, de transformação das experiências dolorosas em algo construtivo. Em suma, a dor e o sofrimento estão a indicar-lhe a necessidade de reorientação, de mudança de rumo... num sentido construtivo!

**2.5. Marysa**, em seu relato, vai descortinando suas experiências e nos surpreendendo do mesmo modo que ela se surpreendeu. O título de seu trabalho, “Diagnóstico”, é sugestivo do seu processo vivido. Diagnose é igual à ver através de (dos véus). Sua trajetória mostra o desvelamento e a descoberta do colorido do corpo, da música da respiração, do brilho da voz.

Ocorreram muitas conquistas: mudança na entonação da voz e na comunicação com o outro; apropriação do corpo em sua multidimensionalidade; percepção do elemento dor como parte do processo; aprendizado e respeito pelo corpo: “cada pedacinho do corpo ganhou um brilho”; poder surpreender-se com a experiência do novo; surpreender-se com a escuta da respiração e do coração, que “ganhou algo especial que ainda eu não sei dizer o quê.”

O motivo de escolha da disciplina de integração fisiopsíquica foi ficando claro à medida do acontecer do processo. Havia necessidade de uma “tomada de consciência corporal”. Esta consciência começou a se desenvolver com a realização do desenho da figura humana e prosseguiu no decorrer dos trabalhos com o corpo. Os ombros, braços e pescoço pediram atenção e cuidados, o movimento respiratório se fez presente, aconteceu a descoberta de vários órgãos (coração, pulmão, garganta, etc.). A capacidade de ouvir a voz interior foi sendo resgatada: “seria como recordar uma linguagem que com o decorrer dos anos foi esquecida e reprimida, permanecendo assim em silêncio.”

Coloquei para Marysa que este resgate da escuta interior está intimamente ligado às suas outras conquistas. Só posso emitir sons quando consigo ouvi-los; só posso me deixar conduzir quando me aproprio de meus passos (de meu corpo). A escuta do interior apenas ocorre na concentração no próprio processo.

Marysa comenta que os trabalhos corporais também se realizavam a cada texto lido, imaginativamente. Isto é o que eu chamo de leitura do corpo, pelo corpo e com o corpo.

Percebe a necessidade de estender os cuidados com o corpo para diferentes contextos e de transformá-los em espaços sagrados.

**2.6. Renata**, em sua “avaliação do processo do trabalho corporal”, fala da constituição de um espaço corporal grupal e da formação de uma identidade grupal. Refere-se ao seu processo de aprendizado de respirar adequadamente (com ritmo). Ressalta a potência do toque sutil, deste “toque quase sem toque” e dos efeitos do toque sutil: paz e suavidade, sentir o outro que lhe toca e se sentir tocado por dentro.

Nota uma intensificação das dores no dia da supervisão e se pergunta sobre o significado delas. “Fico pensando se isso é uma manifestação do corpo junto à mente, ou se realmente está relacionado com algum problema orgânico ou ainda com o cansaço do dia-a-dia.” Percebe a necessidade de entrar num processo terapêutico, para “quem sabe, sentir menos a manifestação do

corpo pelas dores”.

Para Renata deixo a seguinte mensagem: As dores são como sinalizadores, indicadores de um caminho novo a ser seguido. Elas nos contam sobre o modo que estamos operando na nossa vida, sobre nossas resistências, conflitos e dificuldades. Elas são um caminho, às vezes o único possível para nosso desenvolvimento. Mas existem outros mais suaves e prazerosos. A dor faz parte do processo e pode ser compreendida e transformada (graças a Deus!). É isto o que pretende o processo terapêutico.

**2.7. Rosaura** se detém em relatar sua dificuldade em se inserir no grupo. Percebeu que estava “sobrando” na sala, como se o espaço estivesse totalmente preenchido. Pode, mais tarde, observar que o “círculo de fumaça” era resultado da interação grupal. A partir do terceiro encontro, consegue se articular com o corpo grupal, como se fosse “mais um pedaço do círculo”.

Utiliza-se de alguns exercícios em situações do cotidiano e presta a mais atenção aos “pedidos” do corpo.

**2.8. Simone** destaca os pontos mais importantes de seu processo, apontando suas dificuldades iniciais, principalmente a insegurança em entrar em contato com um outro tipo de conhecimento - o do corpo - e de realizar as “escutas internas” da respiração e do coração.

No decorrer do trabalho, melhora sua concentração, mostrando-se mais disposta e aberta para o “conhecimento” (do corpo).

Percebe uma articulação de seus relatos com a experiência cotidiana e com o trabalho psicoterápico. Passou a observar áreas do corpo que merecem ser trabalhadas (conscientizadas, conhecidas) e foi-lhe indicado que continue explorando o significado delas em sua vida.

**2.9. Valéria** é bastante sucinta no diagnóstico de seu processo: mudanças corporais vem sendo observadas, como melhora do ritmo respiratório e o corpo está relaxado e calmo em situações de stress. Pratica o relaxamento de Schultz diariamente (trabalho de concentração) e tem conseguido se concentrar na aplicação dos trabalhos em outras pessoas

**2.10. Vera Lúcia** percebe, através dos relatos, uma repetição de suas queixas físicas e faz uma tentativa de relacionar seus sintomas com sua postura psicofísica, ou seja, tenta significar suas dores, raciocinando em termos simbólicos. Por exemplo, relaciona as dores de estômago com a atitude freqüente de estar “engolindo sapos, para evitar conflitos. Percebe que é importante separar o que é seu e o que é do outro. Passou a cuidar de seus pés, outrora abandonados e

escondidos em tempo integral em calçados apertados (um número menor que o seu). Toca-os e coloca-os em contato direto com o chão, pois “os pés são os membros que me dão o chão”. Não mais está prisioneira de um padrão estético, que valoriza “as formas, curvas e músculos”. O que lhe importa “é a disposição do corpo frente ao mundo.”

**2.11. Viviane** mostra que foi sensibilizada pelo trabalho, que seu corpo vem respondendo com algumas mudanças porém consideradas por ela como significativas.

Refere melhora do ritmo respiratório, melhora do sono, percepção de diferenças entre os dois lados do corpo (ao serem trabalhados alternadamente).

Percebe que quanto mais é treinada na aplicação dos trabalhos corporais, mais fácil se torna a auto-exercitação. (Podemos depreender daqui a importância da disciplina neste tipo de trabalho).

Sente que seu corpo respira mais do que antes e faz uso de alguns exercícios para aliviar as dores de cabeça (crises de enxaqueca).

### 3.2.2. Dos momentos constitutivos do processo da autora

Antes de falar dos momentos constitutivos do processo, cabe indicar a base da escolha de meu caminho de análise, que se configurou na quarta versão, mais propriamente no modo da **a-versão**.<sup>162</sup>

Na procura de um caminho para falar do meu percurso, sentia-me impossibilitada de fazer uma versão de sentido escrita, que seria desejável ter sido realizada o mais proximamente possível do término da experiência, guardando o calor do processo. A versão de meu processo logo após sua conclusão foi uma *a-versão*, uma recusa em abordá-la provocada pelo sentimento de desamparo que emergiu após a interrupção do testemunho grupal, pelo encerramento do grupo de pintura.

Na tentativa de retomar o clima do processo realizei então uma pintura-síntese.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> “Nesta dimensão das emoções, que abrem as coisas em seu genuíno significado - mutável ininterruptamente no tempo -, sempre nos percebemos a nós mesmos (ainda que não tematicamente) dispostos em relação às coisas, como diz Heidegger, nos modos de *versão* e/ou da *aversão*. Conjuntamente com o significado em que as coisas nos são manifestas, através dos estados de ânimo, expressa-se *o sentido da nossa existência*, o sentido em que nossa existência transcorre.” Cf. Dulce M. Critelli, *Análítica do Sentido*, p. 98.

<sup>163</sup> Ver no Anexo B1, vol. II.

Contudo, mesmo resgatando a força original do processo com a realização da pintura, já havia decorrido um ano de sua finalização, tempo que provocou um natural distanciamento da experiência e me remeteu *diretamente* para uma versão compreensiva do processo.

Após as leituras de minhas experiências fui tocada<sup>164</sup> pois pela impotência de cuidar de meu material do mesmo modo que tratei o processo dos alunos: realizar uma versão de sentido global da experiência para captar os seus momentos significativos. Também temos que considerar a minha participação na realização das versões em cada um dos processos: eu não havia feito qualquer versão de sentido escrita anteriormente sobre o processo dos alunos, enquanto que em meu processo expressivo elas estiveram presentes a todo momento. Portanto era natural que o processo dos alunos se abrisse para mim como solicitante de uma aproximação e o meu inspirando um distanciamento reflexivo.<sup>165</sup>

Escolhi então seguir um outro caminho impelida pela necessidade de me reapropriar da minha trajetória, um caminho que me fizesse voltar a ela, percorrendo-a passo a passo, de um modo pontual, para retirá-la da sua condição de velamento. O iluminar do meu processo com todas as suas nuances, revelou-se como uma verdadeira autenticação da minha experiência, que havia ficado tanto tempo adormecida.

Além disto, a abordagem da vivência individual possui peculiaridades, sobretudo no meu campo de investigação onde a ampliação do contato com o próprio corpo conduz à ampliação dos horizontes teóricos. Minha experiência pessoal tão carregada de sentimentos, sensações e imagens, em outras palavras, tão repleta de corpo e de símbolos, foi se revestindo de sentidos novos com o passar do tempo. Isto quer dizer que no decorrer do tempo fui sendo enriquecida com novas experiências e novos olhares, o que fez com que eu me aproximasse de meu material não mais de modo ingênuo mas já com uma elaboração maior, sendo praticamente impossível me desvestir da linguagem fenomenológica, assumida então como própria de meu modo de ser.

Não considero este discurso incoerente com a produção de uma fala autêntica pois a escolha da interpretação de minha experiência deste modo está se dando como fruto de uma nova

---

<sup>164</sup> Ser tocado no sentido de ser afetado: “Falamos de afeto como afecção. Nesse “estar sendo afetado”, dá-se liberdade para que as coisas apareçam (ameaçadoras, nocivas, admiráveis...). Fora desse modo afetivo, as coisas são referenciáveis, mas não são, necessária nem certamente, consistentes. Pelos estados de ânimo, as coisas manifestam-se em seu significado existencial mais genuíno e em seu sentido.” Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 97.

<sup>165</sup> Cf. Yolanda Cintrão Forghieri, *Psicologia Fenomenológica*, p. 60.

orientação de sentido que se apresentou a partir do contexto da minha existência. Mesmo que o registro de linguagem aqui seja o da linguagem segunda, se ele estiver presentificando minha experiência original, terá cumprido a sua originalidade.<sup>166</sup>

### **a) o desvelamento e revelação do corpo individual e grupal**

Busco apreender em meu percurso o movimento da analítica do sentido, a partir do desvelamento e revelação de todos os passos do meu processo expressivo (das pinturas aos encontros grupais).<sup>167</sup> Os momentos do meu processo foram agrupados conforme a identificação realizada de uma similitude significativa de sentido, o que admitiu a colocação de pinturas produzidas num mesmo dia em grupamentos diferentes. A maioria dos momentos foram agrupados de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos.<sup>168</sup> Todos esses conjuntos foram nomeados e assinalam os momentos significativos do processo.

Note-se que as pinturas não possuem um único significado definido e fechado, justamente por equívalerem a versões de sentido. Estão continuamente a abrir novos significados e a gerar novos sentidos. As etapas não são pois lineares; não se abandona uma para ingressar em outra. Em cada nova etapa em que se ingressa há uma integração da anterior que continua presente porém modificada, e uma abertura para a etapa que está por vir. A etapa precedente permite que se atinja a nova e prossegue como presença, sendo incorporada mediante a nova vivência que ela mesma facultou. Este processo circular e ascendente revela *o processo de singularização do corpo em seu movimento de fenomenização, realização e objetivação*. Nesta circularidade, o corpo vai sendo realizado e desrealizado e sua história vai sendo construída.

O processo grupal será visto junto com o meu processo individual; em sua trama é que foi possível realizar meu processo expressivo (de realização do sentido de ser), de constituir um corpo expressivo. O grupo forneceu o recipiente para que acontecesse o *processo circular de*

---

<sup>166</sup> A linguagem segunda é a linguagem da reflexão enquanto que a linguagem direta, é a do contato e envolvimento (Ladriere, 1975). Também na interpretação fundadora “*a fala adere à experiência, interpretar é expressar e expressar é experimentar*”, enquanto que na interpretação segunda a fala toma distância da experiência. Mas a fala segunda que estiver cumprindo “uma atualização de uma presença ou uma mobilização sujeito-mundo” será uma fala autêntica . Cf. Mauro M. AmatuZZi, O resgate da fala autêntica, cap. 7.

<sup>167</sup> Estes passos serão vistos prioritariamente segundo este movimento, mas também, paralelamente, estarei me expressando através de Carl Gustav Jung, meu construtor e intercessor, servindo-me do seu repertório para amplificar os símbolos emergentes deste processo. Exploro principalmente suas concepções alquímicas. O modo escolhido de apropriação do meu processo, inclui também permitir que outros autores que marcaram minha trajetória possam se manifestar . Eles estiveram presentes na formação do meu corpo, parecendo-me então coerente estar mostrando como eles participaram mais uma vez de sua constituição no processo expressivo em questão.

<sup>168</sup> Ver Anexo B2, vol. II.

*realização* desta experiência em seu *desvelamento, revelação e testemunho*. Sem o testemunho grupal de meu processo criativo (da ação criativa com seus gestos e discursos) não teria sido possível sua manifestação e conservação (seu registro objetivo) no tempo.

Esta versão final abrangerá a experiência individual em conjunto com a do grupo, tornando-a apreensível portanto, em duas dimensões: a da autenticação da própria experiência, a partir dos relatos que realizei de minhas pinturas individuais no decorrer do processo e a dimensão do testemunho, a partir dos relatos do que foi vivido e realizado (pinturas grupais) no grupo, ou seja, do que foi vivido em comum.

O movimento de *veracização* que também é integrante deste processo circular de construção do corpo implica em sua exposição freqüente (através de registros ou publicações por exemplo) para que se torne publicamente relevante (faça parte do senso comum) e alcance a condição de ser verdadeiro. A apresentação destas idéias em fóruns científicos ou não, tem possibilitado a sua veracização. E, finalmente, meu processo expressivo está sendo tornado consistente, sendo *autenticado* pelo meu envolvimento afetivo com ele e pela escolha de lhe dar um corpo científico.

### ***1) O olhar fenomenológico (ver anexo B2 item I)***

*Um novo olhar (1º e 2º encontros grupais e primeira pintura grupal):*

Entro em contato com outro ponto de vista, com outra perspectiva epistêmica.

Disponho-me a adotar o ponto de vista da fenomenologia<sup>169</sup>, não o da tradição metafísica. Faz-se necessária uma “correção” da visão (da qual eu tenho medo)<sup>170</sup> e uma *concentração* no objetivo (processo de individuação ou de singularização da experiência vivida).

A possibilidade de se realizar esta “correção” se apresenta na atividade expressiva do pintar. A partir do “olhar artístico” sou gradativamente desvestida do modo de olhar da metafísica.<sup>171</sup> O “olhar artístico” é um olhar fenomenológico, que não se preocupa em enquadrar a

---

<sup>169</sup> A fenomenologia se auto-compreende como uma perspectiva relativa e provisória. Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 12.

<sup>170</sup> “...pois a relatividade da perspectiva do saber e da verdade abre-se como ponto inseguro, mas próprio do existir.” Idem, *ibidem*, p. 13.

<sup>171</sup> “O delineamento de uma metodologia de investigação e análise fundada na fenomenologia deverá cuidar do *talhamento de um olhar*, ao mesmo tempo que intenta moldá-lo, deverá ir despiando-o de um hábito desde há muito invisível.” Idem, *ibidem*, p. 16

vida em conceitos ou formas padronizadas; seu compromisso é com a manifestação e a expressão de tudo o que é.

Do ponto de vista da metafísica, a fluidez da existência e do pensar deve ser superada, pelo controle representativo do mundo; o mundo é habitado de modo estável e seguro; o conhecimento é resultante da superação da insegurança do existir; a verdade é una e imutável. O investigar fenomenológico é um investigar que se constitui interrogante, aberto às possibilidades existenciais, que não pretende superar a insegurança própria do existir, pois justamente a coloca como condição para o conhecimento.<sup>172</sup>

O “olhar artístico” valoriza a expressão peculiar de cada um. A minha marca característica foi assinalada como sendo a *vitalidade*.

Anuncia-se<sup>173</sup> a possibilidade de *pensar o impensado*<sup>174</sup>, de superar as dicotomias sujeito-objeto, eu-outro, masculino-feminino, céu-terra, natureza-espírito. O pensar fora do campo representacional é um pensar aberto na existência e que interroga pelo sentido de ser.

## 2) *A busca do sentido de ser (ver anexo B2 item II)*

*A busca de uma nova expressão (primeira e segunda pinturas individuais):*

Sou lançada na experiência da angústia e da liberdade da existência. O pensamento do sentido de ser surge diante do vazio do sentido para ser, do vazio da condição de humanidade e é provocado por esta experiência. Dou início à construção de uma forma<sup>175</sup>, para me reinstalar na vida humana atendendo aos apelos de ser.<sup>176</sup> A vida e a forma apresentam-se em estado germinal, indicando o surgimento da possibilidade de eu vir-a-ser quem eu propriamente posso vir-a-ser.<sup>177</sup>

Empreendo a *busca da morada celeste*<sup>178</sup>, diante da inospitalidade do mundo (e da

<sup>172</sup> Idem, ibidem, cap. 1 e 2.

<sup>173</sup> Na 1ª pintura grupal.

<sup>174</sup> Cf. Merleau-Ponty, citado por Dulce M. Critelli, *Análítica do Sentido*, op. cit., p. 31.

<sup>175</sup> 1ª pintura individual.

<sup>176</sup> Heidegger ([1949], 1967) diz que “Ser é ouvir e atender aos apelos de ser.” Idem, ibidem, p. 24.

<sup>177</sup> “Diante deste vazio, em que compreendemos que fomos *quem nós mesmos somos, impropriamente*, também nos é dada a possibilidade de não fugir, mas de nos decidirmos a vir a ser quem, *propriamente*, nós podemos vir a ser.” Idem, ibidem, p. 124.

<sup>178</sup> Na 2ª pintura individual. Os alquimistas, que se auto-denominavam filósofos ou “filhos da sabedoria”, procuravam a pedra miraculosa, que encerrava o espírito. Esta pedra foi chamada de *prima materia, caos ou massa confusa*. “Por ‘espírito’ eles entendiam o *pneuma*, semimaterial, uma espécie de *subtle body* (corpo sutil) de matéria finíssima, que também chamavam de ‘*volatile*’, identificando-o quimicamente com óxidos e outros compostos comparáveis. Deram ao espírito o nome de mercúrio, o qual, ainda que corresponda ao conceito químico de mercúrio, como *Mercurius noster*, não era o Hg comum; filosoficamente, designava Hermes, o deus da revelação, que, sob o aspecto de Hermes Trimegisto, era o pai da alquimia. Eles tencionavam extrair o espírito divino primordial do caos: este extrato foi chamado de *quinta essentia, aqua permanens, hydor theion, baphe* ou *tinctura*.” O alquimista Rupescissa dizia que a

liberdade da existência).

Eventos síncronos mostram a presença do símbolo da psiquê ou da alma.<sup>179</sup>

Experimento a forma e a cor no quadro e na vida.

Do fundo branco da cartolina adormecida no porão (reino do *nada*, do oculto, do velado)<sup>180</sup>, emerge a primeira forma, a rosa-azul<sup>181</sup>, que não pôde ser apanhada concretamente, tendo que permanecer como uma virtualidade. Ela ficou parecida com uma esfera azul.<sup>182</sup>

A necessidade de expressão de um novo modo de se empreender conhecimento (abertura para o criativo), fez-se acompanhar de uma sensação de estar sendo premido (fechamento), como se algo tivesse que ser abandonado - a forma rígida, fixa.

Pela angústia diante da condição ontológica da *inospitabilidade* do mundo e da *liberdade* da existência, sou lançada na aventura do pensar.<sup>183</sup>

Configura-se o “planeta azul” (que também é a virtual flor-azul), como uma força propulsora em direção ao centro ou à totalidade (o cosmos), como potência criadora, o lugar possível (microcosmos) de realização do ser do homem, do seu movimento existencial de vir-a-

quinta essência era um líquido azul e indestrutível como o céu e chamada de “le ciel humain” (céu humano). Este céu azul se refere ao *microcosmo* (este grifo é meu). Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Religião*, 1971, p. 105-106.

<sup>179</sup> Vejo um quadro de borboleta bem pintado, desejo pintar uma borboleta e uma borboleta azul-lilás vem pousar e permanece um longo tempo aderida ao meu quadril. Sincronicidade é definida por Jung como um princípio de conexão acausal entre dois ou vários eventos com o mesmo conteúdo significativo. É a ocorrência simultânea ou a coincidência significativa de fatos subjetivos e objetivos, que não se explica casualmente. Cf. C. G. Jung, *Sincronicidade*, 1971.

<sup>180</sup> “O reino do nada é essa zona onde coisa alguma aparece se não se *trouxe à luz*.” Dulce M. Critelli, *Analítica do sentido*, p. 71.

<sup>181</sup> A flor azul corresponde à flor de ouro da alquimia chinesa, Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 91. A flor de ouro no Oriente corresponde à rosa no Ocidente (p. 119). A flor dourada é o símbolo da pedra filosofal, ou da transformação alquímica da matéria em ouro. Este ouro não é o ouro comum (aurum vulgi), mas o ouro filosófico, ou mesmo a pedra maravilhosa, o ‘lapis invisibilitatis’ (a pedra da invisibilidade), ou o ‘lapis aethereus’ (a pedra etérea). (p. 255). “O interior da flor de ouro é um ‘lugar de germinação’, e nele é concebido o corpo diamantino. Seu sinônimo “terra dos ancestrais” talvez indique que esta criação é o resultado de uma integração dos estágios ancestrais” (p.140). “O ‘lapis’ ou pedra se compõe de coisas animais, vegetais e minerais, consistindo de corpo, alma e espírito; cresce a partir da carne e do sangue (p.189). O “lapis” designa o si-mesmo. “ ‘Lapis’ designa não só a matéria inicial (matéria prima), como o produto final do processo (“lapis philosophorum, elixir vitae, aurum nostrum, infans, puer, filius philosophorum, Hermaphroditus”, etc.) [pedra filosofal, elixir da vida, nosso ouro, criança, menino, filho dos sábios, Hermafrodito, etc.]”. Cf. C. G. Jung, *Aion: estudos sobre o simbolismo do si mesmo* (p. 118).

<sup>182</sup> O ente, a coisa, mostra-se como fenômeno e seu modo de mostrar-se é pôr-se à luz e ocultar-se simultaneamente. O ente mostra-se o que e como ele é e o que e como ele não é. Este jogo de mostrar-se acontece para um olhar-no-mundo.” Cf. Dulce M. Critelli, *op. cit.*, cap. 3.

<sup>183</sup> Idem, *ibidem*, p. 18.

ser. Parece se tratar do nosso corpo terrestre, que pede para ser cuidado de um outro modo, não apossado, não ferido.

O reconhecimento desta condição insegura de existir, da inospitalidade do mundo, da constante fluidez da existência em seu movimento dinâmico de criação contínua, instaura o pensar e coloca-me na perspectiva do sentido (do todo)<sup>184</sup>, permitindo o conhecimento do sentido de ser. O homem pertence à Terra, mas esta pertença não é fixa e segura. Sua destino está entrelaçado com o destino da Terra; depende do modo como ele encaminhará os seus cuidados para com a Terra.<sup>185</sup>

### **3) O movimento de realização do sentido de ser: ser num corpo (ver anexo B2, item III)**

#### **3.1. O desvelamento**

*Várias facetas do corpo são descobertas (3ª e 4ª pinturas individuais, 6º encontro grupal e 2º pintura grupal):*

*Emerge a forma determinante da borboleta-serpente*<sup>186</sup>. A pujança instintiva do feminino e, por que não dizer, do corpo, apresenta-se nesta “serpente alada”, parecendo ter surgido do centro do “planeta azul”, onde outrora estava o ninho.

Desejo limpar minha aparência, libertar a forma de um padrão rígido e coletivamente estruturado, para expressar o meu ser, minha alma que não poderia mais ficar escondida ao modo metafísico. Para a fenomenologia, o que aparece ao mesmo tempo oculta algo de si próprio. Ser e aparência coincidem.<sup>187</sup> Também busquei vencer as determinações formais do tempo linear. Para

<sup>184</sup> No pensamento filosófico chinês que é um pensamento de totalidade, encontramos o conceito de TAO, traduzido por Richard Wilhem, O Segredo da Flor de Ouro, 1986, como “sentido”. Mestre LÜ DSÜ dizia: “àquilo que é por si mesmo denominamos sentido (TAO). O sentido não tem nome, nem forma. É o ser uno, o espírito originário e único. Ser e vida não podem ser vistos, estão contidos na luz do céu. A luz do céu não pode ser vista, está contida nos dois olhos.”(p. 97). Lao Tsé o chama de *nada*, que é o mesmo que *sentido* ou *finalidade*. O TAO não aparece no mundo dos sentidos embora o organize. Cf. C. G. Jung, Sincronicidade, 1971, p. 54-57.

<sup>185</sup> A célebre mensagem do chefe pele vermelha Seattle, em 1856 em carta ao governador do território de Washington, mostra a relação intrínseca entre o homem e sua habitação: “De uma coisa sabemos: a Terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à Terra. Disto temos certeza. Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. O que fere a terra, fere também os filhos e filhas da Terra. Não foi o homem que teceu a teia da vida: ele é meramente um fio dela. Tudo o que fizer à teia, a si mesmo fará.”

<sup>186</sup> 3ª pintura individual. Uma variação da serpente alada ou dragão alado, um símbolo antigo da alquimia, que indica a presença do espírito na matéria, “spiritus mercurialis”, o Deus Hermes-Mercúrio, deus guia, da revelação e senhor do pensamento. Ver C. G. Jung, Psicologia e Alquimia, 1975, p. 304.

a fenomenologia, ser só aparece no horizonte do tempo, da vida. Ser e existência coincidem.<sup>188</sup>

Estou à procura da flexibilidade, soltura, liberdade, da expressão autêntica: ser eu mesma. A imagem da borboleta ressurgem.<sup>189</sup> Meu rosto sai do encobrimento (desvela-se), brotando de águas profundas.<sup>190</sup> A casca se rompe, fazendo surgir a forma humana em sua expressão autêntica. Torna-se imperativo libertar a alma de seus condicionamentos, deixar que ela se expresse livremente, que se mostre, que se abra para novas possibilidades criativas.

### 3.2. A revelação

*O irromper da palavra (3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> encontros e 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> pinturas individuais):*

A imagem da *gravidez* vem mostrar a incubação do processo e a gestação da palavra.<sup>191</sup> Impõe-se como tarefa encontrar o fundamento de tudo o que aparece, respeitando o movimento original, o impulso originário. A borboleta-criança<sup>192</sup> anuncia o fundamental, *a vitalidade (da criança)*.

Apresenta-se a condição de ser *clareira*: o vazio, a falta, aberta na luz, onde tudo pode aparecer. Nesta condição, pede-se despojamento, para se deixar tocar pelo que aparece, acolher o que for doado.<sup>193</sup>

O silêncio irrompe.<sup>194</sup> É do fundo - do não-ser como fundo do plano do ser - que a palavra irrompe, trazendo a fala original.<sup>195</sup>

<sup>187</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 60.

<sup>188</sup> Idem, *ibidem*, p. 52

<sup>189</sup> Acontece uma nova sincronicidade antes de eu começar a pintar: uma borboleta faz vôo rasante sobre minha cabeça e outra se aninha em meu pescoço.

<sup>190</sup> 4<sup>a</sup> pintura individual.

<sup>191</sup> 5<sup>a</sup> pintura individual.

<sup>192</sup> 6<sup>a</sup> pintura individual

<sup>193</sup> “Fenômeno é o ente mostrando-se à luz de uma iluminação. Esta luz, ou iluminação em que, exclusivamente, o ente pode se expor é constituída simultaneamente pelo ente mesmo e pelo olhar que se institui como sua clareira (ou seu lugar de aparecimento)”. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 67.

<sup>194</sup> 7<sup>a</sup> pintura individual.

<sup>195</sup> A fala autêntica é precedida pela gestação de uma intenção significativa, por um determinado silêncio, por um vazio que quer ser preenchido e não por um pensamento. Cf. Mauro M. AmatuZZi, *O resgate da fala autêntica*, cap. I., p. 25-39

### 3.3. O testemunho

*O corpo se expressa na coexistência: (8ª e 9ª pinturas individuais, e 6º encontro grupais e 2ª pintura grupal):*

Entro em contato com os pés (raízes) de modo diferente nos vários espaços acadêmicos informais freqüentados semanalmente.<sup>196</sup>

Sou acolhida e testemunhada em meu processo de imaginação criativa. Posso me apresentar com “os pés descalços”, mostrando o nível arcaico de minha expressão criativa. Sincronicamente os pés femininos se libertam.

A poda de meu crescimento pleno imposta durante minha vida acadêmica, interrompeu a ligação com a fonte da vida, com as raízes, de onde vem o alimento para nossas expressões criativas.

No berço de minha formação acadêmica em psicologia retorno às minhas origens, indo restabelecer o contato com as minhas raízes intelectuais quando tenho uma experiência singular e plural no mesmo momento. Foi quando o tempo perdeu seu caráter linear e se apresentou como movimento, abrindo-se a perspectiva do vir-a-ser (physis; brotação)<sup>197</sup>, diante da “dança do homem da terra”.<sup>198</sup>

Entro na *dimensão da transicionalidade*<sup>199</sup>, onde experimento a reunião de todos os

---

<sup>196</sup> 1) Grupo de estudos junguianos, do qual venho participando desde 1994, coordenado pelo Dr. Carlos Amadeu B. Byington 2) Grupo de danças circulares sagradas (danças étnicas), do qual participo desde 1994 no Instituto Sedes Sapientiae; 3) Laboratório de Estudos da Transicionalidade (LET) ligado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pelo Dr. Gilberto Safra, do qual sou membro desde 1995.

<sup>197</sup> Esta experiência se deu no Laboratório do Estudo da Transicionalidade (LET) e exatamente no pátio da cruz, lugar que freqüentava diariamente no primeiro ano do meu curso de Psicologia. Este pátio pode ser visto como um TEMENOS, uma área sagrada protegida na qual é possível se vivenciar o inconsciente. Neste caso aparece como uma clareira.

<sup>198</sup> Tratou-se de uma performance de um colega do LET, (psicólogo e bailarino), a qual levava o sugestivo nome de “Parangolés”. O Parangolé é uma formulação de Hélio Oiticica para falar do desenvolvimento de uma antiarte ambiental, que funde cor, estruturas, sentido poético, dança, palavra, fotografia compondo uma totalidade - obra e que acontece nesse espaço aquém do ambiente e além da subjetividade, que é o mundo da transformabilidade, da transicionalidade, segundo Ju de Andrade, o bailarino que nos ofertou neste dia a dança do “homem amarelo”. Para ele, “os parangolés não permitem empostações, posturizações dos gestos, emgomamento. É a dança liberta da moldura, de arranjos amoldurados. Não é sustentado por intenções estetizantes. Não é impregnado daquilo que Oiticica chama de ‘estética do jardim inglês’. O parangolé é uma dança de fluidez e revelação dramática gerada pela sua ocupação; paradoxalmente é crítico e preciso.”

<sup>199</sup> Transicionalidade é uma expressão cunhada por D.W. Winnicott, para designar a experiência humana articulada no campo da sensorialidade de forma simbólica e singular. Cf. anotações de aulas do curso: Momentos mutativos do processo psicanalítico - uma abordagem winnicottiana, ministrado pelo Dr. Gilberto Safra no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 1994.

elementos que vinha trabalhando nas minhas pinturas, como se naquele momento tivesse ocorrido uma *síntese, uma integração, uma iluminação*.

*Neste momento que chamei de “celebração”<sup>200</sup>, acontece a dança circular do ser no jogo do mostrar-se (e do esconder-se), em seu movimento fenomênico. Foi no jogo do ser-no-mundo-com-os-outros que se deu o aparecimento deste ser: o humano dançante.*

As raízes femininas puderam ressurgir, se mostrar, sair do seu encobrimento.<sup>201</sup> Despontava a possibilidade de se colocar em movimento um modo autêntico de ser: um ser enraizado, “dançando ao vento da terra”.

Logo após esta vivência, eu mesma venho a testemunhar a semelhança das imagens oníricas do processo de individuação reveladas por Jung,<sup>202</sup> com as imagens e símbolos do meu processo expressivo. Percebi claramente a condição *plural*<sup>203</sup> do eu e da consciência; compreendi que estava vivendo algo simultaneamente *pessoal e coletivo*. Mergulhara na vivência de processos arquetípicos experimentados desde há milhares de anos pelos alquimistas, isto é, entrara em contato com os símbolos arquetípicos do processo de individuação.<sup>204</sup>

O corpo também se desvela e se expressa nos encontros grupais. Como que iniciamos uma passagem por um portal despojados de nossas vestes costumeiras, para penetrarmos num mundo desconhecido, carregado de novas possibilidades, a ser habitado de um novo modo, não mais sujeito aos limites do pensar metafísico. O padrão de conhecimento anterior (via representação) foi sendo deixado para trás, dando lugar para o pensar que se instaura pela aceitação da fluidez do dinamismo existencial.

*A coexistência é o lugar do aparecimento ou a clareira onde as coisas aparecem e podem ser vistas e ao mesmo tempo a iluminação que dá condições para que elas apareçam. As minhas*

---

<sup>200</sup> 8ª pintura individual.

<sup>201</sup> 9ª pintura individual.

<sup>202</sup> Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 19.

<sup>203</sup> Pluralidade (Arendt) ou coexistência (Heidegger). Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 65.

<sup>204</sup> Cf. Carlos A.B. Byington, *Desenvolvimento da Personalidade - Símbolos e Arquétipos*, onde aborda o desenvolvimento da personalidade e da consciência a partir do conceito de símbolo. “Todas as representações que operam no campo psíquico são símbolos do processo de desenvolvimento do *self* ou totalidade psíquica que é coordenado sempre por um arquétipo e, sempre também, em última instância pelo arquétipo central. Isso se deve à concepção de que a psique individual ou coletiva é um organismo que está sempre em desenvolvimento, a fim de realizar seu potencial genético ou arquetípico. A psique é como uma semente que aproveita a terra, a chuva, a semente, os insetos e tudo o que lhe acontecer de bom ou de mau para formar a árvore, já latente nas moléculas de ácido desoxirribonucleico que formam genes ou cromossomas dentro do núcleo das células da semente.” (p. 19-20).

raízes foram descobertas (desveladas), expressas através das pinturas e da “dança do homem da terra” (reveladas) e compartilhadas com os outros (testemunhadas).

### **3.4. A autenticação**

*A decisão em se expressar*

*(10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> pinturas individuais, 7<sup>o</sup> encontro grupal):*

A falta e o vazio ressurgem e a experiência da angústia.<sup>205</sup> Este foi um momento no qual senti-me totalmente incapaz de escrever. Como colocar em palavras toda a força dos ensinamentos do método de Sándor?

No meu silêncio, na minha falta de palavras residia na verdade uma intenção significativa em estado nascente, uma mobilização para um sentido novo, para o desenvolvimento da criatividade obstada pelo sistema de ensino alienante em que eu estivera inserida até o momento. Tomo afinal, a decisão de me expressar autenticamente. O silêncio primordial se rompe e a palavra irrompe, presentificando o não-ser, fazendo ser o que não é.

O nascimento da fala original possibilita a criação de novas significações e coloca em marcha o processo de vir-a-ser.<sup>206</sup> Percebo ser fundamental a abertura para investigar, e para escutar e ver o que os outros realizaram, sem virar eco, repetindo ou propagando o padrão clássico.<sup>207</sup> *É sendo que posso falar do corpo, porque o corpo é, o ser é encarnado.*

Aprendi que o corpo é metáfora da existência.

Aprendi a desaprender, a me desalojar do lugar seguro pré-estabelecido e a caminhar para a apropriação do meu corpo, da minha condição existencial. Aprendi a inaugurar a existência sempre e de novo. Aprendi a expressar a fala do corpo e da vida. Aprendi *a dizer a minha palavra*<sup>208</sup>, a dizer significados da experiência presente, que brotam no ato de se relacionar com o mundo. Este dizer próprio, original, é o dizer do corpo (vivente). Este corpo pensa e fala, mas a seu modo. Fala por imagens, fala por metáforas. A metáfora pode dar conta desta linguagem

<sup>205</sup> Na 10<sup>a</sup> pintura. “Esta experiência de inospitalidade do mundo, do nada em que se desfez ou ocultou o sentido do que ser fazia para nós, e da mais plena liberdade em somos lançados independentemente de nosso próprio arbítrio, Heidegger a nomeia de angústia.” Cf. Dulce M. Critelli, *Análítica do Sentido*, p. 18.

<sup>206</sup> “A fala secundária, se predominante, faz exatamente o oposto. Ela mantém não-rompidos os silêncios que buscam romper-se e leva a uma estagnação do viver.” Cf. Mauro M. Amatuzy, *O resgate da fala autêntica*, p. 38.

<sup>207</sup> A fala repetitiva é uma fala secundária. Idem *ibidem*, p. 29.

<sup>208</sup> É uma expressão usada por Paulo Freire (1974) para caracterizar a palavra própria. Idem, *ibidem*, cap. 3.

existencial, pois em seu campo os sentimentos e as sensações podem se mover. O corpo é simbólico.<sup>209</sup>

Descubro que o processo criativo (método) de realização da pintura necessita de coerência com as suas circunstâncias.<sup>210</sup>

A imaginação deve ser orientada pela natureza e a pintura realizada com a cooperação das forças infantis.<sup>211</sup> O movimento em busca de uma expressão autêntica, oscila entre a abertura para o novo e a dificuldade em libertar a espontaneidade, o medo de soltar as amarras para uma fala autêntica.<sup>212</sup>

A minha atividade expressiva<sup>213</sup> retrata a paisagem humana da qual faço parte, a paisagem do Brasil, do meu solo autêntico, da minha história individual e coletiva.

Cabe resgatar a nossa história pessoal e coletiva, revivificar nossas raízes, resgatar a palavra autêntica promovendo a expressão criativa das idéias, imagens, sentimentos e sensações. É preciso constituir uma identidade individual e plural, dando voz à “narrativa silenciada da alma brasileira”.<sup>214</sup> Em meu gesto expressivo individual, estou realizando a possibilidade do gesto de

---

<sup>209</sup> Na 11ª pintura, o traçado azul sugere o corpo sutil (“corpus subtile”) da alquimia medieval, o corpo transfigurado da ressurreição, corpo que é simultaneamente espírito. O corpo transfigurado é a meta do processo de individuação. Este processo é a busca do tornar-se o que se é, sendo renascido. Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 446. O ovo desenhado embaixo desta pintura, evoca o “ovo filosófico” dos tratados alquímicos. Para o alquimista, “filósofo” era o “amante da sabedoria”, e literalmente, “ovo” significa “lugar onde crescer”. Lugar de onde brota a sabedoria. Colocar-se num ovo é uma das fases do trabalho alquímico (opus) que encontra paralelos com o processo psicoterapêutico - é a concentração no processo, e a crença na sabedoria do próprio corpo. Cf. Arnold Mindell (1991), *O Caminho do Rio*, p. 132.

<sup>210</sup> “O investigar que se proponha interrogar as ações humanas deve, por princípio, ser mais abrangente do que os instrumentos que selecionar; deve poder empreender-se na independência deles, e orientado pelo homem mesmo em seu estar-sendo-no-mundo.” Cf. Dulce M. Critelli, *Análítica do Sentido*, p. 26.

<sup>211</sup> A obra alquímica (opus alchymicum) ou uma parte dela, é designada por “ludus puerorum”(jogo de crianças). Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 211.

<sup>212</sup> A palavra original, como a pintura ritual primitiva, é símbolo, é presentificação e não mera representação. Ela não é uma abstração intelectual “é a própria interação transformadora, *ela é a própria relação com aquilo que designa, no encontro com o interlocutor* ([...] *ela é minha relação com ele*). Cf. Mauro M. Amatuzzi, *O resgate da fala autêntica*, p. 72.

<sup>213</sup> Na 12ª pintura.

<sup>214</sup> Expressão empregada por Roberto Gambini, analista junguiano em palestras sobre o resgate da alma brasileira. Ancorado nas idéias de Darcy Ribeiro afirma que na estruturação da identidade ou da alma brasileira não foi possível haver uma identificação nem com o pai, nem com a mãe. A cisão faz parte da nossa “formação identitária” que nos caracteriza como um povo de “zé ninguéns”: filhos mestiços de mãe índia com pai branco europeu, que se comportavam como índios mas trabalhavam para os brancos. Aponta que a cultura da mãe foi subjugada pela cultura do pai; o discurso e a genealogia da mãe foram negados; o nosso ventre de origem foi esquecido; a mãe perdeu a dignidade e com ela as tradições ancestrais. Propõe o favorecimento da expressão da força vital criativa da alma ancestral brasileira, dando palavra ao seu discurso silenciado, para que ocorra a síntese do sentimento e da intuição com a racionalidade.

toda a humanidade.<sup>215</sup> A possibilidade de constituição de uma identidade e de uma história reside pois na permanente abertura para experimentar, inovar, criar, iniciar um movimento (de realização).

Esta é a nossa meta: sermos integrados. O “castelo”<sup>216</sup> de minha filha é um apelo à consciência de verticalidade almejada por mim inicialmente, de ligação do mundo dos sentidos com o mundo espiritual. De um outro modo pude experimentar este sentido de estar integrada quando optei por permanecer *sozinha* no alto de uma montanha e pude *autenticar*, dar consistência, ver reforçada a sensação de fazer parte daquela paisagem. Eu fazia parte de um todo abrangente e ao mesmo tempo eu era este todo.

Percebo esta inter-relação das partes com o todo no meu cotidiano: as atividades de pintura, escrita, dança, o cuidado da casa e da cozinha, a participação em grupos de estudo são percebidas como constituindo um único movimento existencial. Via-me dançando com uma atitude religiosa, estudando e cozinhando artisticamente (como se estivesse pintando um quadro), ou como se estivesse num laboratório de química, e escrevendo como se as letras estivessem sendo pintadas, esculpidas, cozidas, como se as palavras fossem dançantes. Este movimento era revelador de modos que escolhi de cuidar da vida, de habitar o mundo.

Cuido de minha vida *amorosamente*. Este é o modo como sou tocada ou afetada pelas coisas ou pelos outros; através deste sentimento (estado de ânimo) o mundo ganha significado e o sentido da vida se revela.<sup>217</sup> A amorosidade é uma possibilidade que se realiza diariamente, em tudo aquilo que tomo sob meus cuidados, assim como o preparo diário das refeições.

Descubro que a minha tarefa atual é habitar a cozinha com os estudos anatômicos (indo buscar o corpo esquecido no porão). Estudar a vida e o corpo prospectivamente, na perspectiva temporal, do vir-a-ser. Estudar o corpo em transmutação no laboratório da vida (cozinha), estudar o meu corpo, empreender a tarefa de auto-conhecimento, da busca do sentido do ser. Retomar a questão do ser, lançando mão da herança cultural da humanidade, sua história, e da minha história familiar, imergindo na reflexão filosófica e nos estudos alquímicos. Estudar o ser no âmbito da *existência corporificada*.<sup>218</sup>

---

<sup>215</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 114-118.

<sup>216</sup> Na 14ª pintura.

<sup>217</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 94.

<sup>218</sup> “Uma coisa só é percebida quando estamos no momento presente, quando sabemos onde estamos e quem somos

#### 4) A singularização do corpo (ver anexo B2, item IV)

##### 4.1. cuidando de ser através da construção do corpo no mundo com os outros ( a construção da história através do gesto expressivo e dos relatos)

As marcas individuais (8<sup>o</sup> encontro, 1<sup>o</sup> desenho grupal, 1<sup>o</sup> desenho individual, 14<sup>a</sup> pintura individual, 2<sup>o</sup> desenho individual e 15<sup>a</sup> e 16<sup>a</sup> pinturas individuais):

Participo da constituição de um corpo grupal através da expressão pela arte. No grupo de pintura, estávamos desenhando nossas marcas no papel, as marcas de nossos corpos individuais mas num movimento constitutivo em comum.<sup>219</sup> O olhar do outro era constituinte de minha identidade, como também ele mesmo se constituía no ato de me testemunhar.

Tornou-se também *fundamental* imprimir minha marca.<sup>220</sup>

O corpo se apresenta em minha mão<sup>221</sup>, que busca realização. Não posso aprisioná-lo em uma forma rígida (na segurança da representação). É preciso tomar nas mãos a própria existência.<sup>222</sup> Minha mão aponta para um sentido novo: cuidar da vida autenticamente ou propriamente, empunhando o poder de ser eu mesma.

Toda a vivência da angústia me encaminhou para a construção de um novo caminho que não o processo metodológico da conquista do conceito (representação). Na busca deste novo sentido, contactuo com as minhas marcas, as marcas da minha vida, da minha singularidade. Meus gestos presentificam o meu modo de ser assim como minhas palavras.<sup>223</sup> O meu processo existencial se expressa no gesto de pintar e no gesto de escrever; a pintura e a escrita falam dele e se fazem a partir dele. A minha *ação criativa* (gestos e discursos) se torna objetiva, tangível nas telas pintadas e na realização da escrita e por meio destes corpos pode permanecer existindo. No registro de minha história é objetivado um modo de ser peculiar que se constitui na *coexistência*.

agora. Enquanto somos idênticos com nossa própria história, não a percebemos e temos que repeti-la.” Cf. C. G. Jung, Seminários sobre visões, Parte Um, p. 279.

<sup>219</sup> No primeiro desenho grupal.

<sup>220</sup> Na 14<sup>a</sup> pintura individual, surge a imagem apenas sugerida de uma Madona - figura feminina preche de possibilidades, dispensadora de vida, A Virgem Maria como símbolo “da matéria da terra na sua forma elevada” Cf. C. G. Jung, Psicologia e Alquimia, p. 439

<sup>221</sup> 2<sup>o</sup> desenho individual.

<sup>222</sup> “Necessitamos o mundo porque este é a matéria prima, a Matéria. Temos que sujar as mãos para fazer um trabalho sério; assim, precisamos tocar o mundo, precisamos misturar-nos com a matéria.” Cf. C. G. Jung, Seminários sobre visões, Parte Um, p. 70.

<sup>223</sup> “Pela Ação o que se pretende *realizar* não é o mundo, mas o próprio homem. Não particularmente o ente homem, mas seus feitos, gestos e discursos.” Cf. Dulce Critelli, Analítica do Sentido, p. 114.

O testemunho de minha filha pintando comigo em alguns momentos bem como o do meu marido com as versões de sentido foi fundamental no movimento de realização e de objetivação destas ações criativas. Eles foram co-elaboradores de minha construção, da realização de minha história. As potencialidades criativas mobilizadas pelo pintar e escrever eram atualizadas com o testemunho dos outros.

Porém, o mergulho no fundo<sup>224</sup> tem que ser realizado solitariamente<sup>225</sup> e exige muita *concentração*. Percebo que posso tornar algo objetivo sem submetê-lo ao regramento do proceder, como nos sugere o modelo cartesiano, sem sujeitar o que procuro investigar ao instrumental técnico-operacional. A objetividade não está na coisa nem na sua representação. Objetivo é o que se torna presente na trama do mundo e com a trama do mundo.<sup>226</sup>

#### **4.2. Cuidando de ser num corpo próprio, sendo plural**

a) *Um ritmo se instaura* (9º encontro grupal, 17ª pintura individual, 10º encontro grupal, 2º desenho grupal, 3º e 4º desenhos individuais):

Aparece o *medo* em superar a representação do mundo para a apropriação do ser<sup>227</sup>, de romper com a estrutura básica do pensamento metafísico que tenta fixar a realidade no conceito. É preciso deixar que a realidade se apresente na esfera da existência, da temporalidade. A compreensão do corpo vivente não se faz pela precisão metodológica do conceito; a possibilidade de seu conhecimento está aberta no existir. O que importa é o processo de estar sendo, não o produto, o resultado.

Percebo a minha condição de ser um corpo em processo, um corpo em construção.

Busco constituir uma forma que seja capaz de superar todas as outras.<sup>228</sup> Os movimentos espiralados ascendentes e descendentes em torno do centro, configuraram o “Sol Central”<sup>229</sup>, que

<sup>224</sup> Na 15ª pintura individual, percebo que existem camadas e camadas de fundos que talvez venham de um luminoso branco primordial. “O ser é um fundo sem fundo”, Cf. Heidegger, M. “Que é Metafísica” (1929) citado por Rosana Rubini, O indizível na clínica (Dissertação de Mestrado), p. 42.

<sup>225</sup> Movimento de autenticação da experiência, Cf. Dulce M. Critelli, op. cit., p. 90.

<sup>226</sup> Idem, ibidem, cap. 5.

<sup>227</sup> “Heidegger indica para a *superação da representação* e aponta para a *apropriação do ser*.” Cf. Dulce Critelli, Analítica do Sentido, p. 31.

<sup>228</sup> O epitáfio “Ressurgirei mudado, porém o mesmo” é citado por C. G. Jung ao se referir ao movimento espiralante da caminhada em direção ao centro. Cf. Psicologia e Alquimia, p. 230. “A espiral é o símbolo mesmo do desabrochar(...) em plantas, os brotos, ou o início do crescimento das folhas, estão se arranjando em espirais; a planta cresce em espiral. (...)é o funcionamento dos opostos, a reconciliação dos opostos.” C. G. Jung Seminários sobre visões, Parte Um, p. 57.

<sup>229</sup> 17ª pintura individual

manifesta o tempo circular da existência, em “perpetuum mobile”<sup>230</sup>, em eterno movimento circular. Este é o movimento circular da luz. Das verdadeiras forças criativas plasmadoras.<sup>231</sup>

O centro é um símbolo unificador, totalizante, tudo está contido nele. O Sol que nasce e se põe todos os dias, é o símbolo da eterna re-criação, do movimento cíclico da existência. Percebo-me como co-participante desta criação, realizando um novo modo de ser: por inteiro e em processo.<sup>232</sup>

*b) a história coletiva*

A condição de ser *um corpo coletivo em processo* se apresenta. A história coletiva se evidencia primeiro no corpo que dança livremente embalado pelos ritmos de danças étnicas circulares. Em seu movimento circular estas danças dançadas de mãos dadas, constroem figuras geométricas, criam uma nova forma, uma identidade cultural universal, e proporcionam ordem, alegria e harmonia.<sup>233</sup>

A participação fundamental do outro na construção de nossa própria identidade, a condição da co-existência, que possibilita o aparecimento de nossa individualidade também é mostrada no exercício de observação e desenho do rosto do outro em um pedaço de papel compartilhado.<sup>234</sup> No rosto do outro vejo o meu próprio refletido bem como o meu rosto reflete o do outro. A coexistência é condição ontológica, constituinte da humanidade do homem.

*c) a história individual*

A condição de ser *um corpo individual em processo* se apresenta.. Vejo também as marcas de minha história individual, de minha vida, ao olhar fenomenologicamente para o meu rosto.

Tudo está escrito no rosto. Todas as partes do homem estão constante e dinamicamente registradas na face.<sup>235</sup>

<sup>230</sup> Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 115.

<sup>231</sup> Cf. C. G. Jung e Richard Wilhelm, *O segredo da flor de ouro*, p. 106.

<sup>232</sup> Cf. Mauro M. Amatuzzi, *O resgate da fala autêntica*, p. 123.

<sup>233</sup> Cf. Gláucia H.C.B. Rodrigues, *Danças Circulares Sagradas: uma proposta de educação e de cura*, 1998. “Não é só o corpo físico que se torna mais leve, ágil, alegre, mas também a alma pois, assim como nos tornamos mais flexíveis em nossas articulações, também o fazemos em nossas reflexões. A forma retilínea de pensar vai se tornando mais “arredondada”, “espiralada”: o sentido de “um” e do “todo” está sempre presente. Ao dançar vamos deixando para trás julgamentos, críticas, idéias, preconceitos, ficamos mais harmonizados, identificados e de acordo com o compasso do coração do Amor. Vale lembrar que “acorde” vem da raiz latina “cor”, que significa coração.”(p. 51)

<sup>234</sup> 2º desenho grupal.

<sup>235</sup> Cf. Nei Ching (*O Clássico do Imperador Amarelo*), livro chinês datado do VI século A.C. In : Ling Chu, comentário 37, p. 330, escrito com a finalidade de organizar, registrar e preservar os conhecimentos da Medicina

Desvelo a face velha e a face nova e desconhecida.<sup>236</sup>

O movimento fenomênico de mostrar-se e esconder-se só pode ser apanhado no âmbito da existência. E é exatamente no jogo da luz e da sombra que consigo apreender o meu rosto. Foi no contraste entre a figura e o fundo, entre as partes e o todo que meu rosto se configurou. Na face desvelada de meu rosto simultaneamente desvela-se o oculto deste rosto.<sup>237</sup> Apresenta-se a face eterna do feminino.

Minha meta é o rosto belo, proporcional e expressivo, que revele outras dimensões do meu ser, que se apresente com outras facetas. No universo do meu rosto estão presentes uma multiplicidade de rostos, com suas diferentes qualidades. Em cada rosto revelado pelo meu olhar, vejo o meu próprio rosto em suas inúmeras possibilidades.

### 4.3. Cuidando de ser num corpo grupal, sendo si mesmo

a) *O mundo: lugar dos paradoxos e criatividade* (11<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> encontros grupais, 18<sup>a</sup>, 19<sup>a</sup>, 20<sup>a</sup>, 21<sup>a</sup>, 22<sup>a</sup>, 23<sup>a</sup>, 24<sup>a</sup> pinturas individuais):

“Um livro abre outro. Leia muitos livros e compare-os minuciosamente, e então encontrará o significado. Ao ler apenas um livro, você não o encontrará e, portanto, não o poderá decifrar.”<sup>238</sup> Através da leitura de alguns textos<sup>239</sup>, procuro apreender o significado de minhas questões

---

Tradicional Chinesa, obtidos anteriormente, pelo menos desde o período neolítico. Cf. também Anick de Souzaenelle, *O simbolismo do corpo humano*, p. 252: Os ouvidos são homólogos aos pés. O ângulo formado pela junção dos eixos horizontal e vertical do maxilar inferior corresponde ao joelho; o eixo vertical corresponde à perna e o horizontal à coxa. A boca corresponde ao órgão sexual, o nariz à coluna vertebral, as faces aos pulmões. Os olhos são homólogos do coração e das mãos. As arcadas supraciliares correspondem aos ombros. No desenho do rosto coexistem duas polaridades, a masculina na sua parte superior e a feminina em sua parte inferior.

<sup>236</sup> 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> desenho individuais.

<sup>237</sup> Este é o movimento circular do aparecer. “Ser aparece para o homem durante sua própria existência como *sentido* de seu próprio ser-no-mundo. Mas é constitutivo deste sentido evadir-se para algum ocultamento, de onde ele provoca o homem a desocultá-lo.” Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, p. 53.

<sup>238</sup> Cf. Von Franz, Marie-Louise, *A Alquimia e a imaginação ativa*, p. 27.

<sup>239</sup> *A alquimia e a imaginação ativa*, Marie-Louise Von Franz, 1979 e idem, *Adivinção e sincronicidade*, 1980 e o texto “Comentário psicológico sobre a Yoga Kundalini” (1932), de C. G. Jung. Este texto consta de quatro seminários sobre o simbolismo dos chakras da Yoga Kundalini, onde afirma que a adaptação do sistema da yoga para o homem ocidental deve levar em conta que seu caminho é oposto ao do homem oriental - “Nós não subimos ao inconsciente, nós descemos; é uma katabasis.” Esta descida não é uma queda para níveis mais baixos, mas uma “ascensão” “(...) uma experiência do lado pessoal no supra-pessoal - uma ampliação dos horizontes psíquicos do indivíduo de modo a incluir o que é comum a toda espécie humana.” Em outro texto “Seminários sobre visões” (1930) relata sob a forma de palestras, o desenvolvimento da função transcendente (função integradora dos opostos) através de sonhos e imagens, de uma paciente de aproximadamente 30 anos. O trecho que fala do “espírito dos ancestrais” ou “fantasmas” (p. 286), me conduz para a reflexão da necessidade de se viver o destino individual sem abandonar a condição de se estar no mundo com os outros, com todas as conseqüências (conflitos) que possam advir disto.

existenciais e novos caminhos foram se descortinando.

Nesta busca, entro em contato com a tradição, com os valores do passado, os costumes e os retratos de outras vidas se manifestaram. A força da inércia do passado se torna presente, a representação do velho, da ancestralidade. *Sinto* que esta força tinha que ser combatida, naquilo que não produzia movimento criativo. O velho necessitava ser revisto para dar lugar a uma nova expressão.<sup>240</sup> Decido despojar-me de tudo o que era supérfluo, para empreender um novo modo de cuidar de meu cotidiano.

Os livros e a vida estavam me confirmando a necessidade sentida de eu vir-a-ser de um outro modo, tanto na minha relação com as teorias, como na relação com as coisas e pessoas.

Para responder à questão do ser, eu deveria optar por uma outra via de conhecimento, fundada na episteme fenomenológica, que assume a limitação da perspectiva metafísica e reconhece a relatividade da verdade do real.<sup>241</sup> Assim, o modo fenomenológico de ser se apresentou como um modo próprio de ser.

Este modo de ser foi colocado em xeque<sup>242</sup>, considerado como impróprio, por ser revelador das intimidades.<sup>243</sup>

O apelo para o impessoal, para se ser de acordo com o padrão é muito forte, pois nós somos primeiro coletividade ou somos na impropriedade. Temos que *aprender* a ser quem somos, propriamente, realizar esta possibilidade diariamente. Ser quem propriamente somos é uma

<sup>240</sup> “A originalidade só é possível, numa base de tradição.” Cf. D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*, p. 138.

<sup>241</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do Sentido*, cap. 1.

<sup>242</sup> No grupo de pintura. Percebi que éramos a face eterna do feminino e da nossa própria condição não podíamos escapar. Cf. Marion Woodman, *A coruja era filha do padeiro*, p. 199. A autora afirma que somos, as mulheres da cultura ocidental, corpos feridos e impróprios, corpos femininos reprimidos, lançados à escuridão para alimentar a mente racional. A aceitação dos valores patriarcais nos faz ficar identificadas com a natureza instintiva, impedindo a expressão de nosso ser feminino em sua totalidade. Cabe integrar o feminino instintivo (Eva), com o feminino espiritual (Maria).

<sup>243</sup> “A intimidade intimida ao tímido pois seu íntimo o intima ao que ele teme. O recuo que a timidez inspira fala do medo. E o que teme o tímido, em seu íntimo, senão o que lhe é próprio? O recuo, por isso, conduz ao que lhe é impróprio, ou seja, o alheio, o que lhe nega a si mesmo, o ilusório, o inautêntico. E por quê o que lhe é próprio ao tímido o intimida, pelo temor que inspira? Será porquê é inelutável, porquê é inexorável, uma vez que já e sempre é o que se é, sem opção ou escape? O impróprio, por não ser seu, aparenta ser a impossibilidade de todas as impossíveis fantasias, delírios e aspirações de ser. Mas o que se é intima a um só ser. No que se é não há outro nem existe aí um possível. No que se é só cabe o que se é. E sempre já lá estamos mesmo quando, às vezes, nos cremos distantes ou, às vezes, nos cremos avizinando. E quando cremos que estamos avizinando é a intimidade. Dentro dela e para além dela está o espaço que, sem espaço, é um só ponto. Nele sempre estivemos mesmo quando não o soubéssemos. Afinal, sabendo ou não sabendo, aceitando ou recusando, ficando ou fugindo, somos. Esta é a primeira parte do texto “Da Intimidade”, escrito inteiramente nesta forma poética por Gustavo Alberto Correia Pinto, *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, no. 8, p. 39, 1997.

possibilidade que se realiza no mundo. Estar no mundo é nossa tarefa, é preciso re-ligarmo-nos à trama significativa da existência para que haja realização.<sup>244</sup>

É preciso entrar no mundo e tomar posse do próprio corpo, do corpo fenomenológico, do corpo de sentidos, do corpo com seus sentidos. Entrar no mundo com uma nova disposição, a partir do resgate de um novo modo de ser.

A compreensão do movimento cíclico da existência, de seus significados e sentidos é fundamental para que ocorra o processo de apropriação de um modo autêntico de ser. *O processo de singularização é um processo de cuidar de ser si mesmo, sendo plural.*<sup>245</sup>

O mundo é o lugar da morte e renascimento, da construção e da destruição, da luz e da escuridão, do passado e do futuro; o mundo é o lugar do conflito e é o lugar da criatividade. Não há procedimentos pré-fabricados para os problemas da vida. Os paradoxos acontecem e pedem soluções criativas.<sup>246</sup>

Não há garantia de que o processo, mesmo que registrado, permaneça no mundo a não ser que continue sendo testemunhado. É no jogo do ser no mundo que ele pode ganhar sentido e significado. A pintura foi um dos corpos de aparência para o sentido de ser, assim como o processo dos alunos. O sentido de ser não pode ser contido numa única aparência, ele se manifesta através de inúmeras aparências, no movimento existencial.

As pinturas são ou foram a corporificação da vida, trazendo o passado, encarnando o presente e apontando para o futuro. A série de pinturas, do número 18 ao número 24, falam exatamente da vida sendo constituída, como um jogo de rabisco pintado, num ato solene e lúdico, feito em conjunto com o outro, colaborador na criação de minha história.

Meu modo de ser foi objetivado nas pinturas através de meus rabiscos, de minhas marcas.<sup>247</sup> Elas foram ou são a presentificação de minha singularidade e não uma representação de minha vida. Elas falam de minha relação com o mundo, na busca de um sentido de e para ser. São a fala do *corpo vivente*.

---

<sup>244</sup> “Na vida cotidiana, somos sempre na impropriedade, dando conta de ser nos modos de impessoalidade. A impessoalidade tem realização, enquanto a propriedade é sempre uma possibilidade, uma projeção.” Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do sentido*, p. 126

<sup>245</sup> Idem, *ibidem*, p. 128.

<sup>246</sup> “Só numa situação onde necessitamos absolutamente uma solução criativa, experimentaremos a fonte dentro de nós mesmos.” Cf. C. G. Jung *Seminários das Visões*, Parte Um, p. 289.

<sup>247</sup> “A individuação só pode ocorrer quando é percebida, quando alguém está lá e registra, de outro modo, é a terna melodia do vento no deserto...” Idem, *ibidem*, p. 300.

A pintura da cruz<sup>248</sup> se apresentou como uma síntese de todo o processo. Sua realização foi entremeada pela realização das demais desta série. Foi fruto de um longo processo de elaboração da vivência da escuridão, da morte e do vazio de sentido até o ressurgimento da vida a ser vivida com dignidade.

Atravessei o polo da escuridão e a partir dele fui direcionada para um novo princípio de vida. É na aceitação da paradoxal dualidade da vida, no curso dos acontecimentos que pude ressignificar e reorientar minha vida - em direção à luz.<sup>249</sup>

O relato da realização desta série de pinturas é fundamental, pois elas ilustram todo o movimento presente no meu trabalho desde o início. Ela se deu em quatro momentos.<sup>250</sup>

Num primeiro momento, eu e minha filha, realizamos um movimento simultâneo e complementar, retratando a indissociabilidade dos opostos. Paralelamente ao meu mergulho na “escuridão mais escura que o breu”, no “negro dos negros”<sup>251</sup>, minha filha pinta um sol preenchido por germes ou embriões. Em seguida, seu sol é escurecido por nuvens, enquanto que da minha noite escura surge como que uma nova possibilidade, um novo impulso, que me dirige para a construção de um fundo branco.<sup>252</sup> Antes disto, havia feito uma tentativa de conseguir um efeito de claro-escuro, talvez para apreender a circularidade da manifestação das coisas que surgem ou se põem à luz em seu *ser* num mostrar-se e esconder-se ininterrupto. Retratar o jogo de luz e sombra é tarefa assaz difícil.<sup>253</sup>

---

<sup>248</sup> 18ª pintura individual.

<sup>249</sup> O espetáculo visto por mim e por minha filha, da abertura em leque das caudas de um grupo de pavões pareceu ser um anúncio deste novo ciclo. O pavão é o símbolo da primavera nos ritos orientais. Idem, *ibidem*, p. 24 e “o abrir-se em leque da cauda do pavão expressa justamente este movimento esperançoso, esta extensão e expansão, como quando os pulmões se enchem com ar e o coração pulsa livremente, quando sentimos que podemos nos estender e abraçar o espaço.” (p. 253).

<sup>250</sup> “A quaternidade é um esquema ordenador por excelência(...). Ela constitui um sistema de coordenadas empregado, por assim dizer, instintivamente, sobretudo para dividir e ordenar uma multidão caótica de coisas”, como os pontos cardeais, as estações do ano, as fases da lua, os elementos (água, terra, fogo e ar), os estágios da cor no processo alquímico (nigredo, albedo, rubedo, citrinitas), etc. Cf. C. G. Jung, *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*, 1976, p. 230. “As significações simbólicas do quatro se ligam à do quadrado e da cruz. Desde as épocas vizinhas da pré-história, o quatro foi utilizado para significar o sólido, o tangível, o sensível. Sua relação com a cruz fazia dele um símbolo incomparável de plenitude, de universalidade, um símbolo totalizador.” “O quatro simboliza o terrestre, a totalidade do criado e do revelado.” Cf. *Dicionário de Símbolos*, Jean Chevalier; Alain Cheerbrant, 1995.

<sup>251</sup> O “nigredo”, uma das fases do processo alquímico. Cf. Arnold Mindell, *O caminho do rio*, p. 137.

<sup>252</sup> É o processo alquímico do “albedo”, da abertura dos olhos, do despertar da consciência. Idem, *ibidem*, *O caminho do rio*, p. 142.

<sup>253</sup> “(...) não há luz sem sombra, nem totalidade anímica sem imperfeição. A vida em sua plenitude não precisa ser perfeita, e sim completa. Isto supõe os “espinhos na carne”, a aceitação dos defeitos, sem os quais não há progresso, nem ascensão.” Cf. C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 170.

A cruz emerge da divisão da cartolina em quatro partes. Apresenta-se de imediato a imagem de uma serpente negra que foi sobreposta pela rosa cor de rosa a partir do momento em que o meu olhar focou o centro da cruz. Podemos dizer que o ser da cruz se apresentou tanto em seu aspecto terrível, associado ao sofrimento do corpo, à escuridão e à morte, como em sua faceta luminosa, como o lugar germinativo de uma nova vida, do desabrochar de uma nova condição.<sup>254</sup>

Num segundo momento, pinto uma vegetação e dela brota uma grande borboleta, “surgindo da terra como um relâmpago”<sup>255</sup>, com uma tremenda vitalidade. É a vida nova que se erguia das profundezas da terra em direção à morada celeste.<sup>256</sup> O corpo ressurge transformado. Minha filha comunga comigo da sensação de vida, retratando as quatro estações, símbolo do movimento cíclico da vida.

No terceiro momento, faço o acabamento da pintura da cruz, definindo um círculo no lugar da rosa e no centro deste círculo, imprimo uma rosa azul.<sup>257</sup> No ponto central da cruz evidencia-se a presença simultânea dos opostos; ali habita tanto a rosa como a serpente<sup>258</sup>, que aparece como que enrolada nela, a mostrar-se veladamente. Minha filha, pinta um pinheiro de Natal, forte, imponente, poderoso, cheio de vida.<sup>259</sup> Estávamos sendo guiadas por um forte comando e enérgica

---

<sup>254</sup> Acontece a passagem para a rosa através da cruz. “A essência solar do sol celeste desce para a flor, réplica terrestre da face do sol.” Idem, *ibidem*, p. 87. Na visão gnóstica, a cruz é o símbolo do si-mesmo, do centro. O centro ou a cruz é definido como limitação do universo. O universo atinge o seu limite no próprio centro e não na inexistente periferia. É no ponto central que se tem a possibilidade de um “além de”. A figura de Cristo é associada ao centro ou a cruz, reunindo e compondo todas as coisas; símbolo da ordem em oposição ao desordenado. Cf. C. G. Jung, *O símbolo da transformação na Missa*, 1985, p. 84.

<sup>255</sup> Cf. Arnold Mindell, *op. cit.*, p. 138, ao falar da saída do nigredo, quando a “terra nova” é conquistada, ou seja, quando se pode contar com a sabedoria do corpo onírico (ou o poder do self).

<sup>256</sup> “A individuação só pode ocorrer se primeiro retornamos ao corpo, a nossa terra, só então ela se torna verdadeira.” Cf. C. G. Jung, *Seminários sobre Visões, Parte Um*, p. 300.

<sup>257</sup> A rosa azul tem correspondência com a flor de ouro da alquimia chinesa. A flor de ouro é a luz, é o elixir da vida. Cf. C. G. Jung e Richard Wilhelm, *O Segredo da flor de ouro*.

<sup>258</sup> Mercúrio é o mestre de obras do processo de transformação que se encontra no início e no fim da obra. É o espírito aprisionado na matéria, o Deus Hermes que se manifesta na matéria. Mercurius é a prima matéria que se apresenta como serpente ou dragão; este ser devora-se a si mesmo, morre e ressuscita sob a forma de lapis; ressurge sob a forma de uma criança, a “criança de ouro”, o filius philosophorum. Vide C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 215, 305, 469. A serpente tem uma natureza paradoxal, “ela é mortal e curativa, ao mesmo tempo um símbolo do espírito do mal e do espírito do bem, do diabo e de Cristo.” Cf. C. G. Jung, *Símbolos da transformação*, p. 363

<sup>259</sup> “A flor de ouro é uma formação que irrompe do fundo da obscuridade, em cores luminosas e incandescentes, desabrochando no alto sua flor de luz (num símbolo semelhante a uma árvore de Natal). Idem, *ibidem*, p. 39. “O pinheiro é muito comumente no Extremo Oriente um símbolo de imortalidade, o que se explica ao mesmo tempo pela resistência da folhagem e incorruptibilidade da resina.” Cf. *Dicionário dos símbolos*, Jean Chevalier; Alain Cheerbrant, 1995.

e laboriosamente respondíamos ao chamado do *caminho*.<sup>260</sup>

No quarto momento desta série de pinturas, eu me posiciono na vertical e pinto árvores<sup>261</sup> que me trazem a lembrança de minhas origens, enquanto minha filha expressa as cores. Apresenta-se a minha identidade individual e coletiva, tenho a percepção de fazer parte de uma história, de estar constituindo uma história individual e dando continuidade a uma história coletiva.<sup>262</sup> As cores são a própria manifestação daquilo que colore nossa existência, as emoções que falam sobre o modo como somos tocados pelas experiências da vida, e que fazem a vida ganhar sentido.<sup>263</sup>

*b) o corpo grupal (13<sup>o</sup> encontro grupal, 25<sup>a</sup>, 26<sup>a</sup>, 27<sup>a</sup> e 28<sup>a</sup> pinturas individuais):*

A artista plástica revela-nos os pressupostos de seu trabalho: tudo no Universo é articulado; o homem é um ser criativo; a arte contém padrão de harmonia. Sua proposta é conhecer o elemento simbólico, conhecer e avaliar o processo criativo e tomar a arte como um modelo de conhecimento. Meu trabalho esteve em conformidade com estes princípios, tendo a trama grupal sido fundamental na realização do meu processo. Na minha ação criativa realizei um modo próprio de ser: um modo de ser humano, um modo de ser feminino (singular e plural).<sup>264</sup>

O testemunho grupal da minha expressão criativa pela pintura e escrita (dos gestos e discursos de minha ação criativa) possibilitou sua manifestação e sua conservação no tempo.<sup>265</sup> Também pelo compartilhar das experiências saímos todas modificadas pois tanto eu fui renascida pelo olhar grupal, como as participantes do grupo o foram pelo testemunho de minhas experiências. Ao nos expressarmos pela pintura, de forma livre e espontânea, foi se desvelando para nós um outro modo de estar no mundo, um modo mais autêntico, do qual fomos nos

<sup>260</sup> “Assim, o caminho é uma coisa poderosa; tão logo começamos a mover-nos sobre ele, é como se fosse realmente vivo. No caminho inevitável, já não é mais como se fossemos conduzidos por um Animus ou um guia, ou se nos conduzíssemos a nós mesmos, é como se o caminho mesmo tomasse o comando...”. Cf. C. G. Jung, Seminário sobre Visões, Parte Um, p. 273

<sup>261</sup> A árvore é a representação das fases do processo alquímico. “A árvore representa a evolução e as fases do processo de transformação e seus frutos ou flores significam o coroamento da obra.” [obra = opus alquímico], Cf. Jung, Aion, p. 224

<sup>262</sup> Cf. Dulce M. Critelli, Analítica do Sentido, p. 116

<sup>263</sup> A emoção “transforma, cozinha e elucida, esse é o modo como o fogo gera a luz: se eu não estou emocionalmente empolgada com alguma coisa eu não posso entendê-la; se não estou lutando emocionalmente com os meus problemas, ou com alguma outra coisa, então nada acontece. Onde não existe emoção, não há vida.” Cf. Marie-Louise Von Franz, Alquimia, p. 222. “A emoção dá ao eu a noção do seu estar situado como si-mesmo no mundo.” Cf. Dulce M. Critelli, op. cit., p. 95.

<sup>264</sup> Idem, ibidem, p. 117.

<sup>265</sup> Idem, ibidem, p.115.

apropriando, umas mais e outras menos. A coordenadora do grupo trouxe o ponto de vista da arte, e as outras participantes o da psicologia. Penso que em nossa convivência pudemos vislumbrar uma psicologia fora do padrão científico da atualidade, uma psicologia que tome a arte como parâmetro.

Ao se perceber na condição de impropriedade, surge um apelo para a busca de um novo sentido para se ser.<sup>266</sup> Um outro caminho se propõe, um outro modo de nos conhecer e ao mundo, um novo modo de ser no mundo. O pensamento do sentido de ser surge como esta nova possibilidade. *É um pensar existencial, através do corpo vivente, pensar realizado pelo corpo e com o corpo, sendo no mundo.*

Se é impelido a refazer o caminho dos antigos, para habitar o mundo de modo próprio. A procura de um caminho para se ser, faz-se voltando às coisas mesmas,<sup>267</sup> não pelo ato do pensar racional, mas pelo *estado de ânimo*.

Escolho um caminho novo a partir de minhas emoções, de acordo com o modo como sou tocada pelas coisas do mundo (modos da versão/aversão).<sup>268</sup> Presentifico os gostos e gestos do grupo de pintura.<sup>269</sup> O tema da primeira pintura do grupo (retrato das polaridades), reaparece modificado, tendo havido uma integração de todos os elementos.<sup>270</sup> Sinto que faço parte de um *corpo grupal*.<sup>271</sup> Percebo-me inserida numa trama de relações significativas, que dá sentido à minha vida e é nela que se efetiva a realização de um modo próprio de ser.<sup>272</sup>

Percebo que estou *construindo* um templo,<sup>273</sup> e que este templo é o corpo. Minha criança (minha filha) num movimento simultâneo e complementar faz a porta para o céu.<sup>274</sup>

---

<sup>266</sup> Idem, ibidem, p. 123.

<sup>267</sup> A frase de Bashô, o criador do Hai-Kai. “Não siga os antigos, procure o que eles procuraram”, fala desta condição de volta às coisas mesmas.

<sup>268</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do sentido*, p. 98.

<sup>269</sup> Na 25ª pintura individual.

<sup>270</sup> 25ª e 26ª pinturas individuais.

<sup>271</sup> “O eu é sempre si mesmo e os outros, todos os outros.” Cf. Dulce M. Critelli, op. cit., p. 116.

<sup>272</sup> “Tal trama, digamos, desvela, revela, testemunha, veraciza os modos de se cuidar de ser, na qual (trama) o eu autêntica (ou não) o que ela mesmo lhe libera como possibilidade plausível de ser (impessoal).” Idem, ibidem, p. 128.

<sup>273</sup> 27ª pintura individual.

<sup>274</sup> O “portão do Arcanjo Michael” na 28ª pintura individual. A simbólica da *passagem*, presente nos ritos de iniciação, exprime a condição do homem nascido mas inacabado, que deverá nascer uma segunda vez para se tornar pleno. O *limiar* (no caso o portal) é a delimitação entre o “fora” e o “dentro” como também a possibilidade de passagem do espaço profano para o espaço sagrado. Cf. Mircea Eliade, *O sagrado e o profano*, 1992, p. 147.

Na construção da minha morada no céu, sinto-me realizando a sacralização do corpo no espaço do cotidiano, assumindo a criação do mundo.<sup>275</sup> A experiência do sagrado equivale ao poder, ao poder de ser propriamente, autenticamente.

Percebo que todas as formas registradas nas pinturas são corpos de aparência para o sentido de ser que ao mesmo tempo que o iluminam, o escondem. As formas são impermanentes, assim como os pensamentos e as imagens, e nelas o sentido de ser jamais pode ser contido. O registro não pode dar conta do sentido de ser e nem deve sobrepujar a sua busca<sup>276</sup>.

---

<sup>275</sup> “(...) a experiência do sagrado torna possível a ‘fundação do Mundo’: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, o *real se revela*, o Mundo vem à existência. Mas a irrupção do sagrado projeta não somente um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um ‘Centro’, no ‘Caos’, produz também uma rotura de nível, quer dizer, abre a comunicação entre os níveis cósmicos (entre a Terra e o Céu) e possibilita a passagem, de ordem ontológica, de um modo de ser a outro. É uma tal rotura na heterogeneidade do espaço profano que cria o ‘Centro’ por onde se pode comunicar com o transcendente, que, por conseguinte, funda o “Mundo”, pois o Centro torna possível a *orientatio*.” (p. 59). “(...) o sagrado é o *real* por excelência. (...) o desejo do homem religioso de viver no *sagrado* equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente - e não numa ilusão(...) É por essa razão que se elaboram técnicas de *orientação*, que são, propriamente falando, técnicas de *construção* do espaço sagrado.”(p. 32)

<sup>276</sup> Cf. Dulce M. Critelli, *Analítica do sentido*, p. 136.

## VI. REFLEXÕES FINAIS

*Não gosto de conclusões.*

*Conclusões são chaves que fecham.*

*Rubem Alves*

1. Para que se possa visualizar tanto o movimento peculiar da analítica do sentido em cada um dos processos expressivos quanto os pontos de contato entre ambos, os momentos constitutivos do corpo da autora e os momentos constitutivos do corpo dos alunos serão apresentados mais uma vez, sob a forma batizada por mim, de relato-síntese. Acredito que deste modo estarei tornando visível o sentido de ser-num-corpo que é simultaneamente plural e singular.

*a) do processo dos alunos:*

### **A busca e a manifestação do sentido de ser: do corpo cindido ao corpo integrado.**

O corpo está fragmentado, dissociado da existência, sua fala é surda, incompreensível e desconhecida. Os alunos começam a *observar o corpo atenta e cuidadosamente*, com um olhar fenomenológico. Ele é acompanhado na vida, no mundo, existindo, no seu entrelaçamento com outros corpos. O estar sendo neste corpo se manifesta através de sentimentos, sensações, de imagens, de dores e do outro.

*As palavras não sabem como explicar* as sensações e sentimentos, que não são lógico-racionais. O corpo fala em seu processo de vir-a-ser, e seu movimento é registrado nas versões de sentido, que vão revelando o modo como cada um está cuidando de existir (o sentido de ser). A busca do sentido de ser se dá a partir dos sentidos do corpo e da vida.

O corpo vai sendo desvelado no decorrer do curso, *suas partes esquecidas vão sendo descobertas*, mostrando-se inicialmente através das dores, falta de cuidados e memórias.

Ele é um corpo multifacetado que se revela em sua imensidão na coexistência, falando uma linguagem diferente da acadêmica-formal. *Expressões variadas emergem do céu estrelado de cada um*. Ele começa a se dizer na classe, em casa, no trabalho, no mundo e é *testemunhado* pelos co-participantes de seu processo de descoberta. Há uma decisão de expressar a “experiência emocionada” que o contato com o corpo propicia.

A fala do corpo se apresenta como uma fala original, uma fala expressiva da vivência. *As marcas individuais começam a ser imprimidas no papel.* A pesquisa do corpo (registro de como o corpo foi tocado pelas vivências no dia da aula e durante a semana), reveladora de como cada um cuida de ser num corpo, permite que se vá deixando impressa uma marca no mundo.

A fala do corpo é uma fala criadora, uma fala que objetiva um modo de ser singular, de se habitar o mundo. O sentido de ser neste corpo vai aparecendo para cada aluno através da historização de seu corpo no mundo. *A marca do estilo pessoal aparece* em cada aluno que mostra em seu relato uma faceta do corpo grupal.

A história do corpo individual vai sendo construída entrecruzadamente com a história de outros corpos. *O corpo passa a fazer sentido como algo próprio*, que precisa ser cuidado de um modo novo. O velho padrão estético que fixa a vida em esquemas representativos, dá lugar ao novo padrão de beleza, de inteireza, de indissociabilidade entre corpo e mente, de movimento vital contínuo.

Entra-se na *dimensão simbólica do corpo*, que apresenta através de imagens o sentido de ser.

O corpo fala a sua palavra, que é construída na coexistência e *se objetiva na vida prática, no cotidiano.*

*Um novo ritmo se instaura:* o corpo não é um dinamismo biológico, é um dinamismo vivo, vivente. A alegria, o prazer, a leveza se apresentam como um novo modo de se cuidar de ser. O corpo é sentido e faz sentido. Ele é vivido con-sentidamente, de acordo com o seu jeito próprio de ser.

*Inaugura-se um movimento criativo de inserção no cotidiano, onde é possível conviver com os paradoxos do existir*, tornando-se o que se é, sendo por inteiro, mesmo quando a dor e a doença estão presentes. E só é possível se tornar singular, realizar um modo de ser autêntico na impropriedade do ser no mundo. É no mundo que o corpo é construído, realizado(e desrealizado) e apropriado.

A consciência da não pertença ao corpo (e ao mundo) de um modo estável e fixo remete os alunos para seu conhecimento de um modo novo, tornando possível habitá-lo com os sentidos: o sentir, os (cinco) sentidos e o sentido maior que é o sentido da vida. Este último sentido se revela em cada momento da existência, no transitório e processual. Aquele conhecimento é feito na

coexistência, que funda qualquer possibilidade de se acessar o corpo individual.

O corpo só é conhecido e reconhecido através do olhar de um outro. O corpo é plural, pois sua manifestação depende do olhar de todos os outros. *O corpo é com os outros, é uma construção coletiva.*

*b) do processo da autora:*

**A busca e a manifestação do sentido de ser: Da vivência da morte à expressão da vida.**

O nada que emergiu com a morte de minha terapeuta veio consolidar o vazio de sentido que eu estava vivendo, fechando um ciclo de vivências associadas com a perda de outras três pessoas queridas.

Havia sido lançada na *experiência da angústia*. A minha existência tramada na relação com estas pessoas se tornara vazia, apresentando assim o vazio do mundo que não mais me sustentava (pela falta do outro) e me retirando do lugar estável e seguro em que acreditava me encontrar.

Minha terapeuta era alguém que cuidava de mim, com quem eu podia contar nos momentos de dificuldade, minha interlocutora, a que não havia me abandonado até então (sensação vivida em relação à morte dos demais). O meu último ponto de apoio havia sido retirado. Encontrei-me sozinha diante da responsabilidade de caminhar com as próprias pernas, de viver com dignidade, de habitar o mundo de um outro modo, de me re-apropriar de tudo o que eu havia aprendido, enfim, de ser eu mesma.

Abre-se a perspectiva da liberdade. Escolho poder ser eu mesma, de um modo autêntico, lançando-me na aventura do auto-conhecimento.

Um novo ciclo se anuncia: o ressurgimento de uma nova pessoa a partir da recuperação de um novo sentido para ser.

Tomo a decisão de expressar-me de um modo peculiar, dando vazão a tudo que me toca o coração, sem pensar em resultados definidos ou definitivos. O pintar passa a ser o canal que permite projetar-me em direção àquilo que eu posso ser, de realizar a construção de minha morada, do lugar de meu ser, sem ter de antemão a menor idéia do que iria surgir.

Inicia-se a re-criação do mundo e de mim mesma.

Coloco-me em estado receptivo para acolher os acontecimentos.

Início pois a busca de um sentido de ser através de uma nova expressão, retratando a minha vivência em imagens que são pintadas. Nesta busca sou guiada por *um novo olhar*, fenomenológico, um outro ponto de vista aberto às possibilidades existenciais. Adentro a aventura do pensar. Começo a pensar o sentido de ser, com o corpo, e vivendo.

Ocorre o desvelamento do corpo em suas várias facetas.

A comunicação de sua multidimensionalidade pede uma fala nova. A palavra, marca registrada do humano, é gerada. Há uma mobilização para a busca de um sentido novo, a busca da expressão desta fala nova, expressiva de vitalidade. *A palavra original irrompe.*

O meu corpo descoberto e registrado nas pinturas, começa a falar na relação com os outros, sendo testemunhado por vários olhares: ele se expressa na co-existência. Sua fala é enraizada na vivência, na própria história. O dizer do corpo é um dizer próprio, original.

Coloca-se em movimento um modo autêntico de ser: um ser enraizado, cuja fala tem suas raízes no corpo.

*Decido expressar-me de um modo próprio*, sendo, existindo no mundo e revelando o modo como estou cuidando deste existir (ou como estou dando sentido a ele). O meu estar sendo no mundo encarnado é pintado, relatado e significado.

O resgate da palavra autêntica do corpo se faz através da expressão criativa de idéias, imagens, sentimentos e sensações no mundo com os outros. Estas são as ferramentas para dar início à construção de minha morada. O corpo, a minha verdadeira morada, pede para ser habitado e apropriado amorosamente, e estudado no âmbito existencial.

Meu corpo faz parte do mundo e se concretiza na relação com os outros, na vida cotidiana, através de um movimento de realização simultaneamente singular e plural. Eu cuido de ser neste corpo, de um modo singular, sendo plural.

Escolho ser eu mesma, deixando impressa a minha marca: a vitalidade. Percorro as minhas marcas individuais, reveladoras da minha história. A construção de minha história, a história de meu corpo, dá-se na coexistência.

Coloco-me na perspectiva temporal, na dimensão da historicidade do existir. Entro no fluxo da existência, vivenciando a dimensão de um tempo circular. *Um ritmo se instaura.*

Percebo-me como co-participante da construção do mundo e da realização da história coletiva, como *um corpo individual e um corpo coletivo em realização*.

*O mundo se apresenta como paradoxal, como o lugar dos conflitos e da criação.*

A aceitação dos paradoxos da existência é a aceitação da existência encarnada. O mundo é o lugar da construção(e desconstrução) do corpo. Para se habitar o mundo de um modo próprio, realizar um modo de ser autêntico, é preciso estar nele com o corpo-sentido, de acordo com o modo como se vai sendo tocado pelas experiências da própria vida.

O processo de singularização do corpo se faz no mundo, junto com os outros, cuidando da sacralização do espaço cotidiano. O corpo é sagrado pois participa de todo processo criativo do mundo. Pelo corpo, minha morada em eterna construção, vou realizando um modo de ser humano, que é simultaneamente plural e singular. *Sou parte de um todo, co-participante e co-realizadora de um corpo grupal, de uma rede significativa de relações, ao mesmo tempo sou singular. Sou o criador e a criação da vida.*

*c) dos processos entrelaçados:*

Pode-se observar que o mesmo movimento constitutivo se deu nos dois processos, apenas em níveis diferentes, por terem se iniciado como buscas com sentidos diferentes.

Um é a síntese do movimento pedagógico, o outro a síntese do movimento existencial.

O meu processo revela uma *busca de sentido de ser* a partir da abertura de uma situação existencial de intensa angústia (no sentido heideggeriano do vazio, do nada) enquanto que a busca dos alunos foi mobilizada pela experiência de angústia provocada no contexto pedagógico.

Expresso o meu viver nas pinturas e nos relatos sobre elas, enquanto que os alunos expressam suas vivências mediadas pelo trabalho com o corpo na situação didática, nas versões de sentido.

*O olhar fenomenológico* guia a mim e aos alunos na nossa jornada constitutiva: a busca do sentido de ser se dá com o corpo e vivendo. O corpo é produto de um movimento de realização que se dá na coexistência. Iniciamos a busca do sentido-de-ser-no-corpo-no-mundo-com-os-outros.

O meu corpo e o dos alunos sai do encobrimento, *desvela-se*, em sua faceta individual e grupal. Este corpo pede uma fala nova, a qual vou cuidadosamente gerar e estimular na atividade pedagógica; a palavra deve estar enraizada no corpo, na vivência. O corpo é *revelado*. Eu e os

alunos nos expressamos numa linguagem original, constitutiva da vivência, e esta fala nova é *testemunhada* pelas pessoas e grupos de convivência tanto meus como dos alunos.

Há uma decisão minha e dos alunos por sua parte, de nos expressarmos autenticamente, de participarmos ativamente da construção da nossa própria história e da história grupal de modo criativo, através de imagens, sonhos, sentimentos, sensações. O corpo é *autenticado*.

Para mim, o sentido de ser se revela no modo amoroso de cuidar do corpo, que deve ser estendido para o estudo dele a partir da própria vivência. Expresso a minha marca: a vitalidade. Os alunos deixam impressas suas marcas individuais em seus relatos, revelando cada um, uma faceta do corpo grupal. Para os alunos, o corpo se torna um dinamismo vivo, integrado ao movimento vital e passa a ser cuidado com alegria, prazer e leveza.

A dimensão simbólica do corpo se faz presente tanto na minha vivência quanto na dos alunos.

A apropriação do corpo, do sentido de ser num corpo é um empreendimento individual e coletivo ao mesmo tempo. A *singularização* do corpo se dá pela sua historização.

O movimento de construção e desconstrução de meu corpo e do corpo dos alunos, se faz no mundo, aprendendo a conviver com a dor, a doença, e os conflitos. Eu diria, aprendendo a conviver com a cisão na perspectiva da integração.

O mundo se apresenta como o lugar dos paradoxos e da criatividade pois é nele que o corpo é criado e recriado. O outro constitui o eu e o eu constitui o outro. *O corpo é plural*. Não se é dono do próprio corpo, assim como não se é dono do mundo.

O corpo, para mim, revela-se sagrado, pois participante da criação do mundo, realizador de um modo de ser simultaneamente plural e singular, que é o modo humano de ser.

## 2. As vivências dos alunos acompanharam as minhas, num sentido básico.

Como mencionado anteriormente, possuímos marcas próprias individuais que ajudam a conferir um aspecto peculiar mesmo a vivências que são comuns. As vivências dos alunos apresentaram facetas do corpo grupal, do qual eu também faço parte. O olhar que eu fiz sobre meu corpo foi primeiramente em sua dinâmica individual, autenticando-o, porém fui descobrindo nele a sua condição ontológica grupal. Primeiro somos grupo, somos na impropriedade. A individualidade é conquistada e construída em interação com o outro. Por isso o individual também é inerentemente coletivo. Um termo não se contrapõe ao outro embora se configurem mutuamente.

Meu olhar para o processo dos alunos foi em primeira instância para o grupo, do qual foram se desvelando e revelando as marcas individuais e nelas mesmas o grupo estava caracterizado. Assim, no meu processo estavam as facetas do corpo grupal do grupo de pintura e do corpo grupal dos alunos; no corpo grupal dos alunos estavam facetas dos corpos individuais de cada um e do meu próprio. Isto tudo se apresentou numa configuração circular e espiralada, girando sem parar, num contexto de possibilidades que é infinito.

Entre o processo dos alunos e o meu houve uma diferença em relação à vivência simbólica ou, mais precisamente, a vivência da dimensão dos significados e sentidos.

No caso deles, experimentar a desconstrução/construção/recriação do corpo, dentro de uma perspectiva fenomenológica e de modo regular, através de versões de sentido, foi uma experiência nova. Portanto, o surgimento de imagens e sensações foi uma experiência marcada pela sensação da falta das palavras, na linguagem comum, e de teorias psicológicas concernentes.

No meu caso, a desconstrução/construção/recriação do corpo ocorrida através da pintura também foi uma experiência inédita, mas o uso de versões de sentido e a noção do processo de construção do corpo não. A elaboração imaginativa do corpo já havia se dado inúmeras vezes, em situações pedagógicas ou não, permitindo que eu incorporasse um modo de ver sintético, com unidade de sentido, característico da experiência simbólica. A profusão de elementos simbólicos no meu percurso é reveladora desta familiaridade com o universo simbólico.

Por isso, no caso dos alunos as imagens e sonhos emergiram predominantemente no movimento de singularização, ao passo que no meu, a emergência simbólica foi acontecendo ao longo de todo o processo. Também neste movimento os alunos perceberam a necessidade de propiciar *cuidados ao corpo*, e começaram a apreendê-lo no mundo com os outros (*repercussão na vida prática*) de modo incipiente, para depois ser instaurado um ritmo novo, de uma dimensão temporal nova, em que o corpo é vivido em processo. No meu caso já caminhei diretamente para a percepção do *corpo individual e do corpo coletivo em processo*.

3. Neste trabalho, a realidade do corpo foi *apresentada* em seu movimento constitutivo. O corpo é projeto, é projetivo. A singularização do corpo, sua apropriação, se faz no vir-a-ser. O processo descrito é um processo circular de realização e desrealização do corpo, que o foi deixando gravado no mundo, deixando sua história registrada, imprimindo sua marca.

As versões de sentido sobre as vivências do corpo no decorrer do curso de Integração Fisiopsíquica instrumentalizaram o aluno na busca da constituição do corpo. Elas revelaram o

modo como cada um estava dando conta de existir no corpo, o sentido de ser num corpo que encontrava-se dissociado da existência. O processo implicado no propósito de elaborar versões de sentido era uma forma de acesso à fala autêntica do corpo. O corpo cindido foi sendo reconstituído, apropriado e integrado.

O meu corpo foi sendo também recriado no gesto espontâneo de pintar, que presentificava a minha forma de ser no mundo. Na expressão plástica, meu corpo falava em sua própria linguagem, manifestando em imagens os ritmos vitais. Expressava cada momento da vida, retratando a forma como estava sendo tocada pelos acontecimentos. A pintura em si era como uma versão de sentido, que eu convertia em relato. Coloquei-me numa *disposição afetiva*, provocando nos alunos o mesmo tipo de experiência.

Nas versões de sentido, a palavra era um ato criador e não uma representação do vivido. O aluno foi ocupando o corpo e o mundo de um modo singular através da criação de sentidos.

O corpo do terapeuta aprendiz se apresenta cindido pela própria situação de ensino a que é submetido no decorrer de seus anos escolares. A cisão é expressão do conflito entre o sentir e a razão, e a fala autêntica é a promessa da libertação.

Meu objetivo foi reparar a ruptura entre o psicólogo e seu corpo, o que é imprescindível, mesmo que ele não se torne um “terapeuta corporal”, ou seja, pratique uma terapia mediada pelo corpo. O importante é que ele seja tocado e se abra para o toque.

Somos constantemente tocados pela vida, mesmo sem o perceber. A vida nos aparece, tudo nos aparece a partir do modo como somos tocados.

Tendemos a reproduzir os toques que recebemos. Se recebemos toques violentos podemos nos fechar ou nos tornar violentos; se recebemos toques amorosos e suaves, então é mais fácil que as coisas se mostrem para nós com estas mesmas qualidades.

Tudo o que nos rodeia só chega a nós pela dimensão afetiva. A existência adquire sentido, é efetiva, quando assumidamente afetiva, ao nos percebermos chacoalhados, mexidos, afetados.

“Trabalhar com o corpo” em minha concepção, é lançar-se para esta perspectiva afetiva da existência, promovendo a abertura para acolher o novo. Trata-se de desenvolver um novo modo de tocar e ser tocado, através do desvelamento do sentir e da provocação do pensar o sentido da vida.

O curso de Integração Fisiopsíquica promove uma experiência desorganizadora, que remete para um novo sentido de ser.

O sentido de ser é aberto pela escolha que fazemos do modo de cuidar de nossas vidas. A disposição afetiva básica que provoca esta escolha é a angústia, o sentimento de falta do mundo e do outro.

No nosso método, o pensar é provocado pela experiência de angústia que se abre diante da condição “vazia” dos corpos não animados pelo sentir, da inautenticidade dos discursos e da falta de perspectiva profissional. Tentamos promover o resgate destes corpos e da criatividade, através da reorientação do olhar dos alunos. Esse olhar é aberto através e pela apropriação do corpo vivente. É preciso aprender a perceber como se é tocado, deixando-se tocar pelo que aparece, emocionando-se, sentindo e ativando os sentidos.

O verdadeiro “terapeuta corporal” é aquele que desenvolve sua sensibilidade, cuida da vida com o *corpo-sentido*, com seus sentidos afinados e que se dispõe continuamente a se aventurar pelos lugares desconhecidos de seu próprio corpo e de sua própria vida. Cuidar de ser si mesmo e cuidar que o outro também o seja é uma tarefa de verdadeiros terapeutas, utilizem ou não o método corporal.

Sempre se está tocando com a sua própria presença: o seu olhar, a sua fala, seu ritmo, seu andar, seu sentir, seus gestos. O jeito próprio de ser num corpo com sua história pessoal e cultural.

O que se espera prioritariamente de um “terapeuta corporal” não é que seja um mero especialista em corpo ou em toques e sim que ele, em seu corpo, se amolde plasticamente às necessidades do outro. Para tanto, deve aprender a estar em contato consigo mesmo, encarnadamente, apreendendo o próprio processo vivido e resgatando as suas raízes. Precisa ter a coragem de se desvestir da forma de pensar instituída, do caminho da maioria, para falar a fala autêntica, colocando seu corpo a serviço do conhecimento. É preciso passar pelo processo de descoberta do próprio corpo, assessorado por quem já passou. É um trabalho de iniciação. Este é o aprendizado do terapeuta corporal, ser num corpo.

Habitando o corpo e tornando-o próprio, adquire a capacidade de perceber e relacionar-se com todos os outros corpos, com a existência corporificada (em indivíduos, grupos, instituições, etc.). O que está no corpo, está no mundo, está no outro.

O fundamental é se apreender na perspectiva organísmica, no sentido de ser participante de um corpo plural, fazendo parte constituinte e constituindo uma trama de relações significativas, o que o corpo individual também é.

A idéia de uma subjetividade que opõe o eu e o outro, característica do pensamento metafísico, tem que ser abandonada para que se possa olhar o outro na sua totalidade, soltando as amarras do olhar, da fala, do pensar e da postura. Quanto mais se desconstruir os esquemas representativos corporais e mentais, mais se está em condições de enxergar a si e ao outro na totalidade.

A minha postura, enquanto supervisora, no curso de Integração Fisiopsíquica é, e necessita ser, exatamente a mesma esperada do terapeuta corporal, ainda que em uma atividade com características diferentes.

A postura fenomenológica assumida por mim, considera que o interrogador faz parte do que é interrogado. Quando ponho em questão o corpo, o meu próprio corpo está em questão.

Eu tenho que saber o que eu estou fazendo, para onde estou indo, o trajeto que estou trilhando, para poder ser qual uma abertura iluminante oferecendo um espaço para a observação e a escuta do sentido da vida. Tenho que fazer sempre e de novo o percurso, aventurar-me, arrojando, ser, para dar condições a que o outro faça o mesmo.

A dimensão do meu trabalho pedagógico será dada pela amplitude da abertura de meu olhar. Se o olhar lançado sobre o aluno, refletir o que vejo nele, o seu jeito próprio de ser no corpo, estarei permitindo que o aluno se descubra e se revele em suas potencialidades. Não sou alguém que tem uma super-visão, que ilumina a escuridão do outro, mas alguém que por estar sendo em seu corpo, pode permitir ao aluno ser em seu corpo. O aluno olhando para o professor que é em seu corpo, reconhece o seu ser neste corpo. A única luz que o supervisor possui para iluminar a escuridão do outro está em sua possibilidade de crer no saber do outro.

A escola deveria ser um lugar de troca de experiências e de livre acesso a todos, onde se pudesse entrar, perguntar pelo que se quisesse saber e investigar. Deveria ser o lugar de fazeres e não o porto seguro de um saber instituído. A pedagogia deveria colorir a vida, dar-lhe sentido, promover o movimento criativo. Ser a pedagogia do encontro, do olhar, da escuta, do toque, do

imaginário, do corpo vivente. Ser a pedagogia onde aprendemos a ver a realidade em gênese permanente, orientada para o Ser.

O curso de Integração Fisiopsíquica tem procurado construir uma pedagogia cujo olhar se volte para a valorização da experiência, e o temos conduzido de modo a fomentar o espírito de investigação e a conquista da possibilidade de pensar com o corpo. Essa possibilidade de assim pensar implica num desaprender o pensar, ou melhor, aprender a não pensar no modo tradicional.

O aluno é convidado a se colocar num novo ponto de partida, o ponto zero, com a ajuda inclusive de alguns exercícios propostos no curso (por exemplo, o exercício de vivenciar níveis arcaicos da ontogênese, simulando a postura de animais e a gradativa retomada da postura ereta, dada na primeira aula do curso), para que se recoloca em seu próprio eixo, e comece a pensar a partir de: imagens e metáforas, sensações, sentimentos, enfim, pelo corpo.

O pensar pelo corpo tem certas características: é um pensar existencial e simbólico. Os alunos aprendem a pensar significando suas vivências e construindo sua história. Eles “teorizam” sobre seus corpos, no sentido de historicizar suas vivências, participando ativamente do espetáculo de sua criação.

Assim se faz a construção do corpo próprio, não se separando a teoria da prática.

Pois a teoria é vivência, o corpo teórico é o retrato da vivência, é a expressão autêntica da própria vida, é a articulação e a incorporação do vivido. As teorias dos teóricos serão acessadas como contribuições à sua jornada, os teóricos serão vistos como aqueles que caminharam por um determinado caminho mas, com certeza, não será este o caminho a ser escolhido porque as histórias são diferentes, os corpos são diferentes, as construções são em terrenos, lugares e épocas diferentes e feita de acordo com os recursos próprios.

Nossas moradas certamente não serão iguais, porque mesmo que utilizemos a mesma equipe de construção (adestramento do olhar numa determinada linha e escola), temos projetos que nos lançarão em direções diferentes.

Em minha vida já experimentei a profunda insatisfação de nunca encontrar a minha morada, o meu habitat, o meu ninho. Tive de percorrer uma longa trajetória até poder desvelar o sentido e significado presente e atual desta morada, não sendo possível que uma teoria sozinha desse conta disso. As teorias foram co-participantes de todo um processo de construção que foi referendado pela vivência. Em minha história, tive inúmeras vezes de desvestir-me de concepções e de certezas teóricas para olhar o que estava acontecendo. Isto não foi nada confortável. O que

mais me ajudou foi a experiência com o corpo. Esta foi uma vivência de autêntica desconstrução. O apego às teorias elimina a instabilidade e as variações e com elas, as possibilidades criativas.

Se pensa sendo, o corpo teórico se faz sendo.

A constituição de um corpo teórico se faz simultaneamente ao processo de construção do ser. As teorias expressam o que somos, como vivemos, e a destinação que damos à vida. As teorias expressam o ser e o ser é encarnado. Só podemos falar do corpo sendo, porque o corpo é. A construção de um corpo de conhecimentos aparece como co-participante de meu ser num corpo e do sentido de ser neste corpo.

O sistema cartesiano de representação da realidade não pode dar conta da visão organísmica, de totalidade, do fenômeno do corpo, pois o corpo, tal como o Universo de que é constituinte e constituído, é uma rede de inter-relações constantemente mutáveis, de complexidade infundável. As teorias são mapas, auxiliares, guias. Mas o verdadeiro pensar tem que ser construído a partir de um outro ponto; do ponto em que o corpo é desvelado, e, com ele o sentir. Este pensar é ancorado no coração, é um pensar desenvolvido através dos sentidos corporais e do sentido que se vai atribuindo à própria existência.

O corpo cartesiano precisa do sentir, o corpo científico precisa do coração.

Vejo o “corpo científico” da Psicologia como um “corpo sutil”, cujos conceitos não deveriam ter bordas definidas; eles deveriam permanecer propositadamente borrados para que fosse mantida sua proposta de abertura, de receptáculo, para a vida em transformação. Os conhecimentos do corpo psicológico deveriam ser mantidos em sua provisoriedade. Eles falam dos paradoxos da vida humana e exatamente por isso, não podem fixar o que apreendem e nem podem ser fixados numa forma muito definida.

A ciência precisa de um saber psicológico capaz de realizar um conhecimento que seja edificante, criador e vivo; um conhecimento corporificado, humanizado. A ciência, a meu ver, necessita ser revitalizada, e esta psicologia, poderia ser sua cuidadora, tocando-a com o poder da imaginação criativa.

É importante lembrar que a própria Psicologia, enquanto disciplina científica sujeita à mesma condição que estamos apontando no corpo científico como um todo, precisa ser revitalizada, deixando de ser “uma psicologia de compartimentos” como disse Jung, para passar a dar conta do homem inteiro, contemplando a arte da existência.

Creio que é possível, através do estudo do corpo e da compreensão do fenômeno do corpo, entrelaçar vários pontos de vista, vários saberes dentro do corpo científico. O corpo é origem, meio e fim de todo conhecimento, ele se nos impõe como realidade antes de qualquer forma de conhecimento racional. A abordagem do corpo inclui o resgate das raízes; o apropriar-se do corpo é um apropriar-se da cultura individual e coletiva, contribuindo para a realização da história da humanidade.

O corpo pode ser visualizado como o “locus” da transformação, o lugar onde todas as polaridades coexistem - o singular e o plural, o coletivo e o individual. Todos os alegados objetos de estudo das ciências cartesianas nele estão reunidos com a possibilidade do intercâmbio, da intertransformação. Dizer da intersubjetividade inerente ao corpo, seu ser singular e plural, em última instância, é falar do corpo interdisciplinar, ou seja, o corpo também é uma metáfora para a interdisciplinariedade.

O corpo, como palavra ou fala autêntica realiza o universal. Ele é o fundamento e o lugar do humano.

Para finalizar, conto duas histórias vividas que retiro da memória corporal:

1º Certa vez, professor Sándor, meu primeiro autor, durante uma aula do curso de Cinesiologia, num gesto bem característico, deu a seguinte resposta para uma colega que afirmava que havia exposto as “técnicas do Dr. Sándor” num encontro científico e polemizado com outros grupos: “não são as técnicas do Dr. Sándor, é o *nosso* trabalho, o trabalho de nosso grupo” e acrescenta que este trabalho era “rural” em relação aos desenvolvidos por outros grupos, sendo pois infrutífero entrar em discussões.

Hoje posso compreender melhor o que ele dizia. Sabia perfeitamente que o nosso trabalho assim era e assim deveria ser: uma obra grupal, simples e vigorosa como a do horticultor referido na abertura desta dissertação. Eu acrescentaria: com a marca da vitalidade de uma criança e da leveza de uma borboleta.

Julgo importante esclarecer que não sou absolutamente contrária ao progresso tecnológico e nem ao uso de linguagem técnica, muito pelo contrário. Aliás, neste trabalho “usei e abusei” de

um jargão técnico, o fenomenológico. O que combato é o uso indiscriminado da técnica, o mero fazer sem o pensar, que promove a entificação do ser, o deslocamento do poder do coração para a razão desencarnada.

2º Logo após a minha entrada no curso de pós-graduação, estava no metrô, ensimesmada e triste, quando um senhor de aparência humilde sentado ao meu lado e já há algum tempo me observando, surpreendeu-me ao dirigir-me a palavra. Iniciou a conversa contando que sentia-se feliz no seu trabalho (porteiro) e sadio na sua idade (67 anos) e que tinha alguns princípios que o norteavam, os quais relatou: 1º) não ligar para as coisas pequenas; 2º) não discutir para ganhar razão; 3º) ser religioso.

Não recebi isto como doutrinação e nem rechacei sua fala porque caía como uma luva.

Naquele momento, fez um grande sentido. Estava justamente angustiada, questionando os excessos do uso da razão, de um raciocínio demasiado analítico que me afastava de meu corpo e, o que era pior, do mundo humano, da vida.

As coisas pequenas seriam o excessos do juízo crítico, as picuinhas mentais. Estava buscando a verdade fora da vida, nos manuais talvez e surpreendentemente deparava-me com uma peculiar fórmula para viver bem, dada por um homem simples.

A razão era a soberana, a que ditava a verdade e aprisionava-me numa realidade ilusória, sem a graça da vida, porque sem a liberdade, sem a experiência da entrega ao mistério implicado na senda da verdade.

Por fim, ser religioso poderia ser a experiência do re-ligar-se com o fundamental, com o sentido do conhecimento, com a verdade que abriga o paradoxo - do velar iluminador - e que por isto mesmo torna o viver gracioso e verdadeiro.

Sem dúvida nenhuma, a vida é uma graça e pede cuidados especiais. Ser apropriada na sua condição de co-existência e pela singularidade das vivências. Coloca frente a frente o simples e o erudito, conclamando que se habite o mundo com sabedoria, ou, dito de outro modo, pela aproximação do sentido de ser.

E termino esta “história sem fim” com a sensação de que neste processo circular de construção/desconstrução, estive tecendo o *nada*, com a convicção de que *nada* é tudo.

E se eu pudesse começar outra vez, começaria pintando uma linda borboleta multicolorida, de grandes olhos azuis nas asas, etc, etc, etc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Gerda. **Eutonia**: um caminho para a percepção corporal, São Paulo, Martins Fontes, 1983.

AMATUZZI, Mauro Martins. **O resgate da fala autêntica**: filosofia da psicoterapia e da educação. São Paulo, Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico, em **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 7, nº 1, p. 1-12, 1991.

\_\_\_\_\_. Para redizer a educação, **Boletim de Psicologia**, São Paulo, 40(92/93), p. 21-27, 1990.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade, Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**: O ser, o conhecimento, a linguagem. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.

BYINGTON, Carlos A . B. **Pedagogia simbólica**: a construção amorosa do conhecimento de ser. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1996.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento da personalidade**: símbolos e arquétipos. São Paulo, Ática, 1997 (Série Princípios).

- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT Alain. **Dicionário dos Símbolos**: mitos, sonhos costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.
- CORREIA PINTO, Gustavo Alberto. **Da intimidade**. Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, n° 8, p. 39-41, 1997.
- CRITELLI, Dulce M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- DELMANTO, Suzana. **Toques sutis**. São Paulo, Summus, 1987.
- DURAN, Sandra M. G. Tavares. **O atendimento psicoterapêutico em grupo aos usuários de uma unidade básica de saúde pelo método corporal de Pethö Sándor**: uma interpretação na perspectiva da Psicologia Analítica de Jung. São Paulo, 1997, 216 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- FARAH, Rosa Maria. **Integração psicofísica**: o trabalho corporal e a Psicologia de Carl Gustav Jung. São Paulo, Cia. Ilimitada/Robe Editorial, 1995.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**. São Paulo, Pioneira, 1993.
- FREIRE, Paulo; SHOS, Ira. O sonho do professor sobre a educação libertadora. In: **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GERBER, Richard. **Medicina vibracional**. São Paulo, Cultrix, 1997.

GUSDORF, Georges. A encarnação. In: **Tratado da metafísica**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1960, cap. II, p. 253-300.

ICHAZO, Oscar. **Arica Psycho-calisthenics**. Nova York, Simon & Schuster, 1976.

JUNG, Carl Gustav (1916). **A função transcendente**. Tradução e adaptação para estudos críticos realizada por Pethö Sándor, 1982. Versão inglesa. In: *The collected works*. Londres: Rutledge & Kegan Paul, 1960.

\_\_\_\_\_. (1920). **O eu e o inconsciente**. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. (1921). **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro, Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. (1940) **Psicologia e Religião**. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. (1944). **Psicologia e alquimia**. Rio de Janeiro, Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. (1950). **Aion: estudos sobre o simbolismo de si-mesmo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. (1952). **Símbolos da transformação**. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. (1952). **Sincronicidade: um princípio de conexões acausais**. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. (1957). **A Prática da Psicoterapia**, Rio de Janeiro, Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. (1960). **Seminários sobre Visões**, Parte I, Seminários entre 30 de outubro e 5 de novembro de 1930. Primeiro livro, 327 p. Tradução e adaptação para estudos críticos de Pethö Sándor, 1983. In *Psychology of Dreams and Visions. Lectures at the English Seminar*. (Seminar – Reports 1928 – 1930, Hors Commerce).

\_\_\_\_\_. **A Natureza da psique**. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav; WILHEM, Richard. (1929). **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinês. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

KURTEFF, Aida. **Paneuritmia**: manifestação rítmica do divino princípio cósmico da criação. Kier Ed., Buenos Aires, 1988.

MACHADO F., Paulo T. **Gestos de cura e seu simbolismo**. São Paulo, Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1994.

MCNEELY, Deldon Anne. **Tocar**: Terapia do corpo e Psicologia Profunda, Cultrix, 1987. (Coleção Estudos de Psicologia Junguiana por Analistas Junguianos).

MIGLIORINI, Walter José Martins. Função transcendente: definição e papel na interpretação. **Junguiana**, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, n° 15, p. 82-101, 1998.

MINDELL, Arnold. **O corpo onírico**: o papel do corpo no revelar de si-mesmo. São Paulo, Summus, 1989.

\_\_\_\_\_. **O caminho do rio**: a ciência dos processos do corpo onírico. São Paulo, Summus, 1991.

MIYUKI, Mokusen. **A doutrina da flor de ouro**. São Paulo, Pensamento, 1984.

**Nei- Jing** (o clássico da medicina chinesa) compilado pelo séc.V-VI A.C.: Ling Shu: base da medicina tradicional chinesa, São Paulo, Andrei Ed., s.d. Tradução e comentários de Ming Wong. Versão francesa da Masson Éditeur, Paris.

RAMOS, Renata. C.L. org. **Danças Circulares Sagradas**: uma proposta de educação e de cura. São Paulo, Triom, 1998.

RUBINI, Rosana. **O indizível na clínica**: uma experiência com Martin Heidegger e Gilles Deleuze. São Paulo, 1997, 91 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SAFRA, Gilberto. **Momentos mutativos em Psicanálise**: uma visão winnicottiana,. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.

\_\_\_\_\_. Anotações de aulas dos cursos oferecidos pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP (1994-95-96).

SÁNDOR, Pethö et al. **Técnicas de relaxamento**. Vetor, 1974.

SANNINNO, Annamaria. **Métodos do trabalho corporal na psicoterapia junguiana**. São Paulo, Moraes, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Portugal, Ed. Afrontamento, 1995.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

SOUZENELLE, Annick. **O Simbolismo do corpo Humano**: da árvore da vida ao esquema corporal. São Paulo, Pensamento, 1984.

TRINCA, Walter. **O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade**. São Paulo, Lemos, 1997.

VON FRANZ, Marie Louise. **Alquimia**: introdução ao simbolismo e à psicologia. São Paulo, Cultrix, 1980.( Coleção de Estudos de Psicologia Junguiana por Analistas Junguianos).

\_\_\_\_\_. A alquimia e a imaginação ativa. São Paulo, Cultrix, 1979.

\_\_\_\_\_. Adivinhação e sincronicidade. São Paulo, Cultrix, 1980. (Coleção de Estudos de Psicologia Junguiana por Analistas Junguianos).

WINNICOTT, D.W. Estabelecimento do status de unidade. In: **Natureza humana**, Rio de Janeiro, Imago, 1990, Parte III, cap. 2, p. 104-107.

\_\_\_\_\_. Da teoria do instinto à teoria do ego. In: **Natureza humana**, Rio de Janeiro, Imago, 1990, Parte IV, cap. 1, p. 120-134.

\_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

WOODMAN, Marion. **A coruja era filha do padeiro**: obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido, São Paulo, Cultrix, 1980. (Coleção Estudos de Psicologia Junguiana por Analistas.

“Se formos capazes de criar algum mal-estar entre nossos leitores, de lhes propiciar algumas incertezas, então o livro terá sido importante. Se pudermos fazer isso, o livro terá rigor. Seremos rigorosos. Creio que muitas pessoas são completamente equivocadas e ingênuas a respeito do significado da palavra *rigor*. Eu me sinto rigoroso se provoco *você* a ser rigoroso. O rigor é algo que existe na História, feito através da História. Por causa disso, o que é rigoroso hoje pode não ser amanhã.”

(Paulo Freire; *Shos Ira, Medo e Ousadia*, p.14)